STEPHEN KING
do Século Vinte e Um



KoM

apresenta

Stephen King
do Século Vinte e Um

uma coletânea

tradução do inglês e revisão
Boni

tradução do alemão de “Bad Little Kid”
Luis

2014

Conversão e revisão final para epub:



SUMÁRIO

Notas do Tradutor

UR

Princípios

Premium Harmony

Blockade Billy

Herman Wouk Ainda Está Vivo

Indisposição

O Pequeno Deus Verde da Agonia

Alto Capim Adentro

Um Rosto na Multidão

Batman e Robin Se Metem Numa Briga

Pós-Vida

A Zona Morta do Rock and Roll

Trovão Estival

O Garotinho Malvado

Notas do Tradutor

Entre 2009 e 2014, Stephen King lançou alguns contos e noveletas isoladamente em diversos tipos de mídia. Para ser mais exato, foram 17 histórias inéditas distribuídas entre e-books, revistas, sites, livros que reúnem contos de diversos autores, e etc... Fato é que muitos fãs brasileiros não tiveram acesso à maioria destes novos relatos em sua forma original, e muito menos em português. Embora King planeje uma nova antologia para 2015 (que provavelmente conterá boa parte do conteúdo deste e-book), o KoM, que já vinha traduzindo estes contos há alguns anos, resolveu lançar este material mesmo assim. Em *Stephen King do Século Vinte e Um*, que reúne todas as histórias inéditas publicadas neste novo século, você encontrará todas estas narrativas nunca publicadas no País, com a exceção de The Dune (A Duna), Mile 81 (Milha 81 – embora eu já houvesse traduzido este também) e Throttle (A Tribo), lançados no Brasil pelas editoras Alfaguara, Foglio e Arqueiro, respectivamente. A seguir, algumas notas interessantes sobre cada conto, o que eu recomendo que vocês leiam simultaneamente à medida que forem avançando.

Agradeço ao Luis pelo tempo e disposição para traduzir “Bad Little Kid” do alemão, a vocês por continuarem comigo depois de tanto tempo, e ao King, é claro, por estes divertidos contos.

Boa Leitura!

Boni

UR: Publicado em fevereiro de 2009, UR foi uma noveleta que King escreveu em acordo com o site de compras “Amazon”, que na época lançava seu mais novo produto, o “Kindle 2”, um pequeno aparelho eletrônico de leitura. UR mexe com a velha discussão sobre o que seria melhor, ler as histórias em aparelhos eletrônicos como o Kindle, ou à moda antiga, com o livro físico. A noveleta conta as desventuras de um professor que descobre que seu aparelho Kindle é um portal para o inacreditável. Aos fãs d’A Torre Negra, a história é intensamente ligada à saga, embora não contenha nenhum spoiler da mesma.

Princípios: Publicado em julho de 2009, pela revista Esquire. Na história, um casal passando dificuldades financeiras tem a chance de dar a volta por cima; mas tudo tem um preço...

Premium Harmony: Publicado em novembro de 2009, na revista New Yorker. Conta a história de um casal problemático. A mulher resolve parar numa loja para comprar uma bola de presente de aniversário para a sobrinha. Quando ela demora demais para voltar, seu marido resolve procurá-la...

Blockade Billy: Blockade Billy foi uma noveleta publicada em abril de 2010. O destaque da publicação se deu ao fato de que a história foi publicada no formato capa dura, confundindo alguns fãs e fazendo-os pensar que se trata de um romance. Na história, um ingênuo caipira se torna a maior estrela de um time de beisebol, entretanto ele esconde um terrível segredo. O conto “Morality” (aqui traduzido como “Princípios”) também foi incluído na edição de capa dura de Blockade Billy.

Herman Wouk Ainda Está Vivo: Stephen King e Joe Hill possuem uma estranha brincadeira em que eles devem inventar um esdrúxulo título para que o outro crie uma história a partir dele. Joe Hill lançou ao seu pai o desafio de escrever uma história com este título. A trama interliga vários personagens numa história bisonha e trágica. O conto foi publicado em maio de 2011, na revista The Atlantic.

Indisposição: “Under the Weather” é o título original desta interessante história que conta como um marido tenta animar sua esposa e fazê-la sair de casa. O conto foi incluso na edição em brochura do livro “Full Dark, No Stars”, lançada em maio de 2011. Curiosamente, o conto destoa de todos os outros da coletânea, uma vez que não trata da temática principal do livro: vingança.

O Pequeno Deus Verde da Agonia: Publicado na coletânea “A Book of Horrors”, em setembro de 2011, que reuniu contos de diversos autores. Esta foi a contribuição de King, um apavorante conto sobre exorcismo. Um ano depois, o conto foi adaptado para os quadrinhos por Dennis Calero.

Alto Capim Adentro: A princípio lançado em duas partes nas edições de junho/julho e agosto de 2012 da revista Esquire. Aqui temos uma nova parceria de King e seu filho, Joe Hill. Na história, King e Hill aterrorizam seus leitores que gostam de ser bons samaritanos. Eventualmente, o conto também foi lançado em e-book e audiobook.

Um Rosto na Multidão: Em 2004, Stephen King se uniu ao autor Stewart O’Nan para escreverem juntos um livro sobre o time de beisebol favorito dos dois, os Boston Red Sox. Oito anos depois, em agosto de 2012, os dois se juntaram novamente, desta vez para planejarem uma ficção que gira em torno de um viúvo que resolve passar o tempo assistindo jogos de beisebol pela TV, e de como ele faz uma aterrorizante descoberta ao prestar atenção nas arquibancadas.

Batman e Robin Se Metem Numa Briga: Publicado em setembro de 2012, na Harper’s Magazine. Trata-se de uma bonita história sobre o relacionamento entre um filho e seu pai, que possui Alzheimer, e de algo inesperado que acontece durante um passeio.

Pós-Vida: Embora tenha sido publicado na edição de junho de 2013 da revista Tin House, “Afterlife” foi lido por King em dezembro de 2012 durante uma palestra pra Universidade de Massachusetts. Aqui, King brinca com sua própria versão do que acontece após morrermos. Destaque para o personagem Isaac Harris, que realmente existiu (pesquisem sobre ele após a leitura do conto!).

A Zona Morta do Rock and Roll: O conto foi publicado em junho de 2013, no e-book “Hard Listening” que versa sobre os integrantes da ex-banda amadora de King, The Rock Bottom Remainders. Na época do lançamento, houve um desafio proposto em que vários autores da banda deveriam escrever contos, e os fãs deveriam adivinhar qual deles havia sido escrito por King. Esta foi a resposta certa. A história é curta, hilária e bizarra, pois mostra o próprio Stephen King tendo que lidar com uma visita chata ao chegar em casa.

Trovão Estival: Publicado em dezembro de 2013, na coletânea “Turn Down the Lights”, que reuniu contos de vários autores. A contribuição de King foi este

conto pós-apocalíptico e dramático chamado “Summer Thunder”.

O Garotinho Malvado: A primeira história de King lançada em 2014. O e-book, até então, tem a especial característica de só ter sido lançado no idioma francês e alemão (até os americanos ficaram de fora). Tal atitude de King se deve à boa hospitalidade de seus fãs europeus durante sua turnê pelo continente divulgando “Doctor Sleep”, em 2013. É possível que a versão americana saia na antologia programada para 2015.

UR

(*UR*, 2009)

I - Experimentando a Nova Tecnologia

Quando os colegas de Wesley Smith lhe perguntaram—alguns com a sobrancelha levantada, satiricamente—o que estava fazendo com aquela bugiganga (eles o chamavam de bugiganga), ele lhes disse que era uma experiência com a nova tecnologia, mas isso não era verdade. Ele comprou a bugiganga, que era chamada de Kindle, por raiva.

Imagino se os analistas de marketing do Amazon possuem este em seu radar de pesquisa de produtos, ele pensou. Ele achava que não. Isto deu-lhe alguma satisfação, mas não tanto quanto a que ele esperava derivar da surpresa de Ellen Silverman quando ela o visse com sua nova aquisição. Isso ainda não havia acontecido, mas iria. Era um campus pequeno, afinal de contas, e ele só estivera de posse de seu novo brinquedo (ele o chamava de novo brinquedo, ou pelo menos no começo) por uma semana.

Wesley era um instrutor no Departamento de Inglês, na Faculdade Moore, em Moore, Kentucky. Como todos os instrutores de Inglês, achou que possuía um romance dentro dele em algum lugar e que iria escrevê-lo algum dia. A Faculdade Moore era o tipo de instituição que as pessoas chamavam de “boa escola”. O amigo de Wesley no Departamento de Inglês (seu único amigo no Departamento de Inglês) uma vez explicara o que isso queria dizer. O nome de seu amigo era Don Allman, e quando se apresentava, ele gostava de dizer, “Um dos Irmãos Allman. Eu toco um trombone do balacobaco”. (Na verdade, ele não tocava nada).

— Uma boa escola. — ele disse. — É uma da qual ninguém nunca ouviu falar lá fora num raio de cinquenta quilômetros. As pessoas dizem que é uma boa escola porque ninguém sabe que é uma *má* escola, e a maioria das pessoas são otimistas, embora possam dizer que não são. As pessoas que dizem que são realistas são, na maioria das vezes, as maiores otimistas de todas.

— Isso faz de você um realista? — Wesley perguntara uma vez.

— Eu acho que a maioria da população mundial é cabeça de bagre. — Don Allman respondeu. — *Você* que descubra.

Moore não era uma faculdade boa, mas tampouco era ruim. Na grande escala de excelência acadêmica, seu lugar residia apenas um pouco ao sul do

medíocre. A maior parte de seus três mil estudantes pagava as contas e a maioria deles conseguia empregos após a formatura, embora poucos deles seguissem para obter (ou sequer tentar) a pós-graduação. Havia uma cota justa de bebidas e, é claro, havia festas, mas na grande escala de festas de faculdade, o lugar de Moore residia um pouco ao norte do medíocre. A faculdade havia produzido políticos, mas todos da variedade "peixe pequeno", mesmo quando o assunto era corrupção e sofisma. Em 1978, um formando de Moore foi eleito para Câmara dos Deputados, mas caiu morto de um ataque do coração depois de servir apenas por quatro meses. Seu substituto foi um formando de Baylor.

As únicas marcas de excepcionalidade da escola tinham a ver com seu time de futebol da Terceira Divisão, e com o time de basquete feminino da Terceira Divisão. O time de futebol (os Suricatas de Moore) era um dos piores da América, tendo ganhado apenas sete jogos nos últimos dez anos. Havia uma conversa constante sobre acabar o time. O treinador atual era um viciado em drogas que gostava de dizer às pessoas que havia assistido *O Lutador* uma dúzia de vezes e que nunca falhava em chorar quando Mickey Rourke dizia à sua filha, com que mal falava, que ele era apenas um pedaço de carne moído.

O time de basquete feminino, por outro lado, era excepcional no sentido *bom*, especialmente considerando que a maioria das jogadoras não tinha mais do que um metro e setenta e estava se preparando para empregos como gerentes de marketing, compradoras de atacado, ou (se tivessem sorte) assistentes pessoais dos Homens Poderosos. As Suricatas haviam ganhado oito títulos de conferência nos últimos dez anos. A treinadora era a ex-namorada de Wesley, *ex* a partir do mês passado. Ellen Silverman era a origem da raiva que fez Wesley comprar um Kindle da Amazon, Inc., a companhia que os vendia. Bem... Ellen e o garoto Henderson da classe de Introdução à Ficção Moderna Americana de Wesley.

***

Don Allman também dizia que a Faculdade Moore era medíocre. Não terrível como o time de futebol—isso, seria, pelo menos, interessante—mas definitivamente medíocre.

— E quanto a nós? — Wesley perguntou. Eles estavam no escritório que dividiam. Se um estudante aparecesse para uma reunião, o instrutor que não fora procurado teria de sair. Pela maior parte dos semestres do outono e da primavera, isto não fora um problema, pois os estudantes nunca apareceriam para reuniões até pouco antes das provas finais.

Mesmo assim, apenas os Imploradores de Nota veteranos, aqueles que faziam isso desde o colégio, apareciam. Don Allman disse que às vezes ele fantasiava sobre uma estudante vestindo uma camiseta que dizia TREPAREI COM VOCÊ POR UM "A", mas isto nunca aconteceu.

— E quanto a nós? E quanto a *nós*? *Olhe* para nós, mano.

— Eu vou escrever um romance. — Wesley respondeu, embora mesmo dizê-lo o deprimisse. Quase tudo o deprimia desde que Ellen dera no pé. Quando não estava deprimido, ele se sentia rancoroso.

— Claro! E o Presidente Obama vai me nomear o novo Poeta Laureado! — Don Allman exclamou. Então, ele apontou para alguma coisa na mesa bagunçada de Wesley. O Kindle estava deitado sobre *Sonhos Americanos*, o livro-texto que Wesley estava usando como introdução em sua aula de Literatura Americana. — O que está achando disso?

— É legal. — Wesley disse.

— Será capaz de substituir um livro?

— Nunca. — Wesley disse. Mas ele já começara a se perguntar.

— Eu achei que eles só eram brancos. — Don Allman disse.

Wesley olhou para Don, tão altivo quanto parecera no departamento de reuniões, onde seu Kindle fizera sua estreia pública.

— Nada é apenas branco. — ele disse. — Isto é a América.

Don Allman ruminou sobre isto, e então disse:

— Eu ouvi dizer que você e Ellen terminaram.

Wesley suspirou.

***

Ellen fora sua *outra* amiga, e uma colorida, até quatro semanas atrás. Ela não estava no Departamento de Inglês, é claro, mas o pensamento de ir para a cama com alguém do Departamento de Inglês, mesmo Suzanne Montanari, que era vagamente apresentável, lhe provocou calafrios.

Ellen tinha um metro e cinquenta e sete (olhos azuis!), magra, baixinha, cabelos negros encaracolados que a faziam parecer distintivamente élfica. Ela era como dinamite e beijava como uma aprendiza (Wesley nunca beijara uma aprendiza, mas ele podia imaginar). E tampouco o mastro de sua bandeira abaixava quando estavam na cama.

Uma vez, arfando, ele se deitara e dissera, "eu nunca me equipararei a você como amante".

— Se continuar a falar assim como um esnobe, não será meu amante por

muito mais tempo. Está tudo bem com você, Wes.

Mas ele achou que não estava. Ele achou que era apenas um tipo de... medíocre.

Porém, não foi sua fraca habilidade na cama que acabou a relação. Não foi o fato de Ellen ser uma vegetariana com cachorros-quentes de tofu na geladeira. Não foi o fato de que ela, às vezes, ficava deitada na cama depois da transa, falando sobre basquete, queimada, e a inabilidade que Shawna Deeson tinha para aprender algo que Ellen chamava de “o velho portão do jardim”.

Na verdade, tais monólogos faziam com que Wesley caísse em seus mais refrescantes e profundos sonos. Ele achava que era a monotonia em sua voz, tão diferente de seus berros (constantemente profanos) de encorajamento que ela soltava enquanto faziam amor, berros que eram parecidos com aqueles que ela dava durante os jogos, correndo para cima e para baixo na lateral da quadra como uma lebre (ou um esquilo subindo numa árvore), estimulando suas meninas a “Passar a bola!” e “corra pro garrafão!”, “arremessa!”. Às vezes, na cama, ela reduzia seu repertório apenas para “Mais forte, mais forte, mais forte!”. Como nos últimos minutos do jogo, quando era frequentemente capaz de soltar mais do que “cesta-cesta-*cesta*!”. Eles eram, de certos modos, perfeitos um para o outro, ou pelo menos por um curto período; ela era ardente como o ferro que sai da fornalha, e ele—em seu apartamento cheio de livros—era a água em que ela se esfriava.

Os livros eram o problema. Isso, e o fato de tê-la chamado de puta analfabeta. Ele nunca chamara uma mulher de tal coisa antes em sua vida, mas ela despertou uma raiva de dentro dele que nunca suspeitara ter. Ele podia ser um instrutor medíocre como Don Allman sugerira; e o romance que tinha em mente poderia continuar dentro dele (como um siso que nunca ascende, ao menos evitando a possibilidade de apodrecer, infeccionar, e de sofrer um caro—sem mencionar doloroso—processo dental), mas ele amava livros. Livros eram seu calcanhar de Aquiles.

Ela viera soltando fumaça pelas narinas, o que não era novidade, mas também estava fundamentalmente irritada—um estado que falhou em reconhecer porque nunca a havia visto assim antes. E, também, ele estava relendo *Amargo Pesadelo* de James Dickey, deleitando-se novamente com o quão bem Dickey havia protegido sua sensibilidade poética, ao menos dessa vez, para a narrativa; e ele já estava terminando o livro, onde os infelizes rapazes da canoa tentavam encobrir o que haviam feito e o que acontecera a eles. Ele não tinha ideia de que Ellen acabara de ser forçada a expulsar Shawna Deeson do time, ou que as duas

haviam brigado feio na frente do time inteiro dentro do ginásio—mais os rapazes do time de basquete, que estavam esperando sua vez de treinar seus dribles medíocres—ou que Shawna Deeson havia ido para fora e jogado uma grande pedra no para-brisa do Volvo de Ellen, um ato pelo qual ela certamente seria suspensa. Ele não tinha ideia de que agora Ellen estava se culpando, se culpando *amargamente*, porque "ela é quem deveria ser a adulta".

Ele ouviu esta parte—"eu deveria ser a adulta"—e disse *Aham* pela quinta ou sexta vez, o que foi demais para Ellen Silverman, cujo temperamento explosivo ainda não se extinguira naquele dia, afinal. Ela arrancou *Amargo Pesadelo* das mãos de Wesley, o jogou pelo outro lado do quarto, e disse as palavras que o assombrariam pelo solitário mês seguinte:

— Por que não pode simplesmente ler pelo computador, como o resto de nós?

— Ela realmente disse isso? — Don perguntou, uma observação que acordara Wesley de seu transe. Ele percebeu que havia acabado de contar a história toda para seu colega de escritório. Ele não pretendera, mas o fizera. E não havia retorno agora.

— Disse. E eu disse, "essa era a primeira edição que eu ganhei do meu pai, sua puta analfabeta". — Don Allman ficou sem palavras. Ele podia apenas olhar. — Ela saiu. — Wesley disse, amarguradamente. — E eu não a vi ou falei com ela desde então.

— Você alguma vez ligou para pedir desculpas?

Wesley tentara fazer isto, e alcançara apenas sua secretária eletrônica. Ele pensou em ir até a casa que ela havia alugado da faculdade, mas achou que ela poderia lhe enfiar um garfo na cara... ou em alguma outra parte de sua anatomia. E, além do mais, ele não achava que o que acontecera fosse totalmente sua culpa. Ela nem ao menos lhe dera uma *chance*. *E mais... ela era* analfabeta, ou perto disto. Ela não lhe havia dito certa vez na cama que o único livro que lera por prazer desde que chegou a Moore foi *Reach for the Summit: The Defenitive Dozen System for Succeeding at Whatever You Do*, de Tennessee Vols e Pat Summit? Ela assistia televisão (esportes, na maioria das vezes), e quando queria investigar mais sobre uma história, acessava a Internet no *Drudge Report*. Ela, com certeza, não era analfabeta de computador. Ela adorava a rede sem fios da Faculdade Moore (que era suprema, ao invés de medíocre), e nunca ia a lugar algum sem seu laptop pendurado no ombro. Na parte da frente, havia uma foto da jogadora de basquete Tamika Catchings, com sangue escorrendo por uma sobrancelha cortada, e a legenda "EU JOGO COMO UMA GAROTA".

Don Allman permaneceu sentado em silêncio por um momento, batendo os dedos em seu peito magro. Do lado de fora, pela janela, as folhas de novembro flutuavam pelo Quadrilátero de Moore. Então ele disse:

— Por acaso a saída de Ellen tem alguma coisa a ver com isso? — ele gesticulou para o novo parceiro eletrônico de Wesley. — Tem, não tem? Você decidiu ler pelo computador, bem como o resto de nós. Para... quê? Ganhá-la de volta?

— Não. — Wesley disse, porque não queria dizer a verdade: de um modo que ainda não entendia completamente, ele o havia feito para ganhá-la de volta. Ou fazer piada dela. Ou alguma coisa. — Nem tanto. Eu simplesmente estou experimentando a nova tecnologia.

— Claro. — disse Don Allman. — E eu sou o novo Poeta Laureado.

***

Seu carro estava no Estacionamento A, mas Wesley preferiu andar quatro quilômetros de volta ao seu apartamento, uma coisa que frequentemente fazia quando queria pensar. Ele marchou lentamente pela Avenida Moore, primeiro passando pelas casas de fraternidade, então passando pelos apartamentos que explodiam com rock e rap a cada janela, e, por fim, passando pelos bares e restaurantes que serviam como um sistema de suporte à vida para cada pequena faculdade da América. Também havia uma loja de livros especializada em livros usados e *bestsellers* do ano anterior com descontos de cinquenta por cento. Ela parecia empoeirada e sem graça, e constantemente encontrava-se vazia. Porque as pessoas iam para casa ler pelo computador, Wesley imaginava. Folhas pardas flutuaram ao redor de seus pés. Sua pasta batida em um joelho. Dentro dela, estavam seus textos, o livro que ele lia atualmente por prazer (*2666*, do falecido Roberto Bolaño), e um caderno de capa dura com pontas de mármore. Este fora um presente de Ellen na ocasião de seu aniversário.

— Para suas ideias de romances. — ela dissera.

Isso fora em julho, quando as coisas entre eles ainda estavam boas, e possuíam o campus só para si. O caderno em branco tinha mais de duzentas páginas, mas apenas a primeira fora marcada por um grande e nítido rabisco.

No topo da página (escrita) estava: O ROMANCE! Abaixo estava: *um jovem menino descobre que seu pai e sua mãe estão tendo casos extraconjugais...* E *o jovem menino, cego, desde que nasceu, é sequestrado por seu avô lunático que...* E *um adolescente se apaixona pela mãe de seu melhor amigo e...* Abaixo desta estava a última ideia, escrita pouco depois de Ellen jogar

Amargo Pesadelo pelo outro lado do quarto e sair de sua vida. *Um tímido, mas dedicado, instrutor de faculdade e sua atlética, mas analfabeta, namorada, terminam após...* Esta provavelmente era a melhor ideia—escreva sobre o que você conhece, todos os especialistas concordariam com essa—mas ele simplesmente não podia ir até lá. Falar com Don já fora difícil o bastante. E mesmo assim, a honestidade completa lhe escapara. Dizer o quanto a queria de volta, por exemplo.

Enquanto se aproximava do apartamento que ele chamava de lar—o que Don Allman às vezes chamava de "cafofo de solteiro"—os pensamentos de Wesley se direcionaram ao garoto Henderson. Qual era seu nome, Richard ou Robert? Wesley estava com um bloqueio mental sobre isso, não era a mesma coisa que o bloqueio que tinha quando consubstanciava qualquer fragmento de suas ideias para seu romance, mas era provavelmente parecido. Ele tinha uma ideia de que tais tipos de bloqueio provavelmente eram frutos do medo e basicamente histéricos por natureza, como se o cérebro detectasse (ou pensasse detectar) alguma fera interior horripilante e a trancasse em uma cela de aço. Você poderia ouvi-la bater e pular como um guaxinim raivoso que lhe morderia se você se aproximasse, mas você não conseguiria vê-la.

O garoto Henderson estava no time de futebol—era o meia, ou o ponteiro, ou alguma coisa assim—e apesar de ser tão horrível no jogo quanto qualquer um no time, ele era um rapaz gentil e um estudante razoável. Wesley gostava dele. Mas, ainda assim, ele estivera pronto para arrancar a cabeça do moleque quando o flagrou na sala com o que Wesley imaginou ser um PDA, ou um celular barato. Isto foi pouco depois de Ellen ir embora. Naqueles dias do começo da separação, Wesley constantemente encontrava-se às três da manhã apelando para algum conforto literário da prateleira: normalmente de seus velhos amigos Jack Aubrey e Stephen Maturin, suas aventuras recontadas por Patrick O'Brian. E nem mesmo isso o deteve de se lembrar do som da batida da porta enquanto Ellen deixava sua vida, provavelmente para sempre.

Na hora, ele estava de péssimo humor e mais do que pronto para a insolência ao se aproximar de Henderson e dizer, "Guarde isso. Isto é uma aula de literatura, não uma sala de bate-papo virtual".

O garoto Henderson havia olhado para cima e lhe concedido um sorriso doce. Isso não melhorou nem um pouco o mau humor de Wesley, mas dissolveu sua fúria no contato. Mais porque ele não era um homem furioso por natureza. Ele supôs que fosse *deprimido* por natureza, talvez até mesmo distímico. Mas ele sempre não suspeitara que Ellen Silverman fosse areia demais para seu

caminhãozinho? Não sabia ele, em seu coração dos corações, que a batida da porta estivera esperando por ele desde o começo, quando passou a noite falando com ela em uma festa chata da faculdade? Ellen jogou como uma garota; ele jogou como um perdedor. Ele sequer podia ficar furioso com um estudante que estava zoando com o computador (ou Nintendo, ou o que quer que fosse aquilo) na aula.

— É da matéria, Sr. Smith. — o garoto Henderson dissera (em sua testa estava uma grande marca arroxeada de sua última aventura com os Suricatas). — É *Paul's Case*. Olhe.

O rapaz virou a bugiganga para que Wesley pudesse ver. Era um dispositivo chato e branco, retangular, com menos de dois centímetros de grossura. No topo, estava escrito *amazon kindle*, e a logomarca do sorriso que Wesley conhecia bem; ele mesmo não era totalmente analfabeto em computadores; ele comprara livros na Amazon várias vezes (embora normalmente tentasse a livraria da cidade primeiro, parcialmente sem sentir culpa).

O interessante na bugiganga do menino não era a logomarca no topo ou o teclado pequenino (um teclado de computador, com certeza!) embaixo. No meio da bugiganga, havia uma tela, e nela não havia um protetor de tela ou um jogo onde jovens malhados matavam zumbis nas ruínas de Nova York, mas uma página da história de Willa Cather sobre um rapaz pobre com ilusões destrutivas. Wesley estendeu a mão para pegá-lo, então recuou.

— Posso?

— Vá em frente. — o garoto Henderson—Richard ou Robert—disse. — É bem legal. Você pode baixar livros do nada, e pode fazer as letras ficarem tão grandes quanto quiser. E mais, os livros são mais baratos porque não há papel ou encadernamento.

Isso enviou um pequeno calafrio através de Wesley. Ele percebeu que a maioria da sala de Introdução à Literatura Americana o estava observando. Com trinta e cinco anos, Wesley supôs que fosse difícil para eles decidirem se ele era da Velha Guarda (como o antigo Dr. Wence, que parecia notavelmente com um crocodilo num terno de três peças) ou Nova Guarda (como Suzanne Montanari, que gostava de tocar "Girlfriend" de Avril Lavigne em sua aula de Introdução ao Drama Moderno). Wesley supôs que sua reação ante ao Kindle de Henderson os ajudaria com isso.

— Sr. Henderson... — ele disse. — Sempre haverá livros. O que quer dizer que sempre haverá papel e encadernação. Livros são *objetos reais*. Livros são

amigos.

— Sim, mas...! — Henderson respondeu, seu doce sorriso agora se tornando levemente astuto.

— Mas?

— Também são ideias e emoções. Você mesmo disse na primeira aula.

— Bem. — Wesley disse. — Você me pegou nessa. Mas livros não são *unicamente* ideias. Livros têm cheiro, por exemplo. Um que fica melhor—mais nostálgico—enquanto os anos passam. Essa bugiganga sua tem um cheiro?

— Não. — Henderson respondeu. — Não mesmo. Mas quando você muda a página... aqui, com este botão... elas meio que são viradas, como num livro de verdade, e você pode ir pra qualquer página que quiser, e quando ele fica em repouso, mostra fotos de escritores famosos, e tem uma bateria, e...

— É um computador. — Wesley disse. — Você está lendo por um computador.

O garoto Henderson pegou seu Kindle de volta.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim. Ainda é *Paul's Case*.

— Você nunca ouviu falar do Kindle, Sr. Smith? — Josie Quinn perguntara. Seu tom era de uma antropóloga gentil perguntando a um membro da tribo Kombai da Nova Guiné se ela já ouvira falar de fogão elétrico ou de sapatos com salto.

— Não. — ele disse, não porque fosse verdade—ele *havia* visto algo chamado LOJA DO KINDLE enquanto comprava livros da Amazon pela Internet—mas porque, no fundo, preferia ser notado por eles como alguém da Velha Guarda. A Nova Guarda era, de algum modo... medíocre.

— Você devia comprar um. — o garoto Henderson disse, e quando Wesley respondera, sem sequer pensar, "Talvez eu compre", a turma desabou em aplausos espontâneos. Pela primeira vez desde a partida de Ellen, ele se sentiu levemente alegre. Porque eles queriam que ele adquirisse uma bugiganga que lia livros, e também porque os aplausos sugeriam que eles o viam como Velha Guarda. Velha Guarda *ensinável*.

Ele não pensou seriamente em comprar um Kindle (se ele era da Velha Guarda, então livros definitivamente eram a solução). Um dia, enquanto voltava para casa da faculdade, imaginou Ellen o vendo com seu Kindle, simplesmente passeando pela quadra enquanto apertava o pequeno botão de PRÓXIMA PÁGINA. *O que diabos está fazendo?*, ela perguntaria. Finalmente falando com ele. *Lendo pelo computador*, ele diria. *Como o resto de vocês*.

Que vingativo!

Mas, como o garoto Henderson diria, isso era uma coisa ruim? Ocorreu-lhe que vingança era um tipo de metadona dos amantes. Seria melhor se desintoxicar?

Talvez não.

Quando chegou em casa, ligou seu computador da Dell (ele não tinha um laptop e se orgulhava disso) e entrou no site da Amazon. Ele esperava que a bugiganga custasse quatrocentos dólares, mais ou menos, talvez mais se houvesse um modelo Cadillac, e ficou surpreso ao perceber que era mais barato do que isso. Então, ele entrou na Loja do Kindle (a que tivera tanto sucesso em ignorar) e descobriu que o garoto Henderson estava certo: os livros eram ridiculamente baratos, romances de capa dura (*que* capa? ha ha), com preços mais baixos do que a maioria das brochuras. Considerando o que ele gastava em livros, o Kindle poderia pagar por si mesmo. Quanto às reações de seus colegas —todas aquelas sobrancelha erguidas—Wesley descobriu que saboreava a expectativa. O que o levou a uma análise interessante da natureza humana, ou pelo menos da natureza humana do acadêmico: uma pessoa poderia gostar de ser taxada de Velha Guarda pelos próprios estudantes, mas de Nova Guarda ante seus semelhantes.

Estou experimentando a nova tecnologia, ele imaginou-se dizendo.

Ele gostava do som disso. Era totalmente Nova Guarda. Também gostava de pensar na reação de Ellen. Havia parado de deixar mensagens em seu telefone, e começara a evitar lugares—Pit Stop, Pizzaria do Harry—onde poderia encontrá-la, mas isso poderia mudar. Com certeza *Eu estou lendo pelo computador, como o resto de vocês* era uma frase muito boa para se desperdiçar.

Oh, isto é baixo, ele ralhou consigo mesmo enquanto permanecia sentado à frente de seu computador, olhando para a foto do Kindle. *Isto é tão baixo e vingativo que não envenenaria nem um gatinho recém-nascido*. Verdade! Mas se era a única vingança da qual ele era capaz, porque não saciá-la? Então, ele clicou no botão “Comprar Kindle” e a bugiganga chegou um dia depois, numa caixa carimbada com uma logomarca de um sorriso e as palavras ENTREGA A JATO. Wesley não pedira a entrega a jato, e protestaria se a cobrança aparecesse na fatura de seu MasterCard, mas ele havia aberto sua nova aquisição com um prazer real—parecido com o prazer que sentia ao abrir uma caixa de livros, só que mais emocionante. Porque havia aquela sensação de estar indo rumo ao desconhecido, ele supôs. Não que ele esperasse que o Kindle substituísse os livros ou que fosse mais do que uma novidade, realmente; um receptor de atenção por algumas semanas ou meses que depois cairia no esquecimento, e

acumularia poeira ao lado do cubo mágico na prateleira de enfeites de sua sala de estar. Não lhe chamou a atenção o fato peculiar de que, enquanto que o Kindle do garoto Henderson era branco, o dele era rosa.

II – As Funções do UR

Quando Wesley voltou ao seu apartamento após sua conversa-confissão com Don Allman, a luz de mensagem em sua secretária eletrônica estava piscando. Duas mensagens. Ele apertou o botão para ouvi-las, esperando ouvir sua mãe reclamar da artrite e fazer observações enérgicas sobre como os filhos ligavam para suas mães mais de duas vezes por mês. Depois disso, viria uma voz robótica do EchoMoore lembrando-o—pela ducentésima vez—que sua assinatura havia prescrito. Mas não era sua mãe, e não era o jornal. Quando ouviu a voz de Ellen, ele parou no ato de pegar uma cerveja e ouviu curvado, com a mão estendida no brilho gelado da geladeira.

— Oi, Wes... — ela disse, soando estranhamente incerta. Houve uma longa pausa, longa o bastante para Wesley pensar se aquilo era tudo o que iria acontecer. Ao fundo, ele ouviu baques surdos e bolas quicando. Ela estava no ginásio, ou estivera quando deixara a mensagem. — Eu estive pensando sobre nós. Pensando que deveríamos tentar de novo. Sinto sua falta.

E então, como se ela o tivesse visto correr pela porta:

— Mas não agora. Eu preciso pensar um pouco mais... o que você disse... — uma pausa. — Eu estava errada em jogar seu livro daquele modo, mas eu estava irritada. — outra pausa, quase tão longa quanto aquela após ela dar o oi. — Há um torneio pré-temporada em Lexington neste fim de semana. Você sabe, aquele que chamam de Bluegrass. É bem importante. Talvez quando eu voltar, nós devêssemos conversar. Por favor, não me ligue até lá, porque eu tenho que me concentrar nas garotas. A defesa é terrível, e eu só tenho uma garota que pode arremessar de verdade fora do garrafão, e... eu não sei, isto é provavelmente um grande engano.

— Não é. — ele disse à secretária eletrônica. Seu coração estava bombeando. Ele ainda estava inclinado ante a geladeira aberta, sentindo o ar frio soprar e bater em seu rosto, que parecia muito quente. — Acredite em mim, não é.

— Eu almocei com Suzanne Montanari outro dia, e ela disse que você arranjou uma daquelas coisinhas eletrônicas de ler. Pra mim isso pareceu... eu não sei, como um sinal de que deveríamos tentar de novo. — ela riu, e então berrou tão alto que Wesley pulou. — *Pega essa bola agora! É melhor correr ou se sentar!* Desculpe. Eu tenho de ir. Não me ligue. Eu ligarei pra você. De um modo ou de outro. Depois do Bluegrass. Desculpe por evitar suas ligações,

mas... você magoou meus sentimentos, Wes. Treinadoras também têm sentimentos, sabia. Eu...

Um bip a interrompeu. O tempo da mensagem se esgotara. Wesley proferiu a palavra que os editores do Norman Mailer haviam se recusado a deixá-lo usar em *O Nu e o Morto*. A segunda mensagem começou e ela voltou.

— Eu acho que professores de Inglês também têm sentimentos. Suzanne disse que não somos compatíveis, ela disse que estamos longe demais do interesse um do outro... talvez haja um meio termo. Estou feliz por você ter comprado o leitor. Se for um Kindle, eu acho que você também pode usá-lo para entrar na Internet. Eu... eu preciso pensar nisso. Não me ligue. Ainda não estou pronta. Adeus.

Wesley pegou sua cerveja. Ele estava sorrindo. Então, ele pensou na vingança que estivera vivendo em seu coração pelo último mês e parou. Ele foi até o calendário na parede, e escreveu TORNEIO PRÉ-TEMPORADA ao redor de sábado e domingo. Ele parou, então desenhou uma linha através dos dias úteis que viriam depois, uma linha em que escreveu *ELLEN???* Com isso feito, ele sentou-se em sua poltrona favorita, bebeu sua cerveja, e tentou ler *2666*. Era um livro louco, mas meio que interessante. Wesley se perguntou se ele estaria à venda na Loja do Kindle.

***

Naquela noite, após tocar as mensagens de Ellen pela terceira vez, Wesley ligou seu Dell e foi ao site do Departamento Atlético para checar os detalhes acerca do Torneio Pré-Temporada Bluegrass. Ele sabia que seria um engano aparecer por lá, e não tinha intenções de fazê-lo, mas ele queria saber contra quem as Suricatas estariam jogando, quais seriam suas chances, e quando Ellen voltaria.

Ele acabou descobrindo que havia oito times, sete da Segunda Divisão e apenas um da Terceira Divisão: As Suricatas de Moore. Wesley sentiu orgulho de Ellen quando viu isso, e uma vez mais envergonhado de seu sentimento de vingança... da qual ela (para sua sorte!) nada sabia. Ela realmente parecia achar que ele comprara o Kindle como um jeito de lhe mandar uma mensagem: *Talvez você esteja certa, e talvez eu possa mudar. Talvez ambos possamos*. Supôs que, se as coisas corressem bem, com o tempo ele se convenceria deste fato.

No site, ele viu que o time viajaria para Lexington de ônibus na tarde da próxima sexta-feira. Elas treinariam na Arena Rupp naquela noite, e fariam seu primeiro jogo—contra as Bulldogs de Truman State, Indiana—na manhã de

sábado. Por ser um torneio de dupla eliminação, elas não iniciariam a viagem de volta antes da noite de domingo, não importava o resultado. O que significava que ele não teria notícias dela até cedinho da segunda seguinte. Esta seria uma longa semana.

— E... — ele disse ao seu computador (um bom ouvinte!). — Ela pode decidir contra tentar de novo, de qualquer forma. Eu tenho de estar preparado para isto.

Bem, ele podia tentar. E também, ele poderia ligar praquela vadia da Suzanne Montanari e dizer em termos contingentes para ela parar de fazer campanha contra ele. Por que ela fazia isso, em primeiro lugar? Ela era uma *colega*, pelo amor de Deus!

Só que se ele fizesse isso, Suzanne poderia ter uma história para contar diretamente à amiga (*Amiga*? Quem diria? Quem poderia sequer suspeitar?) Ellen. Talvez fosse melhor deixar esse aspecto das coisas em paz. Embora o sentimento de vingança não estivesse, pelo visto, totalmente fora de seu coração, ao que parecia. Agora estava direcionado à Srta. Montanari.

— Deixa pra lá. — ele disse ao seu computador. — George Herbert estava errado. Viver bem não é a melhor vingança; amar bem é.

Ele começou a desligar seu computador, então se lembrou de algo que Don Allman falara sobre seu Kindle: *Achei que eles só eram brancos*. Certamente o do garoto Henderson era branco, mas—qual era mesmo o ditado?—uma andorinha só não faz verão. Depois de alguns começos errados (Google, cheio de informação, mas essencialmente tapado feito um poste, o levou primeiro para uma discussão se o Kindle seria, algum dia ou não, capaz de produzir imagens coloridas em sua tela, um assunto que Wesley—como um leitor de livros—tinha absolutamente zero interesse), pensou em procurar em fansites do Kindle. Ele achou um chamado *The Kindle Kandle*. No topo, estava uma foto bizarra de uma mulher vestida com roupas antigas lendo seu Kindle à luz de velas. Aqui, ele leu várias postagens—reclamações, na maioria delas—sobre como o Kindle só vinha em uma única cor, o que um blogueiro chamou de “singelo, velho e branquelo amigo das manchas”. Abaixo disso, estava uma resposta sugerindo que se o reclamante persistisse em ler com seus dedos sujos, ele poderia comprar capinhas customizadas para seu Kindle. “Em qualquer cor que você queira”, ela adicionava. “Cresça e mostre alguma criatividade!”.

Wesley desligou seu computador, foi até a cozinha, pegou outra cerveja, e tirou seu próprio Kindle da maleta. Seu Kindle rosa. Exceto pela cor, ele parecia exatamente igual àqueles do site *Kindle Kandle*.

— Kindle-Kandle, que monte de besteiras. — ele disse. — É apenas uma falha no plástico.

Talvez, mas por que havia recebido a jato se ele não havia especificado isso no pedido? Porque alguém na fábrica de Kindles queria se livrar do mutante rosado o mais breve possível? Isso era ridículo. Eles simplesmente o teriam jogado fora. Outra vítima do controle de qualidade.

Ele pensou na mensagem de Ellen novamente (agora ele já a conhecia de cor e salteado); *Se for um Kindle, eu acho que você também pode usá-lo para entrar na Internet*, ela dissera. Ele imaginou se era verdade. Ligou o Kindle, e, enquanto o fazia, lembrou-se de que havia algo de estranho sobre tudo: não havia manual de instruções. Ele não havia se questionado sobre isso até agora, porque o aparelho era tão simples que praticamente funcionava por si só (uma ideia assustadora, quando se pensava nisso). Pensou em entrar novamente no Kindle Kandle para descobrir se era alguma esquisitice *legítima*, mas desistiu da ideia. Ele só estava passando o tempo, afinal de contas, começando a contar as horas entre o agora e a próxima segunda-feira, quando poderia ouvir falar de Ellen novamente.

— Sinto sua falta, garota. — ele disse, e ficou surpreso em ouvir sua voz vacilar. Sentia falta dela, sim. Ele não se dera conta do quanto até ouvir a voz dela. Estivera amarrado demais ao seu ego ferido. Sem mencionar seu tórrido sentimento de vingança. Era estranho pensar que a vingança poderia ter lhe concedido uma segunda chance. Mais estranho ainda do que, quando se chegava a tal ponto, um Kindle rosa.

A tela com o título “Kindle de Wesley” surgiu. Listados, estavam os livros que ele havia comprado até agora—*Foi Apenas um Sonho*, de Richard Yates, e *O Velho e o Mar*, de Hemingway. A bugiganga viera com *O Novo Dicionário Americano de Oxford* já inserido. Você só precisava começar a digitar uma palavra e o Kindle a achava pra você. Era como, ele pensou, TiVo para os inteligentes. A questão era: você poderia acessar a Internet?

Ele apertou o botão do MENU e foi apresentado a uma série de escolhas. A do topo (é claro) o convidava a **COMPRAR NA LOJA DO KINDLE**. próximo ao fundo, estava algo chamado **EXPERIMENTAL**. Isso pareceu interessante. Moveu o cursor até lá, o abriu, e leu isto no topo da tela: *Estamos trabalhando nestes protótipos experimentais. Você o achou útil?*

— Bem, eu não sei. — Wesley disse. — O que são eles?

O primeiro protótipo acabou sendo a **REDE BÁSICA**. Ellen estava certa. O Kindle era, aparentemente, bem mais computadorizado do que à primeira

vista. Ele passou por mais escolhas experimentais: downloads de músicas (excelente), e leitor de texto (o que poderia ser útil se ele fosse cego). Ele apertou o botão **PRÓXIMA PÁGINA** para ver se havia outros protótipos experimentais. Havia um: **FUNÇÕES DO UR**.

Agora, o que diabos era aquilo? UR, pelo que ele sabia, tinha apenas dois significados: uma cidade do Velho Testamento, e um prefixo significando "primitivo" ou "básico". A tela não ajudou; embora houvesse explicações para outras funções experimentais, não havia nenhuma para esta. Bem, havia outro modo de descobrir. Ele iluminou **FUNÇÕES DO UR** e selecionou. Um novo menu apareceu. Havia três itens: **LIVROS UR**, **ARQUIVO DE NOTÍCIAS UR**, e **UR LOCAL (EM CONSTRUÇÃO)**.

— Hã? — Wesley disse. — Que é isso?

Ele iluminou **LIVROS UR**, desceu seu dedo até o botão de selecionar, então hesitou. De repente, sentiu sua pele esfriar como estivera quando fora tranquilizado pelo som da voz de Ellen, enquanto pegava uma cerveja na geladeira. Ele mais tarde pensaria, *Foi meu próprio UR. Algo básico e primitivo lá no fundo, dizendo-me para não fazer aquilo*.

Mas ele não era um homem moderno? Um que agora lia pelo computador? Ele era. Ele era. Então, apertou o botão. A tela ficou em branco, em seguida **BEM-VINDO AOS LIVROS UR** apareceu no topo da tela... e em vermelho! Os Kandlers estavam para trás da curva tecnológica, ao que parecia; *havia* "kor" no Kindle. Abaixo da mensagem de boas vindas, estava a foto—não de Charles Dickens, ou de Eudora Welty, mas de uma gigantesca torre negra. Havia algo de ameaçador sobre ela. Abaixo, também em vermelho, estava um convite para *Selecionar Autor (sua escolha pode não estar disponível)*. E, abaixo disso, um cursor piscando.

— Que diabos. — Wesley disse para a sala vazia. Ele lambeu os lábios, subitamente secos, e digitou ERNEST HEMINGWAY; A tela apagou. A função, o que quer que fosse, não pareceu funcionar. Depois de dez segundos, mais ou menos, Wesley mexeu no Kindle, pretendendo desligá-lo. Antes que pudesse empurrar o interruptor, a tela finalmente produziu uma nova mensagem.

10,438,721 URS PESQUISADOS
17,894 TÍTULOS DE ERNEST HEMINGWAY DETECTADOS
SE VOCÊ NÃO SABE TÍTULO, SELECIONE UR
OU RETORNE PARA O MENU DE FUNÇÕES DO UR
SELEÇÕES DO SEU UR ATUAL

NÃO SERÃO MOSTRADAS

— O quê, em nome de Deus, é *isto*? — Wesley sussurrou. Abaixo da mensagem, o cursor piscava. Acima, em uma caligrafia pequena (preta, não vermelha), havia apenas uma instrução de como prosseguir: **APENAS DÍGITOS NUMÉRICOS. SEM VÍRGULAS OU TRAÇOS. SEU UR ATUAL: 117586**.

Wesley sentiu um forte impulso (um "UR" impulso!) de desligar o Kindle rosa e largá-lo na gaveta de talheres. Ou no freezer, junto com o sorvete e os congelados da Stouffer, isso poderia ser ainda melhor. Em vez disso, ele usou o minúsculo teclado para digitar sua data de nascimento. 1971974 serviria como qualquer número, ele pensou. Ele hesitou novamente, então aproximou a ponta de seu dedo indicador do botão de selecionar. Quando a tela ficou branca desta vez, ele teve de lutar contra o impulso de se levantar da cadeira da cozinha em que estava sentado e se afastar da mesa. Uma certeza louca surgira em sua mente: uma mão—ou talvez uma garra—surgiria da cinzenta tela do Kindle, o agarraria pela garganta, e o puxaria. Ele iria viver eternamente no cinzento computadorizado, flutuando ao redor de microchips e entre os muitos mundos do UR.

A tela produziu letras, letra simples e prosaicas, e o pavor supersticioso sumiu. Ele observou a tela do Kindle (do tamanho de uma pequena brochura) ansiosamente, embora não tivesse ideia pelo que estava ansioso. No topo, estava o nome completo do autor—Ernest Miller Hemingway—e suas datas. Em seguida, veio uma longa lista de trabalhos... mas ela estava errada. *O Sol Também se Levanta* estava lá... *Por Quem os Sinos Dobram*... os contos... *O Velho e o Mar*, é claro... mas havia três ou quatro títulos que Wesley não reconhecia, e, exceto pelos pequenos ensaios, ele achava que já havia lido todo o considerável material de Hemingway. E também...

Ele examinou as datas novamente e viu que a data da morte estava errada. Hemingway morrera em 2 de julho de 1961, por uma ferida de arma de fogo autoinfligida. De acordo com a tela, ele chegara à grande biblioteca do céu em 19 de agosto de 1964.

— A data de nascimento está errada também. — Wesley murmurou. Ele usava a mão livre para percorrer seu cabelo, deixando-o com formas novas e exóticas. — Estou quase certo disto. Deveria ser 1899, não 1897.

Ele moveu o cursor para baixo, para um dos títulos que não conhecia: *Os Cães de Cortland*. Era a ideia de piada de algum programador lunático, tinha de

ser; ao menos *Os Cães de Cortland soava* como um título de Hemingway.

Wesley o selecionou. A tela ficou branca, então produziu uma capa de livro. A imagem—em preto em branco—mostrava cachorros latindo, cercando um espantalho. Ao fundo, com ombros que se curvavam em uma postura de cansaço ou de derrota (ou ambos), estava um caçador com uma arma. O epônimo Cortland, certamente.

Nas florestas ao norte de Michigan, James Cortland lida com a infidelidade de sua esposa e com sua própria mortalidade. Quando três criminosos perigosos aparecem na velha fazenda Cortland, o heróis mais famoso de "Papa" tem de lidar com uma terrível escolha. Rico em eventos e simbolismos, o último romance de Ernest Hemingway foi premiado com o Prêmio Pulitzer, pouco depois de sua morte. $7.50.

Abaixo da pequena foto, o Kindle perguntava: COMPRAR ESTE LIVRO? S - N.

— Bobagem completa. — Wesley sussurrou, enquanto iluminava a letra S e apertava o botão de selecionar. A tela ficou em branco novamente, então mostrou uma nova mensagem: *Romances UR não podem ser propagados, de acordo com todas as aplicáveis Leis Paradoxais. Você concorda? S- N.*

Sorrindo—como alguém que entendeu a piada, mas resolve seguir nela mesmo assim—Wesley selecionou o S. A tela ficou em branco, então apresentou uma nova informação:

OBRIGADO, WESLEY!
SEU ROMANCE UR FOI COMPRADO.
DE SUA CONTA SERÁ DEBITADO $7.50.
LEMBRE-SE, ROMANCES UR
LEVAM MAIS TEMPO PARA BAIXAR. 2-4 MINUTOS.

Wesley retornou para a tela com o título "Kindle de Wesley". Os mesmos itens estavam lá—*Foi Apenas um Sonho, O Velho e o Mar*, o *Novo Dicionário Americano de Oxford*—e ele tinha certeza de que isto não mudaria. Não havia nenhum romance de Hemingway chamado *Os Cães de Cortland*, não neste mundo e nem em outro. Mesmo assim, levantou-se e foi até ao telefone. Ele foi atendido no primeiro toque.

— Don Allman. — seu colega de escritório disse. — E, de fato, nasci um homem total.

Não havia sons surdos de ginásio ao fundo desta vez; apenas os berros bárbaros dos três filhos de Don, que soavam tão violentos quanto seria o

despedaçar da residência dos Allman, tábua por tábua.

— Don, é Wesley.

— Ah, Wesley! Eu não o vejo há... puxa, três horas, deve ser!

Do fundo do asilo para lunáticos, onde Wesley achava que Don vivia com sua família, veio algo que soou como um grito de morte. Don Allman permaneceu imperturbável.

— Jason, não jogue isso em seu irmão. Seja um chatinho bom e vá assistir Bob Esponja. — então, voltou-se para Wesley. — O que posso fazer por você, Wes? Conselhos para sua vida amorosa? Dicas para aumentar sua atuação sexual ou gás? Um título para um romance em progresso?

— Eu não tenho nenhum romance em progresso e você sabe disso. — Wesley rebateu. — Mas é de romance que eu quero falar. Você conhece o *oeuvre* de Hemingway, não é?

— Eu adoro quando você fala sacanagem.

— Conhece ou não conhece?

— É claro. Mas não tão bem quanto você, eu espero. Você é o homem da Literatura Americana do Século 20, afinal; preso aos dias em que os escritores usavam perucas, fungavam, e diziam coisas pitorescas como *vosmecê* e *donzela*. O quê que está pegando?

— Você sabe se Hemingway escreveu alguma ficção sobre cães?

Don ficou pensando enquanto outra criança começava a berrar.

— Wes, você está bem? Você parece meio...

— Apenas responda a pergunta. Ele escreveu ou não? — *ilumine S ou N*, Wesley pensou.

— Tudo bem. — Don disse. — Pelo que eu sei, sem consultar meu computador de confiança, ele não escreveu. Mas eu lembro de uma vez em que ele disse que os partidários de Batista haviam espancado seu vira-lata até a morte. Que tal isso como factoide? Sabe, quando ele estava em Cuba. Ele tomou isso como um sinal de que ele e Mary deviam se mandar para a Flórida, e foi o que fizeram—e com grande rapidez.

— Você por acaso não se lembra do nome do cachorro, lembra?

— Acho que sim. Eu gostaria de dar uma checada na Internet, mas eu acho que era Cortland. Que nem a maçã?

— Valeu, Don. — seus lábios pareciam adormecidos. — Até amanhã.

— Wes, tem certeza de que você está... FRANKIE, LARGUE ISSO! NÃO FAÇA... — houve um barulho de algo quebrando. — Merda. Acho que já era. Eu tenho que ir, Wes. Até amanhã.

— Certo.

Wesley voltou para a mesa da cozinha. Ele viu que uma nova seleção aparecera na página índice de seu Kindle. Um romance (ou *alguma coisa*) chamado *Os Cães de Cortland* havia sido baixado de... de onde exatamente? De alguma outra realidade chamada UR (ou provavelmente UR 7,191,974)? Wesley já não tinha mais forças para chamar esta ideia de ridícula e descartá-la. Mas ele tinha, entretanto, o bastante para ir à geladeira e pegar uma cerveja. O que ele precisava. Abriu-a, bebeu em cinco grandes goles, e arrotou. Ele sentou, sentindo-se um pouco melhor. Iluminou sua nova aquisição ($7.50 seria um montante poderosamente barato para um livro desconhecido de Hemingway, ele pensou) e a página título apareceu. A próxima página era uma dedicatória: *Para Sy, e para Mary, com amor.* Então, isto:

Capítulo 1

A vida de um homem tinha cinco cães de duração, Cortland acreditava. A primeira era o que te ensinava. O segundo era aquele que você ensinava. O terceiro e o quarto eram aqueles que você trabalhava. O último era aquele que durava mais tempo do que você. Este era o cão do inverno. O cão do inverno de Cortland não tinha nome. Ele pensava nele apenas como um cão-espantalho...

Líquido subiu pela garganta de Wesley. Ele correu para a pia, curvou-se, e lutou para segurar a cerveja. Sua garganta relaxou e, ao invés de abrir a torneira para lavar o vômito cano abaixo, ele juntou suas mãos sob o fluxo e jogou água contra sua pele suada. Isso era melhor.

Então, ele voltou para o Kindle e o mirou. *A vida de um homem tinha cinco cães de duração, Cortland acreditava*. Em algum lugar—em alguma faculdade bem mais ambiciosa do que a Moore ou Kentucky—havia um computador programado para ler livros e identificar escritores por seus estilos, que, supostamente, eram únicos, como impressões digitais ou flocos de neve. Wesley tinha a vaga lembrança de que este programa de computador havia sido usado para identificar o pseudônimo de um autor que escrevera um romance chamado *Cores Primárias*; o programa vasculhara milhares de escritores em questão de horas ou dias, e surgira com um colunista de revista chamado Joe Klein, que mais tarde reconheceu sua paternidade literária.

Wesley achou que se submetesse *Os Cães de Cortland* no computador, ele cuspiria o nome de Ernest Hemingway. Na verdade, ele não achou que precisava de um computador. Ele pegou o Kindle com suas mãos, que agora tremiam

muito.

— O *quê* é você? — ele perguntou.

O Kindle não respondeu.

III – Wesley se Recusa a Enlouquecer

Em uma verdadeira noite de escuridão da alma, Scott Fitzgerald dissera, *é sempre três da manhã, dia após dia*.

Às três da manhã daquela terça-feira, Wesley permanecia febrilmente acordado, imaginando se estaria se prejudicando. Ele havia se forçado a desligar o Kindle rosa e devolvê-lo à sua caixa uma hora atrás, mas seu domínio sobre o homem permaneceu tão forte quanto fora à meia-noite, quando ele estivera emergido no menu de LIVROS UR.

Ele procurara por Ernest Hemingway em duas dúzias dos quase dez milhões e meio de URs, e conseguira pelo menos vinte romances dos quais nunca ouvira falar. Em um dos URs (que acabou sendo o 2,061,949— quando se tirava as vírgulas, era a data de nascimento de sua mãe), ele parecia ter sido um escritor de histórias de crimes. Wesley baixara um título chamado *É Sangue, Minha Querida!*, e descobriu um romance básico e barato... mas escrito em frases destacadas e fortes que ele teria reconhecido em qualquer lugar. Frases de Hemingway.

E mesmo como um escritor criminal, Hemingway abdicara das brigas de gangues, infidelidade, e apostas sanguinolentas, por tempo o bastante para escrever *Adeus às Armas*. Ele *sempre* escreveu *Adeus às Armas*, ao que parecia; outros títulos vinham e iam, mas *Adeus às Armas* sempre aparecia, e *O Velho e o Mar*, *normalmente* aparecia.

Ele tentou Faulkner. Faulkner não aparecia lá, ou em qualquer um dos URs. Checou o menu regular, e descobriu que Faulkner tampouco estava disponível no que ele agora começava a pensar como “sua realidade”, ao menos não nas edições Kindle. Havia apenas alguns livros sobre o Conde da Literatura Americana.

Ele checou Roberto Bolaño, o autor de *2666*, e embora não estivesse disponível no menu normal do Kindle, ele foi listado em vários submenus dos Livros UR. Havia também outros romances de Bolaño, incluindo (no UR 101) um livro com o colorido título de *Marilyn Chupa Fidel*. Ele quase baixou esse, então mudou de ideia. Tantos autores, tantos URs, tão pouco tempo.

Parte de sua mente—distante, porém autenticamente aterrorizada—continuava a insistir que era tudo uma brincadeira elaborada que havia surgido da imaginação lunática de algum programador de computadores. Ainda assim, a evidência, que ele continuava a compilar enquanto a noite progredia, sugeria o

contrário.

James Cain, por exemplo.

Em um UR que Wesley checou, ele havia morrido muito jovem, produzindo apenas dois livros: *Anoitecer* (um novo), e *Mildred Pierce* (um velho). Wesley apostaria que *O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes*, seria a constante de Cain—seu romance-UR, por assim dizer—mas não. Embora tenha checado dúzias de URs por Cain, ele encontrara *Carteiro* apenas uma vez. *Mildred Pierce* por outro lado—que ele considerava um livro menos famoso de Cain, de fato—estava sempre lá. Como *Adeus às Armas*.

Ele checara seu próprio nome, e descobrira o que temia: embora os URs fossem lotados de Wesley Smiths (um parecia ter sido autor de faroestes, enquanto outro parecia ter sido autor de romances pornográficos como *Tesão na Banheira*), nenhum parecia ser ele. É claro que era difícil ter cem por cento de certeza, mas ao que parecia, ele havia tropeçado em 10.4 milhões de realidades alternativas e ele era um perdedor que nunca tivera um livro publicado em nenhuma delas. De olhos abertos em sua cama, ouvindo um cachorro solitário latir à distância, Wesley começou a sentir calafrios. Suas próprias aspirações literárias pareciam ter pouca importância neste momento. O que parecia ser grande—o que assomava sua vida e sua sanidade—eram as riquezas escondidas dentro daquele pequenino painel de plástico rosa. Ele pensou em todos os escritores por quem ficara de luto, de Norman Mailer e Saul Bellow a Donald Westlake e Evan Hunter; um após o outro, Tânatos calava as vozes mágicas, e eles paravam de falar.

Mas agora eles podiam continuar. Eles podiam falar com ele. Ele afastou as cobertas. O Kindle o chamava. Não com uma voz humana, mas com uma orgânica. Soava como as batidas do coração, o coração delator das histórias de Poe, vindo de dentro de uma caixinha, em vez de sob o assoalho de madeira, e...

Poe!

Bom Deus, ele nunca checara Poe! Ele havia deixado a caixinha em seu local habitual, ao lado de sua cadeira favorita. Ele correu para ela, abriu-a, agarrou o Kindle, e o plugou na tomada (sem chance que ele arriscaria acabar com a bateria). Ele se apressou para LIVROS UR, digitou o nome de Poe, e na primeira tentativa achou um UR—2,555,676—onde Poe vivera até 1875, em vez de morrer em 1849, à idade de quarenta. E esta versão de Poe havia escrito romances! Seis deles! A ganância encheu o coração de Wesley (seu coração quase totalmente *gentil*) enquanto seus olhos percorriam os títulos.

Um se chamava *A Casa da Vergonha, ou O Preço da Degradação*. Wesley

baixou este—o preço deste aqui era de apenas $4.95—e leu até o amanhecer. Então, ele desligou seu Kindle rosa, pôs a cabeça nos braços, e dormiu por duas horas na mesa da cozinha. Ele também sonhou. Nada de imagens; apenas palavras. Títulos! Linhas infinitas de títulos, muitas obras-primas ainda desconhecidas. Havia tantos títulos quanto estrelas no céu.

***

Ele atravessou a terça e a quarta-feira—de algum modo—mas durante sua aula de Introdução à Literatura Americana da quinta-feira, a falta de sono e superexcitamento o alcançaram. Sem mencionar seu, cada vez mais tênue, gancho à realidade. Na metade de sua Leitura do Mississipi (esta que ele normalmente proclamava com um grau a mais de convicção), sobre como Hemingway seguia rio abaixo em relação a Twain, assim como quase todas as ficções americanas do século vinte seguiam ainda mais abaixo de Hemingway, ele percebeu que contava para a turma que Papa nunca escrevera uma boa história sobre cachorros, mas se tivesse vivido, com certeza o teria feito.

— Algo mais nutritivo do que *Marley e Eu*. — ele disse, e riu com enervante ânimo.

Ele se virou do quadro e viu vinte e dois pares de olhos mirando-o com variados graus de preocupação, perplexidade, e espanto. Ele ouviu um sussurro, baixo, mas claro, como a batida do coração do velho aos ouvidos do narrador louco de Poe: Smithy está ficando lelé.

Smithy não estava, mas não havia dúvidas de que estava *perigando* ficar. *Eu me recuso*, ele pensou. *Eu me recuso, eu me recuso*. E percebeu, para seu horror, que estava murmurando sob sua respiração. O garoto Henderson, que sentava na primeira fila, havia escutado.

— Sr. Smith? — disse, com hesitação. — Senhor? Você está bem?

— Sim. — ele disse. — Não. Só estou bancando o cara velho, eu acho. — *o escaravelho de ouro de Poe*, ele pensou, e quase não conseguiu segurar um ataque de risos. — Classe dispensada. Vamos, saiam daqui.

E, enquanto eles se atropelavam pela porta, ele teve presença mental o bastante para adicionar: Raymond Carver na próxima semana! Não se esqueçam! *De Onde Estou Ligando*!

E pensou: *O que mais há de Raymond Carver nos mundos do UR? Existe um—ou uma dúzia, ou milhares—parou de fumar, viveu até os setenta, e escreveu mais meia dúzia de livros?*

Ele sentou em sua mesa, pegou sua pasta com o Kindle dentro, e então

recuou a mão. Ele avançou novamente, então se impediu de novo, e gemeu. Era como uma droga. Ou uma obsessão sexual. Pensar nisso o fez pensar em Ellen Silverman, algo que ele não fizera desde que descobrira os menus escondidos do Kindle. Pela primeira vez desde que ela se fora, Ellen houvera fugido completamente de sua mente.

Irônico, não? Agora estou lendo pelo computador, Ellen, e não consigo parar.

— Eu me recuso a passar o resto do dia a olhar para essa coisa. — ele disse. — E eu me recuso a enlouquecer. Eu me recuso a olhar, e eu me recuso a enlouquecer. A olhar ou enlouquecer. Eu recuso ambos. Eu...

Mas o Kindle rosa estava na sua mão! Ele o tirara da maleta mesmo enquanto negava seu poder sobre ele! Quando ele havia feito isso? E ele realmente pretendia ficar ali sentado na sala de aula vazia, olhando para ele?

— Sr. Smith?

A voz o assustou tanto que ele deixou o Kindle cair na mesa. Ele o agarrou imediatamente, e o examinou, aterrorizado que pudesse ter quebrado, mas estava tudo bem. Graças a Deus.

— Eu não quis assustá-lo. — era o garoto Henderson, parado no umbral e parecendo preocupado. Isto não surpreendeu Wesley muito. *Se eu me visse agora, provavelmente estaria preocupado também.*

— Oh, você não me assustou. — Wesley disse. A mentira óbvia o atingiu com divertimento, e deu voz a uma risadinha vítrea. Ele colocou a mão na boca para segurá-la em seu interior.

— O que há de errado? — o garoto Henderson deu um passo. — Eu acho que é mais do que um vírus. Cara, você parece horrível. Você recebeu más notícias, ou coisa assim?

Wesley quase lhe disse pra cuidar da própria vida, vender seus jornais, colocar um ovo no sapato e dar o fora, mas a parte aterrorizada dele que estivera encolhida no canto mais longínquo de seu cérebro, insistindo que aquele Kindle rosa era uma piada ou o truque inicial de algum golpe elaborado, decidiu parar de se esconder e começar a agir.

Se você realmente se recusa a enlouquecer, é melhor fazer alguma coisa quanto a isto, seu cérebro disse. *E então?*

— Qual é o seu primeiro nome, Sr. Henderson? Ele escorregou completamente para fora de minha mente.

O rapaz sorriu. Um sorriso agradável, mas a preocupação ainda estava em seus olhos.

— Robert, senhor. Robbie.

— Bem, Robbie, eu sou Wes. E eu quero lhe mostrar uma coisa. Ou você não verá nada—o que quer dizer que eu estou alucinando, e provavelmente sofrendo um ataque de nervos—ou você verá algo que explodirá completamente seus miolos. Mas não aqui. Venha ao meu escritório, certo?

Henderson tentou fazer perguntas enquanto cruzavam o quadrilátero medíocre. Wesley as ignorou, mas ficou feliz por Robbie Henderson ter voltado, e feliz pela parte aterrorizada de sua mente ter tomado a iniciativa e aberto a boca. Ele se sentiu melhor quanto ao Kindle—*mais seguro*—do que se sentira ao descobrir os menus escondidos. Em uma história de fantasia, Robbie Henderson não veria nada, e o protagonista decidiria que estava ficando insano. Ou que já era. A realidade parecia estar diferente. *Sua* realidade, pelo menos, o UR de Wesley Smith.

Na verdade, eu quero que seja uma alucinação. Porque se for, e se com a ajuda deste jovem eu puder reconhecê-la como tal, tenho certeza de que posso escapar de ficar louco. E eu me recuso a enlouquecer.

— O senhor está murmurando. — Robbie disse. — Quero dizer, Wes.

— Desculpe.

— Você está me assustando um pouco.

— Eu também estou *me* assustando um pouco.

Don Allman estava no escritório, usando fones de ouvido, corrigindo provas e cantando sobre Jeremiah, o sapo-boi, em uma voz que ia além dos limites do péssimo, atravessando o inexplorado país do execrável. Ele desligou seu iPod quando viu Wesley.

— Achei que você estava na aula.

— Cancelei. Este é Robert Henderson, um de meus estudantes de Literatura Americana.

— Robbie. — Henderson disse, estendendo a mão.

— Olá, Robbie. Eu sou Don Allman. Um dos Irmãos Allman. Eu toco um trombone do balacobaco.

Robbie riu educadamente e apertou a mão de Don Allman. Até aquele momento, Wesley planejara pedir a Don para sair, pensando que uma testemunha de seu colapso mental já seria o suficiente. Mas talvez este fosse um caso raro onde quanto mais, melhor.

— Precisa de privacidade? — Don perguntou.

— Não. — Wesley disse. — Fique. Eu quero mostrar uma coisa a vocês. E se vocês não virem nada e eu vir algo, ficarei feliz em dar entrada no Hospício

Estadual. — ele abriu sua pasta.

— Uau! — Robbie exclamou.

— Um Kindle rosa! Legal! Eu nunca vi um desses antes!

— Agora eu vou mostrar outra coisa que vocês nunca viram. — Wesley disse. — Ao menos, eu acho que não.

Ele plugou o Kindle e o ligou.

***

O que convenceu Don Allman foi *O Compêndio da Obra de William Shakespeare* do UR 17,000. Depois de baixar, a pedido de Don—porque neste UR em particular ele havia morrido em 1620, ao invés de 1616—os três homens descobriram duas novas peças. Uma tinha o título de *Duas Damas de Hampshire*, uma comédia que parecia ter sido escrita logo após *Júlio César*. A outra era uma tragédia chamada *Um Camarada Negro em Londres*, escrita em 1619. Wesley abriu esta, e então (com alguma relutância) passou o Kindle para Don.

Don Allman normalmente era um cara de bochechas coradas que sorria muito, mas ao passar as páginas dos Atos I e II de *Um Camarada Negro em Londres*, ele perdeu tanto o sorriso quanto a cor. Depois de vinte minutos, durante os quais Wesley e Robbie permaneceram sentados, observando-o silenciosamente, ele devolveu o Kindle para Wesley. Ele o fez com as pontas dos dedos, como se não o quisesse tocá-lo.

— Então? — Wesley perguntou. — Qual o veredicto?

— Poderia ser uma imitação. — Don disse. — Mas é claro que sempre houve pessoas que especularam que as peças de Shakespeare nunca foram escritas por Shakespeare. Existem pessoas que apoiam Christopher Marlowe... Francis Bacon... até Earl de Derby...

— É, e James Frey escreveu *MacBeth*. — Wesley disse. — O que acha?

— Pode ser autêntico, Willie. — Don disse. Ele soava à beira de lágrimas. Ou de risadas. Talvez ambas. — Eu acho que é elaborado demais para ser uma brincadeira. E, se for um trote, eu não tenho ideia de como funciona. — ele estendeu um dedo para o Kindle, o tocou levemente, então o puxou de volta. — Eu tenho que estudar ambas as peças atentamente, com referências de trabalho na mão, para ser mais definitivo, mas... elas têm o *jeito* dele de escrever.

Descobriu-se que Robbie Henderson lera quase todos os romances de mistério e suspense de John D. MacDonald. Na lista de trabalhos de MacDonald do UR 2,171,753, ele encontrou dezessete romances que se chamavam “a série

de Dave Higgins". Todos os títulos possuíam cores neles.

— Isso está parcialmente certo. — Robbie disse. — Mas os títulos estão errados. E o personagem da série de John D. se chamava Travis McGee, não Dave Higgins.

Wesley baixou um chamado *O Lamento Azul*, tirando de seu cartão de crédito mais $4.50, e empurrou o Kindle para Robbie assim que o livro terminou de ser baixado para a crescente livraria que era o Kindle de Wesley. Enquanto Robbie lia, a princípio pelo começo, e depois pulando partes, Don foi até o escritório principal e trouxe três canecas de café. Antes de se ajeitar atrás de sua mesa, ele pendurou o pouco usado aviso de REUNIÃO EM PROGRESSO, NÃO INTERROMPAM, na porta.

Robbie levantou a caneca, quase tão pálido quanto Don estivera depois de mergulhar na peça nunca escrita por Shakespeare sobre um príncipe africano, que é trazido a Londres acorrentado.

— Este parece muito com um romance de Travis McGee chamado *Cinzento Pálido por Nossa Culpa*. — ele disse. — Só que Travis McGee vive em Fort Lauderdale, e este cara, Higgins, vive em Sarasota. McGee tem um amigo chamado Meyer—um cara—e Higgins tem uma amiga chamada Sarah... — ele se inclinou por sobre o Kindle por um momento. — Sarah Mayer. — ele olhou para Wesley, seus olhos exibiam branco demais ao redor das íris. — Jesus Cristo, e existem *dez milhões* destes... destes outros mundos?

— Dez milhões, quatrocentos mil e mais alguns, de acordo com o menu **LIVROS UR**. — Wesley disse. — Eu acho que explorar um único autor completamente tomaria mais anos do que você tem de sobra em sua vida, Robbie.

— Eu poderia morrer hoje. — Robbie Henderson disse em voz baixa. — Essa coisa poderia me dar um maldito ataque do coração. — ele subitamente agarrou sua caneca de café engoliu a maior parte de seu conteúdo, embora o café ainda estivesse pelando.

Wesley, por outro lado, sentiu-se mais como si mesmo novamente. Mas com o medo da loucura removida, uma saraivada de perguntas se amontoava em sua mente. Apenas uma parecia completamente relevante.

— Então, o que eu faço agora?

— Primeiro de tudo... — Don disse. — Isto tem que ser um segredo entre nós três. — ele se virou para Robbie. — Pode manter um segredo? Diga não e eu terei de matá-lo.

— Posso manter um. Mas e quanto às pessoas que te mandaram isto, Wes?

Elas podem manter um segredo? Elas *vão*?

— Como eu posso saber isso se nem sei quem elas são?

— Que cartão de crédito você usou para comprar o Rosinha aqui?

— MasterCard. É o único que uso atualmente.

Robbie apontou para o computador do terminal do Departamento de Inglês que Wesley e Don compartilhavam.

— Entre na Internet, e veja sua conta. Se esses... esses ur-Books vierem da Amazon, eu ficarei muito surpreso.

— De onde mais poderiam ter vindo? — Wesley perguntou.

— É a bugiganga deles, eles vendem livros pra ela. E ela também veio numa caixinha da Amazon. Tinha um sorriso nela.

— E eles vendem o troço na cor rosa-brilhante? — Robbie perguntou.

— Ora, não.

— Cara, cheque a conta do seu cartão de crédito.

***

Wesley tamborilou seus dedos no mousepad do Super Mouse de Don, enquanto o velho PC do escritório cogitava funcionar. Então, ele se sentou reto e começou a ler.

— Bem? — Don perguntou.

— Diga.

— De acordo com isto... — Wesley disse. — A última aquisição de meu MasterCard foi um blazer da *Men's Warehouse*. Uma semana atrás. Nada de livros baixados.

— Nem mesmo daqueles que você baixou normalmente? *O Velho e o Mar* e *Foi Apenas um Sonho*?

— Nada.

— E quanto ao próprio Kindle? — Robbie perguntou.

Wesley começou a descer a página.

— Nada... nada.. nad... esperem, aqui está— ele se inclinou até que seu nariz estivesse quase tocando a tela. — Maldição.

— O que foi? — Don e Robbie disseram juntos.

— De acordo com isto, minha compra foi negada. Aqui diz: "número do cartão de crédito errado". — ele pensou a respeito. — É possível. Estou sempre trocando dois dos dígitos; às vezes mesmo quando eu tenho o maldito cartão ao lado do teclado. Eu sou um pouco disléxico.

— Mas a compra foi feita mesmo assim. — Don disse, pensativamente. —

De algum modo... para *alguém*. Em *algum* lugar. Em que UR o Kindle diz que estamos? Refresque minha memória.

Wesley voltou à tela realçada.

— 117,586. Mas para digitar isso como escolha, tem que tirar a vírgula.

— Este pode não ser o UR em que vivemos, mas eu aposto que é o UR de onde o Kindle veio. *Nesse* UR, o número do MasterCard que você deu é o certo para o Wesley Smith que lá vive. — Don disse.

— Quais são as chances de algo assim acontecer?

— Eu não sei. — Don disse. — Provavelmente bem mais íngremes do que 10.4 milhões em uma.

Wesley abriu a boca para dizer algo e foi interrompido por uma fuzilada de batidas na porta. Todos eles pularam. De fato, Don Allman soltou um gritinho.

— Quem é? — Wesley perguntou, agarrando o Kindle e o segurando protetoramente contra o peito.

— Zelador. — a voz do outro lado da porta disse. — Vocês vão demorar a ir pra casa? São quase sete horas, e eu preciso fechar o prédio.

IV – Arquivo de Notícias

Eles não tinham terminado, não poderiam ter terminado. Ainda não. Wesley em particular, ansioso para continuar. Embora não tivesse dormido mais do que três horas em dias, ele se sentiu muito acordado, energizado. Ele e Robbie voltaram caminhando para seu apartamento, enquanto Don foi para casa para ajudar sua esposa a colocar os meninos na cama. Quando acabasse, ele se juntaria a eles na casa de Wesley, para uma sessão pauleira estendida. Wesley disse que pediria comida pelo telefone.

— Bom. — Don disse. — Mas tome cuidado. Comida UR-Chinesa não tem o mesmo gosto.

Para sua surpresa, Wesley descobriu que podia rir.

— Então é assim que parece o apartamento de um professor de Inglês. — Robbie disse, olhando em volta. — Cara, eu curto todos esses livros.

— Bom. — Wesley disse. — Eu empresto às pessoas que trazem de volta. Mantenha isso em mente.

— Eu vou. Meus pais nunca foram, você sabe, grandes leitores. Algumas revistas, livros de dietas, um ou dois manuais de autoajuda... isso é tudo. Eu poderia ter acabado do mesmo jeito, se não fosse por você. Ficaria apenas batendo a cabeça nos campos de futebol, sabe, sem nada pela frente exceto, talvez, ensinar educação física em Giles County. Isso fica em Tennessee. Í-haaa.

Wesley sentiu-se tocado por isto. Provavelmente, porque ele estivera sendo arremessado em tantos aros emocionais ultimamente.

— Valeu. — ele disse. — Apenas lembre-se, não há nada de errado com um bom Í-haaa. Isso é parte de quem você é também. Ambas as partes são igualmente válidas.

Ele pensou em Ellen, arrancando *Amargo Pesadelo* de suas mãos e o arremessando do outro lado do quarto. E por quê? Porque ela odiava livros? Não, porque ele não a ouvira quando ela precisou dele. Não fora Fritz Leiber, o grande escritor de ficção-científica e fantasia, que chamara os livros de “concubinas dos estudantes”? E quando Ellen precisou dele, ele não estivera nos braços de sua outra amante, aquela que não fazia exigências (outra que não fosse seu vocabulário) e sempre o aceitava?

— O que eram aquelas outras coisas no menu **FUNÇÕES DO UR**?

A princípio, Wesley não entendeu do que o garoto estava falando. Então, ele se lembrou de que *houvera* alguns outros itens. Ele ficara tão fixado no

submenu **LIVROS**, que havia se esquecido dos outros dois.

— Bem, vamos ver. — ele disse, e ligou o Kindle. Cada vez que fazia isto, ele esperava que ou o menu **EXPERIMENTAL**, ou o **FUNÇÕES DO UR** houvesse sumido—isto também teria acontecido em uma história de fantasia ou num episódio de *Além da Imaginação*—mas eles continuavam ali.

— **ARQUIVOS DE NOTÍCIAS UR** e **UR LOCAL**. — Robbie disse. — Hã. **UR LOCAL** está em construção. É melhor ter cuidado, as multas de trânsito dobram.

— Como é?

— Nada, só estava brincando com você. Tente o arquivo de notícias.

Wesley o selecionou. A tela se apagou. Após alguns segundos, uma mensagem apareceu.

BEM-VINDO AO ARQUIVO DE NOTÍCIAS!
APENAS O *NEW YORK TIMES*
ESTÁ DISPONÍVEL POR ENQUANTO
SEU PREÇO É DE
$1.00/4 DOWNLOADS
$10/50 DOWNLOADS
$100/800 DOWNLOADS
SELECIONE COM O CURSOR
SUA CONTA SERÁ FATURADA

Wesley olhou para Robbie, que deu de ombros.

— Não posso te dizer o que fazer, mas se *meu* cartão de crédito não estivesse sendo faturado—neste mundo, pelo menos—eu gastaria cem pratas.

Wesley achou que ele tinha razão, embora imaginasse o que o outro Wesley (se de fato houvesse um) iria pensar quando abrisse sua próxima conta do MasterCard. Ele iluminou o $100/800 e apertou o botão de selecionar. Desta vez, as Leis Paradoxais não apareceram. Ao invés disso, a nova mensagem o convidava a fazer a **ESCOLHA DE DATA E UR. USE OS CAMPOS APROPRIADOS**.

— Você faz isso. — ele disse, e empurrou o Kindle pela mesa para Robbie. Isto estava ficando cada vez mais fácil de fazer, e ele estava feliz por isso. Uma obsessão sobre manter o Kindle em suas próprias mãos era uma complicação da qual ele não precisava, por mais compreensível que fosse.

Robbie pensou por um instante, então digitou 21 de janeiro de 2009. No campo UR, ele selecionou 1.000.000.

— UR um milhão. — ele disse. — Por que não? — e apertou o botão.

A tela ficou branca, então produziu uma mensagem que dizia **APROVEITE SUA SELEÇÃO**! Um momento depois, a página frontal do *New York Times* surgiu. Eles se inclinaram sobre a tela, lendo silenciosamente, até que houve uma batida na porta.

— Deve ser Don. — Wesley disse. — Vou deixá-lo entrar. — Robbie Henderson não respondeu. Ele ainda estava petrificado.

— Está ficando frio aqui fora. — Don disse, enquanto entrava. — E há um vento arrancando todas as folhas das... — ele estudou o rosto de Wesley. — Que foi? Ou eu deveria dizer, o que foi agora?

— Entre e veja. — Wesley disse.

Don entrou na sala de estar-estudos repleta de livros de Wesley, onde Robbie permanecia inclinado sobre o Kindle. O garoto olhou para cima e virou a tela para que Don pudesse vê-la. Havia quadrados em branco onde as fotos deviam estar, cada um com a mensagem IMAGEM INDISPONÍVEL, mas a manchete era negra e enorme: **AGORA É A VEZ DELA**. E abaixo disto, o subtítulo: ***Hillary Clinton Faz o Juramento, Assume o Papel de 44º Presidente***.

— Parece que ela finalmente conseguiu. — Wesley disse. — Ou, pelo menos, no UR 1.000.000.

— E vejam quem ela está substituindo. — Robbie disse, e apontou o nome. Era Albert Arnold Gore.

***

Uma hora depois, quando a campainha tocou, eles não pularam de susto, em vez disso, olharam em volta como homens despertados de um sonho. Wesley desceu as escadas e pagou ao entregador, que chegou com uma pizza carregada do Harry’s, e uma grade de seis Pepsis. Eles comeram na mesa da cozinha, inclinados sobre o Kindle. Wesley devorou três pedaços sozinho, um recorde pessoal, sem perceber o que estava comendo. Eles não acabaram com os oitocentos que haviam comprado—nem chegaram perto—mas pelas quatro horas seguintes, passaram por histórias de vários URs o bastante para fazer suas cabeças doerem. Wesley sentiu como se fosse sua *mente* que estivesse doendo. Dos semblantes quase idênticos que ele viu nos rostos dos outros dois—bochechas pálidas, olhos ávidos em órbitas manchadas, cabelos desarrumados—ele imaginou que não estivesse sozinho nessa. Olhar para outra realidade alternativa já seria um desafio por si só; aqui havia mais de dez milhões e, embora a maioria fosse parecida, nenhuma era exatamente igual.

A inauguração do quadragésimo quarto Presidente dos Estados Unidos foi apenas um exemplo, mas um poderoso. Eles checaram em outras duas dúzias diferentes de URs antes de se cansarem e seguirem adiante. Dezessete primeiras páginas completas de 21 de janeiro de 2009 anunciavam Hillary Clinton como a nova Presidente. Em quatorze delas, Bill Richardson do Novo México, era seu Vice-Presidente. Em dois, era Joe Biden. Em uma, era um Senador do qual eles nunca haviam ouvido falar: Linwood Speck, de Nova Jersey.

— Ele sempre nega quando alguém ganha os holofotes. — Don disse.

— Quem sempre nega? — Robbie perguntou. — Obama?

— Sim. Ele sempre é questionado, e ele sempre diz não.

— É coisa de caráter. — Wesley disse. — Enquanto eventos mudam, o caráter nunca parece fazer o mesmo.

— Não se pode ter certeza disso. — Don disse. — É uma amostra minúscula comparada ao... ao... — ele riu debilmente. — Você sabe, à coisa toda. Todos os mundos do UR.

Barack Obama fora eleito em seis URs. Mitt Romney fora eleito em um, com John McCain concorrendo com ele. Ele estivera concorrendo com Obama, que fora deixado de lado após Hillary ter sido morta em um acidente numa carreata ao fim da campanha.

Eles não viram uma única menção a Sarah Palin. Wesley não ficou surpreso. Ele achou que se houvessem tropeçado nela, seria mais por sorte do que por probabilidade, e não apenas porque Mitt Romney aparecia mais frequentemente como representante Republicano do que John McCain. Palin sempre fora uma forasteira, uma aposta, aquela que ninguém esperava.

Robbie queria checar os Red Sox. Wesley achou que seria uma perda de tempo, mas Don ficou do lado do garoto, então Wesley concordou. Ambos checaram as páginas de esportes de outubro em dez diferentes URs, plugando em datas de 1918 até 2009.

— Isto é deprimente. — Robbie disse após a décima tentativa. Don Allman concordou.

— Por quê? — Wesley perguntou. — Eles vencem várias vezes.

— Mas não há rima ou motivo para isso. — Robbie disse.

— E nenhuma maldição. — Don disse.

— Eles sempre só vencem o bastante para evitá-la. O que é entediante.

— Que maldição? — Wesley estava confuso.

Don abriu a boca para explicar, então suspirou.

— Deixa pra lá. — ele disse. — Levaria muito tempo pra explicar, e você

não entenderia, de qualquer forma.

— Olhe pelo lado bom. — Robbie disse. — Os Yankees estão sempre lá, então nem *tudo* é sorte.

— É. — Don disse, irritado. — O complexo militar-industrial do mundo dos esportes.

— Foi mal. Alguém vai querer o último pedaço?

Don e Wes balançaram suas cabeças. Robbie o guardou e disse:

— Por que não damos uma espiada no Grande Cassino, antes de decidirmos que estamos malucos e darmos entrada no Hospício Central State?

— O que o Grande Cassino poderia ser, Yoda? — Don perguntou.

— O assassinato de JFK. — Robbie disse. — O Sr. Tollman diz que este foi o evento seminal do século vinte, mais importante que o assassinato do Arquiduque Ferdinand, em Sarajevo. Eu achei que eventos seminais normalmente aconteciam na cama, mas ei, eu vim para a faculdade para aprender. Sr. Tollman é do Departamento de História.

— Eu sei quem é Hugh Tollman. — Don disse. — Ele é um maldito comunista, e nunca ri de minhas piadas.

— Mas ele pode estar certo sobre o assassinato de Kennedy. — Wesley disse. — Vamos dar uma olhada.

***

Eles perseguiram o tópico John-Kennedy-em-Dallas até quase onze da noite, enquanto universitários gritavam despercebidos abaixo deles, a caminho de—ou vindos de—seus pontos de bebedeira. Eles checaram setenta versões do *New York Times* de 23 de novembro de 1963 e, embora a história nunca fosse a mesma, um fato parecia inegável em todas elas: houvesse errado Kennedy, ferido Kennedy, ou matado Kennedy, era sempre Lee Harvey Oswald, e ele sempre agia sozinho.

— O Warren Report estava certo. — Don disse. — Ao menos uma vez a burocracia fez seu trabalho. Eu estou impressionado.

Em alguns URs, aquele dia de novembro passara sem qualquer história de assassinato, fosse um atentado sem sucesso, ou não.

Em algumas vezes, Kennedy decidia não visitar Dallas. Às vezes sim, e sua carreata seguia normalmente; ele chegava ao Dallas Trade Mart, dava seu discurso no almoço com pratos que custavam cem dólares (“Deus, as coisas eram baratas naquela época, não?” Robbie notou), e ia embora ao pôr do sol.

Este era o caso do UR 88,416. Wesley começou a procurar mais datas

daquele UR. O que ele viu o deixou espantado, horrorizado, maravilhado e tristonho. No UR 88,146, Kennedy vira a loucura do Vietnã e resistira às objeções enérgicas de Robert McNamara, o Secretário de Defesa. McNamara se demitiu e foi substituído por um homem chamado Bruce Palmer, que desistira de seu cargo de general no Exército Americano para assumir o posto. Os tumultos dos direitos civis foram mais suaves do que quando Lyndon Johnson era Presidente, e quase não houve tumultos em cidades americanas—em parte porque no UR 88,416, Martin Luther King não era assassinado em Memphis, ou em qualquer outro lugar.

Neste UR, JFK era eleito para um segundo mandato. Em 1968, Edmund Muskie, do Maine, ganhava a Presidência em uma avalanche sobre Nelson Rockefeller. A esta altura, o ex-Presidente mal podia andar sem a ajuda de muletas, e dizia que sua prioridade seria uma enorme cirurgia lombar.

Robbie ignorou isso e voltou-se para a história que tinha a ver com a última festa dada por Kennedy na Casa Branca. Os Beatles haviam tocado, mas o concerto havia acabado mais cedo quando o baterista, Pete Best, sofrera um chilique e teve de ser levado ao Hospital de Washington D.C.

— Puta merda. — Don sussurrou.

— O que aconteceu com Ringo?

— Caras... — Wesley disse, bocejando. — Eu tenho que ir pra cama, estou morrendo aqui.

— Cheque mais um. — Robbie disse. — 1,241,989. É meu aniversário. Tenho que dar sorte.

Mas não deu. Quando Wesley selecionou o UR e adicionou a data—20 de janeiro de 1973—não exatamente aleatoriamente, o que apareceu, ao invés de **APROVEITE SUA SELEÇÃO**, foi isto: **NÃO HÁ *TIMES* APÓS 19 DE NOVEMBRO DE 1962**.

— Oh, Deus. — Wesley disse, e colocou a não sobre a boca. — Meu bom Deus.

— O que foi? — Robbie perguntou. — O que é?

— Eu acho que sei. — Don disse.

Ele tentou pegar o Kindle rosa. Wesley, que imaginava ter ficado pálido (mas provavelmente não tão pálido quanto se sentia por dentro), colocou uma mão sobre a de Don.

— Não. — ele disse. — Eu não acho que possa aguentar.

— Aguentar *o quê*? — Robbie quase berrou.

— Hugh Tollman não te ensinou sobre a Crise dos Mísseis Cubanos? —

Don perguntou. — Ou não chegou ainda nisso?

— *Que* crise dos mísseis? Tem algo a ver com Castro? — Don olhava para Wesley.

— Eu tampouco quero ver. — ele disse. — Mas não vou dormir hoje enquanto não tiver certeza, e não acho que você também irá.

— Certo. — Wesley disse, e pensou—tampouco pela primeira vez—que a curiosidade, em vez da ira, era a verdadeira perdição do espírito humano. — Você terá que fazê-lo. Minhas mãos estão tremendo demais.

Don digitou nos campos **19 DE NOVEMBRO DE 1962**. O Kindle lhe disse para aproveitar sua seleção, mas ele não aproveitou. Nenhum deles aproveitou. As manchetes eram enormes e brutas:

MORTES EM NOVA YORK PASSAM DE 6 MILHÕES
MANHATTAN DIZIMADA PELA RADIAÇÃO
RÚSSIA É DITA TER SIDO OBLITERADA
PERDAS NA EUROPA E ÁSIA SÃO “INCALCULÁVEIS”
CHINESES LANÇAM 40 MÍSSEIS BALÍSTICOS INTERCONTINENTAIS

— Desligue. — Robbie disse, em uma voz baixa e enjoada. — É como a canção diz: eu não quero ver mais nada.

— Olhem pelo lado bom, vocês dois. — Don disse. — Parece que nos esquivamos da bala na maioria dos UR, incluindo o nosso próprio. — mas sua voz não estava muito firme.

— Robbie está certo. — Wesley disse. Ele descobrira que a edição final do *New York Times* do UR 4,121,989 só tinha três páginas. E cada artigo era morte. — Desligue. Queria nunca ter visto a maldita coisa em primeiro lugar.

— Tarde demais agora. — Robbie disse.

E como ele estava certo.

***

Eles desceram as escadas juntos, e ficaram na calçada de frente ao apartamento de Wesley. A rua principal estava quase deserta agora. O vento que ascendia gemia ao redor dos prédios, e varria as últimas folhas de novembro pelas calçadas. Um trio de estudantes bêbados voltava tropeçante em direção às casas de fraternidade, cantando o que devia ser “Paradise City”.

— Não posso te dizer o que fazer—a bugiganga é sua—mas se fosse

minha, eu me livrava dela. — Don disse. — Ela vai te sugar.

Wesley pensou em dizer que já havia tido esta ideia, mas não disse.

— Falaremos disso amanhã.

— Não. — Don disse. — Vou com a esposa e os filhos para Frankfort, para um maravilhoso fim de semana de três dias na casa dos meus cunhados. Suzy Montanari vai tomar meu lugar nas aulas. E após o pequeno seminário desta noite, estou bem satisfeito em dar no pé. Robbie? Precisa de carona?

— Valeu, mas não precisa. Eu divido um apartamento com uma dupla de outros caras, dois blocos acima. Perto do Susan & Nan.

— Não é um pouco barulhento? — Wesley perguntou. Susan & Nan era o café local, e abria às seis da manhã, sete dias por semana.

— Na maioria dos dias eu consigo dormir. — Robbie mostrou um sorriso. — E também, quando se trata do aluguel, o preço é correto.

— Belo negócio. Boa noite para vocês. — Don começou a andar em direção ao seu Tercel, então se virou.

— Eu pretendo beijar meus filhos antes de deitar. A última história... — ele balançou a cabeça. — Eu poderia ter dormido sem essa. Sem ofensa, Robbie, mas enfie seu aniversário no rabo.

Eles assistiram enquanto as luzes traseiras diminuíam, e Robbie disse, pensativamente:

— Ninguém nunca me disse para enfiar meu aniversário antes.

— Estou certo de que ele não quer que você leve pelo lado pessoal. Ele provavelmente também está certo sobre o Kindle, sabe. É fascinante—fascinante *demais*—mas inútil em qualquer sentido prático.

Robbie o encarou, com os olhos bem abertos.

— Está dizendo que acesso a milhares de romances inéditos de grandes mestres do ofício é *inútil*? Caramba, que tipo de professor de inglês você é?

Wesley não tinha resposta. Especialmente quando sabia que, tarde ou não, ele provavelmente estaria lendo *Os Cães de Cortland* antes de se deitar.

— Além disso... — Robbie disse. — Ele pode não ser *totalmente* inútil. Você poderia digitar um desses livros e mandar para uma editora, já pensou nisso? Sabe, publicá-lo sob seu próprio nome. Tornar-se o próximo estouro. Eles o chamariam de herdeiro de Vonnegut, ou Rot, ou quem quer que seja.

Era uma ideia atraente, especialmente quando Wesley pensava nos rabiscos inúteis em sua pasta. Mas ele balançou a cabeça.

— Isso provavelmente violaria as Leis Paradoxais... o que quer que sejam *elas*. E mais importante, isso me comeria como ácido. De dentro para fora. —

ele hesitou, não querendo soar covarde, mas querendo articular o que sentia ser a real razão de não fazer tal coisa. — Eu me sentiria envergonhado.

O garoto sorriu.

— Você é legal, Wesley. — eles andavam na direção ao apartamento de Robbie agora, as folhas voavam ao redor de seus pés, uma lua crescente aparecia voando através de nuvens, empurradas pelo vento, acima deles.

— Você acha?

— Acho. Assim como a treinadora Silverman.

Wesley parou, pego de surpresa.

— O que você sabe sobre mim e a treinadora Silverman?

— Pessoalmente? Nada. Mas você deve saber que Josie está no time. Josie Quinn, lá da sala?

— É claro que eu conheço Josie.

Aquela que havia soado como uma antropóloga gentil enquanto eles discutiam sobre o Kindle. E sim, ele *sabia* que ela fazia parte das Suricatas. Infelizmente, uma das substitutas que normalmente entrava no jogo quando ele já estava um total desastre.

— Josie disse que a treinadora esteve muito triste desde que vocês terminaram. Irritada, também. Ela as faz correr o tempo todo, e chutou uma das garotas pra fora do time.

— Isso foi antes de terminarmos. — *De certo modo essa foi a razão pela qual terminamos,* pensou. — Hm... por acaso o time todo sabe sobre nós?

Robbie Henderson olhou para ele como se ele fosse louco.

— Se Josie sabe, todas sabem.

— Como?

Porque Ellen não teria contado para elas; informar ao time sobre sua vida amorosa não era uma coisa muito “treinadora” de se fazer.

— Como as mulheres sabem de qualquer coisa? — Robbie perguntou. — Elas simplesmente sabem.

— Você e Josie Quinn estão se vendo, Robbie?

— Estamos indo na direção certa. Boa noite, Wes. Vou dormir direto amanhã—nada de aulas na sexta-feira—mas se passar pelo Susan & Nan para almoçar, apareça e bata na minha porta.

— Acho que vou fazer isso. — Wesley disse. — Boa noite, Robbie. Valeu por ser um dos Três Patetas.

— Eu diria que o prazer foi todo meu, mas teria de pensar a respeito.

***

Ao invés de ler UR-Hemingway quando voltou, Wesley enfiou o Kindle em sua pasta. Então, ele tirou o caderno quase totalmente em branco e passou a mão sobre sua capa bonita.

Para suas ideias de livros, Ellen dissera, e tinha de ser um presente caro. Pena que fora um desperdício.

Ainda assim, eu poderia escrever um livro, ele pensou. *Só porque não aparece em nenhum dos outros URs, isso não significa que eu não poderia escrever um neste*.

Era verdade. Ele poderia ser a Sarah Palin dos escritores americanos. Porque, às vezes, apostas davam certo. Tanto pro melhor quanto pro pior.

Ele se despiu, escovou os dentes, por fim ligou para o Departamento de Inglês e deixou um recado para a secretária cancelar suas aulas matutinas.

— Obrigado, Marilyn. Desculpe jogar isso em você, mas acho que estou pegando uma gripe.

Ele adicionou uma tossida nem um pouco convincente e desligou. Achou que dormiria por horas, pensando em todos aqueles mundos, mas na escuridão, todos eles pareciam tão irreais quanto atores quando você os via em telas de cinema. Eles eram grandes lá—e, na maioria das vezes, bonitos também—mas, ainda assim, eram apenas sombras jogadas pela luz. Talvez os mundos-UR fossem assim também.

O que pareceu real nesta hora pós-meia-noite foi o som do vento, o belo som do vento contando histórias do Tennessee, onde era mais cedo nesta noite. Ninado por seu som, Wesley adormeceu longa e profundamente. Não houve sonhos e, quando ele acordou, a luz do sol transbordava em seu quarto. Pela primeira vez desde seus dias de universitário, ele dormiu até quase onze da manhã.

V – UR Local (Em Construção)

Wesley tomou um longo banho, barbeou-se, vestiu-se, e decidiu ir até o Susan & Nan para tomar um café da manhã ou almoçar mais cedo, o que parecesse melhor no cardápio. Quanto a Robbie, Wesley decidiu que deixaria o garoto dormir. Ele sairia hoje à tarde para treinar com o resto do desastroso time de futebol; com certeza ele merecia dormir até tarde. Ocorreu-lhe que, se escolhesse uma mesa perto da janela, poderia ver o ônibus do Departamento Atlético sair enquanto as garotas viajavam para o Torneio Bluegrass, a 130 quilômetros de distância. Ele acenaria. Ellen não o veria, mas ele o faria do mesmo jeito. Wesley pegou sua pasta sem sequer pensar a respeito.

Ele pediu a Mistura Sexy de Susan (cebola, pimenta, queijo mussarela) com bacon nas laterais, junto com café e suco. No momento em que a jovem garçonete trouxe sua comida, ele já sacara o Kindle e lia *Os Cães de Cortland*. Era de Hemingway, pode crer, e uma história incrível.

— Kindle, não é? — a garçonete perguntou. — Ganhei um de Natal, e adorei. Eu estou lendo todos os livros de Jodi Picoult.

— Oh, provavelmente nem todos. — Wesley disse.

— Hã? Por que não?

— Ela provavelmente já tem outro pronto. Foi isso o que eu quis dizer.

— E James Patterson provavelmente escreveu outro após levantar hoje de manhã! — ela disse, e saiu rindo.

Wesley apertara o botão **MENU PRINCIPAL** enquanto estavam falando, escondendo o romance de UR-Hemingway sem realmente pensar nisso. Sentindo-se culpado sobre o que estava lendo? Medo de a garçonete olhar e começar a berrar *Isso não é Hemingway de verdade*? Ridículo. Mas só possuir o Kindle rosa o fez se sentir trapaceiro. Não era dele, afinal de contas, e todas as coisas que ele havia baixado não eram dele, tampouco, porque não era ele quem estava pagando por elas.

Talvez ninguém esteja, ele pensou, mas não acreditava realmente nisso. Ele achou que uma das verdades universais da vida era que, cedo ou tarde, alguém sempre pagava.

Não havia nada especialmente sexy acerca de sua mistura, mas ele gostou. Ao invés de voltar para Cortland e seu cão invernal, ele acessou o menu do UR. A única função que ele ainda não havia espiado era **UR LOCAL**. Que estava **EM CONSTRUÇÃO**. O que Robbie havia dito na noite anterior? *É melhor ter*

cuidado, as multas de trânsito dobram. O garoto era afiado e poderia ser ainda mais, se não lesionasse o cérebro em jogos inúteis da Terceira Divisão de futebol. Sorrindo, Wesley iluminou **UR LOCAL** e apertou o botão de selecionar. Esta mensagem apareceu:

ACESSAR LOCAL UR ATUAL? S - N.

Wesley selecionou **S**. O Kindle pensou um pouco mais, então exibiu uma nova mensagem:

O LOCAL UR ATUAL É MOORE *ECHO* ACESSAR? S - N.

Wesley considerou a questão enquanto comia um pedaço de bacon. O *Echo* era um jornal especializado em vendas de quintal, esportes locais, e política da cidade. Os cidadãos liam essas coisas, ele supôs, mas a maioria comprava o jornal pelos obituários e entradas na Polícia. Todo mundo gostava de saber qual vizinho havia morrido ou sido preso. Pesquisar em 10,4 milhões de URs Moore, Kentucky soava bem entediante, mas por que não? Ele não estava basicamente passando o tempo, demorando a tomar o café para que pudesse ver o ônibus das jogadoras sair?

— Triste, mas é verdade. — ele disse, e iluminou o botão **S**. O que surgiu foi parecido com uma das mensagens anteriores: *UR Local é protegido por todas as Leis Paradoxais aplicáveis. Você concorda? S - N*.

Agora *isso* era estranho. O arquivo do *New York Times* não era protegido por essas tais de Leis Paradoxais, o que quer que fossem, mas seu ridículo jornal local era? Não fazia sentido, mas pareceu inofensivo. Wesley deu de ombros e selecionou **S**.

BEM-VINDO AO PRÉ-ARQUIVO *ECHO*!
SEU PREÇO É
$40.00/4 DOWNLOADS
$350.00/10 DOWNLOADS
$2.500.00/100 DOWNLOADS

Wesley pousou seu garfo no prato e franziu o cenho ante a tela. Não só o jornal local era protegido pelas Leis Paradoxais, como era caro como os diabos. Por quê? E o que diabos era um pré-arquivo? Para Wesley, isso pareceu um autoparadoxo. Ou um oximoro.

— Bem, está em construção. — ele disse. — Multas de trânsito dobram,

assim como taxas de download. Essa é a explicação. Além disso, eu não vou pagar por isso.

Não, porque a ideia persistiu que ele, algum dia, seria forçado a pagar (algum dia *em breve!*), ele escolheu a opção do meio. A próxima tela era parecida com a dos arquivos do *Times*, mas não igual; ela simplesmente pedia que ele escolhesse uma data. Para ele, isto pareceu um simples arquivo de jornal, do tipo que se poderia encontrar em um microfilme na biblioteca local. Mas se assim era, por que era tão caro?

Ele deu de ombros, digitou 5 de julho de 2008, e apertou o botão de selecionar. O Kindle respondeu imediatamente, postando esta mensagem:

APENAS DATAS FUTURAS
ESTAMOS EM 20 DE NOVEMBRO DE 2009

Por um momento, ele não entendeu. Então o fez, e o mundo subitamente se tornou super brilhante, como se algum ser sobrenatural houvesse quebrado o reostato que controlava a luz do sol. Logo, todos os barulhos dentro do café—o tilintar dos garfos, os arranhões nos pratos, a firme matraca de conversas—pareceram altos demais.

— Meu Deus. — ele suspirou. — Não é a toa que é tão caro.

Isto era demais. *Demais*. Ele foi desligar o Kindle, então ouviu os gritos do lado de fora. Ele olhou e viu o ônibus amarelo com o **FACULDADE MOORE – DEPARTAMENTO ATLÉTICO** impresso na lateral. Líderes de torcida e jogadoras se debruçavam por sobre as janelas abertas, acenando, rindo e gritando coisas como "*Vão, Suricatas!*" e "*Somos número um!*". Uma das jovens estava realmente usando uma enorme mão de espuma com o dedo indicador para cima. Os pedestres na rua principal sorriam e acenavam de volta.

Wesley levantou sua própria mão e acenou debilmente. O motorista do ônibus buzinou. Voando na traseira do ônibus, estava um pedaço de tecido pichado com a frase **AS SURICATAS VÃO DETONAR GERAL**. Wesley percebeu que o pessoal dentro do café estava aplaudindo. Tudo isto parecia estar acontecendo em outro mundo. Outro UR.

Quando o ônibus se foi, Wesley olhou para o Kindle rosa novamente. Afinal de contas, ele decidiu que queria utilizar ao menos um de seus dez downloads. Os cidadãos não se importavam muito com o corpo estudantil—o tal do padrão cidade-versus-becas—mas eles adoravam as Suricatas porque todo mundo adorava vencedores. Os resultados do torneio, pré-temporada ou não, dariam a página frontal do *Echo* de segunda-feira. Se ganhassem, ele compraria

um presente para Ellen, e se perdessem, ele compraria um presente de consolação.

— Eu vencerei de qualquer jeito. — disse, e digitou a data de segunda-feira: 23 de novembro de 2009. O Kindle pensou por um longo tempo, então produziu a página frontal de um jornal. A data era a data de segunda-feira. A manchete era enorme e negra. Wesley cuspiu café e conseguiu tirar o Kindle da mira, mesmo quando o líquido fervente ensopou sua virilha.

***

Quinze minutos mais tarde, ele caminhava pela sala de estar do apartamento de Robbie Henderson, enquanto o rapaz—que já estava acordado quando Wesley apareceu martelando na porta, embora ainda usasse os shorts e a camiseta de basquete com que dormira—olhava para a tela do Kindle.

— Temos que chamar alguém. — Wesley disse. Ele carimbava um punho numa palma aberta, e com força o bastante para deixar sua pele vermelha. — Temos que chamar a polícia. Não, espere! A arena! Ligue para Rupp e deixe uma mensagem para ela me ligar o mais rápido possível! Não, isso não. Devagar demais! Eu vou ligar para ela agora. É isso o que...

— Relaxe, Sr. Smith—Wes, quero dizer.

— Como posso relaxar? Você não *viu* aquela coisa? Está *cego*?

— Não, mas você tem que relaxar. Perdoe a expressão, mas você está se cagando de medo, e as pessoas não conseguem pensar produtivamente enquanto estão fazendo isso.

— Mas...

— Respire fundo. E lembre-se que de acordo com isto, temos quase sessenta horas.

— É fácil dizer. *Sua* namorada não vai estar naquele ônibus quando ele começar a... — então parou, porque não estava certo. Josie Quinn era do time, e de acordo com Robbie, ele e Josie estavam tendo alguma coisa.

— Desculpe. — ele disse. — Eu vi a manchete e pirei. Eu sequer paguei meu café da manhã, simplesmente corri até aqui. Eu sei que pareço que vou molhar as calças, e eu quase fiz isso. Não com café, tampouco. Graças a Deus seus colegas de quarto estão fora.

— Estou bem pirado também. — Robbie admitiu e, por um momento, eles estudaram a tela em silêncio. De acordo com o Kindle de Wesley, a edição de segunda-feira do *The Echo*, teria uma borda preta ao redor da página frontal como também uma manchete negra no topo dela. A mensagem dizia:

TREINADORA E 7 ESTUDANTES MORTAS
EM HORRÍVEL ACIDENTE DE ÔNIBUS
OUTRAS 9 EM ESTADO CRÍTICO.

A história por si só não era uma história de fato, apenas um item. Mesmo estressado, Wesley soube o porquê. O acidente havia acontecido—não, *iria* acontecer—às nove da noite do domingo. Tarde demais para relatar qualquer detalhe, embora se ligassem o computador de Robbie e entrassem na Internet, talvez—

No que ele estava pensando? A Internet não previa o futuro; apenas um Kindle rosa fazia isso. Suas mãos estavam tremendo demais para digitar 24 de novembro. Ele empurrou o Kindle para Robbie e disse:

— Você faz isso.

Robbie conseguiu, embora tenha lhe tomado duas tentativas. A história de terça-feira do *The Echo* era mais completa, mas a manchete era ainda pior:

MORTES AUMENTAM PARA 10
CIDADE E FACULDADE DE LUTO.

— Josie está... — Wesley começou.

— Sim. — Robbie disse. — Sobrevive ao acidente, mas morre na segunda-feira. Cristo.

De acordo com Antonia "Toni" Burrell, uma das líderes de torcida das Suricatas, e uma das sortudas sobreviventes no horrível acidente de ônibus deste domingo, com apenas alguns cortes e machucados, a comemoração ainda acontecia, o Troféu Bluegrass ainda estava sendo passado de mão em mão. "Estávamos cantando *We are the Champions* pela vigésima vez", disse, do hospital em Bowling Green, para onde a maioria das sobreviventes havia sido levada. "A treinadora se virou e gritou para abaixarmos a voz, e foi quando aconteceu". De acordo com o Capitão da Polícia do Estado, Moses Arden, o ônibus viajava pela Rota 139, a Estrada de Princeton, e estava a três quilômetros a oeste de Cadiz, quando um SUV dirigido por Candy Rymer, de Montgomery, chocou-se contra ele. "A Srta. Rymer estava dirigindo a uma velocidade muito grande pela Rodovia 80...", o Capitão Arden disse, "...e atingiu o ônibus na interseção." O motorista do ônibus, Herbert Allison, 58 anos, de Moore, aparentemente viu o veículo da Srta.

Rymer no último segundo e tentou desviar. Este desvio, somado ao impacto, fez o ônibus cair vala abaixo, onde capotou e explodiu...

Havia mais, mas nenhum deles queria ler.

— Certo. — Robbie disse. — Vamos pensar nisto. Primeiro, podemos ter certeza de que é verdade?

— Talvez não. — Wesley disse. — Mas Robbie... vamos pagar pra ver?

— Não. — Robbie disse. — Não, acho que não podemos fazer isso. *É claro* que não podemos. Mas Wes, se ligarmos para a polícia, não vão acreditar em nós. Você sabe disso.

— Mostraremos o Kindle a eles! Mostraremos a história! — mas até para si mesmo, Wesley soou ínfimo. — OK, e que tal isso: eu ligo para Ellen. Mesmo se não acreditar, ela pode concordar em segurar o ônibus por quinze minutos, ou mudar a rota que o tal do Allison planeja tomar.

Robbie pensou a respeito.

— É. Vale a pena tentar.

Wesley tirou o telefone da pasta. Robbie voltara a ler a história, usando o botão **PRÓXIMA PÁGINA** para acessar o resto. O telefone tocou duas vezes... três vezes... quatro. Wesley estava se preparando para deixar sua mensagem no correio de voz, quando Ellen atendeu.

— Wesley, não posso falar agora. Achei que você havia entendido...

— Ellen, escute...

— ...mas se você recebeu minha mensagem, sabe que *vamos* conversar. — ao fundo, ele podia ouvir garotas roucas e excitadas—Josie estaria entre elas—e muita música alta.

— Sim, eu recebi sua mensagem, mas temos que falar a...

— Não! — Ellen disse. — *Não temos*. Eu não vou receber suas chamadas neste fim de semana, e eu não vou escutar suas mensagens. — sua voz amoleceu. — E querido... cada uma que você deixar, só vai dificultar as coisas. Para nós, eu digo.

— Ellen, você não enten...

— Adeus, Wes. A gente se fala semana que vem. Deseje-nos sorte?

— Ellen, *por favor*!

— Tomo isso como um sim. — ela disse. — E sabe do que mais? Eu acho que ainda me importo com você, mesmo você sendo um saco.

E com essa, ela se foi.

***

Ele posicionou o dedo sobre o botão de rediscagem... então, obrigou-se a não apertá-lo. Não adiantaria. Ellen estava vestindo seu chapéu do meu-jeito-ou-nada. Era insano, mas era assim mesmo.

— Ela só vai querer falar comigo quando quiser. O que ela não percebe é que depois da noite de domingo pode não *haver* um quando quiser. Você tem que ligar para a Srta. Quinn. — em seu estado atual, o primeiro nome da menina lhe escapou.

— Josie iria pensar que eu estou brincando. — Robbie disse. — Uma história como essa, *qualquer* garota pensaria ser um trote. — ele estudava a tela do Kindle. — Sabe do que mais? A mulher que causou o acidente—que *irá* causá-lo—mal se machuca. Aposto sua matéria do próximo semestre que ela estava bêbada como um gambá. — Wesley mal ouviu isso.

— Diga a Josie que Ellen *tem* que atender minha ligação. Faça-a dizer que não é sobre nós. Diga-lhe para ela falar que é uma emer...

— Cara. — Robbie disse. — Acalme-se e escute. Está escutando?

Wesley assentiu, mas o que ele mais ouvia claramente era seu próprio coração palpitante.

— Ponto um, Josie *ainda* pensaria que estou brincando com ela. Ponto dois, ela pode pensar que *ambos* estamos. Ponto três, eu não acho que ela iria ver a treinadora Silverman, de qualquer forma, dado ao humor que a treinadora tem possuído ultimamente... e, de acordo com Josie, ela fica ainda pior em viagens de torneio. — Robbie suspirou. — Você tem que entender Josie. Ela é doce, ela é esperta, e sexy pra caramba, mas ela também é uma ratinha tímida. É meio o que eu gosto sobre ela.

— Isso provavelmente diz toneladas de coisas boas sobre seu caráter, Robbie, mas me perdoe se agora mesmo eu não der a mínima. Você me disse o que não vai funcionar; poderia me dar alguma ideia do que vai?

— Esse é o ponto quatro. Com um pouco de sorte, não teremos que contar a ninguém sobre isto. O que é bom, já que não vão acreditar.

— Elucide.

— Primeiro, precisamos usar outros dos seus downloads do *Echo*.

Robbie digitou 25 de novembro de 2009. Outra menina, uma líder de torcida que havia ficado horrivelmente queimada na explosão, morrera, acrescendo as mortes para onze. Apesar do *Echo* não dizer imediatamente tal coisa, provavelmente mais algumas morreriam antes da semana terminar. Robbie deu apenas uma rápida lida nesta história. O que ele procurava era a história que

fora emoldurada na metade inferior da primeira página:

CANDACE RYMER
ACUSADA DE HOMÍCIDIOS MÚLTIPLOS
POR ACIDENTE AUTOMOBILÍSTICO

Havia um quadrado cinza no meio da história—a foto dela, Wesley presumiu, só que o Kindle rosa não parecia ser capaz de mostrar novas fotografias. Mas não importava, porque agora ele entendera. Não era o ônibus que eles tinham que impedir; era a mulher que ia bater nele.

Ela era o ponto quatro.

VI – Candy Rymer

Às cinco horas de uma tarde cinzenta de domingo—enquanto as Suricatas arremessavam em cestas de basquete, numa parte não-tão-distante do estado—Wesley Smith e Robbie Henderson estavam sentados no modesto Chevy Malibu de Wes, observando a porta de uma casa à beira da estrada em Eddyvile, a trinta quilômetros ao norte de Cadiz. O estacionamento estava sujo de óleo e quase vazio. Havia, quase certamente, uma televisão dentro do *The Broken Windmill*, mas Wesley achou os que beberrões discriminados beberiam e assistiriam o NFL em casa. Não se precisava entrar naquele lugar para saber que era uma espelunca. A primeira parada de Candy Rymer fora ruim, mas esta segunda foi péssima.

Estacionado, levemente torto (e bloqueando o que parecia ser a saída de incêndio), estava um Ford Explorer sujo e descascado com dois adesivos na traseira. **MEU FILHO É UM ESTUDANTE DE HONRA NA INSTITUIÇÃO CORRECIONAL ESTADUAL**, um dizia. O outro era mais sucinto: **EU ME DERRETO POR JACK DANIELS**.

— Talvez devamos fazer aqui mesmo. — Robbie disse. — Enquanto ela está lá dentro, se embebedando e assistindo aos Titans.

Era uma ideia tentadora, mas Wesley balançou a cabeça.

— Vamos esperar. Ela fará mais uma parada. Hopson, lembra?

— A quilômetros daqui.

— É... —Wesley disse. — Temos tempo para matar, e vamos matá-lo.

— Por quê?

— Porque o que estamos fazendo é mudar o futuro. Ou tentar, pelo menos. Não temos ideia do quão difícil pode ser. Esperar o máximo possível aumenta nossas chances.

— Wesley, aquela garota está chapada. Ela estava bêbada quando saiu do primeiro bar em Central City, e vai estar mais ainda quando sair deste aqui. Eu não consigo vê-la consertando o carro a tempo de se encontrar com o ônibus das garotas, a sessenta quilômetros daqui. E se o *nosso* carro quebrar enquanto estivermos seguindo-a até sua última parada?

Wesley não havia pensado nisto. Agora sim.

— Meus instintos dizem para esperar, mas se você tem uma sensação forte de que devemos fazer agora, então vamos.

— A única sensação forte que tenho é uma maldita vontade de me cagar

nas calças de tanto medo. — Robbie disse. Ele se sentou. — Agora é tarde demais para qualquer outra coisa. Lá vem ela, a Miss América.

Candy Rymer emergiu do *The Broken Windmill* com um caminhar moderado. Ela deixou sua bolsa cair, abaixou-se para pegá-la, e quase caiu, xingou, pegou-a, riu, e então continuou em direção aonde seu Explorer estava estacionado, procurando as chaves enquanto andava.

Seu rosto era cheio, mas sem esconder totalmente os restos do que uma vez devia ter sido uma boa aparência. Seus cabelos, loiro nas pontas e negro nas raízes, pendiam ao redor de suas bochechas em cachos esguios. Sua barriga estufava para frente de seu jeans de cintura elástica, logo abaixo da bainha do que tinha de ser uma camiseta top da Kmart.

Ela entrou em seu SUV acabado, ligou o motor (ele soou desesperado por uma manutenção) e avançou para a saída de incêndio do bar. Houve uma pancada. Então, suas luzes traseiras acenderam e ela deu ré tão rápido que por um momento repugnante, Wesley achou que ela bateria em seu Malibu, acabando com o carro, deixando-os a pé, enquanto dirigiria em direção ao seu compromisso em Samarra. Mas ela parou a tempo, atravessou para a rodovia sem parar para olhar o tráfego.

Um momento depois, Wesley a seguia enquanto ela dirigia rumo ao leste, na direção de Hopson. E para a interseção aonde o ônibus das Suricatas chegaria em quatro horas.

***

Apesar da coisa terrível que ela estava para fazer, Wesley não pode evitar sentir um pouco de pena dela, e ele tinha a impressão de que Robbie sentia a mesma coisa. A sequência da história que eles haviam lido no *Echo* contava algo tão familiar quanto sórdido.

Candace “Candy” Rymer, quarenta e um anos, divorciada. Três fihos, agora sob a guarda do pai; Pelos últimos doze anos sua vida, fora um entra e sai em clínicas para desintoxicação. De acordo com conhecidos (ela não parecia ter amigos), ela tentara o AA, e decidira que não era para ela. Muita embromação. Fora presa por dirigir bêbada uma dúzia de vezes. Ela havia perdido a carteira após as últimas duas, mas, em ambos os casos, ela a recuperara (na segunda vez, através de uma petição especial). Ela precisava da carteira para continuar em seu emprego, na fábrica de fertilizantes em Bainbridge, ela dissera ao Juiz Wallenby. O que ela não lhe contou foi que havia perdido tal emprego seis meses antes... e ninguém checou. Candy Rymer era uma bomba de birita esperando para

explodir, e a explosão estava agora bem perto.

A história não mencionara seu endereço em Montgomery, mas não precisava. No que Wesley considerava ser uma peça brilhante de jornalismo investigativo (especialmente para o *Echo*), o repórter perseguira a última farra de Candy, no *The Pot O'Gold*, em Central City, passando pelo *The Broken Windmill*, em Eddyville, até o *Banty's Bar*, em Hopson. Lá, o barman tentara confiscar suas chaves. Sem sucesso. Candy lhe daria o dedo e iria embora, gritando "Estou farta de dar meu dinheiro para esta pocilga!" por cima do ombro. Isso seria às sete horas. O repórter teorizou que Candy deveria ter encostado em algum lugar para cochilar, possivelmente na Rota 124, antes de cortar caminho pela Rota 80. Um pouco abaixo da 80, ela faria sua parada final. Uma parada bem violenta.

***

Uma vez que Robbie pusera o pensamento em sua cabeça, Wesley continuava esperando que seu Chevrolet de confiança morresse e parasse na lateral de uma rodovia de pista dupla, uma vítima ou de péssima bateria, ou das Leis Paradoxais. As luzes traseiras de Candy Rymer desapareceriam de vista e eles gastariam as horas seguintes fazendo ligações frenéticas, mas inúteis (sempre imaginando que seus telefones funcionassem aqui, neste fim de mundo), e amaldiçoando a si mesmos por não terem inabilitado o veículo em Eddyville, enquanto tinham a chance. Mas o Malibu continuou a correr sem esforço como habitual, sem um único engasgo ou defeito. Ele permaneceu meio quilômetro atrás do Explorer de Candy.

— Cara, ela está dirigindo por toda a pista. — Robbie disse. — Talvez ela bata aquela maldita coisa antes de chegar ao próximo bar. E nos poupar do trabalho de furar seus pneus.

— De acordo com o *Echo*, isso não acontece.

— É, mas sabemos se o futuro não está gravado em pedra, não é? Talvez este seja outro UR, ou coisa assim.

Wesley não achou que a coisa funcionava assim com o UR LOCAL, mas manteve a boca calada. De qualquer forma, era tarde demais agora. Candy Rymer chegou ao Banty's sem cair em nenhuma vala ou acertar qualquer outro carro que viesse em sentido contrário, embora pudesse ter feito as duas coisas; Deus sabia que ela já chegara bem próximo disso. Quando um dos outros carros que desviou de seu caminho passou pelo Malibu de Wesley, Robbie disse:

— É uma família. Mãe, pai, três crianças brincando no banco de trás.

Foi aí que Wesley parou de sentir pena de Rymer, e começou a ter raiva dela. Era uma emoção cristalina e quente que fez sua ira de Ellen parecer insignificante em comparação.

— Aquela puta. — ele disse. Os nós de seus dedos estavam brancos ao volante. — Aquela *puta* bêbada que não dá a mínima. Eu vou matá-la se não houver outro modo de pará-la.

— Eu ajudarei. — Robbie disse, então fechou sua boca com tanta força que seus lábios quase desapareceram.

***

Eles não tiveram quee matá-la, e as Leis Paradoxais os impediram tanto quanto as leis contra dirigir bêbado impediram Candy Rymer em seu tour pelo sul de Kentucky, com suas poças de água.

O estacionamento do *Banty's Bar* era pavimentado, mas o concreto deformado parecia mais com algo que sobrara de um bombardeio em Gaza. Acima, um galo de neon piscava. Preso em uma de suas garras, estava uma caneca iluminada pela lua com XXX impresso na lateral.

O Explorer de Rymer estava estacionado quase que diretamente abaixo do tal pássaro fabuloso e seu gaguejante brilho laranja. Wesley furou os velhos pneus frontais do SUV com uma faca de cozinha que eles haviam trazido para tal expresso propósito. Enquanto o *vush* do ar que escapava o acertava, ele sentiu uma onda de alívio tão grande, que a princípio não conseguiu se levantar, apenas ficar de joelhos como um homem rezando.

— Minha vez. — Robbie disse, e um momento depois o Explorer afundou mais, enquanto o garoto furava os pneus traseiros. Houve um novo barulho de ar saindo. Ele havia esburacado o estepe, só por segurança. Wesley já estava de pé.

— Vamos estacionar na lateral. — Robbie disse. — Acho que é melhor ficarmos de olho nela.

— Eu vou fazer muito mais do que isso. — Wesley disse.

— Calma, companheiro. O que está planejando fazer?

— Não estou planejando. Estou além disso. Mas a raiva vibrando através de seu corpo sugeria algo diferente.

***

De acordo com o *Echo*, ela chamara o Banty's de pocilga ao partir, mas, aparentemente, isso fora apenas um retoque para que pessoas de todas as idades

pudessem ler. O que ela realmente jogou por cima dos ombros foi: “Estou cansada de gastar meu dinheiro nesse buraco de bosta!”, só que neste ponto ela estava tão bêbada, que a vulgaridade saiu numa pronuncia bizarra: *buradibosha*.

Robbie, fascinado ao ver a notícia do jornal tomar vida diante de seus olhos, com direito ao dedo médio levantado (o que o *Echo* formalmente se referira como “um gesto obsceno”), não fez esforço para segurar Wesley enquanto ele seguia na direção dela. Ele *realmente* disse “Espere!”, mas Wesley não esperou. Ele agarrou a mulher e começou a chacoalhá-la.

A boca de Candy Rymer caiu; as chaves, que ela estivera segurando na mão livre, caíram no piso de concreto rachado.

— *Mexota, seu bassardo!*

Wesley não soltou. Ele estapeou seu rosto com força o bastante para rasgar seu lábio inferior, então usou o outro lado do rosto dela.

— *Fique sóbria!* — ele berrou ante sua face aterrorizada. — *Fique sóbria, sua puta inútil! Arranje uma vida e pare de foder as outras pessoas! Você vai matar pessoas! Você entende isso? Você vai MATAR pessoas, porra!*

Ele a estapeou pela terceira vez, o som tão alto quanto o tiro de uma pistola. Ela se encolheu contra a lateral do prédio, chorando e levantando as mãos para proteger o rosto. Sangue escorria pelo seu queixo. Suas sombras, alongadas pelo pássaro de neon, sumiam e apareciam. Ele levantou a mão para dar uma quarta tapa—melhor estapear do que esganar, que era o que ele realmente queria fazer—mas Robbie o agarrou por trás e lutou para fazê-lo recuar.

— Pare com isso! Já chega!

O barman e alguns clientes bêbados estavam agora à porta, bocas abertas. Candy Rymer deslizou para o chão para se sentar. Ela chorava histericamente, suas mãos estavam pressionadas contra seu rosto machucado.

— Por que todos me odeiam. — ela soluçou. — Por que todos são tão malditamente malvados?

Wesley olhou para ela estupidamente, a raiva desaparecendo. O que tomou seu lugar foi uma espécie de desespero. Tinha-se que dizer que uma motorista bêbeda que causara a morte de pelo menos onze pessoas tinha de ser má, mas não havia ruindade aqui. Apenas uma viciada em álcool soluçando no concreto rachado de um estacionamento de um bar de estrada do interior. Uma mulher que, se as luzes gaguejantes do galo não estivessem mentindo, havia molhado as calças.

— Pode-se capturar a pessoa, mas não o mal. — Wesley disse. — O mal

sempre sobrevive. Isso é uma merda. Uma merda total.

— Sim, com certeza, mas vamos. Antes que eles deem uma olhada *realmente* boa em você.

Robbie o levava de volta para o Malibu. Wesley ia docilmente como uma criança. Ele tremia.

— O mal sempre sobrevive, Robbie. Em todos os URs. Lembre-se.

— Pode apostar. Dê-me as chaves. Eu vou dirigir.

— *Ei!* — alguém gritou atrás deles. — Por que diabos você bateu naquela mulher? Ela não fez nada para você! Volte aqui!

Robbie empurrou Wesley para dentro do carro, deu a volta no capô correndo, jogou-se atrás do volante e saiu rapidamente. Ele manteve o pé no acelerador até o galo gaguejante desaparecer, então desacelerou.

— E agora?

Wesley passou a mão sobre os olhos.

— Sinto muito por ter feito aquilo. — ele disse. — E ao mesmo tempo não sinto. Você entende?

— Sim. — Robbie disse. — Pode crer. Foi pela treinadora Silverman. E por Josie também. — ele sorriu. — Minha ratinha.

Wesley assentiu.

— Então, para onde vamos agora? Casa?

— Ainda não. — Wesley disse.

***

Eles estacionaram perto do fim dos campos de milho, próximos à interseção da Rota 139 e da Rodovia 80, três quilômetros a oeste de Cadiz. Eles haviam chegado cedo, e Wesley usou o tempo para ligar o Kindle rosa. Quando tentou acessar o UR LOCAL, foi recepcionado por uma mensagem, que de algum modo não lhe causava surpresa nenhuma: **ESTE SERVIÇO NÃO ESTÁ MAIS DISPONÍVEL**.

— Provavelmente para o melhor. — ele disse.

Robbie se virou para ele.

— O que disse?

— Nada. Não importa.

Ele colocou o Kindle de volta na pasta.

— Wes?

— O que foi, Robbie?

— Quebramos as Leis Paradoxais?

— Sem dúvida. — Wes disse, com alguma satisfação.

De oito e cinquenta e cinco, eles ouviram buzinas e viram luzes. Eles saíram do Malibu e foram para frente do carro esperar. Wesley observou que as mãos de Robbie estavam apertadas, e ficou feliz por não ser o único a temer que, de algum modo, Candy Rymer ainda pudesse aparecer. Faróis banharam a colina mais próxima. Era o ônibus, seguido por uma dúzia de carros cheios de torcedores das Suricatas, todos buzinando delirantemente e piscando seus faróis altos. Enquanto o ônibus passava, Wesley ouviu jovens vozes femininas cantando “We are the Champions” e sentiu um calafrio percorrer sua espinha e levantar os pelos de sua nuca.

Ele levantou uma mão e acenou.

Ao seu lado, Robbie fez o mesmo. Então, virou-se para Wes, sorrindo.

— O que me diz, Professor? Gostaria de se juntar ao desfile?

Wesley colocou uma mão em seu ombro.

— Essa parece ser uma ótima ideia.

Quando o último dos carros passou, Robbie entrou na fila. Como os outros, ele buzinou e piscou os faróis por todo o caminho de volta até Moore.

Wesley não se importou.

VII – A Polícia Paradoxal

Quando Robbie parou pela frente do Susan & Nan (onde SENHORAS SURICATAS MANDAM fora pichado na janela), Wes disse:

— Espere um segundo.

Ele deu a volta pela frente do carro e abraçou o garoto.

— Você fez bom.

— Gramaticalmente errado, mas agradeço. — Robbie enxugou os olhos, então sorriu. — Isto significa que vou ganhar um A de presente pelo semestre?

— Não, apenas um conselho. Saia do futebol. Você nunca conseguirá uma carreira, e sua cabeça merece coisa melhor.

— Devidamente anotado. — Robbie disse... o que não era um acordo, como ambos sabiam. — Vejo você na classe?

— Na terça-feira. — Wesley disse. Mas, quinze minutos depois, ele teve razões para se perguntar se *qualquer pessoa* iria vê-lo novamente.

***

Havia um carro no lugar onde ele normalmente deixava o Malibu, quando não o estacionava no Estacionamento A da faculdade. Wesley poderia ter estacionado atrás dele, mas escolheu o outro lado da rua. Algo sobre o carro o deixou desconfortável. Era um Cadillac, e à luz da lâmpada de sódio sob a qual estava parado, ele pareceu brilhante demais. A pintura vermelha quase parecia gritar *Aqui estou eu! Você gosta de mim?*

Wesley não gostou. E tampouco gostou das janelas coloridas e das calotas exageradas com emblemas dourados do Cadillac. Parecia o carro de um traficante de drogas. Se assim fosse, o traficante em questão também parecia ser um maníaco homicida. *E por que eu pensaria isso?*

— Estresse do dia, é só. — ele disse, enquanto cruzava a rua deserta com sua pasta batendo contra uma perna. Ele se inclinou. Ninguém dentro do carro. Pelo menos ele *achava* que não. Com as janelas escurecidas, era difícil ter certeza total.

É a Polícia Paradoxal. Eles vieram para me pegar.

A ideia deveria ter parecido ridícula na melhor das hipóteses, uma fantasia paranoica na pior delas, mas não pareceu nem uma coisa, nem outra. E quando se considerava tudo o que havia acontecido, talvez não fosse totalmente paranoia. Wesley estendeu uma mão, tocou a porta do carro, então a tirou de volta. A porta parecia de metal, mas era quente. E parecia estar *pulsando*. Como

se, de metal ou não, o carro estivesse vivo.

Corra.

O pensamento era tão poderoso, que ele sentiu seus lábios o falarem, mas ele sabia que correr não era uma opção. Se tentasse, um homem ou homens que pertenciam ao carro repugnante poderiam achá-lo. Este era um fato tão simples que desafiava a lógica. *Ultrapassava* a lógica. Então, em vez de correr, ele usou sua chave para abrir sua porta e subiu as escadas. Ele o fez devagar, porque seu coração batia rápido e suas pernas continuavam a ameaça de cederem. A porta de seu apartamento se abriu, a luz se espalhou pelas escadas, aterrissando num longo retângulo.

— Ah, aqui está você. — uma voz não exatamente humana disse. — Entre, Wesley de Kentucky.

***

Havia dois deles. Um era jovem, e outro era velho. O velho estava sentado no sofá, onde Wesley e Ellen Silverman haviam seduzido um ao outro para suas satisfações mútuas (êxtase, na verdade). O jovem estava sentado na poltrona favorita de Wesley, aquela onde ele sempre acabava dormindo quando já era tarde da noite, com as sobras de uma torta de queijo, um livro interessante e a luz da lâmpada certeira.

Ambos usavam longos casacos cor de mostarda, e Wesley entendeu, sem saber como, que os casacos estavam vivos. Ele também entendeu que os homens que os vestiam não eram exatamente homens. Seus rostos não paravam de *mudar*, e o que havia sob a pele era reptiliano. Ou aviário. Ou ambos.

Em suas lapelas, onde homens da lei em filmes de faroeste usariam seus distintivos, ambos usavam botões com a figura de um olho vermelho. Wesley achou que eles também estavam vivos. Aqueles olhos o observavam.

— Como você sabia que era eu?

— Senti seu cheiro. — o mais velho respondeu, e a coisa terrível foi essa: não soou como uma piada.

— O que querem?

— Você sabe por que estamos aqui. — o mais jovem disse. O mais velho deles não falou mais até o fim da visita. Ouvir um deles já era ruim o bastante. Era como ouvir a um homem cuja caixa de voz está repleta de grilos.

— Acho que sim. — Wesley disse. Sua voz estava firme, pelo menos até agora. — Quebrei as Leis Paradoxais. — ele rezou pra que não soubessem sobre Robbie, e achou que não sabiam; o Kindle fora registrado a Wesley Smith, afinal

de contas.

— Você não tem ideia do que fez. — o homem de casaco amarelo disse, numa voz meditativa. — A Torre treme; os mundos estremecem em seus cursos. A rosa sente o calafrio, como se fosse inverno.

Muito poético, mas não muito revelador.

— Que Torre? Que rosa? — Wesley podia sentir o suor surgindo em sua testa, embora ele gostasse de manter o apartamento frio. *É por causa deles*, ele pensou. *Estes rapazes são uma brasa*.

— Não importa. — seu visitante mais jovem disse. — Explique-se, Wesley de Kentucky. E faça isso bem, se quiser ver a luz do sol novamente.

Por um momento, Wesley não pôde. Sua mente estava entupida com um único pensamento: *Estou sob julgamento aqui*. Então, ele o varreu da mente. O retorno de sua raiva—uma pálida imitação do que ele sentira por Candy Rymer, mas raiva de verdade, do mesmo modo—ajudou no assunto.

— Pessoas iriam morrer. Quase uma dúzia. Talvez mais. Isso pode não significar muito para gente como vocês, mas importa para mim, especialmente já que uma delas acontece de ser a mulher pela qual estou apaixonado. E tudo por causa de uma bêbada autoindulgente que não cuida dos próprios problemas. E... — ele quase dissera *E nós*, mas fez a correção de curso necessária bem a tempo. — E eu sequer a machuquei. Estapeei-a um pouco, mas não pude evitar.

— Vocês, pessoas, *nunca* podem evitar. — a voz em sua poltrona favorita, que parecia um zumbido—e que nunca mais seria sua poltrona favorita—respondeu. — Deficiência no controle de impulso é noventa por cento o problema de vocês. Já passou pela sua mente, Wesley de Kentucky, que as Leis Paradoxais existem por uma razão?

— Eu não...

A coisa levantou a voz.

— É claro que *não pensou*. Sabemos que *não pensou*. Estamos aqui porque você *não pensou*. Não passou pela sua cabeça que uma daquelas pessoas do ônibus pode se tornar um assassino em série, alguém que assassinará dúzias, incluindo uma criança que cresceria para inventar a cura do câncer ou do Mal de Alzheimer. Não lhe ocorreu que alguma daquelas jovens poderia dar a luz ao próximo Hitler ou Stalin, ou um monstro humano que poderia matar milhões de seu povo humano neste nível da Torre. Não lhe ocorreu que você estava mexendo com eventos além de sua habilidade de compreensão!

Não, ele não considerara essas coisas mesmo. Ellen foi o que ele considerara. Enquanto que Josie Quinn fora o que Robbie considerara. E juntos

eles haviam considerado os outros. Crianças gritando, suas peles derretendo e caindo de seus ossos, talvez tendo as piores mortes que Deus pode dar ao Seu povo sofredor.

— Isso aconteceu? — ele sussurrou.

— Nós *não sabemos* o que vai acontecer. — a coisa no casaco amarelo disse. — Esse é precisamente o ponto. O programa experimental que você tolamente acessou pode ver claramente até seis meses no futuro... dentro de uma estreita área geográfica. Além de seis meses, as previsões ficam mais obscuras. Além de um ano, é tudo escuridão. Então você vê, nós não sabemos *o que* você e seu jovem amigo podem ter feito. E já que não sabemos, não há chances de reparar o dano, se houver dano.

E seu jovem amigo. Eles sabiam sobre Robbie Henderson, afinal de contas. O coração de Wesley afundou.

— Há algum tipo de poder controlando tudo isto? Há, não há? Quando eu acessei os **LIVROS UR** pela primeira vez, eu vi uma torre.

— Todas as coisas servem a Torre. — a coisa meio-humana, em casaco amarelo, disse, e tocou seu botão horrível, com uma espécie de reverência.

— Então como podem saber que eu não estou servindo-a também?

Eles não disseram nada. Apenas se entreolharam com seus olhos negros e predatórios de pássaros.

— Eu nunca pedi, vocês sabem. Quero dizer... eu pedi um Kindle, isso é verdade, mas eu nunca pedi o que recebi. Apenas veio até mim.

Houve um longo silêncio, e Wes entendeu que sua vida estava girando dentro dele. A vida como ele conhecia, pelo menos. Ele poderia continuar em algum tipo de existência, se estas duas criaturas o levassem em seu horrível carro vermelho, mas esta seria uma existência escura, provavelmente uma existência aprisionada, e ele imaginou que não manteria a sanidade por muito tempo.

— Achamos que foi um engano no envio. — o jovem disse finalmente.

— Mas vocês não sabem com certeza, sabem? Porque vocês não sabem de onde ele veio. Ou quem o mandou.

Mais silêncio. Então o mais velho dos dois disse:

— Todas as coisas servem à Torre. — ele ficou de pé, e estendeu a mão, ela brilhou e se tornou uma garra. Brilhou de novo e se tornou uma mão. — Dê para mim, Wesley de Kentucky.

Wesley de Kentucky não precisava receber uma segunda solicitação, embora suas mãos estivessem tremendo tanto que ele lutou com as travas da pasta pelo que sentiu que parecer horas. Finalmente, o topo abriu e ele passou o

Kindle rosa para o mais velho dos dois. A criatura olhou para a coisa com uma fome louca que fez Wesley ter vontade de gritar.

— Eu não acho que funciona mais, de qualquer for...

A criatura pegou o Kindle.

Por um segundo, Wesley sentiu a pele da criatura e entendeu que a carne da criatura tinha seus próprios pensamentos. Pensamentos vociferantes que corriam através de seus circuitos desconhecidos. Desta vez, ele *realmente* gritou... ou tentou. O que saiu, de fato, foi um gemido baixo e sufocado.

— Desta vez o deixaremos ir. — o mais jovem disse. — Mas se alguma coisa assim acontecer novamente... — a coisa não terminou. Não precisava. Eles se moveram até a porta, a bainha de seus casacos fazendo terríveis sons líquidos. O mais velho saiu, ainda segurando o Kindle rosa em suas mãos-garras. O outro parou por um momento, e olhou de volta pra Wesley.

— Você entende o quão sortudo é?

— Sim. — Wesley sussurrou.

— Então diga obrigado.

— Obrigado.

A coisa se foi sem dar outra palavra.

***

Ele não conseguia se sentar na poltrona que parecera—nos dias antes de Ellen—sua melhor amiga. Ele deitou-se em sua cama e cruzou os braços sobre o peito, numa tentativa de parar os tremores que o atravessavam. Deixou as luzes acesas porque não havia sentido em apagá-las. Ele teve certeza de que não dormiria por semanas. Talvez nunca mais. Começou a adormecer, então viu aqueles olhos negros e famintos, e ouviu a voz dizendo *Você entende o quão sortudo é?*

Não, dormir estava fora de cogitação. E com esse pensamento, sua consciência cessou.

VIII – Ellen

Wesley dormiu até que a caixinha de música, que tocou “Cânone em Ré Maior” de Pachelbel, o acordou às nove da manhã do dia seguinte. Se houvera sonhos (de Kindles rosas, mulheres em estacionamentos de bares, ou homens baixos em casacos amarelos), ele não se lembrava. Tudo o que sabia era que alguém estivera ligando para seu celular, e que poderia ser alguém com quem ele queria muito falar.

Ele correu para a sala de estar, mas o toque parou antes que alcançasse o telefone em sua pasta. Ele a abriu e viu o aviso: **VOCÊ TEM 1 NOVA MENSAGEM**. Ele a acessou.

— E aí, colega. — a voz de Don Allman disse. — É melhor dar uma olhada no jornal da manhã.

Isso foi tudo.

***

Ele não era mais assinante do *Echo*, mas a velha Sra. Ridpath, sua vizinha do andar de baixo, era. Ele desceu as escadas pulando de dois em dois degraus e lá estava, espetado para fora da caixa de correspondência. Ele foi pegando-o, e então hesitou.

E se seu sono profundo não houvesse sido natural? E se ele houvesse sido anestesiado de algum modo, de modo que pudesse ser levado a um UR diferente, onde o acidente houvesse acontecido no fim das contas? E se Don ligara para prepará-lo?

Supondo que ele desdobrasse o jornal e visse a moldura negra que era a versão jornalística de um funeral?

— Por favor. — ele sussurrou, incerto se era para Deus, ou para aquela misteriosa torre negra que ele estava rezando. — Por favor, faça com que eu ainda esteja no meu UR.

Ele pegou o jornal com uma mão dormente, e o desdobrou. A moldura estava lá, enquadrando a primeira folha completamente, mas era azul, em vez de negra. Azul da cor das *Suricatas*.

A foto era a maior que ele já vira no *Echo*; tomou metade da primeira página, sob uma manchete que informava **SURICATAS VENCEM O BLUEGRASS, E O FUTURO JÁZ À FRENTE!** O time estava agrupado no pódio da Arena Rupp. Três seguravam um troféu brilhante de prata. Outra—era

Josie—em cima de uma escadinha, rodopiando uma rede acima da cabeça.

À frente do time, vestida com calças e blazer azuis que invariavelmente vestia em dias de jogos, estava Ellen Silverman. Ela estava sorrindo e segurava um cartaz feito à mão que dizia **EU TE AMO WESLEY**.

Wesley levantou as mãos—uma ainda segurando o jornal sobre sua cabeça—e soltou um berro que fez um casal de crianças do outro lado da rua olhar em volta.

— Que diabo é isso? — uma delas gritou.

— Fanático por esportes! — Wesley gritou de volta, então correu de volta subindo as escadas.

Ele tinha uma ligação para fazer.

Princípios

(*Morality*, 2009)

1

CHAD SOUBE QUE ALGO ACONTECIA assim que chegou. Nora já estava em casa. Seu horário era das sete às cinco, seis dias por semana; normalmente, ele chegava da escola às quatro e jantava quando ela chegava, por volta das seis.

Ela estava sentada na escada de incêndio, aonde ele ia para fumar, e ela tinha alguns papéis na mão. Ele olhou para a geladeira e viu que o e-mail impresso tinha sido retirado dos ímãs, que haviam estado segurando-o há quase quatro meses.

— Ei, você. — ela disse. — Venha até aqui. — ela pausou. — Traga sua guimba, se quiser.

Ele havia reduzido para um maço por semana, mas isso não fazia com que ela detestasse menos seu hábito. O problema de saúde era parte da coisa, mas o gasto era uma parte ainda maior. Cada cigarro custava quarenta centavos.

Ele passou pela janela, e sentou-se, confuso. Ela havia se trocado. Usava agora jeans e uma de suas velhas blusas, portanto ela já havia chegado em casa a algum tempo. A coisa ficava cada vez mais estranha.

Eles contemplaram seu pequeno pedaço da cidade por um tempo sem se falarem. Ele a beijou, e ela sorriu de modo ausente. Ela segurava o e-mail do agente; ela também tinha uma pequena pasta onde estava escrito O VERMELHO E O NEGRO em letras maiúsculas. Era uma piadinha dele, mas não tão engraçada. A pasta continha contas e outros papéis de cunho financeiro — extratos de banco e de cartão de crédito, contas domésticas, documentos do seguro — e a linha final do balanço estava completamente vermelha. Era uma história americana hoje em dia: apenas não o bastante. Dois anos antes, eles conversavam sobre ter um filho. Agora, conversavam sobre deixar a cidade sem terem um bando de credores perseguindo seus calcanhares. Mudar-se-iam para Nova Inglaterra. Mas ainda não. Ao menos aqui eles estavam trabalhando.

— Como foi na escola? — ela perguntou.

— Bem.

Na verdade, o trabalho era uma beleza. Mas depois que Anita Biderman voltasse da licença de maternidade, quem poderia saber? Provavelmente não haveria outro emprego por lá. Ele ocupava um posto bem alto na lista dos

professores substitutos, mas isso não significava nada se todo o rol regular de professores estivesse presente e ativo. Às vezes, deitado na cama e esperando o sono subjugá-lo, ele pensava no garotinho na história de D.H. Lawrence que cavalgava seu cavalinho de brinquedo choramingando, “Tem de haver mais dinheiro!”.

— Você chegou em casa mais cedo. — ele disse. — Não me diga que Winnie morreu.

Ela pareceu espantada, então sorriu. Mas eles estavam juntos há dez anos, casados pelos últimos seis, e Chad sabia que havia algo de errado.

— Nora?

— Ele me mandou para casa mais cedo. Para pensar. Eu tenho muito em que pensar. Eu... — ela balançou a cabeça.

Ele a tomou pelos ombros e a virou para si.

— Você o quê, Norrie? Está tudo bem?

— Vá em frente, acenda-o. Acenda seu palito de fumaça.

— Diga-me o que está havendo.

Ela foi cortada da estafe do Congress Memorial Hospital dois anos antes durante uma “reorganização”. Para a sorte da corporação Chad-E-Norrie, ela caíra de pé. Conseguir o emprego como enfermeira domiciliar fora uma surpresa: um paciente, um reverendo aposentado recuperando-se de um derrame, trinta e seis horas por semana, salários muito decentes. Ela fez mais dinheiro do que ele, e por uma boa margem. As duas rendas eram quase boas o bastante para sobreviverem. Ou pelo menos até Anita Biderman voltar.

— Primeiro, vamos falar sobre isto. — ela mostrou o e-mail do agente. — O quão seguro você está?

— Que eu posso fazer o trabalho? Bem seguro. Quase positivo. Quero dizer, se eu tivesse o tempo. Quanto ao resto... — ele deu de ombros. — Está bem ali em preto e branco—nenhuma garantia.

Com as contratações congeladas nas escolas da cidade, substituir era o melhor que Chad podia fazer. Ele estava em cada lista do sistema, mas não havia posição permanente no futuro imediato. Mas tampouco o dinheiro seria melhor se tal posição surgisse—apenas mais fidedigno. Como substituto, às vezes ele passava semanas no banco.

Por puro desespero e necessidade de preencher as horas vazias enquanto Nora atendia o Reverendo Winston, Chad começou um livro que chamava de “Vivendo com os Animais: A Vida de um Professor Substituto em Quatro Escolas Citadinas”. As palavras não lhe vinham com facilidade, e em alguns dias

elas não vinham mesmo, mas no momento em que ele fora chamado para ensinar a segunda série no St. Saviour (Sr. Cardelli havia quebrado uma perna num acidente de carro), ele já terminara três capítulos. Nora recebeu as páginas com um sorriso perturbado. Nenhuma esposa quer ter o trabalho de dizer ao marido que ele está desperdiçando tempo.

Ele não estivera. As histórias que contava da vida de professor substituto eram doces, engraçadas, e por muitas vezes tocantes—muito mais interessantes do que qualquer coisa que ela já ouvira no jantar, ou quando estavam juntos na cama.

Ele finalmente encontrou um agente que aceitou dar pelo menos uma olhada nas oitenta páginas que conseguira espremer de seu velho e problemático laptop da Dell. O nome do agente possuía uma aura circense: Edward Ringling. Sua resposta às páginas de Chad foi longa em elogios e curta em promessas.

"Pode ser que eu possa lhe conseguir um contrato literário baseado nisto e um esboço do resto". Ringling havia escrito. "Mas seria um contrato muito pequeno. Provavelmente envolveria menos do que você ganha como professor. O que eu sugiro é que você termine mais sete ou oito capítulos, possivelmente o livro inteiro. Então, eu poderei leiloar sua obra e lhe conseguir um acordo muito melhor".

Fazia sentido, Chad supôs, se se estivesse contemplando o mundo literário de um confortável escritório em Manhattan. Não muito se se estivesse pulando de bairro em bairro, ensinando uma semana aqui e três dias ali, tentando se manter à frente das contas. A carta de Ringling havia chegado em maio. Agora era setembro, e embora Chad houvesse tido alguns bons meses ensinando no verão (Deus abençoe os burros, ele às vezes pensava), ele não adicionara uma única página ao manuscrito. Não foi por preguiça; ensinar, mesmo apenas como substituto, era como ter um par de cabos de *bungee jumping* presos a alguma parte critica de seu cérebro.

— O quanto demoraria pra você terminá-lo? — Nora perguntou. — Se escrevesse o dia todo?

Ele tirou um de seus cigarros e o acendeu. Sentiu uma grande vontade de dar uma resposta otimista, mas a dominou. O que quer que estivesse acontecendo com ela, Norrie merecia a verdade.

— Oito meses, no máximo.

— E quanto dinheiro acha que surgiria desse leilão do Sr. Ringling?

Quanto a isto, Chad fizera seu dever de casa.

— Acho que antecipadamente na casa dos cem mil.

Um novo começo em Vermont, esse era o plano. Fora sobre isso que conversaram na cama. Uma cidade pequena, talvez na região nordeste. Ela poderia arrumar algo no hospital local, ou outro paciente particular; ele poderia conseguir uma posição fixa como professor. Ou talvez apenas escrever outro livro.

— Nora, do que estamos falando?

— Eu tenho medo, mas vou lhe contar. Loucura ou não, vou contar. Porque o número que Winnie mencionou era maior do que cem mil. Só que tem uma coisa: não vou desistir de meu emprego. Ele disse que eu poderia mantê-lo, não importa o que decidamos, e nós precisamos daquele emprego.

Ele se virou para o cinzeiro de alumínio que mantinha sob o peitoril da janela, e bateu nele com seu cigarro. Então, tomou a mão dela.

— Conte-me.

Ele escutou com espanto, mas não com descrença. Ele meio que desejou poder não acreditar, mas não conseguiu.

***

O que ela realmente sabia sobre o Reverendo George Winston? Que ele era um solteiro de longa data, que três anos após se aposentar da Segunda Igreja Presbiteriana de Park Slope (onde ainda constava lista como Pastor Emeritus), sofrera um derrame. Aquele derrame o deixara parcialmente paralisado do lado direito, e em necessidade de cuidados. Ela não sabia muito mais.

Ele já podia ir ao banheiro (e, nos dias bons, à sua cadeira de balanço da varanda) com a ajuda de uma escora de plástico que evitava seu joelho ruim de desregular. E ele podia falar bem novamente, embora às vezes sofresse do que Nora chamava de “língua adormecida”. Nora possuía experiência anterior com vítimas de derrames (foi o que lhe garantiu este emprego), e ela possuía grande admiração pelo quão longe ele chegara em tão pouco tempo.

Além dos deveres de enfermeira, como lhe dar pílulas e monitorar sua pressão sanguínea, ela trabalhava como terapeuta física. Também era massagista e ocasionalmente—quando ele tinha cartas para escrever—secretária. Ela fazia as compras e às vezes lia para ele. E também não estava acima de um leve trabalho doméstico nos dias em que a Sra. Granger não aparecia. Nesses dias, ela fazia sanduíches e omeletes para o almoço, e supôs que fora durante tais almoços que ele absorvera os detalhes de sua vida—e o fizera sem Nora sequer perceber o que estava acontecendo.

— A única coisa que me lembro de ter dito... — contou a Chad. — ...e

provavelmente apenas porque ele a mencionou hoje, foi que nós não estávamos vivendo na miséria, pobreza ou sequer desconforto. Era o medo dessas coisas que nos puxava para baixo.

Chad sorriu.

Nesta manhã, Winnie recusara tanto o banho de esponja quanto a massagem. Ao invés disso, ele pedira que ela trouxesse sua escora e o ajudasse a entrar em seu escritório, o que era relativamente uma longa marcha para ele, certamente mais longínqua do que a jornada à sua cadeira de balanço na varanda. Ele conseguiu chegar até lá e desabou na cadeira atrás de sua mesa, arfando e com o rosto corado. Ele drenou o suco de laranja que ela lhe deu numa única viagem do copo.

— Obrigado, Nora. Quero falar com você agora. Muito seriamente.

Ele deve ter sentido a apreensão dela, porque sorriu e fez um gesto de dispensa.

— Não é sobre seu emprego. Você o terá, não importa o quê. Se o quiser. Se não, cuidarei para que você tenha uma referência que não possa ser vencida.

— Você está me deixando nervosa, Winnie. — ela dissera.

— Você gostaria de ganhar duzentos mil dólares?

Ela ficou boquiaberta. Ao redor deles, altas prateleiras de livros avançados franziram o cenho. O barulho das ruas estava abafado. Até parecia que pertenciam a outro lugar. Outro lugar mais quieto do que o Brooklyn.

— Se você acha que isso é sobre sexo—ocorreu a mim que talvez pense isso—asseguro-lhe de que não é. Ao menos, acho que não; se alguém olhar abaixo da superfície, e se esse alguém houver lido Freud, suponho que qualquer ato extravagante possa ser rotulado como de base sexual. Quanto a mim, não sei. Eu não estudo Freud desde o seminário, e mesmo assim era por pura obrigação. Freud me ofende. Ele pareceu achar que qualquer sugestão de profundidade da natureza humana era uma ilusão. Parecia dizer que o que você vê como uma piscina, não passa de uma poça. Eu discordo. A natureza humana não possui fundo. Ela é tão contínua e misteriosa como a mente de Deus.

— Com todo o respeito, não estou certa de que acredito em Deus. E não estou certa de que esta é uma proposta que quero ouvir.

— Mas se não ouvi-la, não saberá o que é. E sempre se perguntará.

Ela não tinha certeza do que fazer ou falar. O que ela pensou foi, “Essa mesa na qual ele está sentado deve ter custado milhares”. Foi a primeira vez que realmente fez a conexão dele com dinheiro.

— O que ofereço deve ser o bastante para pagar todas as suas contas, o

bastante para que seu marido possa terminar seu livro—o bastante, talvez, para começarem uma vida nova em... em Vermont, você disse?

— Sim.

— Grana, Nora. Sem que a receita federal precise ser envolvida. — ele tinha feições longas e um alvo cabelo lanoso. O rosto de uma ovelha, ela sempre pensara, até hoje. — Grana não causa problemas se for colocada lentamente no fluxo da conta de alguém. E também, assim que o livro de seu marido for vendido e você estiver estabelecida em New England, nós nunca mais nos veremos. — ele fez uma pausa. — Embora pudéssemos. Essa parte caberá a você. E por favor, relaxe. Você está tão reta e dura quanto um pau.

Foi o pensamento dos duzentos mil que a manteve no aposento. Duzentos mil dólares em grana. Ela percebeu que poderia realmente enxergar a coisa: notas enfiadas em um envelope fechado à manilha. Ou talvez fossem necessários dois envelopes para segurar tanto.

— Deixe-me falar um pouco. — ele disse. — Eu não tenho feito isso muito, tenho? Na maior parte, eu só ouvi. É a sua vez de ouvir, Nora. Pode fazer isso?

— Suponho que sim. — ela estava muito curiosa. Supôs que qualquer pessoa ficaria. — Quem você quer que eu mate?

Era uma piada, mas assim que ela saiu de sua boca, teve medo de que fosse verdade. Porque ela não havia soado como uma piada. Não mais do que os olhos naquele longo rosto de ovelha pareciam olhos de ovelha.

Winnie riu. Então, falou...

— Não assassinato, minha querida. Não precisaremos ir tão longe.

***

Ele, então, falou como nunca havia falado antes... pra qualquer outra pessoa, provavelmente.

— Cresci numa família rica de Long Island—meu pai era bem-sucedido no mercado. Ele sobreviveu à minha mãe, mas por apenas cinco anos, e quando faleceu, herdei um grande montante de dinheiro, a maioria em ações e comércio. Com o passar do tempo, converti uma pequena porcentagem daquela grana, um pouquinho de cada vez. Não era um pé de meia, porque eu nunca precisei de um, mas o que eu chamo de pé de desejos. Ele se encontra num cofre de Manhattan, e é essa grana que eu lhe ofereço, Nora. De fato, pode ser que a quantia esteja mais próxima de duzentos e quarenta mil, mas não vamos nos ater a esses detalhes, vamos?

“Minha vida foi—e digo isso sem orgulho, nem vergonha—de serviços banais. Usei minha igreja para ajudar os pobres, em ambos os outros bairros e nesta comunidade. O centro de AA rua acima foi ideia minha, e ajudou centenas de alcoólatras e viciados. Confortei os doentes e enterrei os mortos. Por outro lado mais alegre, realizei mais de mil casamentos, e inaugurei uma bolsa de estudos que mandou vários meninos e meninas para a faculdade que não poderiam pagar por conta própria.

“Tenho apenas um arrependimento: em todos os meus anos, nunca cometi um dos pecados dos quais passei a vida inteira alertando meu rebanho. Eu nunca fui um homem concupiscente, e já que nunca fui casado, nunca tive a oportunidade de cometer adultério. Não sou guloso por natureza, e embora eu goste de conforto, nunca fui ganancioso ou ambicioso. E por que eu seria, quando meu pai me deixou quinze milhões de dólares? Eu trabalhei duro, para manter meu temperamento, nunca invejei ninguém—talvez, exceto, Madre Teresa—e tenho pouco orgulho de posses ou posição que ocupo.

“Não estou clamando que não sou pecador. Não mesmo. Aqueles que podem dizer (e suponho que sejam poucos) que nunca pecaram em atos ou palavras dificilmente podem dizer que jamais pecaram em pensamento, podem? A igreja cobre cada falha. Falamos sobre o paraíso, então fazemos as pessoas entenderem que não há esperança de alcançá-lo sem nossa ajuda... Porque ninguém está livre do pecado, e a recompensa pelo pecado é a morte.

“Suponho que isto me faz soar como um ateu, mas criado como fui, descrença é tão impossível para mim quanto levitação. Ainda assim, eu entendo a natureza falsa da barganha, e os truques psicológicos que os fiéis usam para assegurar a prosperidades dessas crenças. O chapéu chique do Papa não lhe foi conferido por Deus, mas por homens e mulheres pagando com dinheiro fruto de uma chantagem teológica.

“Vejo que você está incomodada, por isso vou direto ao ponto. Eu quero cometer um grande pecado antes de morrer. Um pecado não de pensamentos ou de palavras, mas de ações. Isto esteve em minha mente—crescendo nela—antes de meu derrame, mas pensei que era uma loucura que passaria. Agora vejo que não é assim, porque a ideia se manteve comigo mais do que nunca pelos últimos três anos. Mas que grande pecado um velho preso a uma cadeira de rodas poderia cometer, eu me perguntei? Então, escutando você falar sobre o livro de seu marido e sua situação financeira, ocorreu a mim que eu poderia pecar de carona. Na verdade, eu poderia dobrar meu quociente de pecados, pra falar a verdade, ao transformá-la em meu acessório”.

— Eu acredito em más ações, Winnie, mas não acredito em pecado. — ela falou, de boca seca.

Ele sorriu, e era um sorriso benevolente. E também desagradável: lábios de ovelha, dentes de lobo.

— Tudo bem. Mas o pecado acredita em ti. E... você sabe o que dobra o pecado?

— Não. Eu não vou à igreja.

— O que o dobra é dizer a si mesmo, “Vou fazer isto porque sei que poderei rezar por perdão assim que terminar”. É dizer a si mesmo que você pode ter seu bolo e comê-lo também. Eu quero saber como é estar tão atolado no pecado. Eu não quero chafurdar—eu quero mergulhar no meu limite.

— E me arrastar consigo! — ela disse, com real indignação.

— Mas você não acredita em pecado, Nora, você mesma disse. De seu ponto de vista, tudo o que quero é que você se suje um pouquinho. E se arrisque, suponho, embora o risco deva ser pouco: por tais coisas, eu lhe pagarei duzentos mil dólares.

O rosto e as mãos dela pareciam ter acabado de sair de uma longa marcha num lugar frio. Ela não faria, é claro. O que ela faria era sair desta casa e pegar um ar fresco. Não pediria demissão, ou pelo menos não imediatamente, porque precisava do trabalho, mas ela sairia. E se ele a demitisse por desertar seu posto, tudo bem. Mas antes, ela queria ouvir o resto.

— O que você quer que eu faça?

***

Chad acendeu outro cigarro.

— O que era?

Ela fez um gesto com os dedos.

— Dê-me uma tragada.

— Norrie, você não fuma há cinco...

— Dê-me uma tragada, eu disse.

Ele passou o cigarro. Ela tragou profundamente, tossiu com a fumaça, então lhe contou o resto.

***

Ela permaneceu acordada naquela noite, certa de que ele dormia, e por que não? A decisão fora tomada. Ela diria a Winnie que não, e nunca mencionaria a

ideia novamente. Decisão tomada; segue o sono.

Ainda assim, ela não ficou inteiramente surpresa quando ele se virou para ela e disse:

— Não consigo parar de pensar nisto.

E nem ela.

— Eu faria, sabe. Por nós. Se...

Agora, eles se encaravam, rostos separados por centímetros. Perto o bastante para sentirem o hálito um do outro. Eram duas da manhã: *a hora da conspiração, se é que havia alguma*, ela pensou.

— Se o quê?

— Se eu achasse que isso não mancharia nossas vidas. Algumas manchas não saem.

— É uma questão controversa, Nor. Nós decidimos. Você banca a Sarah Palin e diz "obrigada, mas não, obrigada" praquela ponte a lugar nenhum. Eu vou dar um jeito de terminar o livro sem a ideia psicótica dele de proposta.

— Quando? Na sua próxima licença sub-remunerada? Acho que não.

— Está decidido, ele é louco. Fim. — ele rolou para longe dela. Silêncio desceu. No andar de cima, a Sra. Reston—cuja foto pertencia ao dicionário ao lado da palavra "insônia"—caminhou de um lado pro outro. Em algum lugar, talvez no mais fundo e escuro de Gowanus, uma sirene gemeu.

Quinze minutos se passaram antes que Chad falasse para a ponta da mesa e para o relógio digital, que agora informava 2:17AM.

— Sem falar que teríamos que confiar nele sobre o dinheiro, e não se pode confiar num homem cuja última ambição em vida é cometer um pecado.

— Mas eu confio nele. — ela disse. — É em mim mesma que não confio. Vá dormir, Chad. Este assunto está encerrado.

— Concordo totalmente. — ele disse.

O relógio informava 2:26AM quando ela disse:

— Poderia ser feito. Tenho certeza. Eu poderia mudar a cor de meu cabelo. Usar um chapéu. Óculos escuros, é claro. E teria de haver uma rota de fuga.

— Está seriamente...

— Não sei. Eu teria que trabalhar quase três anos pra conseguir duzentos mil dólares, e depois que o governo e os bancos molhassem seus bicos, não sobraria nada. Sabemos como isso funciona.

Ela ficou quieta por um minuto, olhando para o teto acima por onde a Sra. Reston fazia suas lentas caminhadas.

— E se você fosse atropelado? Ou se acabasse aparecendo um cisto no

meu ovário?

— Estamos bem cobertos.

— Todo mundo diz isso, mas o que todo mundo sabe é que eles te fodem no drive-thru. Com isto, podemos ter certeza. É nisso que fico pensando. Certeza!

— Duzentos mil dólares deixam minhas esperanças financeiras acerca do livro diminutas, não acha? Pra que se incomodar?

— Porque seria uma vez na vida. E o livro seria algo limpo.

— Limpo? Acha que isto faria o livro ser algo limpo? — ele rolou para ela e a encarou. Parte dele endureceu, então, talvez, a coisa fosse sobre sexo. Quem poderia saber de tais coisas? Quem iria querer saber?

— Você acha que vou conseguir outro emprego como o de Winnie?

Ele nada disse a isto, o que já era uma resposta.

— E eu não estou ficando mais jovem. Farei trinta e seis em dezembro. Você me levará para jantar no meu aniversário, e uma semana depois vou receber meu verdadeiro presente: uma cobrança do empréstimo do carro.

— Você está me culpando por...

— Não. Eu sequer estou culpando o sistema. Culpar é contraprodutivo. E eu contei a verdade a Winnie: eu não acredito em pecado. Mas também não quero ir para a cadeia. — ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas. — Eu não quero machucar ninguém, tampouco. Especialmente um...

— Você não vai.

Ele começou a se virar, mas ela o pegou pelos ombros.

— Se fizéssemos isto—se eu fizesse—poderíamos nunca mais falar a respeito. Nenhuma vez.

— Não.

Ela se moveu para mais perto dele. Em casamentos, acordos eram selados com mais do que um aperto de mãos. Ambos sabiam disto.

***

O relógio marcava 2:58AM. Lá fora, um caminhão do lixo passou sussurrando. Ele estava quase adormecendo, quando ela disse:

— Você conhece alguém com uma câmera de vídeo? Porque ele quer...

— Charlie Green tem uma.

Depois disso, silêncio. Exceto pela Sra. Reston, ainda caminhando lentamente para lá e para cá acima deles. A Sra. Reston pacientemente fazendo estas caminhadas noturnas. Então, Nora caiu no sono.

***

A mãe dela nunca fora muito de ir à igreja, mas Nora participava todo verão das Férias da Escola da Bíblia, e gostava. Havia jogos, canções e historinhas feitas de cartolina. Ela encontrou-se rememorando uma dessas histórias no dia seguinte, no escritório de Winnie.

— Eu não teria que machucar... você sabe, a pessoa... pra conseguir o dinheiro? — ela perguntou. — Eu quero que isto esteja muito claro.

— Não, mas espero ver sangue escorrer. Deixe-me ser claro sobre isso. Eu quero que você use seu punho, um lábio cortado ou um nariz ensanguentado será suficiente.

Na história, a professora colocava uma montanha na cartolina. Então, Jesus. Depois, o diabo. A professora dissera que o diabo havia levado Jesus montanha acima e lhe mostrara todas as cidades da Terra. "Você pode ter tudo nessas cidades", o diabo dissera. "Cada tesouro. Tudo o que você tem a fazer é cair de joelhos e me adorar". Mas Jesus era um cara que gostava de ficar de pé. Jesus disse "obrigado, mas não, obrigado".

— Pecado. — ela meditou. — É isso o que você tem em mente.

— Pecado puro. Deliberadamente planejado e executado. Não acha a ideia excitante?

— Não. — ela disse, olhando para a mal-encarada estante de livros.

Winnie deixou algum tempo passar, então disse...

— Bem?

— Se eu for pega, ainda terei o dinheiro?

— Se cumprir a sua parte do acordo—e não me implicar, é claro—certamente você o terá. E mesmo que você seja presa, o pior que pode acontecer é uma condicional.

— Além de uma avaliação psiquiátrica recomendada pela corte. — ela disse. — O que eu provavelmente preciso por sequer considerar esta ideia.

— Se continuar do jeito que está, querida, você precisará de um terapeuta de casais, no mínimo. Em meu tempo como reverendo, aconselhei vários casais, e embora preocupações financeiras não fossem sempre a raiz da causa de seus problemas, quase sempre era. Simples assim. — Winnie disse.

— Agradeço o benefício de sua experiência, Winnie.

Ele ficou calado.

— Você é louco, sabe.

Ainda assim, ele nada disse.

Ela olhou para os livros por mais um tempo. A maioria sobre religião. Finalmente se virou para encará-lo.

— Se eu fizer isto e você me foder, vou fazê-lo se arrepender.

Ele não demonstrou qualquer desconforto ante o palavreado dela.

— Vou honrar meu compromisso. Pode ter certeza disso.

— Você fala quase perfeitamente agora. Nem mesmo um balbucio, a não ser que fique cansado.

Ele deu de ombros.

— Estar comigo treinou sua audição. É como entender uma nova linguagem, eu suponho.

Ela voltou a encarar os livros. Um deles se chamava “O Problema do Bem e do Mal”. Outro, tinha o título de “A Base dos Princípios”. Ele era bem grosso. No corredor, um velho relógio batia firmemente. Finalmente, ele disse novamente:

— Bem?

O relógio continuava seu tique-taque. Sem encará-lo, ela disse:

— Se disser “bem” de novo, dou o fora daqui.

Ele não disse “bem” ou qualquer outra coisa. Ela olhou para as próprias mãos, contorcendo-se na altura de sua cintura. A coisa apavorante: parte dela ainda estava curiosa. Não sobre o que ele queria—as cartas já estavam na mesa —mas acerca do que ela queria.

Finalmente, ela levantou a cabeça e deu sua resposta.

— Excelente. — ele respondeu.

***

Com a decisão tomada, nem Chad ou Nora quiseram o ato em si pendendo acima de suas cabeças; a coisa toda produziria uma grande sombra. Eles escolheram o Forest Park no Queens. Chad pegou emprestada a câmera de Charlie Green e aprendeu como manuseá-la. Eles foram duas vezes de antemão ao parque (em dias chuvosos, quando estava quase sempre vazio), e Chad gravou a área que haviam escolhido. Ele transaram muito durante aquele período— transas nervosas, transas desajeitadas, mas normalmente boas transas. Quentes, pelo menos. Nora descobriu que seus outros maiores apetites estavam diminuindo. Nos dez dias que se passaram entre o acordo e a manhã em que executou sua parte da barganha, ela perdera quatro quilos. Chad disse que ela começava a parecer uma adolescente de novo.

***

Num ensolarado dia do começo de outubro, Chad estacionou seu velho Ford na Avenida Myrtle. Nora estava sentada ao seu lado, seu cabelo pintado de vermelho e pendendo acima dos ombros, parecendo completamente o oposto dela, numa longa saia e uma feiosa blusa marrom. Ela usava óculos escuros e um boné dos Mets. Ela parecia calma o suficiente, mas quando ele tentou tocá-la, ela se assustou.

— Nor, vamos...

— Você cuidou do táxi?

— Sim.

— E o saco para colocar a câmera?

— Sim, é claro.

— Então me passe as chaves do carro. Vejo você em casa.

— Tem certeza que pode dirigir? Porque sua reação a algo como isto...

— Ficarei bem. Dê-me as chaves. Espere aqui por quinze minutos. Se der algo de errado... se alguma coisa parecer errada, eu voltarei. Se eu não voltar, vá para o lugar que escolhemos. Você se lembra qual é?

— É claro que eu lembro!

Ela sorriu—mostrando seus dentes e covinhas.

— Esse é o espírito. — ela disse, e se foi.

Foi uma longa e dolorosa espera de quinze minutos, mas Chad esperou cada um deles. Garotos usando capacetes passaram pedalando. Mulheres passeavam em pares, muitas com sacos de compras. Ele viu uma senhora laboriosamente cruzando a avenida, e por um momento ele pensou que fosse a Sra. Reston, mas quando ela passou, viu que não era. Esta mulher era muito mais velha que a Sra. Reston.

Quando os quinze minutos haviam quase se passado, ocorreu-lhe—de modo sensato e racional—que ele poderia pôr um fim a isso dirigindo para longe. A chave extra estava escondida debaixo do estepe. No parque, Nora procuraria por ele e não o acharia. Seria ela quem tomaria o táxi de volta para o Brooklyn. E quando chegasse lá, ela o agradeceria. Ela diria, “Você me salvou de mim mesma”.

Depois disso? Um mês de férias. Nada de ensinar. Ele concentraria todas as forças em terminar o livro. Jogaria tudo pra cima.

Ao invés disso, ele saiu e caminhou pelo parque com a câmera de Charlie Green em mãos. O saco que a envolveria depois estava enfiado no bolso de seu

blusão. Ele checou três vezes para certificar-se de que a luz verde da câmera estava ligada. O quão terrível seria fazer tudo isso e descobrir que ele nunca ligara a câmera. Ou que não tirara a tampa da lente.

Nora estava sentada num banco do parque. Quando o viu, ela varreu o cabelo do lado esquerdo de seu rosto para trás. Era o sinal: Estava valendo.

Atrás dela, estava o playground—balanços, um carrossel movido a empurrões, gangorras, cavalinhos presos a molas, esse tipo de coisa. A esta hora, havia apenas algumas crianças brincando. As mães estavam agrupadas no lado oposto, conversando e rindo, não prestando muita atenção às crianças.

Nora levantou-se do banco.

Duzentos mil dólares, ele pensou, e ergueu a câmera na altura dos olhos. Agora que estava valendo, ele se sentiu calmo.

2

De volta ao apartamento, Chad correu pelas escadas. Ele tinha certeza de que ela não estaria lá. Ele a viu correr a toda velocidade, e as mães mal deram uma olhada nela—elas estavam concentradas na criança que ela havia escolhido, um menino de talvez quatro anos—mas ainda assim, ele não tinha certeza de que ela estaria lá e que receberia uma ligação lhe dizendo que sua esposa encontrava-se numa delegacia, onde se desmanchara e contara tudo, incluindo sua participação na coisa. Pior, a participação de Winnie, assim assegurando que tudo fora por nada.

Sua mão tremia tanto que ele não conseguiu inserir a chave na fechadura; ela foi vibrando loucamente ao redor da fissura sem sequer chegar perto. Ele estava preparado para colocar o saco de papel com a câmera no chão (agora muito amassado), para que pudesse usar sua mão esquerda parar firmar a direita, quando a porta foi aberta.

Nora usava agora um jeans rasgado e uma blusa de seda, as roupas que ela usara antes estavam debaixo destas. O plano fora que ela se trocaria dentro do carro antes de dirigir. Ela disse que poderia fazer isso rapidamente, e aparentemente estivera certa.

Ele jogou os braços ao redor dela e a abraçou tão forte, que ouviu o baque do choque do corpo dela contra o seu—não foi exatamente um abraço romântico.

Nora ficou assim por um momento, então disse:

— Saia do corredor. — e enquanto a porta para o mundo exterior era

fechada, ela disse: — Você gravou? Diga-me que gravou. Eu fiquei aqui por quase meia hora enlouquecendo.

— Eu fiquei preocupado também. — ele varreu o cabelo da testa, onde sua pele estava quente e febril. — Norrie, fiquei assustado pra caramba.

Ela arrebatou o saco de suas mãos, olhou seu interior, então o encarou. Ela havia se livrado dos óculos de sol e seus olhos azuis queimavam.

— Diga-me que você gravou.

— Sim. Isto é, acho que sim. Devo ter gravado. Eu ainda não olhei. — o olhar dela ficou mais quente.

— É melhor ter gravado. É melhor ter. O tempo em que não fiquei dando voltas aqui, passei no banheiro. Eu continuo tendo essas câimbras... — ela foi até a janela e olhou. Ele se juntou a ela, com medo de que ela soubesse algo que ele não sabia. Mas só havia os pedestres usuais indo e vindo. Ela se virou para ele novamente e pegou seus braços. As palmas dela estavam frias como as de um cadáver. — Ele está bem? O garoto? Você viu se ele ficou bem?

— Ele está bem. — Chad disse.

— Você está mentindo? — ela estava berrando. — É melhor não estar!

— Ele está bem, eu disse. Já estava se levantando antes mesmo das mães chegarem até lá. Berrando alto, mas eu sofri coisa pior quando era da idade deles, quando levei uma porrada do balanço atrás da cabeça. Eu tive que ir para a sala de emergência e recebi cinco pon...

— Eu o acertei muito mais forte do que pretendia. Eu fiquei com tanto medo que se eu recuasse o soco... se Winnie visse que recuei... ele não iria pagar. E a adrenalina... Cristo! É incrível que eu não tenha partido a cabeça daquele pobre garoto! Por que eu fiz isto! — mas ela não estava chorando, e não parecia estar cheia de remorsos. Ela parecia furiosa. — Por que me deixou fazer isso?

— Eu nunca...

— Você realmente o viu se levantar? Porque eu o acertei com muito mais força do que eu... — ela se afastou dele, foi até a parede, e bateu a testa contra ela, depois se virou. — Eu fui até um playground e soquei uma criança de quatro anos na boca! Por dinheiro!

Ele teve uma inspiração.

— Acho que está na fita. O menino se levantando, quero dizer. Você verá por si mesma.

Ela cruzou novamente a sala, correndo.

— Ponha! Eu quero ver!

Chad achou o cabo que Charlie lhe dera. Então, depois de algumas

apalpadas, ele colocou a fita. Ele de fato havia gravado a criança ficando de pé logo antes de desligar a coisa e sair andando. O garoto parecia espantado, e é claro que chorava, mas parecia bem. Seus lábios sangravam muito, mas o nariz só um pouco. Chad achou que ele podia ter machucado o nariz ao cair.

Nada pior do que um pequeno acidente no playground, ele pensou.

Milhares deles acontecem todo dia.

— Viu? — ele perguntou. — Ele está b...

— Coloque de novo.

Ele o fez. E quando ela pediu para que ele repetisse uma terceira vez, uma quarta, e uma quinta, ele o fez também. Em certo ponto, percebeu que ela já não mais assistia ao garoto se levantar. E nem ele. Eles assistiam ele cair. E o soco. O soco descarregado por uma vadia louca de cabelos ruivos e óculos escuros. Aquela que apareceu, fez o que tinha que fazer, e saiu correndo com sebo nas canelas.

— Acho que arrebentei um dos dentes dele? — ela disse.

— Boas novas para a Fada dos Dentes. — ele deu de ombros.

— Eu quero tirar a tinta do cabelo. — ela disse, depois do quinto replay. — Eu odeio.

— Certo...

— Mas primeiro, leve-me ao quarto. Não discuta. Apenas faça.

***

Ela continuou a falar para ele ir com mais força, quase o prendendo com seus quadris nervosos, como se ela estivesse tentando dar um pinote para derrubá-lo. Mas ela não estava chegando ao ponto.

— Bata em mim. — ela disse.

Chad deu uma tapa nela. Ele estava além da racionalidade.

— Você pode fazer melhor do que isso. Bata em mim, caralho!

Ele bateu mais forte. O lábio inferior dela se abriu. Ela passou os dedos pelo sangue. Enquanto o fazia, ela gozou.

***

— Mostre a mim. — Winnie disse. Este foi o dia seguinte. Eles estavam em seu escritório.

— Mostre-me o dinheiro. — uma frase famosa. Ela só não conseguia se lembrar de onde.

— Depois que eu vir o vídeo.

A câmera ainda estava no saco amassado. Ela a tirou, junto com o cabo. Ele tinha uma pequena TV no escritório, e ela conectou o cabo a ela. Apertou o play, e eles olharam a mulher com o boné dos Mets sentar no banco do parque. Atrás dela, algumas poucas crianças brincavam. Atrás delas, mamães conversavam sobre merda: roupas, peças que haviam visto ou iriam ver, o novo carro, as férias seguintes. Blá blá blá.

A mulher se levantou do banco. A câmera deu um zoom tremulamente. A tela oscilou um pouco, então se firmou. Nora pausou o botão. Esta foi ideia de Chad, e ela concordara. Ela confiava em Winnie, mas só até agora.

— O dinheiro.

Winnie tirou uma chave do bolso de seu suéter de lã. Ele a usou para abrir a gaveta central de sua mesa, trocando para a mão esquerda quando a direita parcialmente paralisada não conseguiu girá-la.

Não era um envelope, afinal. Era uma caixa dos correios de tamanho médio. Ela olhou seu interior e viu centenas de maços, cada um seguro por uma liga de borracha.

— Está tudo aí, mais algum extra. — ele disse.

— Tudo bem. Assista ao que você comprou. Tudo o que tem a fazer é apertar play. Vou estar na cozinha.

— Não quer assistir comigo?

— Não.

— Nora. Você mesma parece que sofreu um pequeno acidente. — ele cutucou o canto da própria boca, o lado que estava levemente caído.

Acaso ela pensara que ele tinha o rosto de uma ovelha? Como ela fora estúpida. Como fora desatenta. Tampouco era o rosto de um lobo, não realmente. Não exatamente. O rosto de um cão, talvez. O tipo de cão que morderia e depois fugiria.

— Eu trombei com a porta. — ela disse.

— Entendo.

— Tá, vou assistir com você. — disse, e sentou-se. Ela apertou o play.

Eles assistiram ao vídeo duas vezes, em completo silêncio. A duração era de aproximadamente trinta segundos. Isso dava cerca de seis mil e seiscentos dólares por segundo. Nora fizera a matemática.

Depois da segunda vez, ele apertou stop. Ela mostrou-lhe como ejetar a pequena fita.

— Isto é seu. A câmera tem que voltar para o cara do qual meu marido a

pegou emprestada.

— Eu entendo. — seus olhos brilhavam. — Pedirei a Sra. Granger para me comprar outra câmera para sessões futuras. Ou talvez esta seja uma tarefa que você gostaria de cumprir.

— Eu não. Nós terminamos por aqui.

— Ah. — ele não pareceu surpreso. — Tudo bem. Mas se eu puder fazer outra sugestão... é melhor arrumar outro emprego. Para que ninguém ache estranho que suas dívidas comecem a ser pagas num ritmo rápido. É em seu bem-estar que estou pensando, querida.

— Tenho certeza que sim. — ela desplugou o cabo e o repôs no saco com a câmera.

— E eu não viajaria para Vermont tão cedo.

— Eu não preciso de seu conselho. Sinto-me suja e a culpa é sua.

— Mas você não será presa e ninguém jamais saberá. — o lado direito de sua boca estava repuxado para baixo, o esquerdo estava içado no que poderia ter sido um sorriso. O resultado foi uma serpentina abaixo da ponta de seu nariz. Seu discurso era tão claro como o dia. Ela se lembraria disso e ponderaria acerca dele. Como se o que ele chamara de pecado houvesse se transformado em terapia. — E Nora... sentir-se suja é sempre uma coisa ruim?

Ela não tinha ideia de como responder a isso.

— Eu só pergunto isso... — ele começou. — ...porque da segunda vez em que você tocou a fita, eu assisti a você, em vez de ao vídeo.

Ela pegou o saco com a câmera de Charlie Green em seu interior e foi até a porta.

— Tenha uma boa vida, Winnie. Certifique-se de arranjar uma enfermeira que seja terapeuta de verdade. Você pode pagar. E tome cuidado com a fita. Para o bem de nós dois.

— Você não pode ser identificada nela, querida. E mesmo que pudesse, alguém ligaria? — ele deu de ombros. — A fita não mostra estupro nem assassinato, afinal de contas.

Ela parou no umbral, querendo ir, mas curiosa. Ainda curiosa.

— Winnie, como vai resolver isto com o seu Deus?

Ele riu por entre os dentes.

— Se um pecador como São Pedro conseguir fundar a Igreja Católica, eu espero ficar bem.

— Acaso São Pedro guardou uma fita para assistir em noites frias de inverno?

Isto finalmente o silenciou, e Nora se foi antes que pudesse ouvir a voz dele novamente. Era uma pequena vitória, mas uma que ela agarrou com força.

***

Uma semana mais tarde, ele ligou para o apartamento e lhe disse que ela seria bem-vinda se quisesse voltar, ou pelo menos até ela e Chad se mudarem para Vermont.

— Sinto saudades suas, Nora.

Ela permaneceu calada.

A voz dele caiu.

— Poderíamos assistir à fita novamente. Não gostaria disso? Você não gostaria de vê-la novamente, pelo menos uma vez?

— Não. — ela disse, e desligou. Começou a ir até a cozinha para fazer chá, mas então uma onda de enjoo lhe acometeu. Ela sentou no canto da sala de estar, e descansou a cabeça sobre os joelhos erguidos. Ela esperou o enjoo passar. Eventualmente, passou.

***

Ela conseguiu um emprego tomando conta da Sra. Reston. Eram apenas vinte e quatro horas por semana, e o pagamento não era nada que ela não teria conseguido como empregada do Reverendo Winston, mas dinheiro já não era mais problema e a viagem era curta: um lance de escadas. O melhor de tudo, a Sra. Reston, que sofria de diabetes e problemas cardíacos leves, era um doce de pessoa. Às vezes, entretanto—especialmente durante seus intermináveis monólogos sobre seu falecido marido—a mão de Nora coçava para dar-lhe uma tapa na cara.

Chad manteve seu nome na lista de substitutos, mas reduziu suas horas. Ele se ocupou na maior parte dessas novas horas em trabalhar em “Vivendo com os Animais”. As páginas começaram a se amontoar.

Uma ou duas vezes ele se perguntara se as novas páginas eram tão boas—tão alegres—quanto ao trabalho que fizera antes daquele dia com a câmera de vídeo, e disse a si mesmo que essa questão só ocorrera porque alguma velha e falsa noção de retribuição estava alojada em sua mente. Como pedaço de pipoca preso entre dois dentes.

Doze dias após o dia no parque, houve uma batida na porta do apartamento. Quando Nora a abriu, um policial lá jazia.

— Pois não? — ela perguntou, e pensou calmamente: Eu vou confessar tudo. E depois que as autoridades fizerem comigo tudo o que fazem, vou até a mãe daquele menino, mostrar a cara e dizer “Acerte-me com seu melhor soco, Mamãe. Você estará fazendo um favor a nós duas”.

Ele olhou para seu caderninho.

— Se este é o 3-C, isso faz de você a Sra. Callahan.

— Sim, sou a Sra. Callahan.

— Senhora, estou investigando um caso. Porque um marginal tem trabalhado nas redondezas. Ele machucou pra valer um senhor de idade ontem à noite. Posso lhe mostrar algumas fotos?

— É claro, mas não notei...

— Estou certo disso. — ele sorriu para lhe mostrar o quão bobo era aquilo tudo. Ela ruminava que ele tinha um sorriso bonito. Ela também ruminava que isto poderia ser um pretexto. Dar uma boa olhada no suspeito. Anotar seus dados físicos.

Mas quando ela olhou para oito fotografias e não reconheceu nenhum dos oitos homens, ele assentiu e as guardou.

— Eu deveria falar também com seu marido?

— Você quem sabe, mas ele não notaria um homem de duas cabeças a não ser que se trombassem na rua. — ela se sentiu tonta de alívio, mas parte dela continuava a imaginar se não haveria outro tipo de coisa em movimento ali. Ela era uma marginal, afinal de contas.

— Entendo. Mas se vir alguém na vizinhança que se pareça com alguém das fotos que te mostrei...

— Ligo pra você primeiro... — ela olhou para seu crachá. — ...Policial Abromowitz.

Ele sorriu.

— Faça isso. — ele disse.

***

Naquela noite, na cama...

— Bata! — como se não fosse sexo, mas algum jogo de cartas infernal.

— Não.

Ela estava por cima, o que o deixava fácil de alcançar. O som da palma dela contra a lateral de seu rosto foi como o estampido de uma pistola de ar.

Chad a estapeou de volta sem pensar. Ela começou a chorar. Ele a comeu. Do lado de fora, o alarme de alguém disparou.

***

Eles foram de trem para Vermont em janeiro. Foi adorável, como uma foto num cartão postal. Eles viram uma casa que ambos gostaram a trinta quilômetros de Montpelier. Esta fora apenas a terceira que haviam visto.

O nome da agente imobiliária era Jody Enders. Ela era bastante agradável, mas continuou a vigiar o olho direito de Nora. Finalmente, Nora disse, com uma risadinha envergonhada:

— Escorreguei num pedaço de gelo enquanto entrava num táxi. Devia ter me visto semana passada. Eu parecia uma modelo de propaganda de esposas espancadas.

— Mal dá pra ver. — Jody Enders disse. Então, timidamente: — Você é muito bonita.

Chad pôs os braços ao redor dos ombros de Nora.

— Eu também acho.

— O que você faz para sobreviver, Sr. Callahan?

— Sou um escritor. — ele disse.

Eles pagaram uma entrada pela casa. No contrato, Nora marcara a opção FINANCIAMENTO DO PROPRIETÁRIO. Na caixa de DETALHES, ela simplesmente escrevera: Poupança.

***

Em certo dia de fevereiro, enquanto se arrumavam para a mudança, Chad foi a Manhattan ver um filme no Angelika e jantar com seu agente. O Policial Abromowitz dera seu cartão a Nora. Ela ligou para ele. Ele foi até lá e eles treparam no quarto quase vazio. Foi bom, mas teria sido melhor se ela houvesse conseguido persuadi-lo a espancá-la. Ela pediu, mas ele não o fez.

— Que tipo de mulher louca é você? — ele perguntou, numa voz que as pessoas usam para fazer piada, mas com fundo de verdade.

— Eu não sei. — Nora disse. — Ainda estou descobrindo. Vivendo e aprendendo, não é Policial Abromowitz?

***

A mudança para Vermont estava marcada para o dia 29 de fevereiro. No dia anterior—que teria sido o último dia do mês num ano normal—o telefone tocara. Era a Sra. Granger, a governanta do Pastor Emeritus Winston. No

instante em que Nora captou o tom quieto da mulher, ela soube porque ligara, e seu primeiro pensamento foi *O que você fez com a fita, seu bastardo?*

— O obituário dirá falha do fígado. — a Sra. Granger disse em sua voz quieta. — Mas eu estava no banheiro. Os frascos de remédio haviam sido todos retirados, e muitas pílulas haviam sumido. Acho que ele cometeu suicídio.

— Provavelmente não. — Nora disse. Ela falou de modo calmo, certo e profissional. — É mais provável que ele tenha se confundido e tomado mais do que devia. Ele pode ter tido outro derrame. Um menor.

— Você realmente acha que sim?

— Oh, sim. — Nora disse, e teve que se segurar para não perguntar a Sra. Granger se ela vira a nova câmera de vídeo em algum lugar. Plugada à TV de Winnie, provavelmente. Seria insano fazer tal pergunta. Ela quase a fez, mesmo assim.

***

Naquela noite, na cama... A última noite deles no Brooklyn.

— Você precisa parar de se preocupar. — Chad disse. — Se alguém achar a fita, provavelmente nem vão assisti-la. E se o fizerem, a chance que a conectem a você é tão pequena quanto infinitesimal. Além disso, o menino provavelmente já esqueceu tudo. A mãe também.

— A mãe estava lá quando a moça louca atacou seu filho e fugiu. — Nora disse. — Ela nunca se esquecerá.

— Tudo bem. — ele disse, num tom uniforme, que a deixou com vontade de esmagar as bolas dele com seu joelho.

— Talvez eu vá ajudar a Sra. Granger a arrumar o lugar.

Ele olhou para ela como se ela fosse louca, então rolou para longe.

— Não faça isso. — ela disse. — Vamos, Chad.

— Não. — ele disse.

— O que quer dizer com não? Por quê?

— Porque eu sei o que você está pensando.

Ela bateu nele. Foi uma porrada bem forte na nuca.

Ele se virou e ergueu o punho.

— Não faça isso, Nora.

— Vá em frente. — ela disse. — Você sabe que quer isso.

Ele quase o fez. Ela viu o movimento. Então, ele abaixou a mão e abriu os dedos.

— Chega disso.

Ela nada disse, mas pensou, *É isso o que você pensa*.

***

Chad finalizou “Vivendo com os Animais” em julho, e mandou o manuscrito para o agente. E-mail e telefonemas se seguiram. Chad disse que Ringling parecia entusiasmado. Se assim fosse, Nora achou que ele devia guardar a maior parte de seu entusiasmo para os telefonemas. O que ela viu nos e-mails foi um otimismo cauteloso, no máximo.

Em agosto, a pedido de Ringling, Chad fez algumas alterações no texto. Ele ficou quieto sobre esta parte do trabalho, um sinal de que as coisas não iam bem. Mas seguiu em frente. Nora mal percebeu. Estava absorvida em seu jardim.

Em setembro, Chad insistiu em ir a Nova York e ao escritório de Ringling enquanto o homem fazia ligações para sete editoras para onde o manuscrito havia sido enviado. Nora pensou em visitar um bar em Montpelier e pegar alguém—eles poderiam ir ao Motel 6—mas não o fez. Ela trabalhou em seu jardim, em vez disso.

O que foi bom, pois Chad voou de volta naquela noite, ao invés de passá-la por lá, como havia planejado. Ele estava bêbado e dizia estar feliz. Eles selaram o acordo com um aperto de mão. Ele dissera o nome de uma editora da qual ela nunca ouvira falar.

— Quanto?

— Isso não importa, gata. — “Não” saiu “num”, e ele só a chamava de gata quando estava bêbado. — Realmente amaram o livro, e é isso o que importa. — ela percebeu que quando Chad ficava bêbado, ele soava bem parecido com Winnie nos primeiros meses após seu derrame.

— Quanto?

— Quarenta mil dólares. — “dolashiz”.

Ela riu.

— Provavelmente consegui isso antes de ir do banco ao playground. Percebi isso da primeira vez em que assistimos...

Ela não esperava a porrada e realmente não a sentiu. Houve um grande clique em sua cabeça, foi tudo. No momento seguinte, ela estava caída no chão da cozinha, respirando com a boca. Ele quebrara seu nariz.

— Sua puta! — ele disse, começando a chorar.

Nora se sentou. A cozinha pareceu desenhar um largo círculo bêbado ao seu redor antes de se firmar. Sangue escorreu para o linóleo. Ela estava espantada, com dor, satisfação, cheia de vergonha e hilaridade.

— Isso mesmo, culpe-me. — sua voz estava fanha e fina. — Culpe-me e chore até secar os olhos.

Ele empertigou a cabeça como se não a houvesse escutado—ou não acredita no que ouvira—depois fez um punho e o recuou.

Ela levantou o rosto, seu nariz, agora meio torto, liderando o caminho. Havia uma barba de sangue em seu queixo.

— Vá em frente. — ela disse. — Esta é a única coisa em que você é meio que bom.

— Com quantos homens você dormiu desde aquele dia? Diga-me!

— Não dormi com nenhum. Trepei com uma dúzia. — uma mentira, na verdade. Só houvera o policial e o eletricista que viera no dia em que Chad estava na cidade. — Mete bronca, Machão.

Ao invés de meter bronca, o Machão abriu o punho e deixou a mão cair perto da cintura.

— O livro teria sido melhor se não fosse por você. Eu vou te deixar e escrever outro. Um melhor.

— Quando galinhas criarem dentes.

— Pode esperar. — ele disse, tão infantilmente choroso quanto um garotinho que acaba de perder uma briga no playground. — Espere e verá.

— Você está bêbado. Vá para a cama.

— Sua puta venenosa.

Tirando isso do peito, ele se arrastou para a cama, caminhando com a cabeça abaixada. Ele até mesmo andava como Winnie após seu derrame.

Nora pensou em ir ao Pronto-Socorro para lidar com seu nariz, mas ela estava cansada demais para pensar numa história que teria o toque certo de veracidade. Em seu coração—coração de enfermeira—sabia que não havia tal história. Eles veriam através dela não importa o quão boa a história fosse. O pessoal da sala de emergência sempre fazia isso.

Ela enfiou algodão no nariz e tomou dois Tylenol com codeína. Então, ela foi para fora e cuidou do jardim até que estivesse escuro demais para se ver.

***

Ele a deixou e voltou para Nova York. Às vezes, ele mandava e-mails para ela, e às vezes era ela quem mandava. Ele não pediu por metade do dinheiro que sobrara, o que era bom. Ela não teria lhe dado. Ela trabalhara por aquele dinheiro, e ainda o fazia, enfiando-o no banco de grão em grão, pagando a casa. Ele disse nos e-mails que estava trabalhando como professor substituto

novamente, escrevendo nos fins de semana. Ela acreditou nele quanto ao emprego de professor, mas não sobre a escrita. Seus e-mails tinham uma sensação fraca e arrasada, que sugeria que poderia não ter sobrado muito quando se tratava de escrever. Ela sempre achara que ele era um cara de um livro só.

Ela mesma cuidou do divórcio. Encontrou tudo o que precisava na Internet. Havia páginas que ele precisava assinar, e ele as assinou. Elas retornaram sem qualquer bilhete anexado.

***

No verão seguinte—um bom verão; ela trabalhava em tempo integral no hospital local e seu jardim estava uma loucura—ela passeava por um sebo e certo dia cruzou com um exemplar que vira no escritório de Winnie: A Base dos Princípios. Era uma cópia bastante castigada, e ela pôde levá-la para casa por dois dólares, mais imposto.

Levou o resto do verão e a maior parte do outono para que terminasse de ler o livro. No fim, ela ficou desapontada. Havia pouco ou nada nele que ela já não soubesse.

Premium Harmony

(*Premium Harmony*, 2009)

ELES ESTIVERAM CASADOS POR DEZ ANOS e, por um longo tempo, tudo esteve certo—excelente—mas, agora, eles discutem. Agora, eles discutem o tempo todo. Na verdade, é sempre a mesma briga. Ela possui sua circularidade. É como, Ray acha, corrida de cães. Quando brigam, ficam como cães que perseguem o coelho mecânico. Passa-se pelo mesmo cenário de novo e de novo, mas não se percebe isso. Percebe-se o coelho.

Ele acha que seria diferente se eles tivessem filhos, mas ela não pode conceber. Finalmente fizeram o teste, e foi o que o médico disse. O problema era com ela. Mais ou menos um ano depois disso, ele comprou para ela um Jack Russell que ela batizou de Biznezz. Ela soletrava para quem perguntasse. Ela ama aquele cachorro, mas eles continuam discutindo mesmo assim.

Eles estão indo ao Walmart comprar gramíneas. Eles decidiram vender a casa—não podem mais pagar para mantê-la—mas Mary diz que não vai adiantar muito até que eles façam alguma coisa acerca do encanamento e do gramado. Ela diz que aqueles pontos cegos na grama a fazem parecer uma choupana irlandesa. É por conta da aridez. Tem sido um verão quente, e não há notícias de chuvas. Ray diz que as gramíneas não crescerão sem chuva, não importa o quão boas elas sejam. Ele diz que eles devem esperar.

— Mais um ano se passará e ainda estaremos aqui. — ela diz. — Nós não podemos esperar outro ano, Ray. Vamos acabar falidos.

Quando Mary fala, Biz olha para ela de seu lugar, no assento traseiro. Às vezes, ele olha para Ray quando ele fala, mas não sempre. É para Mary que ele olha mais.

— O que você acha? — ele diz. — Que vai chover só pra que você não tenha que se preocupar em ir à falência?

— Estamos nessa juntos, caso tenha esquecido. — ela responde. Eles estão atravessando Castle Rock agora. Está bem vazia. O que Ray chama de "economia" desapareceu destas bandas do Maine. O Walmart está do outro lado da cidade, próximo à escola onde Ray costumava ser zelador. O Walmart tem seu próprio semáforo. As pessoas fazem piadas disso.

— Gaste com cuidado, poupe com centavos. — diz. — Já ouviu essa?

— Um milhão de vezes, de você. — ela responde.

Ele resmunga. Ele consegue ver o cão no retrovisor, observando-a. Ele

meio que odeia o jeito como Biz faz isso. Ocorre-lhe que nenhum deles sabe do que estão falando.

— E pare no Quik-Pik. — ela diz. — Eu quero comprar uma bola de futebol para o aniversário de Tallie.

Tallie é a filha do irmão dela. Ray supõe que isso faz dela sua sobrinha, embora não tenha certeza disto, já que todo o sangue é do lado da família de Mary.

— Eles têm bolas no Walmart. — Ray diz. — E tudo é mais barato no mundo de Wally.

— As do Quik-Pik são roxas. Roxo é a cor favorita dela. Não sei se eles terão uma bola roxa no Walmart.

— Se não tiverem, nós paramos no Quik-Pik na volta. — ele sente um enorme peso pressionando sua cabeça. Ela vai conseguir o que quer. Ela sempre consegue nessas situações. Às vezes, Ray pensa que o casamento é como um jogo de futebol, e que é o lançador do time subestimado. Ele tem que decidir suas jogadas. Fazer passes curtos.

— Aí estaremos no lado errado da pista. — ela diz, como se estivessem presos numa torrente de tráfego urbano, ao invés de numa pequena cidade deserta onde a maioria das lojas está à venda. — Eu só vou até lá e pego uma bola, volto correndo.

Com noventa quilos, Ray pensa, *seus dias de corrida já eram*.

— Só custa noventa e nove centavos. — ela diz. — Não seja pão-duro.

Gaste com cuidado, poupe com centavos, é o que ele pensa, mas é isto o que ele diz: “Compre-me um maço de cigarros enquanto estiver lá, os meus já acabaram”.

— Se você parasse de fumar, nós teríamos quarenta dólares extras por semana. Talvez mais.

Ele economiza e paga a um amigo na Carolina do Sul para lhe mandar uma dúzia de caixas de uma só vez. Na Carolina do Sul, cada caixa é vinte dólares mais barata. Isso é muito dinheiro, mesmo hoje em dia. Não é como se ele não tentasse economizar. Ele disse isso a ela antes, e dirá novamente, mas pra quê? Entra por um ouvido e sai pelo outro.

— Eu costumava fumar dois maços por dia. — ele diz. — Agora, fumo menos do que meio maço.

Na verdade, na maioria dos dias ele fuma mais. Ele sabe disso, e Ray sabe que ela sabe. É isso o que o casamento se torna depois de um tempo. O peso em sua cabeça aumenta um pouco. Ele também pode ver que Biz ainda está olhando

para ela. Ele alimenta o maldito cão, ganha o dinheiro que paga sua ração, mas é pra ela que ele está olhando. E ainda dizem que Jack Russells deveriam ser inteligentes.

Ele dirige até o Quik-Pik.

— Você devia comprá-los no Indian Island, se os quer tanto. — ela diz.

— Há dez anos que eles não vendem cigarros livres de impostos. — ele responde. — Eu disse isso, também. E você não escuta. — ele encosta adiante das bombas de gasolina e estaciona ao lado da loja. Não há sombra. O sol está diretamente neles. O ar-condicionado do carro mal funciona. Ambos estão suando. No banco de trás, Biz está arfando. Parece até que está sorrindo.

— Bem, então é melhor você parar de fumar. — Mary diz.

— E você deveria parar de comer aqueles bolinhos de chocolate. — ele responde. Ele não fala sério—ele sabe o quão sensível ela é acerca do próprio peso—mas a coisa sai assim mesmo. Ele não consegue evitar. É um mistério.

— Eu não comia mais isso. — ela diz. — Como, quero dizer. Eu não como mais.

— Mary, a caixa está na prateleira de cima. Um pacote de vinte e quatro bolinhos. Atrás da farinha.

— Você estava bisbilhotando? — um rubor toma suas bochechas, e ele vê como ela era quando ainda era linda. Enfim, bonita. Todo mundo diz que ela era bonita, até sua mãe, que não gostava muito dela.

— Eu estava procurando o abridor de garrafas. — ele diz. — Eu estava com um refrigerante gelado. Daquele tipo com as velhas tampas de metal.

— Procurando na prateleira acima do maldito guarda-louça!

— Entre e pegue a bola. — ele diz. — E pegue alguns cigarros para mim também. Seja boazinha.

— Não dá pra esperar até voltarmos? Não pode esperar esse tanto?

— Pode comprar os mais baratos. — responde. — Aquele marca que não é muito conhecida. Premium Harmony, é como são chamados.

Têm gosto de merda caseira, mas tudo bem. Se isso a fizer calar a boca.

— E onde você vai fumar? No carro, suponho, pra que eu tenha que respirar a fumaça.

— Eu vou abrir a janela. Sempre faço isso.

— Vou pegar a bola. Depois eu volto. Se ainda achar que deve gastar quatro dólares e cinquenta com veneno de pulmão, pode entrar. Eu vou ficar aqui, sentada com o bebê.

Ray odeia quando ela chama Biz de bebê. Ele é um cachorro, e pode ser

tão esperto a ponto de Mary adorar se gabar quando tem visitas, mas ele ainda caga do lado de fora e lambe o lugar onde suas bolas costumavam estar.

— Compre uma caixa de Bis enquanto estiver lá. — ele diz a ela. — Ou talvez tenham uma oferta especial de Chokitos.

— Você é tão malvado. — ela diz. Sai do carro e bate a porta. Ele está estacionado perto demais do prédio cúbico de concreto, e ela precisa se mover de banda pela mala do carro, e ele sabe que ela sabe que ele a observa, vendo o quão grande é hoje em dia, a ponto de ter que andar de banda. Ele sabe que ela sabe que ele estacionou perto do prédio de propósito, para fazê-la andar de banda, e talvez tenha sido isso mesmo.

— Bem, Biz, velho amigo, agora somos só você e eu.

Biz deita no banco traseiro e fecha os olhos. Às vezes, ele fica de pé nas patas traseiras e dá algumas voltinhas quando Mary põe um disco e pede pra ele dançar e, caso ela o chame (em sua voz alegre) de menino mau, às vezes, ele vai até o canto e se senta, encarando a parede. Mas mesmo assim, ele ainda caga do lado de fora.

Ele continua sentado, e ela não volta. Ray abre o porta-luvas. Ele tateia através do ninho de papéis, procurando um cigarro que possa ter esquecido, mas não há nenhum. O que ele acha é um bolinho de chocolate com coco ainda no invólucro. Ele o cutuca. Está tão duro quanto um cadáver. Deve ter uns mil anos. Talvez mais. Talvez até tenha vindo pela Arca de Noé.

— Todo mundo tem seu veneno. — diz, abrindo o doce e o jogando no banco traseiro.

— Quer esse troço, Biz?

Biz devora o bolinho em duas dentadas. Então, ele inicia o processo de lamber os pedacinhos de coco no assento. Mary reclamaria um pouco, mas Mary não está aqui.

Ray mira o medidor do tanque de gasolina, e vê que está metade vazio. Ele poderia desligar o motor, abrir as janelas, mas aí sim iria fritar. Sentado ali ao sol, ele espera ela comprar uma bola de plástico roxa por noventa e nove centavos, quando sabe que eles poderiam comprar uma por setenta e nove no Walmart. Só que essa seria amarela ou vermelha. Não seria boa o bastante pra Tallie. Apenas roxo para a princesa.

Ele continua sentado, e Mary não volta.

— Caramba! — ele diz. Ar frio sai pelas aberturas do ar-condicionado do carro. Ele pensa novamente em desligar o motor, poupar gasolina, mas logo pensa, *Foda-se*. Ela tampouco vai ceder e trazer os cigarros. Nem mesmo um de

marca barata. Disto ele sabe. Ele tinha que ter feito aquele comentário sobre os bolinhos de chocolate...

Ele vê uma jovem pelo espelho retrovisor. Ela corre em direção ao carro. Ela é mais pesada do que Mary; enormes peitos pulam pra frente e para trás sob sua camiseta azul. Biz a vê se aproximar e começa a latir.

Ray abaixa a janela alguns centímetros.

— É você quem está com a moça loira que acabou de entrar? Ela é sua esposa? — ela ofega as palavras. Seu rosto brilha com o suor.

— Sim. Ela queria uma bola para nossa sobrinha.

— Bem, há algo de errado com ela. Ela desabou e está inconsciente. O Sr. Ghosh acredita que ela possa ter tido um ataque do coração. Ele chamou o 911. É melhor o senhor vir.

Ray tranca o carro e a segue até o interior da loja. Está frio lá dentro. Mary está caída no chão, com as pernas abertas e os braços estirados. Ela está próxima a um cilindro de arame repleto com bolas de futebol. A placa acima do cilindro diz: “Diversão Quente para o Verão”. Seus olhos estão fechados. Ela poderia estar apenas dormindo no linóleo. Três pessoas estão próximas a ela. Uma delas é um homem moreno de calças caqui e camiseta branca. Uma plaquinha no bolso de sua camisa informa: “SR. GHOSH, GERENTE”. Os outros dois são clientes. Ele é um velho magricela meio calvo, e tem ao menos setenta anos. Ela é uma mulher gorda. Mais gorda do que Mary. Mais gorda do que a moça de azul, também. Ray pensa que o justo seria *ela* esta caída no chão.

— Senhor, você é o marido desta moça? — Sr. Ghosh pergunta.

— Sim. — Ray responde. Isto parece não bastar. — Sim, eu sou.

— Sinto muito em lhe dizer, mas eu acho que ela pode estar morta. — diz o Sr. Ghosh. — Eu fiz respiração artificial nela, boca a boca, mas...

Ray pensa no homem moreno enfiando sua boca na de Mary. Beijando-a com a língua, ou coisa assim. Jogando seu hálito garganta abaixo, bem ao lado do cilindro de arame lotado de bolas de plástico de futebol. Então, ele se ajoelha.

— Mary. — ele diz. — Mary! — como se estivesse tentando acordá-la após uma dura noite.

Ela não parece estar respirando, mas nunca se pode ter total certeza. Ele coloca o ouvido próximo à boca dela e não escuta nada. Ele sente ar em sua pela, mas isso, provavelmente, é apenas o ar-condicionado.

— Este cavalheiro chamou o 911. — a gorda diz. Ela está segurando um saco de Doritos.

— Mary! — Ray diz. Mais alto desta vez, mas ele não consegue se fazer

gritar, não ajoelhado e com pessoas ao seu redor. Ele olha para cima e diz, como se estivesse se desculpando: — Ela nunca fica doente. É saudável como um cavalo.

— Nunca se sabe. — o velho diz, balançando a cabeça.

— Ela simplesmente desabou. — a jovem de camiseta azul diz. — Sem dizer uma palavra.

— Ela apertou o peito? — a gorda do Doritos pergunta.

— Não sei. — a jovem responde. — Acho que não. Não que eu tenha visto. Ela simplesmente desabou.

Há uma prateleira com camisetas de souvenir próxima às bolas. Elas dizem coisas como “Meus Pais Foram Tratados como Realeza em Castle Rock, e Tudo o Que Eu Ganhei Foi Esta Camiseta Boba”. O Sr. Ghosh pega uma e diz:

— Gostaria que eu cobrisse o rosto dela, senhor?

— Deus, não! — Ray diz, assustado. — Ela pode estar só inconsciente. Não somos médicos.

Atrás do Sr. Ghosh, ele vê três garotos, adolescentes, olhando pela janela. Um deles tem um celular. Ele o usa para tirar uma foto. O Sr. Ghosh segue o olhar de Ray e corre em direção à porta, gesticulando com as mãos.

— Ei, garotos, saiam daqui! Saiam daqui, garotos!

Rindo, os adolescentes recuam, então se viram e correm pelas bombas de gasolina na calçada. Para além deles, o centro da cidade quase deserta reflete a luz tremulante. Um carro passa, de dentro dele ouve-se um rap. Para Ray, os sons das batidas soam como as batidas de coração roubadas de Mary.

— Cadê a ambulância? — o velho diz. — Como ainda não chegaram?

Ray continua ajoelhado ao lado de sua esposa enquanto o tempo passa. Suas costas doem, assim como seus joelhos, mas se ele se levantar, parecerá um mero espectador.

A ambulância se revela uma Chevy Suburban pintada de branco com faixas alaranjadas. A sirene vermelha pisca. “SOCORRO DO CONDADO DE CASTLE” encontra-se pintado na frente, só que ao contrário, para que se possa ler pelo espelho retrovisor.

Os dois homens que entram vestem branco. Eles parecem criados. Um empurra o tanque de oxigênio num carrinho. É um tanque verde com uma bandeira americana como decalque.

— Desculpem. — ele diz. — Acabamos de retornar de um acidente de carro em Oxford.

O outro vê Mary caída no chão.

— Oh, caramba. — diz.

Ray não pode acreditar.

— Ela ainda está viva? — ele pergunta. — Está apenas inconsciente? Se estiver, é melhor lhe dar oxigênio, ou ela sofrerá dano cerebral.

O Sr. Ghosh balança a cabeça. A jovem de blusa azul começa a chorar. Ray quer lhe perguntar o porquê de estar chorando, mas então percebe. Ela criou uma história inteira sobre ele, apenas pelas coisas que ele falou. Ora, se ele voltasse em uma semana, mais ou menos, e jogasse suas cartas do jeito certo, ela poderia lhe conceder uma transa por pena. Não que ele *fosse* fazer isso, mas percebe que talvez pudesse. Se quisesse.

Os olhos de Mary não reagem ao oftalmoscópio. Um enfermeiro tenta ouvir suas batidas de coração inexistentes, e o outro tira sua pressão de sangue inexistente. E assim permanecem por um tempo. Os adolescentes voltam com alguns amigos. Outras pessoas também. Ray imagina que estão sendo atraídos pela sirene vermelha no topo do Suburban, assim como insetos são atraídos pela lamparina de uma varanda. O Sr. Ghosh faz uma nova investida contra eles, gesticulando com os braços. Eles recuam mais uma vez. Então, quando o Sr. Ghosh regressa ao círculo que envolve Mary e Ray, eles voltam.

— Ela era sua esposa? — pergunta um dos enfermeiros a Ray.

— Correto.

— Bem, senhor, lamento dizer, mas ela está morta.

— Maria, Mãe de Deus. — a gorda do Doritos diz, fazendo o sinal da cruz em si mesma.

— Oh. — Ray se levanta. Seus joelhos estalam. — Eles me disseram.

O Sr. Ghosh oferece a um dos enfermeiros uma das camisetas para ser colocada no rosto de Mary, mas o enfermeiro balança a cabeça e sai. Ele diz ao pequeno grupo de espectadores que não há nada para se ver aqui, como se alguém fosse acreditar que uma mulher caída no chão de um supermercado não é interessante.

O enfermeiro pega uma maca da traseira do veículo de resgate. Ele o faz com um único girar de pulso. As pernas descem sozinhas. O velho de cabeleira rala segura a porta aberta, e o enfermeiro empurra o leito de morte com rodinhas para dentro.

— Ufa, que calor. — o enfermeiro diz, enxugando a testa.

— É melhor você se afastar agora, senhor. — o outro diz, mas Ray observa enquanto eles a levantam para a maca. Um lençol encontra-se enfiado na ponta. Eles o puxam até o fim, até que se cubra o rosto dela. Agora, Mary se parece

com um cadáver cinematográfico. Eles a empurram para o calor do exterior. Desta vez, a gorda do Doritos segura a porta para eles. A plateia recuou para a calçada. Deve haver umas quarenta pessoas observando sob o sol escaldante de agosto.

Quando Mary é colocada dentro da ambulância, os enfermeiros voltam. Um está segurando uma prancheta. Ele faz vinte e cinco perguntas a Ray. Ray responde todas, exceto uma sobre a idade dela. Então, ele se lembra de que ela é três anos mais nova do que ele, e conta-lhes que ela tem trinta e cinco.

— Nós a levaremos para o St. Stevie. — o enfermeiro da prancheta diz. — Pode nos seguir se não souber onde fica.

— Eu sei. — Ray diz. — O que há? Vocês querem fazer uma autópsia? Cortar ela toda?

A garota de camisa azul engasga. O Sr. Ghosh põe um braço ao redor dela, e assim ela põe seu rosto contra a camisa branca dele. Ray se pergunta se o Sr. Ghosh está fodendo ela. Ele torce pra que não. Não por causa da pele marrom do Sr. Ghosh, mas porque ele deve ter o dobro da idade dela.

— Bem, essa decisão não é nossa. — o enfermeiro responde. — Mas, provavelmente não. Ela não morreu sem ter sido atendida.

— Pode crer. — a mulher do Doritos intromete-se.

— E foi claramente um ataque do coração. É provável que você possa liberá-la para a funerária quase que de imediato.

Funerária? Uma hora atrás eles estavam dentro do carro, discutindo.

— Eu não tenho uma funerária. — diz Ray. — Nem funerária, nem planos de enterro, nada. Que diabos? Ela tinha trinta e cinco.

Os dos enfermeiros se entreolham.

— Sr. Burkett, haverá alguém para ajudá-lo com tudo isso no St. Stevie. Não se preocupe com isso.

A ambulância sai com as luzes ainda piscando, mas sirenes desligadas. A plateia na calçada começa a dissipar. A balconista, o velho, a gorda, e o Sr. Ghosh olham para Ray como se ele fosse alguém especial. Uma celebridade.

— Ela queria pegar uma bola de futebol roxa para nossa sobrinha. — ele diz. — Ela está fazendo aniversário. Vai fazer oito anos. Seu nome é Talia. Tallie, no diminutivo. Ela recebeu este nome por causa de uma atriz.

O Sr. Ghosh pega uma bola de futebol roxa do cilindro de arame, e a segura na frente de Ray com ambas as mãos.

— Por conta da casa. — ele diz.

— Obrigado, senhor. — Ray diz, tentando soar igualmente solene, e aí a

mulher do Doritos se debulha em lágrimas.

— Maria, Mãe de Deus. — diz. Ela gosta dessa frase.

Eles permanecem por perto por mais um tempo, conversando. O Sr. Ghosh pega uns refrigerantes do refrigerador. Também são por conta da casa. Eles bebem os refrigerantes e Ray lhes conta algumas coisas sobre Mary. Ele conta sobre como ela fez uma colcha que ganhou o prêmio de terceiro lugar na feira do Condado de Castle. Isso foi em 2002. Ou talvez, em 2003.

— Isso é tão triste. — diz a mulher gorda do Doritos. Ela abriu as latas e as compartilhou com os outros. Eles comeram e beberam.

— Minha esposa se foi durante o sono. — o velho de cabelos ralos diz. — Ela simplesmente se deitou no sofá e não acordou mais. Fomos casados por trinta e sete anos. Eu sempre achei que ia primeiro, mas não foi assim que o bom Senhor quis. Ainda posso vê-la deitada no sofá.

Enfim, Ray fica sem coisas para contar, assim como eles. Os fregueses estão chegando novamente. Sr. Ghosh atende alguns, e a mulher de camiseta azul atende outros. A garota diz que realmente precisa ir. Ela dá um beijo na bochecha de Ray antes.

— Agora, você precisa cuidar de seus assuntos, Sr. Burkett. — ela diz. Seu tom é tanto de advertência quanto de flerte.

Ele olha para o relógio acima do balcão. Esse é do tipo que tem uma propaganda de cerveja pintada nele. Quase duas horas se passaram desde que Mary saiu andando de banda entre o carro e a lateral de concreto do Quik-Pik. E pela primeira vez, ele pensa em Biz.

Quando abre a porta, o calor o envolve; ao por a mão no volante, ele a puxa de volta com um gemido. Tem de estar fazendo cento e trinta graus lá dentro. Biz morreu. Seus olhos estão leitosos. Sua língua, protuberante num dos lados da boca. Ray pode ver parte de seus dentes. Há algumas migalhas de coco presas em seus bigodes. Isso não deveria ser engraçado, mas é. Não o bastante para se rir, mas é engraçado.

— Biz, meu velho. — ele diz. — Sinto muito. Esqueci que você estava aqui dentro.

Ele sente uma grande tristeza e espanto ao olhar para seu Jack Russel torrado. Que uma coisa tão triste fosse engraçada era algo vergonhoso.

— Bem, você está com ela agora, não está? — ele diz, e isto é tão triste que ele começa a chorar. É uma dura tempestade. Enquanto chora, ocorre-lhe que ele agora pode fumar o quanto quiser, e em qualquer parte da casa. Ele poderá fumar até na mesa da sala de jantar.

— Você está com ela agora, Biz. — ele diz novamente, através de suas lágrimas. Sua voz é grossa e carregada. É um alivio soar da maneira certa nesta situação.

— Pobre e velha Mary, pobre e velho Biz. Maldição!

Ainda chorando, e com a bola de futebol roxa encaixada sob um braço, ele volta ao Quik-Pik, e diz ao Sr. Ghosh que se esqueceu dos cigarros. Ele acha que, talvez, o Sr. Ghosh também lhe dê um maço de Premium Harmony por conta da casa, mas a generosidade do Sr. Ghosh não chega a tanto. Ray fuma durante todo o percurso até o hospital com as janelas fechas e com o ar-condicionado ligado.

Blockade Billy

(*Blockade Billy*, 2010)

William Blakely?

OH, DEUS, VOCÊ QUIS DIZER BLOCKADE BILLY.

Ninguém me pergunta sobre ele há anos. É claro, ninguém me pergunta muita coisa por aqui, exceto se eu gostaria de participar da Noite da Polca no KP Hall, no centro, ou de alguma coisa chamada Boliche Virtual. Acontece bem aqui, na Sala Comunal. Meu conselho para você, Sr. King—você não pediu, mas lhe darei assim mesmo—é: não envelheça, e se envelhecer, não deixe que seus parentes o coloquem em um hotel de zumbis, como este aqui.

É uma coisa engraçada, envelhecer. Quando se é jovem, as pessoas sempre querem escutar suas histórias, especialmente se você foi um jogador profissional de beisebol. Mas quando se é jovem, você não tem tempo para contá-las. Agora, eu tenho todo o tempo do mundo, e parece que ninguém liga para aqueles velhos dias. Mas eu ainda gosto de pensar neles. Tanto que vou contar sobre Billy Blakely. História terrível, sim, mas são essas as que duram mais.

O beisebol era diferente naqueles dias. É preciso se lembrar de que Blockade Billy jogou pelos Titans apenas dez anos após Jackie Robinson quebrar a barreira de raças, e os Titans há muito se extinguiram. Eu não acho que Nova Jersey terá algum dia outro time na Liga Principal, não com duas equipes poderosas logo do outro lado do rio, em Nova York. Mas era grande coisa na época—*nós* éramos grande coisa—e jogamos nossos jogos em um mundo diferente.

As regras eram as mesmas. Essas não mudam. E os pequenos rituais eram bem parecidos também. Oh, e não era permitido a ninguém usar o boné entortado para o lado, ou curvar a aba, e seu cabelo teria que estar penteado e curto (o modo como esses cabeças ocas usam agora, meu Deus), mas alguns jogadores ainda faziam o sinal da cruz antes de pisar no campo, ou a desenhavam na areia com a ponta de seus tacos, antes de ajeitarem a postura, ou pulavam por sobre a linha da base enquanto corriam para tomar suas posições. Ninguém queria pisar na linha da base, isso era considerado o pior azar do mundo.

O jogo era *local*, certo? A TV tinha acabado de surgir, mas apenas nos fins de semana. Nós tínhamos um bom mercado, porque os jogos eram exibidos pela

WNJ, e todo mundo em Nova York poderia assistir. Algumas das transmissões eram bem engraçadas. Comparadas ao modo como se faz hoje em dia, era uma noite de amadores em Dixie. O Rádio era melhor, mais profissional, mas é claro que isso era local também. Nada de transmissões por satélites, porque não havia satélites! Os Russos mandaram o primeiro lá pra cima durante a Série Mundial Yanks-Braves daquele ano. Se bem lembro, aconteceu em um feriado, mas posso estar enganado. O que me lembro é que os Titans deram o fora mais cedo naquele ano. Nós competimos por um tempo, parcialmente graças a Blockade Billy, mas você sabe no *que* isso deu. É por isso que você veio, certo?

Mas eis meu ponto: pelo fato do jogo ser menor no patamar nacional, os jogadores não eram lá grande coisa. Eu não estou dizendo que não eram estrelas —caras como Aaron Burdette, Williams, Kaline, e, claro, The Mick—mas a maioria não era tão conhecida de costa a costa como jogadores como Alex Rodriguez e Barry Bonds (uma dupla de amadores, se me perguntar). E a maioria dos outros caras? Eu posso dizer em duas palavras: empregados duros. O salário naquela época era de quinze mil, menos do que um professor de primário ganha hoje em dia.

Empregados duros, sacou? Que nem George Will disse no livro dele. Só que ele falou disso como se fosse uma coisa boa. Não tenho tanta certeza disso se você era um interbases com uma esposa e três crianças, e talvez mais uns sete anos no campo antes de ser aposentar. Dez, se você tivesse sorte e não se lesionasse. Carl Furillo terminou instalando elevadores no World Trade Center e fazendo bicos como vigia noturno, sabia disso? Sabia? Você acha que o tal do Will sabia disso, ou apenas se esqueceu de mencionar?

O problema era: se você tivesse habilidade e pudesse fazer o trabalho mesmo de ressaca, você jogava. Se não pudesse, você era jogado na merda. Era simples assim. E brutal também. O que me lembra nossa problemática com o apanhador naquela primavera.

Estávamos em boa forma na pré-temporada, o que, para os Titans, era em Sarasota. Nosso apanhador que começou jogando foi Johnny Goodkind. Talvez não se lembre dele. Se lembrar, provavelmente é por causa do jeito como ele terminou. Ele jogou bem por quatro anos, rebateu mais de 300, jogou quase todos os jogos. Sabia como lidar com os arremessadores, não levava desaforo para casa. Os rapazes não ousavam tirá-lo. Ele rebateu quase 350 naquela primavera, com talvez meia dúzia de supertacadas, uma delas mais profunda e longe do que qualquer outra que eu já tenha visto no Estádio Ed Smith, onde a bola nem corria bem. Decorou o para-brisa do Chevrolet de algum repórter—ha!

Mas ele também era um grande alcoólatra, e dois dias antes do time viajar para o norte para estrear em casa, ele passou por cima de uma mulher na Pineapple Street, e a deixou tão morta quanto uma ratazana. Ou maçaneta. Ou qualquer quer que seja o ditado. Então, o maldito tolo tentou fugir. Mas havia uma viatura do xerife do Condado estacionada na esquina da Orange, e os patrulheiros que estavam lá viram a coisa toda. Não havia muitas dúvidas sobre o estado de Johnny. Quando o tiraram de seu carro, ele fedia a cerveja e mal podia ficar de pé. Um dos patrulheiros se curvou para algemá-lo, e Johnny vomitou em cima da cabeça do cara. A carreira beisebolística de Johnny Goodkind terminou antes que o vômito secasse. Até mesmo o Babe não teria conseguido permanecer no jogo depois de atropelar uma dona de casa que fazia suas compras matutinas.

Seu substituto foi um cara chamado Frank Faraday. Não era ruim atrás da base, mas também não era brilhante. Conseguiu passar dos 150. Ele não era forte, o que o deixou sob risco. O jogo era jogado forte naqueles dias, Sr. King, com um monte de “vai se foder-es”.

Mas Faraday era o que tínhamos. Eu me lembro de DiPunno falando que ele não duraria muito tempo, mas nem mesmo Jersey Joe tinha noção do quão curto esse tempo seria.

Faraday estava atrás da base quando jogamos nosso último amistoso naquele ano. Foi contra os Reds. Havia uma jogada ensaiada preparada. Don Hoak estava na base. Algum brutamontes—acho que era Ted Kluszewski—estava na terceira base. Hoak joga a bola bem em direção a Jerry Rugg, que era nosso arremessador naquele dia. Grande Klew desembesta em direção à base, com todos os seus cento e vinte dois quilos. E lá estava Faraday, tão magrinho quanto um canudinho, parado com um pé na velha quarta base. Era óbvio que a coisa terminaria mal. Ruggs joga para Faraday. Faraday se vira para carregar a jogada. Eu não pude olhar.

Faraday não largou a bola e conseguiu o ponto, isso eu admito, só que aquilo era apenas um treino de primavera, com tanta importância no grande esquema das coisas quanto um peido num vendaval. E aquele foi o fim de *sua* carreira beisebolística. Um braço quebrado, uma perna quebrada, concussão—esse foi o placar. Eu não sei que fim levou. Pelo que sei, ele pode ter acabado lavando para-brisas por gorjetas em algum posto da Esso, em Tucumcari. Ele não teria sido o único.

Mas é isto o que interessa: perdemos nossos dois apanhadores em um espaço de quarenta e oito horas, e tínhamos que ir para o norte sem ninguém

para colocar atrás da base, exceto Ganzie Burgess, que havia sido convertido de apanhador para arremessador no começo dos anos 50. Ele tinha trinta e nove anos naquela temporada e só conseguiria jogar a metade final da partida, mas ele sabia lançar com a junta dos dedos, e era tão habilidoso quanto Satã, de modo que não havia chance de Joe DiPunno arriscar aqueles ossos velhos atrás da base. Ele disse que *me* colocaria lá antes que isso acontecesse. Eu sabia que ele estava brincando—eu era apenas um velho treinador de terceira base, com o saco tão caído que minhas bolas praticamente batiam em meus joelhos—mas, ainda assim, aquela ideia me deu calafrios.

O que Joe fez foi chamar a sede principal em Newark, e dizer, “Eu preciso de um cara que possa pegar as bolas rápidas de Hank Masters, e as curvadas de Danny Doo, sem cair de bunda. Eu não me importo se ele jogar pelos Testículos Adornados de Tremont, apenas certifique-se de que ele tenha uma luva e que chegue a tempo para o Hino Nacional. Depois disso, comece a trabalhar para me achar um apanhador de verdade. Isto é, se você quiser ter qualquer chance de competir nesta temporada”. Então, ele desligou e acendeu o que provavelmente seria seu décimo oitavo cigarro do dia.

Oh, mas que vida tem um treinador, não é? Um apanhador enfrentando acusações de homicídio; outro no hospital, envolto em tantas bandagens que mais parecia Boris Karloff em *A Múmia*; uma base de apanhadores, ou nova demais para se barbear, ou velha o bastante para ter Seguridade Social. Só Deus poderia saber quem vestiria o equipamento e se postaria atrás da base no Dia de Abertura.

Voamos para o norte, em vez de seguirmos pelos trilhos, mas, ainda assim, senti-me um bagaço de laranja. Enquanto isso, Kerwin McCaslin, que fora o Diretor Geral dos Titans, pegou o telefone, e nos achou um apanhador para começar a temporada: William Blakely, que logo seria conhecido como Blockade Billy. Eu não consigo lembrar se ele veio da primeira ou da segunda divisão da Pequena Liga, mas você poderia pesquisar em seu computador, suponho, porque eu *sei* o nome do time do qual ele veio: os Cornhuskers de Davenport. Alguns poucos jogadores vieram de lá durante meus sete anos nos Titans, e os jogadores veteranos sempre perguntavam a eles como era jogar pelos Queima-Roscas. Às vezes, eles os chamavam de Cornoskers. O humor no beisebol não é o que se pode chamar de sofisticado.

Nós estreamos contra os Red Sox, naquele ano. Em meados de abril. O beisebol começava mais tarde naquela época, e jogávamos uma tabela mais razoável. Eu fui mais cedo até o estacionamento naquele dia—antes de Deus sair

da cama, na verdade—e havia um jovem sentado na mala de um velho Ford, na vaga dos jogadores. A placa, pendurada por arame na traseira, vinha de Iowa. Nick, o vigia, deixara-o entrar quando o garoto lhe mostrara a carta da sede principal e a carteira de motorista.

“Você deve ser Bill Blakely”, eu disse, apertando sua mão. “É bom conhecê-lo”.

“É bom conhecê-lo, também”, ele disse. “Eu trouxe meu equipamento, mas já está bem usado”.

“Oh, eu acho que podemos cuidar disso, parceiro”, eu disse, soltando sua mão. Ele tinha um band-aid em volta de um dedo, logo abaixo do nó do meio. “Cortou se barbeando?”, perguntei, apontando.

“Sim, cortei me barbeando”, ele diz. Eu não sabia dizer se esse era o seu modo de demonstrar que havia entendido minha piadinha, ou que estava tão preocupado em foder com tudo que concordaria com qualquer coisa que qualquer um dissesse, ou ao menos no começo. Eventualmente, eu percebi que não havia sido nenhuma das duas coisas; ele apenas tinha o hábito de ecoar o que você dizia a ele. Eu me acostumei, até mesmo cheguei a gostar.

“Você é o técnico?”, ele perguntou. “Sr. DiPunno?”.

“Não”, eu respondi, “Sou George Grantham. Granny pra você. Eu sou o treinador da terceira base. Também sou o gerente de equipamentos”. O que era verdade; eu fazia ambas as coisas. Eu te disse que a franquia do beisebol era menor naquela época. “Eu vou aprontá-lo, não se preocupe. Vou te passar um equipamento todo novo”.

“Todo novo”, ele diz. “Exceto pela luva. Eu tenho que ter a velha luva Billy, sabe. A Billy Jr. e eu passamos por muita coisa”.

“Ora, tudo bem por mim”. E seguimos em frente, para o que os cronistas esportivos chamavam naquela época de Velho Pântano.

Eu hesitei em lhe dar a camisa 19, porque fora o número do pobre e velho Faraday, mas o uniforme coube certinho sem parecer um pijama, então eu dei. Enquanto ele se vestia, eu disse:

“Não está cansado? Você deve ter dirigido quase sem parar. Eles não te mandaram algum dinheiro para pegar um avião?”.

“Não to cansado”, ele disse. “Pode ser que eles tenham me mandado grana pra pegar um avião, mas não vi. Podemos dar uma olhada no campo?”.

Eu disse que podíamos, e o levei pela passarela até os gramados. Ele caminhou pela quarta base, por fora da linha de falta, com o uniforme de Faraday, o 19 azul brilhando ao sol matutino (ainda eram oito horas, as pessoas

que cuidavam do gramado começariam o que seria um longo dia).

Eu queria poder lhe dizer qual era a sensação de vê-lo fazer aquela caminhada, Sr. King, mas palavras é o seu domínio, não o meu. Tudo o que sei é que, na época, ele parecia mais com Faraday do que nunca. Ele tinha dez anos a menos, é claro... mas a idade não se mostra pelas costas, exceto, às vezes, pelo jeito de caminhar de um homem. E também, ele era magro como Faraday, e magro é como você quer que seu homem de segunda base e o interbase sejam, não seu apanhador. Apanhadores deveriam ter o físico de hidrantes, como Johnny Goodkind. Este aqui parecia um monte de costelas esperando para serem partidas.

Apesar disto, ele tinha um físico mais firme do que Frank Faraday; bunda mais larga e coxas mais grossas. Ele era magrelo da cintura pra cima, mas olhando para ele da bunda pra baixo, lembro-me de pensar com quem ele provavelmente parecia: um rapaz da roça de Iowa, de férias na cênica Newark.

Ele foi até a base e se virou para olhar o centro do campo. Ele tinha cabelos escuros, e uma mecha dele havia caído em sua testa. Ele a ajeitou, e simplesmente ficou ali, captando tudo—as arquibancadas vazias e silenciosas, onde mais de cinquenta mil pessoas estariam sentadas naquela tardinha, a bandeirinha já presa na grade, flutuando com a brisa da manhã, as balizas de *foul* recém pintadas de azul, os empregados começando a regar. Era uma visão incrível, sempre achei, e eu podia imaginar o que se passava pela cabeça do garoto, ele, que apenas uma semana antes estivera em casa, ordenhando vacas, e esperando os Queima-Roscas começarem a jogar em meados de maio.

Pensei, *O pobre garoto finalmente está entendendo o quadro. Quando olhar para cá, eu verei pânico em seus olhos. Pode ser que eu tenha que atá-lo ao vestiário, para evitar que ele pule naquela sua velha carroça e volte para a terra de Deus.*

Mas quando ele olhou para mim, não havia pânico em seus olhos. Nenhum medo. Nem mesmo nervosismo, o que eu diria que todo jogador sente no Dia de Abertura. Não, ele parecia perfeitamente frio, parado ali, atrás da base, vestindo jeans da Levi e uma leve jaqueta de popelina.

“Aham”, ele diz, como um homem confirmado algo de que tinha total certeza a princípio. “Billy pode mandar brasa daqui”.

“Bom pra ele”, eu lhe digo. É tudo o que posso pensar em dizer.

“Bom”, ele responde. Então—eu juro—ele diz, “Você acha que aquele pessoal precisa de ajuda com as mangueiras?”.

Eu ri. Havia algo de estranho sobre ele, alguma coisa fora do lugar, algo

que deixava as pessoas nervosas... mas esse algo também fazia as pessoas gostarem dele. Era meio doce. Alguma coisa fazia você querer gostar dele, a despeito da sensação de que estava deslocado. Joe sentiu isto imediatamente. Alguns dos jogadores também, mas isso não evitou que eles passassem a gostar dele. Eu não sei, era como se quando se falava com ele, o que retornava era o som de sua própria voz. Como um eco em uma caverna.

"Billy", eu disse. "Cuidar do gramado não é trabalho seu. O trabalho de Bill é colocar o equipamento e pegar todas de Danny Dusen esta tarde".

"Danny Doo", ele disse.

"Exatamente. Vinte e seis no ano passado, devia ter ganhado o prêmio de melhor arremessador da MLB, mas não aconteceu. Ele ainda está puto por causa disso. E lembre-se disto: se ele recusar sua jogada, não ouse repetir os sinais. Isto, é claro, se não quiser que seu cu e seu pinto troquem de lugar após o jogo. Danny Doo está a quatro jogos de conquistar duzentas vitórias, e ele fará de tudo para chegar lá.

"Para chegar lá". Ele diz, assentindo com a cabeça.

"Isso mesmo".

"Se ele recusar, mostrar uma jogada diferente".

"Sim".

"Ele sabe mudar a velocidade de uma bola durante o arremesso?".

"O céu é azul? O Doo venceu cento e noventa e seis jogos. Não se consegue isso se você não souber fazer essa jogada de efeito".

"Não sem essa jogada de efeito", ele diz. "Certo".

"E não se lesione. Até contratarmos alguém, você é tudo o que temos".

"Eu sou", ele diz. "Saquei".

"Espero que sim".

Outros jogadores já estavam chegando e eu tinha uma centena de coisas para fazer. Logo mais, vi o garoto no escritório de Jersey Joe, assinando o que era necessário, com Kerwin McCaslin vigiando acima dele, como um abutre numa autoestrada, apontando os lugares certos para se assinar. Pobre rapaz, provavelmente apenas seis das últimas sessenta horas de sono valeram a pena, e lá estava ele, assinando cinco anos de sua vida à toa. Mais tarde, eu o vi com Dusen, examinando a escalação do Boston. O Doo fazia todo o falatório, e o garoto fazia toda a escuta. Sequer fez uma pergunta, e isso foi bom. Se o garoto tivesse aberto a boca, Danny provavelmente a teria arrancado.

Mais ou menos uma hora antes do jogo, eu fui ao escritório de Joe para olhar a escalação. Ele tinha colocado o garoto para jogar no oitavo, o que não era

surpresa. Acima de nossas cabeças, os murmúrios haviam começado e dava para ouvir o barulho dos pés nas tábuas. Os torcedores lotam o estádio com facilidade em jogos de abertura. Ouvir aquilo me fez sentir borboletas no estômago como sempre, e eu podia ver que Jersey Joe sentia a mesma coisa. Seu cinzeiro já estava transbordando.

"Ele não é tão grande quanto achei que fosse", ele diz, batendo no nome de Blakely na escalação. "Deus nos ajude se ele for atropelado".

"McCaslin ainda não achou outra pessoa?".

"Talvez. Ele falou com a esposa de Hubie Rattner, mas Hubie está numa colônia de pesca em algum lugar na Baixa da Égua, Michigan. Sem contato até próxima semana.

"Cap—Hubie Rattner já é um vovô".

"A cavalo dado não se olham os dentes. E seja franco comigo—quanto tempo você acha que aquele garoto vai durar com os grandões?".

"Oh, pode ser que ele seja café com leite", eu digo, "mas ele tem algo que Faraday não tinha".

"E o que seria?".

"Não sei. Mas se o visse atrás da quarta base, olhando para o centro do campo, você iria se sentir melhor. Era como se ele estivesse pensando 'Isto não é a pedreira que eu achei que seria'.".

"Ele vai ver a pedreira na primeira vez que Ike Delock lhe jogar uma na fuça", Joe disse, e acendeu um cigarro. Ele deu um trago e começou a trovejar. "Eu tenho que parar de fumar esse *Luckies*. Não provoca tosse, uma ova. Eu aposto com você vinte malditas pratas que o garoto vai deixar a primeira curvada de Danny Doo passar direto pela luva. Então Danny vai ficar puto—você sabe como ele fica quando alguém fode sua jogada—e Boston ficará fora da corrida".

"Ora, se você não é a pessoa mais otimista de todas", eu digo.

Ele estende a mão.

"Pode apostar".

E porque eu sabia que ele estava tentando espantar a "zica", apertei sua mão. Foram vinte pratas que eu ganhei, porque a lenda de Blockade Billy começou naquele mesmo dia.

Eu não diria que ele achava que iríamos ganhar, porque ele não achava. O Doo sim. Mas o primeiro arremesso—para Frank Malzone—*foi* uma curvada, e o garoto a catou muito bem. E não foi apenas isso. Aquilo lá estava mais enrolado do que pentelho de boceta, e eu nunca vi um apanhador trabalhar tão rápido, nem mesmo Yogi. O árbitro berrou o primeiro *strike* e entramos na

corrida, ou pelo menos até Williams acertar uma bola solo no quinto tempo. Recuperamo-nos no sexto, quando Ben Vincent salvou um lance. Então, no sétimo, colocamos um velocista na segunda base—eu acho que era Barbarino—com duas bolas fora e o garoto novo na base. Era sua terceira vez no taco. Na primeira, ele nem se mexeu, na segunda vez, ele tentou rebater. Delock o enganou feio daquela vez, fê-lo parecer idiota, e ele ouviu as únicas vaias que receberia enquanto vestisse o uniforme dos Titans.

Ele entra e eu olho para Joe. Ele estava sentado perto da escalação, só olhando para o chão e balançando a cabeça. Mesmo se o garoto conseguisse dar uma dentro, o Doo era o próximo, e o Doo não conseguiria acertar uma bola de basquete lenta com uma raquete de tênis. Como batedor, o cara era horrível pra caralho.

Eu não vou manter o suspense: isto não é um romance esportivo. Contudo, quem quer que tenha dito que às vezes a vida imita a arte, estava certo, e isso aconteceu naquele dia. A contagem foi de três para dois. O Delock jogou novamente a bola funda que enganou o garoto tão bem da primeira vez, e que eu me dane se o garoto não caiu na dele de novo. Só que Ike Delock acabou sendo o otário daquela vez. O garoto a acertou com o estilo de golfista que Ellie Howard costumava dar, e a bola subiu. Eu acenei para o velocista, e recuperamos a liderança, dois para um.

Todos no banco estavam de pé, berrando até a garganta sangrar, mas o garoto não parecia ouvir. Ficou lá na segunda base, espanando a sujeira das calças. Ele não ficou lá por muito tempo, porque O Doo foi ao chão com três arremessos, então jogou seu taco pelos ares como sempre fazia quando recebia três *strikes*.

Então talvez seja um romance esportivo afinal de contas, do tipo que provavelmente se leria na sala de estudos, durante o ginásio. Estávamos no topo da nona entrada e O Doo estava olhando para a ponta da fila. Malzone toma três *strikes*, e um quarto do público fica de pé. Três *strikes* com Klaus, e metade do público fica de pé. Então vem Williams—velho Teddy Boleiro. O Doo sinaliza para ele, uma, duas vezes, afrouxa e o guia. O garoto começa a se virar em direção ao montinho, e O Doo gesticula para que ele volte—apenas se agache e faça seu trabalho, filhinho. E assim filhinho faz. O que mais ele faria? O cara no montinho é um dos maiores arremessadores do beisebol, e o cara atrás da quarta base provavelmente brincava, naquela primavera, de pegar bola atrás do celeiro para manter a forma, após um dia inteiro puxando tetas de vacas.

O primeiro arremesso, maldição! Williams dispara para a segunda. A bola

estava imunda, difícil de manipular, mas o garoto ainda conseguiu um lançamento bom pra cacete. Quase enganou Teddy, mas, como você sabe, o "quase" nunca resolve o jogo. Agora todos estão de pé, berrando. O Doo berra alguma coisa para o garoto—como se fosse culpa do garoto, em vez de apenas um arremesso de bosta—e enquanto Doo dizia ao garoto que ele era um babaca e molenga, Williams pediu tempo. Machucou o joelho enquanto deslizava para o saco da base, o que não deveria ter surpreendido ninguém; ele podia acertar como ninguém nesse ofício, mas era uma boneca nas bases. O porquê de ele ter se metido a fazer isso naquele dia, ninguém nunca soube. Com certeza não foi uma jogada ofensiva ensaiada, não com dois *outs* e o jogo no papo.

Então, Billy Anderson vem correndo até Teddy... que provavelmente teria sido esculhambado pelo técnico se fosse outra pessoa. E Dick Gernet também entra, lento como uma lesma. A multidão vai à loucura, a bandeira tremula, as faixas balançam, as mulheres começam a chorar, os homens berram para Jersey Joe tirar O Doo e colocar Stew Rankin—ele era o que as pessoas chamariam de quebra-pressão hoje em dia, embora, na época, fosse conhecido apenas como um especialista em curto alívio.

Mas Joe cruzou os dedos e continuou com Dusen.

O contador marca três e dois, certo? Anderson sai desembestado com a bola, certo? Porque ele consegue correr como vento, e o cara atrás da quarta base é um novato. Gernert, aquele homem poderoso, gira ante uma curva e acerta uma tacada que quase sai do estádio, indo parar atrás do monte do arremessador, fora do alcance do Doo. Mas ele corre pra ela feito um gato. Anderson está na terceira base e o Doo dispara. Aquela coisa era como uma maldita *bala*.

Eu sei o que você está pensando que *eu* estou pensando, Sr. King, mas você está errado. Nunca passou pela minha cabeça que o nosso apanhador novato fosse ser arrebentado como Faraday e ter um único jogo bom da grande liga na carreira. Pra começar, Billy Anderson não era forte como Grande Klew; era mais um dançarino de balé. Segundo... bem... o garoto era *melhor* que Faraday. Eu acho que soube disso logo na primeira vez que o vi, sentado em sua velha caminhonete, com seu equipamento usado nos fundos.

A jogada de Dusen foi fraca, mas venenosa. O garoto a pegou entre as pernas, e então fez o pivô, e eu vi que ele usava apenas a luva. Eu tive tempo de pensar no quão amador aquilo era, em como ele havia esquecido o velho ditado que dizia "duas mãos para os iniciantes", em como Anderson iria soltar a bola e teríamos que tentar vencer o jogo no fim da nona entrada. Mas então o garoto baixou o ombro esquerdo, como um jogador de linha no futebol. Eu nunca

prestei atenção em sua mão livre, porque estava olhando praquela luva de apanhador esticada, como todo mundo no Velho Pântano, naquele dia. Logo, eu não vi exatamente o que aconteceu, e nem ninguém.

O que eu *vi* foi isto: o garoto enfiou a luva no peito de Anderson enquanto ele ainda estava a três passos inteiros do prato. Então, Anderson acertou o ombro abaixado do garoto. Ele subiu e aterrissou atrás da caixa dos rebatedores canhotos. O árbitro ergueu o punho no sinal de *eliminado*. Pouco depois, Anderson começou a berrar e segurar o tornozelo. Eu podia ouvi-lo do outro lado do campo, então dá pra imaginar que foi um belo berro, porque aqueles torcedores do Dia de Abertura urravam com a força de um tornado. Eu podia ver que a bainha esquerda da calça de Anderson estava ficando vermelha, e sangue escorria por entre seus dedos.

Posso tomar um copo de água? Coloque um pouco naquele copinho plástico, por favor. Copinhos de plástico são tudo o que nos dão em nossos quartos, sabe; nada de vidro no hotel dos zumbis.

Ah, isso é bom. Faz um bom tempo que não falo tanto, e tenho muito mais para dizer. Está entediado? Não? Bom. Nem eu. Estou me divertindo à beça, seja essa uma história terrível ou não.

Anderson não jogou novamente até 1958, e 58 foi seu último ano—Boston o liberou incondicionalmente na metade da temporada, e ele não pôde mais apanhar em lugar algum. Porque sua velocidade se fora, e velocidade era realmente tudo o que ele tinha a oferecer. Os médicos disseram que ele iria ficar novo em folha, que o tendão de Aquiles só estava lesionado, e não partido inteiramente, mas também estava distendido, e imagino que tenha sido isso que acabou com ele. O beisebol é um jogo sensível, sabe; as pessoas não entendem. E não são apenas os apanhadores que se machucam em colisões na quarta base.

Depois do jogo, Danny Doo pega o garoto no chuveiro e grita: “Vou te comprar uma bebida hoje à noite, novato! Na verdade, vou te comprar *dez!*” Então, ele faz seu maior elogio: “Você aguentou pra porra lá!”.

“Dez bebidas porque eu aguentei pra porra lá”, o garoto diz, e O Doo ri e lhe dá uma tapinha nas costas, como se fosse a coisa mais engraçada que já ouvira.

Mas então Pinky Higgins chega furioso. Ele estava cuidando dos Red Sox naquele ano, o que era um trabalho ingrato; as coisas só pioraram para Pinky e os Sox enquanto o verão de 57 se arrastava. Ele estava louco como os diabos, mascando tabaco tão dura e rapidamente que saliva voava por ambos os lados de sua boca, e escorria pelo queixo. Ele disse que o garoto cortou o tornozelo de

Anderson deliberadamente quando colidiram na quarta base. Disse que Blakely deveria tê-lo feito com as unhas, e que o garoto deveria ser expulso por conta disso. Foi um discurso e tanto vindo do homem cujo lema era, “Travas pra cima, e que comece a carnificina!”.

Eu estava sentado no escritório de Joe, bebendo uma cerveja, por isso ambos ouvimos a reclamação de Pinky. Achei que o cara havia enlouquecido, e pude ver no rosto de Joe que eu não estava sozinho nessa.

Joe esperou até Pinky terminar, aí disse: “Eu não estava prestando atenção no pé de Anderson. Eu estava esperando para ver se Blakely marcaria o ponto e seguraria a bola. E foi o que ele fez”.

“Traga-o aqui”, Pinky esbraveja. “Eu quero dizer isso na cara dele”.

“Seja racional, Pink”, Joe diz. “Eu estaria em seu escritório fazendo um discurso se houvesse sido Blakely o retalhado da história?”.

“Não foram travas!”, Pinky berra. “Travas são parte do jogo! Arranhar alguém como uma... uma garotinha numa partida de queimada... isso não! E Anderson joga há sete anos! Ele tem uma família para sustentar!”.

“Então, o que está dizendo? Que meu apanhador rasgou o tornozelo do seu substituto de base enquanto o tocava com a luva—e jogando-o por cima do maldito ombro, não se esqueça—com as *unhas*?”.

“É o que Anderson diz”, Pinky diz. “Anderson diz que ele sentiu isso”.

“Talvez Blakely tenha distendido o pé de Anderson com as unhas também. É isso mesmo?”.

“Não”, Pinky admitiu. Seu rosto estava todo vermelho naquela hora, e não só de fúria. Ele sabia como isso parecia. “Ele diz que aconteceu ao cair”.

“Como é?”, eu digo, “Com *unhas*? Que monte de bobagens”.

“Eu quero ver as mãos do garoto”, Pinky diz. “Mostre-me ou farei um maldito protesto”.

Eu achei que Joe diria a Pinky que ele tinha merda na cabeça, mas ele não o fez. Ele se virou para mim.

“Diga ao garoto para vir aqui. Diga-lhe que ele vai mostrar suas unhas ao Sr. Higgins, exatamente como fez para professora da primeira série, depois de seu Juramento de Obediência”.

Eu peguei o garoto. Ele veio sem reclamar, embora estivesse vestindo apenas uma toalha, e não escondeu as unhas. Elas estavam curtas, limpas; não estavam partidas, ou sequer entortadas. Tampouco havia sinais de sangue, como aconteceria se você realmente as enfiasse em alguém e rasgasse. Mas houve uma coisinha que percebi, embora eu não tenha pensado a respeito na hora: o band-

aid de seu segundo dedo havia sumido, e eu não vi nenhuma cicatriz onde a ferida estivera, só pele limpa, corada por causa do chuveiro.

“Satisfeito?”, Joe perguntou a Pinky, “Ou você também gostaria de checar as orelhas dele em busca de poeira de batata?”.

“Vá se foder”, Pinky diz. Ele se levanta, sai pisando firme até a porta, e cospe seu tabaco na lixeira por lá—*splut!*—então, vira-se de volta. “Meu garoto diz que *seu* garoto o cortou. Diz que sentiu. E meu garoto não mente”.

“Seu garoto tentou ser um herói no jogo, em vez de parar na terceira e dar a chance a Piersall. Ele diria a você que a lua é feita de porra se isso tirasse sua culpa. Você sabe o que aconteceu e eu também. Anderson se enrolou com as próprias travas, e fez isso consigo mesmo enquanto dava suas piruetas. Agora, dê o fora daqui”.

“Vai ter troco, DiPunno”.

“É? Bem, o jogo começa na mesma hora amanhã. Chegue cedo”.

Pinky saiu, cuspindo um naco fresco do que mascava. Joe tamborilou os dedos ao lado do seu cinzeiro, então perguntou ao garoto: “Agora que estamos a sós, você fez algo a Anderson? Diga-me a verdade”.

“Não”. Nem a mínima hesitação. “Eu não fiz nada com Anderson. Essa é a verdade”.

“Certo”. Joe disse, e se levantou. “É sempre bom farrear depois de um jogo, mas acho que vou pra casar tomar um drinque. Depois, pode ser que eu foda minha esposa no sofá. Ganhar no dia de abertura sempre me deixa de pau duro”. Então, ele disse, “Garoto, você jogou o jogo do jeitinho que ele deveria ser jogado. Bom pra você”.

Ele saiu. O garoto firmou a toalha ao redor da cintura e foi caminhando de volta ao vestiário. Eu disse, “Vejo que aquele corte de barbear sarou”.

Ele estacou no umbral, e embora estivesse de costas para mim, eu sabia que ele havia feito algo. A verdade estava no modo como ele estava parado. Eu não sei como explicar isso melhor, mas... eu sabia.

“O quê?”, como se não houvesse me entendido, sabe.

“O corte de barbear no seu dedo”.

“Oh, *aquele* corte de barbear. Sim, sarou”.

E ele saiu... e embora fosse adulto, provavelmente não tinha a menor ideia de *onde* ficaria. Para sua sorte, Kerwin McCaslin lhe arranjara um lugar na melhor parte de Newark. Por mais incrível que pareça, Newark possuía uma parte melhor naquela época.

Certo, segundo jogo da temporada. Dandy Dave Sisler no montinho, e

nosso novo apanhador mal tem tempo para se preparar na posição de rebatedor, antes que Sisler jogue uma bola rápida em sua cabeça. A coisa teria arrancado a porra dos seus olhos se houvesse acertado, mas ele desvia a cabeça—não se abaixa, nem nada—e então simplesmente ergue o taco de novo, olhando para Sisler, como se dizendo, *Manda ver, cara, repita se quiser*.

A multidão começou a berrar feito louca, fazendo coro. O juiz não marcou falta de Sisler, mas ele foi advertido e a torcida foi à loucura. Eu olhei e vi Pinky no abrigo do Boston, andando pra lá e pra cá, com os braços cruzados tão apertados que parecia estar tentando se evitar explodir.

Sisler dá duas voltas no montinho, deixando as moças molhadinhas—puxa, cara, elas queriam rasgá-lo e esquartejá-lo—e então volta, por fim lança dois ou três sinais. Aproveitando o tempo, sabe, fazendo cera. O garoto ficou lá o tempo todo com seu taco erguido, confortável como um velhinho numa cadeira de balanço. Então, Dandy Dave joga uma bola rápida e direta no canto inferior direito e o garoto solta a mão e manda a bola voar. Tidings estava na base e o placar estava dois a zero. Eu aposto que o pessoal de Nova York ouviu o barulho do Pântano quando o garoto acertou aquele *home run*.

Eu achei que estaria sorrindo ao sair pela terceira, mas ele parecia tão sério quanto um juiz. Sob sua respiração, ele murmurava, “Você conseguiu, Billy, mostrou àquele babaca, e conseguiu”.

O Doo foi o primeiro a agarrá-lo no abrigo, e dançou com ele até as prateleiras dos tacos. Até o ajudou a recolher suas coisas, o que não era um comportamento típico de Danny Dusen, que normalmente se achava acima de tais coisas.

Depois de derrotarmos o Boston duas vezes, e mijarmos em Pinky Higgins, fomos até Washington e ganhamos três seguidas. O garoto salvou as três, o que incluiu conseguir seu segundo *home run*, mas o Estádio Griffith era um lugar deprimente para se jogar, irmão; dava para acertar um rato nos assentos atrás da quarta base sem atingir qualquer torcedor. Os malditos Senators fizeram quarenta jogos naquele ano. Quarenta! Puta que pariu.

O garoto estava atrás da quarta para o Doo fazer sua segunda jogada, e quase pegou uma bola limpa no quinto jogo em que usava um uniforme da grande liga. Pete Runnels estragou isso durante a nona entrada—acertou uma dupla com uma eliminada. Depois disso, o garoto foi até o montinho, e desta vez Danny não acenou para ele voltar. Eles conversaram um pouco, e então O Doo mandou um passe proposital para o batedor seguinte, Lou Berberet (vê como tudo vai voltando?). Isso trouxe Bob Usher, e ele cai feito um patinho de um

jeito tão doce quanto se poderia querer: fim de jogo.

Naquela noite, O Doo e o garoto saíram para celebrar a centésima nonagésima oitava vitória de Dusen. Quando eu vi o novato no dia seguinte, ele passava por uma terrível ressaca, mas lidou com isso tão placidamente como havia lidado com Dave Sisler. Eu começava a pensar que tínhamos um grande jogador em nossas mãos, e que afinal de contas não precisaríamos de Hubie Rattner. Ou de qualquer outra pessoa.

"Você e Danny estão ficando bem chegados, eu acho", eu digo.

"Chegados", ele concorda, esfregando as têmporas. "Eu e O Doo estamos chegados. Ele diz que Billy é seu medalhão da sorte".

"É mesmo?".

"Sim. Ele diz que se ficarmos juntos, vai ganhar vinte e cinco, e terão que dar o prêmio Cy Young pra ele".

"É mesmo?".

"Sim, senhor, é isso mesmo. Granny?".

"O que é?".

Ele me lançava aquele olhar grande e azul: uma visão de vinte por vinte que via tudo e entendia praticamente nada. Na época, eu soube que ele mal sabia ler, e que o único filme que assistira fora *Bambi*. Ele disse que foi com os outros garotos de Ottershow, ou Outershow—tanto faz—e imaginei que essa fosse sua escola. Eu estava certo e errado sobre isso, mas não é realmente o que interessa. O que interessa é que ele sabia jogar beisebol—instintivamente, eu diria—mas, fora isso, ele era um quadro negro em branco.

"O que é um prêmio Cy Young?".

Era assim que ele era, entende.

Fomos a Baltimore por três jogos antes de voltarmos para casa. Típica primavera de beisebol naquela cidade, que não fica exatamente ao sul ou ao norte; é fria o bastante para congelar as bolas de um macaco num dia, e quente como o inferno no outro, e uma boa chuvinha, como gelo líquido, no dia seguinte. Não importava para o garoto; ele marcou em todos os jogos, somando oito seguidos. Ele também parou outro corredor na quarta base. Perdemos o jogo, mas foi uma parada bem dura. Gus Triandos foi a vítima, eu acho. Ele voou nos joelhos do garoto e simplesmente ficou lá, surpreso, a um metro da base. O garoto passou um pano na nuca tão gentilmente quanto uma mãe passaria uma pomada na queimadura de um bebê.

Houve uma foto desta cena no noticiário vespertino de Newark, com uma legenda que dizia *Blockade Billy Blakely Salva Outra Corrida*. Era um bom

apelido e os torcedores aceitaram. Eles não eram tão demonstrativos naqueles dias—ninguém iria ao Estádio Yankee, em 1957, usando um chapéu de cozinheiro para apoiar Gary Sheffield—mas quando jogamos nosso primeiro jogo de volta ao Velho Pântano, alguns levaram placas de estrada laranjas que diziam DESVIO e ESTRADA FECHADA.

As placas poderiam ter sido uma moda passageira se dois Indians não houvessem sido chutados da quarta em nosso primeiro jogo. Aquele foi um jogo em que Danny Dusen arremessou, incidentalmente. Aqueles "chutes" foram resultados de grandes arremessos, ao invés de grandes bloqueios, mas o novato recebeu os créditos mesmo assim, e eu diria que ele mereceu. Os rapazes começavam a confiar nele, entende? E eles queriam assisti-lo jogar. Jogadores são torcedores também, e quando alguém está começando, até os mais durões tentam ajudar.

Dusen ganhou sua centésima nonagésima nona naquele dia. Oh, e o garoto foi de três para quatro, incluindo um *home run*, então não se deve ficar surpreso pelo fato de que mais pessoas apareceram com aquelas placas em nosso segundo jogo contra Cleveland.

Pelo terceiro, um sujeito empreendedor começou a vendê-las no Titan Esplanade, grandes placas laranjas em forma de losango, com letras negras: ESTRADA FECHADA POR ORDEM DE BLOCKADE BILLY. Alguns dos torcedores as erguiam quando Blockade Billy estava para rebater, e faziam a mesma coisa quando o time adversário tinha um corredor na terceira base. Quando os Yankees vieram à cidade—isso aconteceu no fim de abril—o estádio inteiro ficou laranja quando os Bombers colocaram um corredor na terceira, o que faziam constantemente naquela temporada.

Então, os Yankees chutaram nossas bundas e nos tiraram do primeiro lugar. Não foi culpa do garoto; ele acertou cada lance do jogo, e anulou Bill Skowrib entre a quarta e a terceira base quando a bola foi pega numa corrida. Skowron era um alce do tamanho de Grande Klew, e ele tentou esmagar o garoto, mas foi Skowron quem caiu, ficando de quatro com o garoto em cima dele, como se estivesse montando-o. A foto no jornal fez tudo parecer o fim de uma grande luta de vale-tudo, com Pretty Tony Baba finalizando Gorgeous George, em vez do oposto. A torcida se superou, acenando aquelas placas de ESTRADA FECHADA. Não parecia importar a derrota dos Titans; os torcedores foram pra casa felizes, porque haviam visto seu magrelo apanhador derrubar o Poderoso Alce Skowron.

Eu vi o garoto depois, sentado nu, num banquinho do lado de fora do

vestiário. Ele tinha um grande machucado num lado do peito, mas não parecia se importar muito com isso. Ele não era chorão. O filho da puta era burro demais para sentir dor, algumas pessoas disseram mais tarde; burro demais e louco. Eu conheci vários jogadores idiotas em minha época, a idiotice nunca os impediu de chorar sobre seus dodóis.

"O que acha daquelas placas, garoto?", perguntei, achando que poderia alegrá-lo se precisasse disso.

"Que placas?", ele diz, e eu pude ver, pelo olhar intrigado em seu rosto, que ele não estava brincando nem um pouco. Apresentando Blockade Billy. Ele teria ficado na frente de um caminhão se o cara atrás do volante dirigisse pela linha da terceira base, tentando marcar um ponto em cima dele, mas, fora isso, ele não fazia ideia de nada com nada.

Jogamos duas vezes com Detroit antes de botarmos o pé na estrada de novo, e perdemos em ambas. Danny Doo estava no montinho no segundo jogo, e ele não podia culpar o garoto pelo jeito como as coisas transcorreram; tudo havia se perdido antes da terceira entrada acabar. Ficou sentado no abrigo, reclamando do clima frio (não estava frio), do modo como Harrington havia deixado de apanhar (Harrington teria que ter foguetes nos calcanhares para pegar aquela bola antes que ela caísse), e das faltas que recebeu daquele filho da puta do Wenders, atrás da quarta base. Quanto a isto, ele até podia ter razão. Hi Wenders não gostava d'O Doo, nunca gostou, apitou dois jogos dele no ano anterior. Mas eu não vi nenhuma injustiça naquele dia, e eu estava a menos de vinte e sete metros de distância.

O garoto conseguiu fazer sua parte em ambos os jogos, incluindo um *home run* e uma rebatida tripla. Dusen não ficou irritado com ele, o que teria sido normal; era daqueles que queriam que seus companheiros entendessem que só havia uma grande estrela nos Titans, e não eram eles. Mas ele gostou do garoto; realmente parecia achar que o garoto era seu medalhão da sorte. E o garoto gostava dele. Eles foram num bar depois do jogo, tomaram mil drinques e visitaram um bordel para celebrar o primeiro zerado d'O Doo na temporada. Apareceram na manhã seguinte, para a viagem para KC, pálidos e trêmulos.

"O garoto trepou ontem à noite", Doo me confidenciou, enquanto dirigíamos para o aeroporto no ônibus do time. "Eu acho que foi a primeira vez dele. Essa é a boa notícia. A má é que eu acho que ele nem se lembra".

Nosso voo foi turbulento; a maioria deles era naquela época. Malditas latas voadoras, é uma surpresa que não tenhamos morrido que nem Buddy Holly. O garoto passou a maior parte da viagem vomitando numa lata nos fundos do

avião, enquanto que, do outro lado da porta, um grupo jogava cartas e fazia suas piadinhas de sempre: *Tem alguma boa? Quer um garfo e faca pra cortar essa um pouquinho?* Então, no dia seguinte, o filho da puta detona no Estádio Municipal.

Havia também outra jogada do Blockade Billy; na época, ele poderia ter tirado patente. Desta vez, a vítima foi Clete Boyer. Novamente, Blockade Billy baixou o ombro esquerdo, e lá se foi o Sr. Boyer, aterrissando de costas na caixa do batedor canhoto. Entretanto, houve algumas diferenças. O novato usou ambas as mãos para a jogada, e não houve pé sangrando, ou tendão de Aquiles torcido. Boyer simplesmente se levantou e voltou para o abrigo, espanando a poeira da bunda e balançando a cabeça, como se não soubesse bem onde estava. Oh, e nós perdemos o jogo, apesar dos cinco acertos do garoto. Onze a dez foi o placar final, ou coisa assim. O arremesso de Ganzie Burgess não estava afiado naquele dia; os Athletics se banquetearam com isso.

Ganhamos o jogo seguinte, perdemos outro no dia do retorno ao lar. O garoto mandou bem em ambos, acumulando dezesseis acertos diretos. E ainda nove eliminações na quarta. Nove em dezesseis jogos! Devia ser um recorde. Isto é, se estivesse nos livros. Se qualquer um dos recordes daquele mês estivesse nos livros.

Nós fomos para Chicago para três jogos, e o garoto marcou nestes também, acumulando dezenove diretos. Mas maldito eu seja se não perdemos todos os três. Jersey Joe olhou para mim no último jogo e disse, “Eu não compro aquela coisa do medalhão da sorte. Eu acho que Blakely *suga* a sorte”.

“Isso não é justo e você sabe”, eu disse. “Nós íamos bem, no começo, e agora estamos numa fase ruim. Ela vai passar”.

“Talvez”, ele diz. “Dusen ainda está tentando ensinar ao garoto como beber?”.

“Sim. Eles foram ao *Loop* com alguns outros caras”.

“Mas voltarão juntos,” Joe diz. “Eu não entendo. A esta hora, Dusen já deveria estar odiando aquele garoto. O Doo já está aqui há cinco anos e eu conheço seu *modus operandi*”.

Eu também conhecia. Quando O Doo perdia, ele tinha que colocar a culpa em alguém, como naquele babaca do Johnny Harrington, ou no ladrão do Hi Wenders. A vez do garoto já estava demorando a chegar, mas Danny continuava a lhe dar tapinhas nas costas e prometer que ele seria a Revelação do Maldito Ano. Não que Doo pudesse culpar o garoto pela derrota daquele dia. Na quinta entrada de sua mais nova obra-prima, Danny rebatera contra a proteção da

arquibancada: ela foi alta, veloz e linda. Valeu um ponto. Então, ele fica furioso, perde o controle, e deixa de rebater as duas seguintes. Aí, Nellie Fox acerta uma dupla perto da linha de falta. Depois disso, O Doo se recompôs, mas aí já era tarde demais; ele fora fisgado, e assim permaneceu.

Melhoramos um pouco em Detroit, ganhamos duas em três. O garoto marcou em todas as três partidas, e fez outra daquelas incríveis jogadas na quarta base. Depois, voltamos de avião pra casa. Àquela altura, o garoto dos Queima-Roscas de Davenport era a porra mais quente da Liga Americana. Houve até conversas de levá-lo para fazer um comercial da Gillette.

“Taí um comercial que eu gostaria de ver,” Si Barbarino diz. “Eu sou um fã de comédia”.

“Então você deve adorar se ver no espelho,” diz Critter Hayward.

“Você é uma peça rara,” diz Si. “O que quero dizer é que o garoto nem bigode tem”.

Nunca houve um comercial, é claro. A carreira de Blockade Billy como jogador de beisebol estava quase no fim. Nós apenas não sabíamos disto.

Nós tínhamos três compromissos em casa com o White Shox, mas o primeiro não aconteceu. O velho chapa d’O Doo, Hi Wenders, foi escolhido como árbitro-chefe, e ele mesmo me contou a novidade. Eu cheguei mais cedo ao Pântano porque as malas com os nossos uniformes haviam sido enviadas por engano para Idlewild, e eu queria me certificar de que elas seriam devolvidas. Nós só precisaríamos dos uniformes daqui a uma semana, mas eu nunca ficava em paz até cuidar de tais coisas.

Wenders estava sentado num banquinho, do lado de fora da sala dos árbitros, lendo uma brochura com uma loira seminua na capa.

“Essa é a sua esposa, Hi?”, eu pergunto.

“Minha namorada,” ele diz. “Vá pra casa, Grannie. O meteorologista diz que vai cair um temporal às três. Só estou esperando DiPunno e Lopez chegarem aqui para cancelar o jogo”.

“Certo,” eu digo. “Obrigado”. Começo a me afastar e ele me chama.

“Grannie, aquele seu menino prodígio bate bem da cabeça? Porque ele fica falando consigo mesmo atrás da base. Sussurros. Nunca cala a matraca”.

“Ele não é um gênio, mas não é maluco, se é o que quer dizer,” eu disse. Eu estava errado quanto a isso, mas quem poderia saber? “Que tipo de coisa ele fica dizendo?”.

“Não consegui ouvir muito na vez em que fiquei atrás dele—o segundo jogo contra Boston—mas sei que ele conversa consigo mesmo. Naquilo que

você chamaria de terceira pessoa. Ele diz coisas como ‘Eu posso conseguir, Billy.’ E uma vez, quando raspou o taco na bola do que teria sido um terceiro *strike*, ele falou, ‘Sinto muito, Billy’”.

“E daí? Até os cinco, eu tinha um amigo invisível chamado Xerife Pete. Eu e Xerife Pete mandamos bala em muitas cidades mineradoras juntos.”

“É, mas Blakely não tem mais cinco anos. A não ser que ele tenha cinco anos aqui em cima.” Wenders bate na lateral de seu espesso crânio.

“Ele pode conseguir uma média de cinco rebatidas rapidinho,” eu digo. “E e só com isso que me importo. Além disso, ele é um tremendo defensor. Você tem que admitir”.

“Admito,” Wenders diz. “Aquele escroto não tem medo. Outro sinal de que não bate bem da cabeça.”

Eu não ia mais ficar ouvindo um árbitro desmoralizar um dos meus jogadores, então mudei de assunto e perguntei—mais ou menos brincando—se ele apitaria o jogo de amanhã justamente, mesmo que seu adorado Doo fosse lançar.

“Eu sempre apito de maneira justa,” ele diz. “Dusen é um tremendo boçal que está louco pra entrar no Hall da Fama; ele poder fazer centenas de besteiras, mas nunca assumirá a culpa de nenhuma delas, e ele é um filho da puta falastrão que sabe que é melhor não me encher, porque eu não vou ficar parado escutando. Dito isso, vou apitar justamente como sempre faço. Não acredito que você ainda duvida.”

E não acredito que você ficaria sentado aí, coçando o traseiro e chamando nosso apanhador de idiota congênito, eu pensei, *mas você chamou*.

Levei minha esposa para jantar naquela noite, e nos divertimos muito. Dançamos ao som da banda de Lester Lannon, como bem lembro. Depois disso, fiquei um pouquinho romântico dentro do táxi. Dormi bem. Eu não dormi muito bem por um tempo depois do que aconteceu; vários pesadelos.

Danny Dusen pegou a bola no que deveria ser a metade vespertina de um fim de tarde, mas o mundo como os Titans conhecia já havia ido para o inferno; nós apenas não sabíamos disto. Ninguém sabia, exceto Joe DiPunno. Quando a noite caiu, nós já sabíamos que estávamos completamente fodidos por toda a temporada, porque nossos primeiros vinte e dois jogos quase certamente seriam apagados dos livros de registros, juntamente com qualquer conhecimento oficial da existência de Blockade Billy Blakely.

Eu cheguei tarde por causa do trânsito, mas imaginei que não haveria problemas já que o conflito dos uniformes já havia sido resolvido. A maioria dos

rapazes já estava lá, vestindo-se ou jogando pôquer, ou apenas sentados, conversando merda. Dusen e o garoto estavam num canto, perto da máquina de cigarros, sentados em duas cadeiras dobráveis. O garoto vestia suas calças do uniforme, Dusen ainda estava de cuecas—uma visão nada bonita. Eu fui até lá para pegar um maço de Winstons e fiquei escutando. Danny era quem fazia a maior parte do falatório.

"Aquele porra do Wenders odeia meu rabo," ele diz.

"Ele odeia seu rabo," o garoto diz, então adiciona: "Aquele porra".

"Pode apostar que sim. Acha que ele quer ser o juiz que vai ficar atrás de mim quando eu conseguir minha ducentésima vitória?".

"Não vai?", o garoto diz.

"Pode apostar que não! Mas eu vou vencer hoje, só pra irritá-lo. E você vai me ajudar, Bill. Certo?".

"Certo. Com certeza. Bill vai ajudar".

"Ele vai explodir de raiva, aquele filho de uma puta".

"Vai? Ele vai explodir como um filho de uma...".

"Acabei de dizer que ele vai. Então, fique vendo".

"Eu vou ficar vendo".

"Você é meu medalhão da sorte, Billy-boy".

E o garoto, sorrindo: "Eu sou seu medalhão da sorte".

"É. Agora, escute...".

Era engraçado e arrepiante ao mesmo tempo. O Doo estava *intenso*—curvado pra frente, olhos piscando enquanto falava. Tudo o que Wenders dissera sobre ele era verdade, mas ele se esqueceu de uma coisa: O Doo era um competidor. Ele queria ganhar como Bob Gibson ganhara. Como Gibby, ele faria de tudo pra isso acontecer. E o garoto comia tudo com uma colher.

Eu quase me meti na conversa, porque queria quebrar aquela conexão. Conversando agora com você, acho que seja possível que meu subconsciente já tivesse percebido muita coisa. Talvez não seja verdade, mas acho que era.

De qualquer forma, eu os deixei em paz, peguei meus cigarros e saí dali. Diabos, e se eu tivesse aberto a boca, Dusen teria me dito pra enfiar uma meia nela. Ele não gostava de ser interrompido enquanto era o dono da corte, e apesar de eu não dar a mínima pra isso em qualquer outra ocasião, era melhor deixar um cara em paz quando era a sua vez decidir o jogo na frente das quarenta mil pessoas que pagavam seu salário. Especialmente quando esse cara estava quase alcançando o grande duzentos.

Fui até o escritório de Joe para pegar a escalação, mas a porta estava

trancada e as persianas fechadas, uma coisa quase impossível num dia de jogo. As palhetas estavam abertas, então eu dei uma espiada. Joe tinha o telefone no ouvido e uma mão sobre os olhos. Eu bati no vidro. Ele levou um susto tão grande que quase caiu da cadeira, então se virou. E eu vi que ele chorava. Eu nunca o vi chorar em toda a minha vida, não antes nem depois, mas, naquele dia, ele estava chorando. Seu rosto estava pálido e seu cabelo desgrenhado—ou o pouco que sobrara dele.

Ele acenou para que eu fosse embora, então voltou a falar ao telefone. Comecei a cruzar o vestiário em direção ao escritório do técnico, que era, na verdade, a sala de equipamentos. Na metade do caminho, eu parei. A grande conferência dos arremessadores e apanhadores havia terminado, e o garoto estava vestindo sua camisa do uniforme, aquele com o grande 19 azul. E eu vi que o band-aid estava de volta em seu segundo dedo da mão direita.

Eu fui até lá e coloquei a mão em seu ombro. Ele sorriu para mim. O garoto tinha um sorriso realmente doce quando resolvia usá-lo.

“Oi, Granny,” ele diz. Mas seu sorriso começou a ceder quando viu que eu não estava sorrindo de volta.

“Vocês estão prontos para jogar?”, perguntei.

“Claro”.

“Bom. Mas eu quero lhe dizer uma coisa antes. O Doo é um grande arremessador, mas como ser humano ele nunca passará da segunda divisão. Ele cavalgaria na coluna quebrada da própria avó se isso significasse vencer, e você vale muito menos pra ele do que a avó”.

“Eu sou o medalhão da sorte dele!”, ele diz, indignado... mas, abaixo da indignação, ele parecia a ponto de chorar.

“Talvez,” eu disse, “mas não é disso que estou falando. Há um termo que usam: ‘ficar pilhado’ *demais* para um jogo. Ficar um pouco pilhado é bom, mas se ficar muito, pode ser que o camarada enlouqueça.”

“Eu não te entendo”.

“Se você estourasse e murchasse como um pneu ruim, O Doo estaria cagando pra isso. Ele simplesmente acharia um novo medalhão da sorte”.

“Você não devia falar assim! Ele e eu somos amigos!”.

“Eu também sou seu amigo. E mais importante que isso, sou um dos treinadores desta equipe. Sou responsável por seu bem estar, e falo do jeito que quiser, especialmente com um novato. E você escutará. Está escutando?”

“Estou escutando”.

Eu tenho certeza que estava, mas não estava olhando; ele havia baixado os

olhos e rosas vermelhas começavam a brotar naquelas bochechas infantis.

“Eu não sei que tipo de truque você tem debaixo desse band-aid, e eu não quero saber. Tudo o que sei é que o vi no seu primeiro jogo, e alguém se machucou. Eu não o vi desde então, e não quero vê-lo hoje. Porque se você fosse pego, *você* se ferraria. Não O Doo”.

“Eu só me cortei,” ele diz, totalmente rabugento.

“Certo. Barbeando. Mas eu não quero vê-lo no seu dedo quando você for lá fora. Estou cuidando dos seus melhores interesses”.

Teria eu dito aquilo se não houvesse visto Joe tão atordoado a ponto de chorar? Eu gosto de pensar que sim. Eu também gosto de pensar que estava cuidando dos melhores interesses do jogo, que eu amava na época e agora. Boliche virtual não chega nem aos pés, acredite.

Eu me afastei antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. E não olhei para trás. Em parte porque eu não queria ver o que havia sob o band-aid, mas principalmente porque Joe estava parado à porta do escritório, convidando-me a entrar. Eu não vou jurar que seu cabelo havia ficado mais grisalho, mas também não vou jurar que não havia.

Entrei no escritório e fechei a porta. Uma ideia horrível me ocorreu. Ela meio que fazia sentido, dado ao olhar em seu rosto.

“Jesus, Joe, é sua esposa? Ou as crianças? Algo aconteceu a alguma das crianças?”.

Ele começou a falar, como se eu o houvesse despertado de um sonho.

“Jessie e as crianças estão bem. Mas George... oh, *Deus*. Eu não posso acreditar”. Ele colocou as palmas contra os olhos. Um som saiu dele, mas não era um soluço. Era uma risada. A risada mais terrível e fodida que eu já ouvi.

“O que foi? Quem ligou?”.

“Eu tenho que pensar,” ele diz—mas não para mim. Era para si mesmo que ele falava. “Tenho que decidir como vou...”. Ele tirou as mãos dos olhos, e pareceu mais consigo mesmo. “Você vai ser o técnico hoje, Grannie”.

“*Eu?* Não posso! O Doo vai endoidar! Ele vai tentar seu ducentésimo de novo, e...”.

“Nada disso importa, não vê? Não mais”.

“O que...”.

“Apenas cale a boca e faça sua escalação. Quanto ao garoto...”. Ele pensou, então balançou a cabeça. “Diabos, deixe-o jogar, por que não? Merda, deixe-o bater na quinta entrada. Eu ia subi-lo de posição, de qualquer jeito”.

“É claro que ele vai jogar,” eu disse. “Quem mais apanharia Danny?”.

“Oh, foda-se Danny Dusen!”, ele diz.

“Cap—Joey—conte-me o que aconteceu”.

“Não,” ele diz. “Eu tenho que pensar primeiro. O que direi aos rapazes. E aos repórteres!”. Ele bateu na testa como se esta parte da coisa só houvesse lhe ocorrido agora. “*Aquele* enxame de cuzões! Merda!”. Então, voltou a falar consigo mesmo: “Mas deixe que os rapazes joguem esse jogo. Eles merecem esse tanto. Talvez o garoto também. Diabos, talvez ele consiga uma rebatida válida, dupla, tripla e um *home run* na mesma partida!”. Ele riu um pouco mais, então adentrou à própria cuca para se obrigar a parar.

“Eu não entendo”.

“Entenderá. Vá logo, dê o fora. Escolha qualquer escalação que quiser. Tire os nomes de um boné, por que não? Não importa. Apenas certifique-se de informar ao árbitro-chefe que você estará dirigindo o espetáculo. Acho que esse seria o Wenders”.

Desci o corredor até a sala dos árbitros como um homem dentro de um sonho, e falei a Wanders que eu estaria fazendo a escalação e que ficaria como técnico no banco de reservas, perto da terceira base. Ele me perguntou o que havia de errado com Joe, e eu disse que Joe estava doente.

Foi o primeiro jogo que comandei até chegar aos Athletics, em 1963, e que jogo curto aquele foi, porque como você provavelmente sabe se fez sua pesquisa, Hi Wenders me expulsou na sexta entrada. Eu não me lembro de muito do que houve, de qualquer forma. Eu tinha tanto em minha mente que me sentia como um homem dentro de um sonho. Mas tive senso o bastante para fazer uma coisa, e isso foi checar a mão direita do garoto antes dele entrar em campo. Não havia band-aid no segundo dedo, e nenhum corte, tampouco. Eu sequer me senti aliviado. Eu apenas continuava a visualizar os olhos vermelhos e a cara cansada de Joe DiPunno.

Aquele foi o último bom jogo de Danny Doo, ele nunca conseguiu sua ducentésima vitória. Ele tentou voltar em 58, mas não adiantou. Ele declarou que sua visão dupla fora curada e talvez seja verdade, mas não mais conseguia mandar a bola por cima da base com tanta facilidade. Nenhum Hall da Fama para Danny. Joe tinha razão: aquele garoto sugava sorte.

Mas naquela tarde, Doo fez seu melhor jogo que eu já vira, sua bola rápida quicava, sua curva rasgava como um chicote. Pelas primeiras quatro entradas, eles não conseguiram tocá-lo. Simplesmente sentem e esperem a próxima brincadeira, amiguinhos. Ele conseguiu seis *strikeouts*, e o resto foi de *groundouts*. O único problema era que Kinder era quase tão bom quanto ele.

Havíamos dado uma mancada estúpida, eles rebateram uma válida e outra dupla de Harrington ao fim da terceira entrada.

No topo da quinta, o primeiro batedor se lasca facilmente. Então, Walt Dropo aparece, rebate uma fortemente para o lado canhoto do campo, e sai correndo como se estivesse sendo perseguido pelo inferno. A multidão viu que Harry Keene ainda perseguia a bola enquanto Dropo corria pela segunda base, e entenderam que isso poderia significar um *home run* interior, ou seja, sem que o rebatedor houvesse colocado a bola pra fora do campo. A cantoria começou. Apenas algumas vozes a princípio, então mais e mais. Ficando cada vez mais viva e alta. Isso causou um calafrio da ponta do meu rabo até a nuca.

"*Bloh-KADE! Bloh-KADE! Bloh-KADE!*".

Tipo isso. As placas laranjas começaram a aparecer. As pessoas ficaram de pé, segurando as placas acima das cabeças. Não agitando-as, como seria o normal, simplesmente segurando-as no alto. Eu nunca vi nada assim.

"*Bloh-KADE! Bloh-KADE! Bloh-KADE!*".

A princípio, achei que seria impossível aquela jogada acontecer; naquela hora, Dropo soltava fumaça pela terceira e não deixaria nada atrapalhá-lo. Mas Keene catou a bola e fez um perfeito lançamento curto para Barbarino. O novato, enquanto isso, está paradinho na lateral da terceira com a quarta base com a luva erguida, mostrando o alvo, e Si acerta na mosca.

O público canta. Dropo desliza, com as travas pra cima. O garoto não se importa; ele cai de joelhos e mergulha em direção delas. Hi Wenders está onde deveria—pelo menos daquela vez—inclinando-se sobre a jogada. Uma nuvem de poeira sobe... e dela sai o polegar erguido de Wenders. "*Vocêêê está... FORA!*". Sr. King, a torcida foi à loucura. Walt Dropo também. Ele se levantou e começou a dançar como um garoto doidão numa discoteca. Ele não podia acreditar.

O garoto recebeu um arranhão na metade superior do antebraço esquerdo, nada ruim, apenas uma pequena mistura de sangue e suor, mas foi o bastante para que o velho Bony Dadier—ele era nosso preparador—viesse e colocasse um band-aid naquilo. Então, o garoto conseguiu seu band-aid afinal, só que este era legítimo. A torcida ficou de pé durante toda a consulta médica, agitando suas placas de ESTRADA FECHADA e cantando "*Bloh-KADE! Bloh-KADE!*", como se nunca fossem enjoar disto.

O garoto não parecia perceber. Ele estava em outro mundo. Ele sempre esteve desde que chegou aos Titans, agora que penso a respeito. Ele apenas colocava sua máscara, ia para trás da base, e se agachava. O de sempre. Bubba

Phillips apareceu, foi seguido por Lathrop, e a quinta entrada terminou.

Quando o garoto surgiu no fim da entrada e conseguiu três strikeouts, a multidão continuou a ovacioná-lo de pé. Daquela vez, ele percebeu, e tocou na ponta do boné enquanto voltava para o banco de reservas. Aquela foi a única vez que isso aconteceu. Não porque ele era esnobe, mas porque... bem, eu já falei disso. Aquela coisa sobre o outro mundo.

Certo, o topo da sexta entrada. Depois de cinquenta anos, eu ainda fico puto da vida quando penso a respeito. Kinder está na primeira e manda pra terceira, exatamente como um arremessador tem que fazer. Então, surge Luis Aparicio, o Luisinho. O Doo se prepara e solta o fogo. Aparacio a rebate alta e preguiçosamente para trás da quarta, perto da tela de proteção da terceira. O garoto joga sua máscara no chão e corre atrás dela, cabeça para trás e luva para cima. Wenders o persegue, mas não tão perto quanto deveria. Ele não achava que o garoto conseguiria. Aquele era um juiz escroto e preguiçoso.

O garoto saiu do gramado e já está no concreto, perto da parede baixa entre o campo e a arquibancada. Pescoço estendido. Olhando para cima. Duas dúzias de pessoas na primeira e segunda fila da arquibancada também estão olhando para cima, a maioria delas agitando as mãos para o alto. Esta é uma coisa que eu nunca entendi sobre os torcedores e nunca irei. É apenas a porra de uma *bola*, pelo amor de Deus! Um item vendido a setenta e cinco centavos na época. Todo mundo sabia disso. Mas quando os torcedores veem que uma vai alcançá-los, eles se transformar na porra do Danny Doo para conseguirem pôr as mãos nela. Que se dane o cara que está tentando pegá-la—o jogador do time *deles*, e num jogo disputadíssimo—e fazer seu trabalho.

Eu vi tudo. Vi claramente. Aquela superbola foi descendo pelo nosso lado da parede. O garoto ia conseguir pegá-la. Então, algum palhaço de braços compridos, que vestia uma daquelas jaquetas dos Titans que vendiam na Esplanada, esticou o braço e tocou na bola, de modo que ela quicou na ponta da luva do garoto e caiu no chão.

Eu tinha tanta certeza que Wenders apitaria contra para Aparicio—fora uma interferência clara—que a princípio não acreditei no que via quando ele gesticulou para o garoto voltar para trás da base, e para Aparicio prosseguir sua jogada. Quando entendi o que havia acontecido, sai correndo, agitando os braços. A torcida começou a me incentivar e a vaiar Wenders, o que com certeza não é um bom jeito de se fazer amigos ou influenciar pessoas quando se discute uma decisão, mas eu estava furioso demais pra ligar. Eu não teria parado mesmo que Mahatma Gandhi houvesse cruzado o campo de bunda de fora, pedindo paz.

“*Interferência!*”, gritei. “*Clara como o dia, clara como esse seu nariz!*”.

“Ela foi bater nas arquibancadas, isso faz dela bola fora,” Wenders diz. “Volte para seu ninhozinho e vamos continuar com o espetáculo”.

O garoto não se importou; ele estava falando com seu amigo do peito, O Doo. E tudo bem com isso. Eu não me importava se ele não se importava. Tudo o que eu queria naquela hora era furar um novo cu em Hi Wenders. Eu não sou de ficar batendo boca—durante todo o tempo em que treinei os A’s, só fui expulso do jogo duas vezes—mas naquele dia eu teria feito Billy Martin parecer um pacificador.

“*Você não viu, Hi! Você ficou muito pra trás! Você não viu merda alguma!*”.

“Eu não fiquei pra trás e vi tudo. Agora volte pra lá, Granny. Eu não estou brincando”.

“*Se não viu aquele filho da puta de braços compridos...*”, (nesta hora, uma senhora na segunda fila colocou as mãos sobre as orelhas de seu garotinho e franziu os lábios, numa cara de reprovação). “*...aquele filho da puta de braços compridos estendê-los e tocar na bola, então você ficou SIM pra trás! Jesus Cristo!*”.

O cara da jaqueta balançava a cabeça—Quem, eu? Eu não!—mas o babaca também ostentava um grande sorriso envergonhado. Wenders viu, entendeu o que significava, e virou o rosto.

“Chega,” ele diz para mim. E numa voz razoável, que significa que você está bem perto de ir beber uma cerveja no vestiário. “Você já disse o que queria. Agora, você pode voltar para o banco, ou ouvir o resto do jogo pelo rádio. Escolha”.

Voltei para o banco. Aparacio permaneceu onde estava com um grande sorriso escroto na fuça. Ele sabia, com certeza sabia. E se aproveitou ao máximo disto. O cara nunca acertava muitos *home runs*, mas quando O Doo lançou sua bola com efeito que não teve efeito, Louie rebateu alta, veloz e lindamente para a parte mais profunda do campo. Nosy Norton jogava centralizado, e ele nunca sequer se virou.

Aparicio circulou as bases, sereno como o *Queen Mary* aportando, enquanto a multidão berrava pra ele, denegrindo sua mamãe, e arremessando ódio contra a cabeça de Hi Wenders. Wenders não ouviu nada, o que é uma habilidade dos árbitros-chefes. Ele apenas tirou uma bola nova do bolso e começou a inspecioná-la. Ao observá-lo fazer isso, eu perdi completamente a cabeça. Eu corri até a quarta base e comecei a agitar ambos os punhos na cara

dele.

"*Esse é o seu trabalho, seu ladrão do caralho!*", eu berrei. "*Preguiçoso demais pra correr atrás da bola fora, e agora quer creditar uma corrida impulsionada! Enfia ela no cu! Talvez encontre seus óculos lá!*".

A multidão adorou. Hi Wenders, nem tanto. Ele apontou para mim, jogou o polegar para trás dos ombros, e saiu andando. O público começou a vaiar e agitar suas placas de ESTRADA FECHADA; alguns jogaram garrafas, copos, e salsichas meio comidas no campo. Foi um circo.

"*Não dê as costas para mim, seu gordo escroto cego preguiçoso do caralho!*", gritei, e corri atrás dele. Alguém do nosso banco me agarrou antes que eu pudesse pegar Wenders, o que realmente pretendia fazer. Eu havia perdido o toque com a realidade.

A multidão cantava "*MATE O JUIZ! MATE O JUIZ! MATE O JUIZ!*", nunca vou me esquecer disso, porque estavam cantando do mesmo modo como haviam cantado "*Bloh-KADE! Bloh-KADE!*".

"*Se sua mãe estivesse aqui, também estaria jogando merda em você, seu puto cegueta!*", eu gritei, e depois me puxaram para dentro do banco de reservas. Ganzie Burgess, um de nossos arremessadores, tomou meu lugar de técnico pelas últimas três entradas daquele show de horrores. Ele também jogou nas últimas duas. Você deverá achar isso também nos livros de registros. Se é que houve algum registro daquela primavera perdida.

A última coisa que vi em campo foi Danny Dusen e Blockade Billy parados na grama entre a quarta base e o montinho. O garoto tinha a máscara enfiada sob um braço. O Doo sussurrava em seu ouvido. O garoto escutava—ele sempre escutava quando O Doo falava—mas estava olhando pra multidão, quarenta mil torcedores de pé, homens, mulheres e crianças, gritando *MATE O JUIZ, MATE O JUIZ, MATE O JUIZ.*

Havia um balde de bolas na metade do caminho entre o banco de reservas e o vestiário. Eu o chutei e mandei as bolas rolando em todas as direções. Se eu tivesse pisado em uma delas e caído de bunda, teria sido o fim perfeito para uma puta tarde perfeita no campo de beisebol.

Joe encontrava-se no vestiário, sentando num banco do lado de fora dos chuveiros. Naquele momento, ele parecia ter setenta, em vez de apenas cinquenta. Havia três caras com ele. Dois eram policiais uniformizados. O terceiro estava de terno, mas não era preciso olhar duas vezes praquele rosto rígido para saber que ele também era um tira.

"O jogo acabou mais cedo?", este me perguntou. Ele estava sentado numa

cadeira dobrável, suas grandes coxas de policial abertas e explodindo suas calças listradas de algodão. Os azulões estavam sentados nos bancos de frente para o vestiário.

“Para mim, sim”, eu disse. Eu ainda estava tão furioso que sequer liguei para os policiais. Para Joe, eu disse, “O maldito Wenders me expulsou. Sinto muito, Cap, mas foi um caso claro de interferência e aquele filho da puta preguiçoso...”.

“Não importa,” Joe disse. “O jogo não vai valer nada. Eu não acho que qualquer um dos nossos vá. Kerwin apelará pro Comissionário, claro, mas...”.

Joe suspirou. Então, ele olhou para o cara de terno.

“Conte a ele, Detetive Lombardazzi,” ele disse. “Eu não consigo”.

“Ele precisa saber?”, Lombardazzi perguntou. Ele olha pra mim como se eu fosse algum tipo de inseto que ele nunca vira na vida. Era um olhar do qual eu não precisava acima de tudo, mas mantive a boca calada. Porque eu sabia que três policiais, um deles detetive, não apareceriam no vestiário de um time de beisebol da Liga Principal se não fosse algo muito sério.

“Se quiser que ele segure o resto do pessoal por tempo o bastante para tirar o rapaz Blakely daqui, acho que sim,” Joe diz.

Acima de nós, veio um grito do público, seguido por uma lamentação, seguida por uma ovação. Nenhum de nós prestou qualquer atenção ao que acabou significando o fim da carreira beisebolística de Danny Dusen. O grito foi quando ele foi acertado na testa pela rebatida mediana de Larry Doby. O lamento aconteceu quando ele caiu do montinho do arremessador como se houvesse sido nocauteado. A ovação, quando ele se levantou e gesticulou que estava tudo bem. Não estava, mas ele jogou pelo resto da sexta e da sétima entrada. Ele tampouco desistia de um jogo. Ganzie o fez sair antes da oitava quando viu que O Doo não estava caminhando reto. Danny declarava a toda hora que estava perfeitamente bem, que aquele grande ovo de ganso roxo que começava a brotar em sua sobrancelha esquerda não era nada, que já havia levado boladas piores, e o garoto dizia o mesmo: não é nada, não é nada. O Pequeno Senhor Eco. Nós, abaixo no vestiário, não sabíamos de nada disso, não mais do que Dusen sabia que sua carreira estava acabada, mas era a primeira vez que parte de seu cérebro levava uma porrada daquelas.

“O nome dele não é Blakely,” Lombardazzi diz. “É Eugene Katsanis”.

“Katz-*oquesis*? Onde está Blakely, então?”.

“William Blakely está morto. Assim tem estado há um mês. Os pais dele também”.

Eu me aproximei dele.

“Do que você está falando?”.

Então, ele me contou as coisas que com certeza você já sabe, Sr. King, mas talvez eu possa preencher algumas lacunas. Os Blakelys viviam em Clarence, Iowa, um grande terreno a menos de uma hora de carro de Davenport. Isso era conveniente para o Pai e a Mãe, porque assim poderiam ir à maioria dos jogos de seu filho na pequena liga. Blakely era um fazendeiro de sucesso; ela possuía oito acres. Um de seus empregados não era muito mais do que um garoto. Seu nome era Gene Katsanis, um órfão que havia crescido no Lar Cristão para Rapazes de Ottershaw. Ele não era fazendeiro, e não batia muito bem da cabeça, mas era um tremendo jogador de beisebol.

Katsanis e Blakely competiam entre si em algumas equipes da igreja, e jogavam juntos no time local de Babe Ruth, que venceu o estadual pelos três anos em que os dois jogaram juntos, uma vez chegaram até às semifinais do nacional. Blakely foi para o colégio e brilhou naquele time também, mas Katsanis não era um rapaz de colégios. Ele era um rapaz de dar banho nos porcos e jogar bola, embora, supostamente, ele nunca devesse ser tão bom quanto Billy Blakely. Ninguém nunca pensou nesta possibilidade. Até ela acontecer, é claro.

O pai de Blakely o contratou porque o garoto era barato, é claro, mas principalmente porque ele tinha talento natural o bastante para manter Billy afiado. Por vinte e cinco dólares por semana, o menino ganhou um parceiro de treino que rebatia e arremessava. O velho ganhou um ordenhador de vacas e um limpador de estrume. Não fora um negócio ruim, ao menos não pra eles.

O que quer que você tenha achado em suas pesquisas, provavelmente favorece a família Blakely, correto? Porque eles viviam por aquelas bandas há quatro gerações, pois eram fazendeiros ricos, e porque Katsanis não era nada, exceto um rapaz do estado que começara a vida dentro de uma caixa de licor, deixada nos degraus duma igreja, e que perdera vários parafusos ao ir subindo. E por que isso? Porque ele havia nascido idiota, ou porque ele era espancado três ou quatro vezes por semana naquele lar antes de ficar velho e grande o bastante para se defender? Eu sei muito sobre os espancamentos porque ele tinha o hábito de falar consigo mesmo—isso apareceu nos jornais mais tarde.

Katsanis e Billy passaram a treinar mais duramente, já que Billy entrara no programa rural dos Titans—antes da pré-temporada, sabe, provavelmente arremessando e rebatendo no celeiro quando a neve ficou profunda demais—mas Katsanis foi chutado do time local, e não deixaram que ele fosse aos treinos dos

Queima-Roscas durante a segunda temporada de Billy com eles.

Durante a primeira, deixavam Katsanis participar de alguns treinos, até mesmo de alguns coletivos, se estivesse faltando um jogador. Era tudo muito informal e relaxado naquela época, não era como agora, quando companhias de seguro cagam tijolos se um jogador da Liga Principal pegar um taco sem estar usando um capacete.

O que eu acho que aconteceu—sinta-se livre para me corrigir se souber da história toda—é que o garoto, independentemente dos problemas que tivera, continuou a crescer e a amadurecer como jogador de bola. Blakely não. É comum ver isso a toda hora. Dois garotos que parecem a porra do Babe Ruth no colégio. Mesma altura, mesmo peso, mesma velocidade, mesma visão vinte por vinte. Mas apenas um deles consegue subir para o nível seguinte... e para o seguinte... e o seguinte... enquanto os outros ficam para trás. Isto aqui eu ouvi depois: Billy Blakely não começou como apanhador. Ele deixou de jogar centralizado quando um garoto que jogava de apanhador quebrou seu braço. E esse tipo de improvisação não é um bom sinal. É como se o técnico estivesse mandando uma mensagem: “Você vai jogar... mas só até alguém melhor aparecer”.

Acho que Blakely ficou com ciúmes, acho que seu velho ficou com ciúmes, e talvez Mamãe também. Talvez especialmente Mamãe, porque mães do esporte conseguem ser as piores. Penso que eles mexeram uns pauzinhos para impedir que Katsanis jogasse localmente, e de aparecer nos treinos dos Queima-Roscas de Davenport. Eles poderiam ter arranjado isto, porque eram uma família rica, bem estabelecida em Iowa, e Gene Katsanis era um ninguém que crescera em um orfanato. Um orfanato *Cristão* que provavelmente era o inferno na terra.

Eu acho que Billy reclamou do garoto demais e constantemente. Ou poderia ter sido a mãe ou o pai. Talvez tenha sido o jeito como ele ordenhava as vacas, ou talvez não tenha cuidado do estrume certa vez, mas aposto que, acima de tudo, a causa era o beisebol e o velho e pleno ciúme. O monstro de olhos verdes. Pelo que sei, o treinador dos Queima-Roscas disse a Blakely que ele seria mandado pra Classe A, em Clearwater, e ser mandado descer a escada quando se tem apenas vinte anos—idade em que, supostamente, se deveria *subir* a escada—é um belo sinal de que sua carreira no beisebol organizado vai ser bem curta.

Mas o que quer que tenha sido—ou *quem* quer que tenha sido—foi um péssimo erro. O garoto podia ser doce quando tratado bem, sabíamos disso, mas ele não batia bem da cabeça. E podia ser perigoso. Eu soube disso muito antes

dos policiais aparecerem, por causa do que aconteceu no primeiro jogo da temporada: Billy Anderson.

“O xerife do condado encontrou todos os três Blakelys no celeiro,” Lombardazzi diz. “Katsanis rasgou suas gargantas. O xerife disse que parecia ter sido o trabalho de uma lâmina de barbear”.

Eu me aproximei ainda mais dele.

“Isto é o que deve ter acontecido,” Joe diz, numa voz pesada. “Kerwin McCaslin ligou à procura de um novo apanhador quando nossos rapazes se machucaram na Flórida, e o treinador dos Cornhuskers disse que tinham um rapaz que poderia preencher a vaga por três ou quatro semanas, presumindo que não precisaríamos dele para salvar o time. Porque, ele disse, o garoto não seria capaz de fazer isso”.

“Mas foi,” eu digo.

“Porque ele não era Blakely,” Lombardazzi diz. “Blakely e seus pais já deveriam estar mortos há pelo menos alguns dias quando aconteceu. O rapaz Katsanis passou a cuidar sozinho da casa. E nem *todos* os seus parafusos estavam soltos. Ele fora esperto o bastante para atender ao telefone quando tocava. Ele recebeu a ligação do técnico e disse ‘claro, Billy ficaria feliz de ir para Nova Jersey’. E antes de partir—como Billy—ele ligou para os vizinhos e para o supermercado no centro. Disse que os Blakelys haviam recebido uma chamada de emergência familiar e que ele estaria cuidando das coisas. Bem esperto para um lunático, você não diria?”.

“Ele não é um lunático,” eu disse.

“Bem, ele cortou a garganta das pessoas que o acolheram e lhe deram um trabalho, e matou as vacas para que os vizinhos não as escutassem mugir à noite para serem ordenhadas, mas fique à vontade. Eu sei que o Ministério Público vai concordar com você, porque eles querem ver Katsanis na forca. É assim que fazem em Iowa, sabe”.

Eu me virei para Joe.

“Como uma coisa dessas pôde acontecer?”.

“Porque ele era bom,” Joe disse. “E porque ele queria jogar bola”.

O garoto tinha a identidade de Billy Blakely, e isso foi naqueles dias em que fotos de identidade não existiam. Os dois garotos eram bem parecidos: olhos azuis, cabelo escuro, um metro e oitenta. Mas, principalmente, sim—aconteceu porque o garoto era bom. E porque queria jogar bola.

“Foi bom o bastante para ficar quase um mês entre os profissionais,” Lombardazzi disse, e acima de nossas cabeças, a torcida vibrou. Blockade Billy

acabara de conquistar sua última jogada da grande liga: um *home run*. “Então, anteontem, o vendedor de gás apareceu na fazenda Blakely. Outras pessoas já haviam estado lá, mas leram o bilhete que Katsanis deixara na porta e foram embora. Não o vendedor de gás. Ele encheu os tanques atrás do celeiro, e o celeiro estava onde os corpos estavam—tanto os das vacas quanto os dos Blakelys. O clima finalmente esquentara, e ele sentiu o fedor. E é assim que, basicamente, nossa história termina. Agora, seu chefe aqui quer que ele seja preso com o menor alarde possível, e com o menor risco possível aos outros jogadores de seu time. Por mim, tudo bem. Então seu trabalho...”.

“Seu trabalho é segurar o resto do pessoal no banco de reservas,” Jersey Joe diz. “Mande Blakely... Katsanis... pra cá, sozinho. Ele já terá ido embora quando o restante do pessoal chegar ao vestiário. Depois, tentaremos dar um jeito nessa confusão do caralho”.

“Que diabos eu digo a eles?”.

“Que vão fazer uma reunião. Que vão tomar sorvete de graça. Eu não ligo. Apenas os segure por cinco minutos”.

Eu digo para Lombardazzi, “Ninguém ligou? *Ninguém*? Quer dizer que ninguém ouviu as transmissões de rádio e tentou ligar para Papai Blakely, para parabenizá-lo por seu filho ter ido jogar entre os grandes?”.

“Imagino que um ou dois tenham tentado,” Lombardazzi diz. “O pessoal de Iowa realmente vêm para a cidade grande de vez em quando, assim me disseram, e imagino que algumas pessoas que visitam Nova York escutem sobre os Titans, ou leiam sobre eles no jornal...”.

“Prefiro os Yankees,” intromete-se um dos azulões.

“Se eu quisesse sua opinião, bateria nas barras da sua cela,” responde Lombardazzi. “Até lá, cale a boca e fique quieto”.

Olhei para Joe, sentindo-me enjoado. Ser assaltado e expulso de campo durante o meu primeiro jogo como técnico parecia agora o menor de meus problemas.

“Mande-o para cá, sozinho,” Joe disse. “Eu não ligo como. Os rapazes não precisam assistir isto”. Ele ruminou sobre o assunto, e adicionou: “E acho que o garoto não precisa *vê-los* assistir. Não importa o que ele fez”.

Se você quer saber—e sei que não—perdemos aquele jogo por dois a um. Todos os três *runs* foram solo. Minnie Minoso ganhou o jogo de Ganzie no topo da nona entrada. O garoto encerrou a partida. Ele girou seu primeiro bastão profissional como um Titan; e assim girou o último. Beisebol também é um jogo de equilíbrio.

Mas nenhum de nossos jogadores ligou para o jogo. Quando subi lá, eles estavam reunidos em volta d'O Doo, que estava sentado no banco lhes dizendo que estava bem, maldição, só um pouco tonto. Mas ele não parecia bem, e nosso pseudo-médico tinha um semblante bem grave. Ele queria que Danny fosse ao Newark Genenral tirar raio-X.

"Que se foda," Doo diz. "Eu só preciso de alguns minutos. Estou bem, estou dizendo. Jesus, Bones, dá um tempo".

"Blakely," eu disse. "Desça ao vestiário. O Sr. DiPunno quer vê-lo".

"Treinador DiPunno quer me ver? No vestiário? Por quê?".

"Algo sobre o prêmio de Revelação do Mês," eu disse. Aquilo surgira em minha mente do nada. Não havia tal coisa naquela época, mas o garoto não sabia disso.

O garoto olha para Danny Doo, e Doo gesticula com a mão. "Vá em frente, dê o fora, garoto. Você jogou bem. Não foi culpa sua. Você ainda é sortudo, e foda-se qualquer um que diga o oposto". Então, ele diz: "Todos vocês, deem o fora daqui. Deixem-me respirar um pouco".

"Espere um pouco," eu digo. "Joe quer ver o garoto sozinho. Ele quer dar os parabéns no um a um, eu acho. Garoto, não fique parado. Apenas..." *Apenas mova-se* foi como eu pretendi terminar, mas não precisei. Blakely ou Katsanis, já havia ido embora. E você sabe o que aconteceu depois.

Se o garoto tivesse descido direto pelo corredor para a sala dos árbitros, ele teria sido preso, porque o vestiário ficava no caminho. Em vez disso, ele cortou caminho pela despensa, onde as malas eram guardadas, e onde também tínhamos algumas mesas de massagem e uma banheira de hidro. Nós nunca saberemos com certeza por que o garoto fez aquilo, mas acho que ele sabia que havia algo de errado. Louco ou não, devia saber que o teto cairia em cima da cabeça dele, cedo ou tarde. De qualquer forma, ele saiu pelo canto mais longínquo do vestiário, caminhou até a sala dos árbitros, e bateu na porta. A esta hora, a armadilha que ele aprendera a fazer no Lar Cristão de Ottershaw já estava de volta em seu segundo dedo. Provavelmente, foi um dos garotos mais velhos que lhe mostrou como fazer, é o que eu penso. *Garoto, se quiser que parem de te bater o tempo todo, faça uma dessas pra você.*

Ele nunca a devolveu para o armário, afinal, entende; apenas a guardou no bolso. E não se preocupou com o band-aid depois do jogo, o que me diz que ele sabia que não tinha mais nada a esconder.

Ele bate na porta dos árbitros e diz, "Telegrama urgente para o Sr. Hi Wenders". Louco, mas não burro, viu? Eu não sei o que teria acontecido caso

outro árbitro houvesse aberto a porta, mas foi o próprio Wenders que o fez, e aposto que sua vida se fora antes que percebesse que não era um carteiro da União Ocidental que estava à porta.

Era uma lâmina de barbear, viu? Ou o pedaço de uma, seja como for. Quando ele não precisava dela, ela ficava dentro do band-aid, como um anel de mentirinha de uma criança. Apenas quando ele fechava o punho direito, e empurrava o curativo com a cabeça do polegar, o pedacinho de lâmina se libertava. Wenders abriu a porta e Katsanis varreu seu pescoço, rasgando sua garganta. Quando vi a poça de sangue após ele ter sido algemado e levado—meu Deus, e que poça enorme ela era—tudo em que pude pensar foi naquelas quarenta mil pessoas gritando *MATE O JUIZ*, do mesmo modo como haviam gritado *Bloh-KADE*. Ninguém realmente falava sério, mas o garoto tampouco sabia disso. Especialmente não depois d'O Doo derramar um galão de veneno em seu ouvido, sobre como Wenders estava perseguindo a *ambos*.

Quando os policiais saíram do vestiário, Blockade Billy simplesmente continuou parado lá, com sangue empapando seu uniforme de casa branco, Wenders caído aos seus pés. Ele não tentou lutar nem cortar ninguém quando os azulões o agarraram. Não, ele apenas ficou lá, sussurrando para si mesmo. "Eu peguei ele, Doo. Eu peguei ele, Billy. Ele nunca mais vai apitar mal. Eu peguei ele por todos nós".

É aqui que nossa história acaba, Sr. King—a parte dela que eu sei, pelo menos. Quanto aos Titans, você poderia correr atrás, como dizia o velho Casey: todos aqueles jogos que foram cancelados, todas as reposições que jogamos para compensá-los. Como, afinal, terminamos com o velho Hubie Rattner atrás da quarta base, e como ele rebateu 185—bem abaixo do que eles chamam agora de Linha de Mendoza. Como Danny Dusen foi diagnosticado com algo chamado "um sangramento intercraniano" e teve que ficar de fora pelo resto da temporada. Como ele tentou voltar em 1958—aquilo foi triste. Cinco jogos. Em três deles, ele não conseguiu jogar a bola por sobre a base. Nos outros dois... você se lembra da revanche de 2004 entre os Red Sox e os Yankees? Como Kevin Brown começou pelos Yankees, e os Sox marcaram seis malditos *runs* por causa dele nas duas primeiras entradas? Foi assim que Danny Doo arremessou em 58, quando finalmente conseguiu lançar a bola por cima da base. Ele não tinha *nada*. Ainda assim, apesar de tudo, pudemos terminar na frente do Senators e do Athletics. Só que Jersey Joe DiPunno teve um ataque cardíaco durante a Série Mundial daquele ano. Deve ter sido no mesmo dia em que os russos puseram o Sputnik lá em cima. Eles o levaram ao County Stadium de maca.

Viveu por mais cinco anos, mas transformara-se numa sombra de seu antigo eu, e é claro que ele nunca mais trabalhou como técnico.

Ele disse que o garoto sugava sorte, e ele tinha mais razão do que podia imaginar. Sr. King, aquele garoto era um *buraco negro* para a sorte.

E para ele mesmo, também. Tenho certeza de que você sabe como a história dele acabou—de como ele foi levado à Delegacia de Essex County, e mantido lá para ser extraditado. De como ele engoliu uma barra de sabão e sufocou até a morte. Não consigo pensar num jeito pior de se morrer. Aquela foi um pesadelo de temporada, sem dúvidas, contudo, contar a você sobre ela trouxe de volta algumas boas lembranças. A maioria delas, eu acho, de como o Velho Pântano ficava iluminado de laranja, com todos aqueles torcedores e as placas: ESTRADA FECHADA POR ORDEM DE BLOCKADE BILLY. É, aposto que o camarada que as criou fez uma bela fortuna. Mas sabe, as pessoas que as compraram receberam o preço justo. Quando se levantavam, com as placas acima das cabeças, tornavam-se parte de algo muito maior do que elas mesmas. Isso não pode ser uma coisa ruim—pense nas pessoas que tiveram que assistir Hitler em seus discursos—mas esta era uma coisa boa. *Beisebol* é uma coisa boa. Sempre foi, sempre será.

Bloh-KADE, bloh-KADE, bloh-KADE.

Ainda me dá calafrios só de lembrar. Isso ainda ecoa em minha cabeça. Aquele garoto era uma estrela, louco ou não, sugador de sorte ou não.

Sr. King, acho que já esgotei o falatório. Conseguiu material o bastante? Bom. Fico satisfeito. Pode voltar quando quiser, mas não nas tardes de quarta; é quando fazem o maldito Boliche Virtual, e não é possível se ouvir pensar. Por que não vem no sábado? Há sempre um monte de nós que assiste ao Jogo da Semana. Eles deixam a gente tomar algumas cervejas, e nós vibramos como bastardos loucos. Não é como nos velhos dias, mas não é de todo ruim.

Herman Wouk Ainda Está Vivo

(*Herman Wouk is Still Alive*, 2011)

9 MORREM EM HORRÍVEL ACIDENTE NA I-95
LUTO ESPONTÂNEO NA CENA
Por Ray Dugan

FAIRFIELD, Maine — Menos de seis horas após o acidente de um veículo na cidade de Fairfield, que tirou as vidas de duas adultas e sete crianças, todas com menos de dez anos, o luto já havia começado. Buquês de flores silvestres dentro de latas e canecas de café cercam a terra chamuscada; uma fila de nove cruzes foi posta no espaço para piquenique da área de descanso adjacente da Área 109. No local onde os corpos das duas crianças mais novas foram encontrados, uma placa anônima, escrita com tinta spray e um pedaço de tecido, foi erguida. Nela, lê-se: OS ANJOS AQUI SE REÚNEM.

I. Brenda ganha $2.700 na loteria e resiste ao seu primeiro impulso.

Em vez de sair para tomar uma garrafa de Orange Driver para celebrar, ela paga o MasterCard que estivera estourado há tempos. Então, liga para Hertz para perguntar algo. Depois, liga para sua amiga Jasmine, que vive em North Berwick, e conta a ela sobre a loteria. Jasmine berra, e diz:

— Garota, você está rica!

Quem dera. Brenda explica como pagou o cartão de crédito para que pudesse alugar um Chevy se quisesse. É uma van que comporta nova, foi o que a moça da Hertz lhe disse.

— Poderíamos colocar todas as crianças lá dentro e dirigir até Mars Hill. Ver seu pessoal e o meu. Mostrar os netinhos. Apertá-los pra ver se sai um dinheirinho a mais. O que acha?

Jasmine está em dúvida. A cabana glorificada que seus pais chamam de Lara não tem nem um quarto, e ela não iria querer ficar com eles, mesmo que tivesse. Ela odeia aqueles dois. Por uma boa razão, Brenda sabe; o próprio pai de Jasmine a estuprou quando ela tinha quinze anos. Sua mãe sabia o que estava acontecendo e nada fez. Quando Jasmine foi chorando até ela, sua mãe disse:

— Não tem nada para se preocupar, as bolas dele foram operadas.

Jas se casou com Mitch Robicheau para fugir deles e, agora, três homens,

quatro filhos e oito anos depois, ela está por conta própria. E bem, embora tenha que passar dezesseis horas por semana no Roll Around, distribuindo patins e troco para os fliperamas, onde as máquinas só funcionam com moedas especiais. Eles a deixaram trazer seus dois caçulas. Alegria dorme no escritório, e Verdade, seu filho de três anos, passeia por aí, segurando as fraldas. Ele não se mete em muitos problemas, embora no ano passado ele tenha levado um corte na cabeça, e as duas mulheres tiveram que pelar seu cabelo. Como ele gritou.

— Sobraram seiscentos dólares depois que paguei o cartão. — Brenda diz. — Bem, quatrocentos, se contar o aluguel, só que eu não conto, porque coloquei isso no MasterCard. Poderíamos ficar no Red Roff, assistir Home Box. É de graça. Podemos comprar comida na rua de baixo, e as crianças podem nadar na piscina. O que me diz?

Detrás dela vem um grito. Brenda levanta a voz e berra:

— Freddy, pare de provocar sua irmã e devolva isso pra ela! — então, oh, Deus, a arenga deles acorda o bebê. Ou foi isso, ou Liberdade sujou suas fraldas. Para Brenda, parece que se cagar é a profissão de Lili. Puxou isso do pai.

— Eu suponho... — Jasmine diz, arrastando o "suponho" por quatro sílabas. Talvez cinco.

— Vamos, garota! Vamos cair na estrada! Siga a programação! A gente pega o ônibus para o aeroporto de jatinhos, depois alugamos uma van. Cinco mil quilômetros, podemos chegar lá em quatro horas. A moça disse que há como assistir DVDs. *A Pequena Sereia* e tudo mais de bom.

— Talvez eu pudesse pegar um pouco do dinheiro do governo para minha mãe, antes que desapareça de vez. — Jasmine diz, pensativamente. Seu irmão, Tommy, morrera no ano anterior, no Afeganistão. Por causa de um explosivo improvisado. Sua mãe e seu pai ganharam oitenta mil por isso. Sua mãe lhe prometera um pouco do dinheiro, embora não quando o velho estava a pouca distância do telefone. É claro que é provável que ele já tenha sido gasto. Provavelmente sim. Ela sabe que o Sr. Romance comprou uma nova Yamaha, se bem que, o que ele quer com essa coisa nessa idade, Jasmine não faz ideia. E ela sabe que tais coisas como dinheiro do governo são quase sempre uma miragem. Isto é algo que ambas sabem. Sempre que se vê alguma coisa brilhante, alguém liga a máquina de chuva. Coisas brilhantes nunca são permanentes.

— Certo, vamos. — Brenda diz. Ela se apaixonou pela ideia de lotar a van com as crianças e seus melhores (e únicos) amiguinhos, que acabaram vivendo na cidade seguinte. Duas mulheres sozinhas, sete crianças entre elas, muitos homens nojentos no retrovisor, mas, às vezes, elas ainda se divertiam um pouco.

Ela ouve um baque surdo. Freddy começa a gritar. Glória o acertou no olho com um bonequinho.

— Glória, pare com isso, ou você vai apanhar. — Brenda berra.

— Ele não quer me devolver minha boneca das Superpoderosas! — Glória grita, e *ela* começa a chorar. Agora, todos estão chorando—Freddy, Glória, e Liberdade—e, por um momento, a visão de Brenda torna-se cinza. Ela tem visto muito cinza ultimamente. Aqui estão eles, num apartamento do terceiro andar com três quartos, sem nenhum homem à vista (Tim, o último homem de sua vida, fora embora há seis meses), vivendo basicamente de miojo, de refrigerante, e de sorvete barato vendido no Walmart. Nada de ar-condicionado, nada de TV a cabo, ela tinha um emprego na Quik-Flash, mas a companhia faliu; agora, a loja se chama "On the Run", e o gerente contratou um mexicano para substituí-la no trabalho, porque o mexicano pode trabalhar doze ou catorze horas por dia. O mexicano usa um lencinho na cabeça, um bigodinho nojento acima do lábio, e ele nunca ficou grávido. O trabalho do mexicano é *fazer* garotas engravidarem. Elas se derretem por aquele bigode, e depois *BUM*, a linha naquela bugiganga de teste de farmácia fica azul, e lá vem outro, exatamente igual ao anterior.

Brenda tem experiência pessoal; diz às pessoas que sabe quem é o pai de Freddy, mas não sabe, ela teve algumas noites de bebedeira quando *todas* elas pareciam enxutas, e sério, qual é, como ela conseguiria procurar por um emprego, de qualquer forma? Ela tem estas *crianças*. O que ela deveria fazer? Deixar Freddy cuidar de Glória, e levar Liberdade para as malditas entrevistas de emprego? Com certeza funcionaria. E que tipo de emprego há, além de atendentes no McDonald's, ou no Burger King? Portland tem alguns clubes de *striptease*, mas uma mulher acostumada a ser mãe não consegue esse tipo de emprego, e todo mundo mais está falido.

Ela lembra a si mesma que ganhou na loteria. Ela lembra a si mesma que poderiam ficar em dois quartos com ar-condicionado, no Red Roff—até mesmo três! Por que não? A mesa está virando!

— Brennie? — sua amiga soa mais em dúvida do que nunca. — Ainda está aí?

— Sim. — ela diz. — Vamos, garota, eu fui aprovada. A moça da Hertz disse que a van é vermelha. — ela baixa o tom da voz, e completa: — Sua cor da sorte.

— Você pagou o cartão pela internet? Como fez isso? — Jasmine sabia o que havia acontecido ao laptop de Brenda. Freddy e Glória haviam entrado numa briga no mês anterior e derrubaram o laptop de Brenda de cima da cama. Ele

caiu no chão e quebrou.

— Usei o da biblioteca. — ela diz, como se acostumou, crescendo em Mars Hill: *bliblioteca*. — Eu precisei esperar um pouco para usá-lo, mas valeu a pena. É de graça. Então, o que me diz?

— Talvez pudéssemos comprar uma garrafa de Allen's. — diz a sua amiga. Jasmine adora café da Allen, quando consegue comprar. Na verdade, Jasmine ama qualquer coisa que possa comprar.

— To-tal-men-te. — Brenda diz. — E uma garrafa de Driver pra mim. Mas eu não bebo enquanto estiver atrás do volante, Jas. Você pode, mas eu vou esperar. Tenho uma carteira para manter. Basicamente, é tudo o que me restou.

— Você realmente acha que pode tirar alguma grana de seus pais?

Brenda diz a si mesma que assim que virem as crianças—presumindo que as crianças possam ser subornadas (ou intimidadas) a se comportarem bem—ela poderá.

— Mas nem uma palavra sobre a loteria. — ela diz.

— Sem chance. — Jasmine diz. — Eu nasci à noite, mas não ontem.

Elas concordam, é uma frase antiga, mas boa, assim mesmo.

— Então, o que me diz?

— Vou ter que pegar Eddie e Rosellen na escola...

— Feito. — Brenda diz. — Então, o que *acha*, garota?

Depois de uma longa pausa do outro lado, Jasmine fala...

— Vamos cair na estrada!

— Vamos cair na estrada! — Brenda berra do outro lado.

Então, começam a cantar, enquanto as três crianças no apê de Brenda, em Sandford, começam a gritar, e pelo menos uma (talvez duas) gritam no apê de Jasmine, em North Berwick. Estas são as mulheres gordas que ninguém quer ver enquanto estão nas ruas, aquelas que nenhum cara quer pegar nos bares, a não ser que seja bem tarde da noite, esteja-se completamente bêbado, e não haja ninguém melhor à vista. O que os homens pensam quando estão bêbados—tanto Brenda quanto Jasmine sabem disto—é que pegar gordas peidorrentas é melhor do que pegar ninguém. Elas estudaram juntas em Mars Hill, e agora moram ao sul e se ajudam quando podem. Elas são as mulheres gordas que ninguém quer ver, elas têm uma ninhada de crianças, e estão cantando "*Cair na Estrada, Cair na Estrada*" como uma ridícula dupla de líderes de torcida. Às oito e meia, de uma quente manhã de setembro, é assim que as coisas acontecem. Nunca foi diferente.

II. Então, estes dois velhos poetas, que certa vez foram amantes em Paris, fazem um piquenique próximo aos banheiros.

Phil Henreid tem setenta e oito anos, e Pauline Enslin tem setenta e cinco. Ambos são magros. Ambos usam óculos. Seus cabelos, ralos e brancos, flutuam com a brisa. Estacionaram em um posto de parada na I-95, próximo a Farfield, que fica a pouco mais de trinta quilômetros do norte de Augusta. O prédio do posto de parada parece uma fazenda, e os banheiros adjacentes são de tijolos. São banheiros bonitos. Banheiros *modestos*. Não há fedor. Phil, que vive no Maine e conhece este posto de parada muito bem, nunca seria capaz de propor um piquenique aqui pelo verão. Quando o trânsito na interestadual incha com os veranistas forasteiros, a Polícia Rodoviária instala uma fila de banheiros de plástico. E esta área, agradável e relvada, fede como o inferno na véspera do Ano Novo. Porém, agora os banheiros estão guardados em algum outro lugar, e o posto de parada encontra-se deleitoso.

Pauline coloca um tecido xadrez na maltratada mesa de piquenique, sob a sombra de um velho carvalho, e o firma com uma cesta de vime contra uma leve brisa morna. Da cesta, ela tira sanduíches, salada de batata, fatias de melão, e dois pedaços de torta de coco. Ela também tira uma grande garrafa de chá vermelho. Chá gelado. Cubos de gelo chocam-se alegremente.

— Se estivéssemos em Paris, teríamos vinho. — Phil diz.

— Em Paris, nós nunca tivemos mais cem quilômetros de rodovia para percorrer. — ela responde. — Esse chá está frio fresco. Vai ter de servir.

— Eu não estava criticando. — ele diz, e repousa sua mão, inchada pela artrite, em cima da dela (que também é inchada, embora bem menos) — Isto é um banquete, minha querida.

Eles sorriem ante os rostos marcados um do outro. Embora Phil tenha se casado três vezes (e espalhado cinco filhos para trás como confete), e Pauline duas (nenhum filho, embora ame crianças), os dois ainda têm muito acontecendo entre si. Muito mais do que uma faísca. Phil está tão surpreso quanto indiferente. Em sua idade—velha, mas não terminal—pega-se o que se pode e fica-se feliz pelo que se consegue. Eles estão a caminho de um festival de poesias, localizado no campus de Orono, Universidade do Maine, e apesar da compensação por esta aparição conjunta não ser grande, é perfeitamente adequada. Já que tem as despesas pagas, Phil resolveu se exibir e alugou um Cadillac da Hertz, no aeroporto de jatinhos de Portland, onde esperou o avião dela. Pauline zombou disso, disse que sempre soube que ele era um falso hippie, mas o fez com

gentileza. Ele não foi um hippie, mas era um genuíno o-que-quer-que-seja, e ela sabe. Assim como sabe que seus osteoporóticos ossos gostaram do passeio.

Agora, um piquenique. Hoje à noite, a refeição será servida, mas a comida estará requentada, coberta numa confusão de temperos misteriosos, como se fosse servida por uma cantina de colégio. “Comida bege”, é como Pauline rotula. Comida para poetas forasteiros é sempre bege e, de qualquer forma, não será servida até as oito horas da noite. Com algum vinho barato, meio branco, meio amarelado, aparentemente criado para serrar as tripas das pessoas mais ou menos aposentadas do álcool, como eles. Esta comida é melhor, e o chá gelado é bom. Phil até alimenta a fantasia de levá-la pela mão até a grama alta atrás dos banheiros, assim que terminarem de comer, como uma velha canção de Van Morrison, e... Ah, não.

Poetas, cujos veículos sexuais estão permanentemente engatados na primeira marcha, não deveriam se arriscar num ponto de namoro tão ridículo quanto este. Especialmente poetas de longa, rica e variadas experiências, que agora sabem que cada pedaço do tempo possui a chance de ser imensamente insatisfatório, e que cada pedacinho dele pode ser o último. *Além disso*, Phil pensa, *eu já tive dois ataques do coração. Quem sabe o que terá acontecido com ela*?

Pauline pensa, *não depois dos sanduíches e da salada de batata, pra não mencionar a torta. Mas talvez à noite. Não está fora de cogitação*. Ela sorri para ele, e tira o último item da cesta. É um exemplar do *New York Times*, comprado na mesma loja de conveniência em Augusta, onde ela comprou o resto das coisas do piquenique, a manta xadrez e a garrafa de chá. Como nos velhos tempos, eles tiram na sorte para ver quem fica com a seção de Artes. Nos velhos tempos, Phil —que ganhou o Prêmio do Livro Nacional por *Elefantes em Chamas*, em 1970 —sempre pedia coroa e vencia mais vezes do que as probabilidades diziam que deveria. Hoje, ele pede cara... e vence novamente.

— Ora, seu besta! — ela choraminga, e passa o jornal para ele.

Eles comem. Eles leem o jornal partilhado. A certo momento, ela olha para ele por cima de uma garfada de salada, e diz:

— Eu ainda te amo, sua velha fraude.

Phil sorri. O vento sopra seus poucos cabelos retrocedidos de algodão. Sua careca brilha intensamente. Ele não é mais o jovem que certa vez viera do Brooklyn, com ombros largos como um estivador (e boca tão suja quanto), mas Pauline consegue enxergar a sombra desse homem, que era tão cheio de raiva, desespero, e alegria.

— Ora, eu também te amo, Paulie. — ele diz.

— Somos uma dupla de velhos desonestos. — ela diz, e cai no riso. Uma vez, ela fizera amor com um rei e uma estrela de cinema, basicamente ao mesmo tempo, numa sacada, enquanto "Maggie May" tocava no gramofone, Rod Stewart cantava em francês. Agora, a mulher que o *New York Times* uma vez chamara de "a maior poeta viva da América", vive num apartamentozinho no Queens. "Fazendo leitura de poesia em cidades fracassadas por honorários desonrosos, e comendo ao ar livre em postos de parada".

— Não somos velhos. — ele diz. — Somos jovens, *ma bébé*.

— Mas do que você está falando?

— Veja. — ele diz, segurando a página frontal da seção de Artes. Ela pega e vê uma foto. É um tripa seca usando um chapéu de palha e um sorriso.

Nonagenário Wouk Publicará Novo Livro

Por Motoko Rich

Ao chegarem aos 94—se conseguirem—a maioria dos autores já estão há muito aposentados. Não Herman Wouk, autor de romance famosos, como *O Motim do Caine* (1951), e *Marjorie Morningstar* (1955). Muitos daqueles que se lembram das minisséries de TV baseadas em seus exaustivos romances sobre a Segunda Guerra Mundial, *Ventos de Guerra* (1971), e *Lembranças de Guerra* (1978), estão agora em busca da seguridade social. Este é um bônus de aposentadoria do qual Wouk passou a ter direito em 1980.

Mas Wouk quer mais. Ele publicou um elogiado romance surpresa um ano antes de seu 90º aniversário, e espera publicar um de não-ficção chamado "*A Linguagem de Deus*" ano que vem. Será esta a sua palavra final?

"Não estou preparado para falar sobre isso, de um jeito ou de outro," Wouk disse com um sorriso. "As ideias não para de aparecer só porque alguém está velho. O corpo enfraquece, mas as palavras nunca o fazem". Quando perguntado sobre sua...

Continua na página 19

Enquanto vê aquele rosto marcado sob um jovial chapéu de palha, Pauline sente uma repentina vontade de chorar.

— O corpo enfraquece, mas as palavras nunca o fazem. — diz. — Isto é adorável.

— Já leu alguma coisa dele? — Phil pergunta.

— *Marjorie Morningstar*, em minha juventude. É um hino irritante para a

virgindade, mas fui arrebatada, apesar disso. E você?

— Tentei *Youngblood Hawke*, mas não consegui terminar. Contudo... ele continua em movimento. E é velho o bastante para ser o nosso pai. — ele guarda o jornal dentro da cesta de piquenique. Abaixo deles, a luz do trânsito na rodovia se estende sob um céu alto e nebuloso de setembro. — Antes de voltarmos para a estrada, quer fazer troca-troca? Como nos velhos tempos?

Ela pensa a respeito, então concorda. Muitos anos se passaram desde que ela escutara alguém ler um de seus próprios poemas, e a experiência é sempre um pouco assustadora—como projeção astral—mas, por que não? Eles possuem o posto de parada só para si.

— Em honra a Herman Wouk, que ainda está em movimento. Minha pasta de trabalho está no bolso da frente de minha mala.

— Você confia em mim mexendo nas suas coisas?

Ela dá seu velho sorriso oblíquo, espreguiça-se ao sol, olhos fechados. Apreciando o calor. Logo, o dia ficará frio, mas há calor agora.

— Você pode mexer o quanto quiser nas minhas coisas, Phillip. — ela abre um olho, e manda uma piscada incrivelmente sedutora. — Explore até seu coração ficar contente.

— Vou manter isso em mente. — ele diz, e volta ao Cadillac alugado.

Poetas de Cadillac, ela pensa. *O epítome do absurdo*. Por um momento, ela assiste aos carros passarem. Enfim, pega a seção de Artes e olha mais uma vez para o fino rosto daquele velho escrivão. Ainda vivo. Talvez, neste exato momento, ele esteja vendo o alto céu azul de setembro, com seu caderno aberto na mesinha do pátio, e um copo de Perrier (ou vinho, se seu estômago ainda aguentar) próximo à mão.

Se há um Deus, Pauline pensa, *ele pode ocasionalmente ser muito generoso*.

Ela espera Phil voltar com a pasta e um bloco de notas que usa para compor. Eles vão brincar de troca-troca. À noite, poderão brincar de outras coisas. Uma vez mais, ela diz a si mesma: *Não está fora de cogitação.*

III. Atrás do volante da van, Brenda sente-se como uma pilota de caça.

Tudo é digital. Há um rádio satélite com uma tela GPS. Quando ela dá ré, o GPS se transforma num monitor de TV, para que se possa ver o que há atrás. Tudo no painel brilha, o cheiro do carro novo preenche o interior, e por que não seria assim, com apenas mil e duzentos quilômetros no hodômetro? Ela nunca esteve atrás do volante de um carro com tão pouca quilometragem. Podem-se

apertar os botões do controle para mostrar sua velocidade média, quantos quilômetros por galão há, e quantos ainda faltam. O motor quase não faz barulho. Os assentos da frente são gêmeos, cobertos por um material alvo como osso que parece couro. Os choques são leves como manteiga.

Atrás, há uma tela de TV embutida com um DVD player. *A Pequena Sereia* não funcionou porque Verdade, filho de três anos de Jasmine, espalhou manteiga de amendoim por todo o disco, mas eles ficaram felizes com *Shrek*, apesar de já terem visto um bilhão de vezes. A emoção é assistir enquanto *estão na estrada! Dirigindo!* Liberdade dorme em seu assento entre Freddy e Glória; Alegria, a filha de seis meses de Jasmine, está adormecida em seu colo, mas os outros cinco se ajeitaram nos dois assentos traseiros, assistindo o filme, fascinados. Suas bocas encontram-se entreabertas. Eddie está cutucando o nariz, e a irmã mais velha dele, Rosellen, está com seu fino queixo repleto de baba, mas pelo menos eles estão quietos sem brigar. Eles estão hipnotizados.

Brenda deveria estar feliz, ela sabe que sim. As crianças estão quietas, a estrada está aberta à frente, como uma pista de aeroporto, ela está atrás do volante de uma van nova em folha, e o trânsito está calmo, especialmente quando deixaram Portland para trás. O velocímetro digital mostra cento e dez, e este bebê sequer suou. Contudo, o cinza retorna a espreitá-la novamente. A van não é dela, afinal. Ela terá que devolvê-la. Um gasto tolo, de fato, porque o que há ao fim desta viagem, lá, em Mars Hill? Comida de um Restaurante Round-Up, onde ela costumava trabalhar na época em que estudava e tinha um bom físico. Hambúrgueres e fritas, cobertos numa embalagem de plástico. As crianças nadando na piscina antes, e talvez depois. Pelo menos um deles irá se machucar e gritar. Talvez mais. E Glória vai reclamar que a água está fria demais, mesmo que não esteja. Glória sempre reclama. Ela vai reclamar a vida inteira. Brenda odeia aquele choramingo e gosta de dizer a Glória que ela puxou isso ao pai... mas, a verdade é que as crianças puxam aos dois lados. Pobre menina. Todas elas, na verdade. Pobres crianças, seguindo em direção a pobres vidas.

Ela olha para a direita, esperando que Jas diga algo engraçado para alegrá-la, e se decepciona ao ver que Jasmine chora. Lágrimas silenciosas saem de seus olhos e brilham em suas bochechas. Em seu colo, a pequena Alegria dorme, chupando um de seus dedos. É seu dedo do conforto, e ela o enfia bem fundo. Uma vez, Jas bateu forte nela quando viu Alê enfiá-lo na boca, mas o que resolve bater numa criança que só tem seis meses? Seria a mesma coisa que bater numa porta. Mas acontece. Às vezes, não dá pra evitar. Às vezes, não se quer evitar. A própria Brenda já fez isso.

— O que há de errado, garota? — Brenda pergunta.

— Nada. Não ligue para mim, apenas concentre-se na direção.

Atrás delas, Burro diz algo engraçado pra Shrek, e algumas das crianças riem. Não Glória; ela está dormindo.

— Vamos, Jas. Conte pra mim. Sou sua amiga.

— Eu disse que não é *nada*.

Jas se ajeita sobre a criança adormecida. O assento de bebê de Alegria está no chão. Dentro dele, numa pilha de fraldas, está a garrafa de café, que pararam para comprar em South Portland, antes de chegarem à rodovia. Jas tomara apenas alguns goles, agora ela toma dois longos antes de devolver a tampa. As lágrimas ainda escorrem por suas bochechas.

— Nada. Tudo. Dá tudo na mesma, independentemente de como se coloca, é isso o que eu penso.

— É por causa de Tommy? É por causa de seu irmão?

Jas ri furiosamente.

— Eles nunca me darão um centavo daquele dinheiro, a quem eu estou enganando? Mamãe culpará papai, porque é mais fácil pra ela, mas ela sente a mesma coisa. O dinheiro já terá quase sumido, de qualquer forma. E você? Seus pais lhe darão alguma coisa?

— Claro, acho que sim.

Bem. Sim. Provavelmente. Tipo quarenta dólares. Uma sacola e algumas frutas. Duas sacolas se ela usar os cupons do *Guia de Troca e Vendas do Tio Henry*. Só o pensamento de folhear aquela revistinha barata e esfrangalhada—a Bíblia dos pobres—e manchar os dedos de tinta, faz o cinza que a cerca engrossar. A tarde está bonita, parece mais verão do que setembro, mas um mundo onde se depende do Tio Henry é um mundo cinza. Brenda pensa, *Como acabamos com todas estas crianças? Não foi ontem mesmo que deixei Mike Higgins tirar uma casquinha de mim atrás da loja de ferragens?*

— Esplêndido pra você. — Jasmine diz, e volta às lágrimas. — Meus pais estarão com três brinquedos novos na garagem, e aí vão alegar pobreza. E sabe o que meu pai dirá sobre as crianças? Não as deixe tocar em nada, é isso o que ele dirá.

— Talvez ele esteja diferente. — Brenda diz. — Melhor.

— Ele nunca foi diferente, nem melhor. — Jasmine diz. — Nunca será.

No banco de trás, Rosellen começa a adormecer. Ela tenta colocar sua cabeça no ombro do irmão, e ele a soca no braço. Ela esfrega o machucado e começa a fungar, mas rapidamente volta sua atenção para Shrek. A baba ainda

está em seu queixo. Brenda acha que isso a faz parecer idiota, o que ela está bem perto de ser.

— Não sei o que dizer. — Brenda diz. — Vamos nos divertir, mesmo assim. Red Roof, garota! Piscina!

— É, e algum cara batendo na parede de madrugada, gritando pra que eu cale a boca da minha filha. Como se, você sabe, eu quisesse que Alê acordasse no meio da noite por causa desses malditos dentes, que estão todos nascendo ao mesmo tempo.

Ela toma outro gole de café-brandy, então segura a garrafa para Brenda. Brenda sabe que sua carteira está em risco... mas não há tiras por perto, e se ela perdesse a carteira, o que aconteceria? O carro era de Tim, ele o levou ao ir embora; era meio acabado, de qualquer forma, remendado com produtos especiais. Nenhuma grande perda. Além disso, havia o cinza. Ela pega a garrafa e a entorna. Só um golinho, mas o brandy é morno e bom, um fuste de luz solar escura, então, ela toma outro.

— Jassy, não!

— Jassy, sim. — ela olha em direção à estrada reta. — Jack finalmente faliu. O aviso está pregado na parede desde o ano passado. Então, lá se vão aqueles noventa por semana. — ela bebe. Em seu colo, Alegria se agita, então volta a dormir com o dedo do conforto plugado à boca. Onde, Brenda pensa, algum garoto, como Mike Higgins, vai querer colocar o pinto, daqui a não muito tempo. *E ela provavelmente deixará acontecer. Eu deixei. Jas também. É simplesmente assim que as coisas funcionam*.

Atrás delas, é a Princesa Fiona quem está dizendo algo engraçado agora, mas nenhuma das crianças ri. Eles estão ficando sonolentos, mesmo os mais velhos. Eddie e Freddy, nomes como uma piada de um seriado de comédia.

— O mundo é cinza. — Brenda diz. Ela não sabia que diria aquelas palavras até ouvi-las sair pela boca.

Jasmine olha para ela, surpresa.

— Isso aí. — ela diz. — Agora sim você está seguindo a programação.

— Passe-me a garrafa. — Brenda diz.

Jasmine passa. Brenda bebe um pouco mais, então a devolve.

— Certo, já chega disso.

Jasmine dá seu velho sorriso lateral, aquele que Brenda se lembra do salão de estudos, nas tardes de sexta-feira. Ele parece estranho, sob bochechas molhadas e olhos injetados de sangue

— Tem certeza?

Brenda não responde, mas afunda um pouco mais o pé no acelerador. O velocímetro digital agora marca centro e trinta.

IV. “Você primeiro”, diz Pauline.

Subitamente, ela se sente envergonhada, com medo de ouvir as próprias palavras saírem da boca de Phil; com certeza elas soarão incríveis, mas, ao mesmo tempo, falsas, como um trovão seco. Mas ela se esqueceu da diferença entre a voz pública—declamatória e um pouco melosa; a voz de um advogado numa cena de júri de algum filme—e aquela que ele usava quando estava com apenas um amigo ou dois (e não tinha nada para beber). É uma voz mais leve, mais gentil, e ela fica feliz em ouvir seu poema saindo da boca dele. Não, mais do que feliz. Ela fica grata. Ele as faz soar melhores do que são.

Sombras pintam as estradas
com beijos escuros de batom.
A neve caindo nos campos é fraca,
brilham como um vestido sem tom.
O nevoeiro que sobe transforma-se em pó dourado.
As nuvens separam-se,
e um disco fantasma parece persegui-las.
Ele as atravessa!
Por cinco segundos poderia ser verão.
Eu teria dezessete anos, com flores
no colo de meu vestido.

Ele abaixa o poema. Ela olha para ele, sorrindo um pouco, mas ansiosa. Ele concorda com a cabeça.

— Está ótimo, querida. — diz. — Muito bom. Agora é a sua vez.

Ela abre o bloquinho de notas, acha o que parece ser o último poema, e folheia por quatro ou cinco rascunhos. Ela sabe como ele trabalha, e segue em frente, até chegar na versão não mais ilegível, mas numa caligrafia pequena e bonita. Ela o exibe para ele. Phil assente, então volta a olhar a rodovia. Tudo isso é muito bom, mas eles precisarão ir embora em breve. Eles não querem se atrasar.

Ele vê uma van vermelha e brilhante se aproximar. Está vindo rápido.

Ela começa a ler.

V. Brenda enxerga um cacho de várias frutas podres.

Sim, ela pensa. *É isso mesmo. Pra uma ação de graças para idiotas*.

Freddy se tornará soldado e lutará em terras estrangeiras, assim como o irmão de Jasmine. Os meninos de Jasmine, Eddie e Verdade, farão o mesmo. Comprarão carros tunados quando, e se, voltarem para casa, e caso a gasolina ainda esteja disponível daqui a vinte anos. E as garotas? Sairão com garotos. Perderão suas virgindades enquanto jogos passam na TV. Terão bebês para criar, cozinharão carne na grelha e ganharão peso, exatamente como Jasmine. Elas pouco fumarão, e muito sorvete tomarão—aquele barato do Walmart. Talvez não Rosellen. Há algo de errado com Rosellen. Ela precisará frequentar escolas especiais. Ela ainda terá o filete de baba no queixo fino quando estiver na oitava série, assim como o tem agora. As sete crianças gerarão dezessete, e as dezessete gerarão setenta, e as setenta gerarão duzentas. Ela pode enxergar uma parada de idiotas marchando rumo ao futuro, alguns vestindo jeans que mostram partes de suas roupas íntimas, alguns com blusas de bandas de rock, algumas vestindo uniformes de garçonete, outros vestindo calças do Kmart, que possuem etiquetas MADE IN PARAGUAY costuradas na bunda. Ela consegue enxergar a montanha de brinquedos que eles terão, e que mais tarde serão vendidos em feiras de quintal (lugar onde a maioria foi comprada, pra começar). Eles vão comprar produtos da TV, e terão débitos em seus cartões de crédito, assim como ela teve... e terá de novo, porque a loteria foi uma casualidade, e ela sabe disso. Pior do que uma casualidade, na verdade: uma provocação. A vida é, basicamente, uma calota enferrujada caída ao lado da estrada, e a vida segue. Ela nunca mais terá a sensação de estar na cabine de um caça. Isto é o melhor que ela terá. Não há botes para zés-ninguém, e nada de câmeras filmando sua vida. Isto é realidade, não um programa de televisão.

Shrek terminou, e todas as crianças estão dormindo, até mesmo Eddie. A cabeça de Rosellen encontra-se, uma vez mais, no ombro dele. Ela ronca como uma velha. Ela está com marcas vermelhas nos braços, porque às vezes não consegue parar de se coçar.

Jasmine põe a tampa na garrafa de Allen’s, e a joga de volta no assento do bebê no chão. Numa voz baixa, ela diz:

— Quando eu tinha cinco anos, acreditava em unicórnios.

— E eu. — Brenda diz. Ela olha para Jasmine. — Fico imaginando o quanto essa coisa consegue correr.

Jasmine olha para a estrada em frente. Elas passam correndo por uma placa

azul que diz POSTO DE PARADA – 1.6KM. Ela não vê trânsito ao norte; ambas as pistas são só delas.

— Vamos descobrir. — Jasmine diz.

Os números no velocímetro sobem de 130 para 135. Então, 140. Ainda há espaço entre o pedal do acelerador e o chão. Todas as crianças continuam a dormir.

Aqui está o posto de parada, aproximando-se rapidamente. Brenda vê apenas um carro no estacionamento. Parece um Lincoln, ou, quem sabe, um Cadillac. *Eu poderia ter alugado um desses*, ela pensa. *Eu tinha dinheiro o bastante, mas crianças demais. Não iam caber todas elas*. A história de sua vida, realmente.

Ela tira os olhos da estrada. Olha para sua velha amiga do colegial, que acabou morando a apenas uma cidade de distância. Jasmine olha de volta para ela. A van, agora correndo a cento e sessenta quilômetros por hora, começa a deslizar.

Jasmine faz um pequeno gesto de concordância com a cabeça, então ergue Alê, repousando o bebê contra seus grandes seios. Alê ainda está com o seu dedo do conforto na boca.

Brenda assente de volta. Então, pisa com mais força, tentando achar o chão e o tapete do carro. Lá está, e ela pisa o pedal do acelerador gentilmente contra ele.

VI. “Pare, Paulie, Pare.”

Ele vai até ela e segura seus ombros com uma mão ossuda, assustando-a. Ela tira os olhos do poema e o vê observando a rodovia. Sua boca está aberta, e atrás dos óculos seus olhos parecem estar se esbugalhando o bastante para tocar as lentes. Ela segue seu olhar e vê uma van vermelha deslizar suavemente da pista para o acostamento, e do acostamento para a rampa da entrada do posto de parada. Não capota. Está indo rápido demais para isso. A van cruza a pelo menos cento e quarenta quilômetros por hora, e avança para um declive abaixo deles, onde atinge uma árvore. Ela houve um alto baque sem tom e o barulho de vidro se quebrando. O para-brisa se desintegra; vidros voam, transformando-se em faíscas ao sol, ela pensa—de maneira blasfema—*que lindo*.

A árvore parte a van em dois pedaços esfrangalhados. Algo—Phil mal pode acreditar que seja uma criança—é lançado ao ar e cai na grama. Então, o tanque de gasolina da van pega fogo, e Pauline grita.

Ele põe-se de pé e desce o declive, saltando a cerca como o jovem que

uma vez fora. Hoje em dia, seu coração fraco raramente fica longe de seu pensamento, mas enquanto corre para os pedaços chamejantes da van, ele nunca pensa nisso.

Nuvens escuras se desenrolam pelo campo, seguindo para as árvores além. Flores silvestres balançam suas cabeças.

Ele para a dezoito metros da pira funerária de gasolina, o calor assando seu rosto. Ele vê o que achou que veria—nenhum sobrevivente—mas nunca achou que haveria tantos *não-sobreviventes*. Ele vê um braço ferido preso a um arbusto. Nas chamas, ele enxerga um assento de bebê derretendo. Ele enxerga sapatos.

Pauline para ao seu lado. Ela anseia por ar. A única coisa mais selvagem do que seus cabelos, são seus olhos.

— Não olhe. — ele diz.

— Que cheiro é esse? Phil, que *cheiro é esse?*

— Gasolina queimada e borracha. — ele responde, embora esse talvez não seja o cheiro ao qual ela se refere. — Não olhe. Volte e... você está com o seu celular?

— Sim, é claro que estou...

— Volte e ligue para o 911. Não olhe. Você não vai querer ver isto.

Ele tampouco quer, mas não pode tirar os olhos. Quantos são? Ele consegue enxergar os corpos de pelo menos três crianças e um adulto—provavelmente uma mulher, mas não consegue ter certeza. Ainda assim, são tantos sapatos... e roupas... ele pode ver uma caixinha de DVD...

— E se eu não conseguir sinal? — ela pergunta.

Ele aponta para fumaça. E pra três, quatro carros que estão encostando.

— Não importa. — ele diz. — Mas tente.

Ela começa a ir, então dá meia volta. Ela está chorando.

— Phil... quantos são?

— Não sei. Muitos. Vá, Paulie. Alguém ainda pode estar vivo.

— Você sabe que não. — ela diz, através de soluços. — A maldita coisa estava rápida demais.

Ela começa a subir a colina novamente. Na metade do caminho para o estacionamento (mais carros estão encostando agora), uma terrível ideia lhe cruza a mente, e ela olha pra trás, é claro que ela verá seu próprio velho amigo e amante caído no gramado, talvez apertando o coração, talvez inconsciente. Mas ele está de pé, cuidadosamente circulando a metade que sobrou da van em chamas. Enquanto ela assiste, ele tira seu casaco de cotovelos remendados. Ele se ajoelha e cobre alguma coisa como ele. Ou uma pessoa, ou parte de uma.

Então, ele segue em frente.

Subindo a colina, ela pensa que todos os seus esforços para tirar beleza das palavras são ilusões. Ou uma gozação a uma criança que egoisticamente se recusou a crescer. Sim, provavelmente é isso. *Crianças como essas*, ela pensa, *merecem ser gozadas*.

Quando ela alcança o estacionamento, ainda está buscando por ar, ela vê a seção de Artes do *Times* ser preguiçosamente folheada na grama pela leve brisa, e pensa, *Deixe pra lá. Herman Wouk ainda está vivo e escrevendo um livro sobre a linguagem de Deus. Herman Wouk acredita que o corpo enfraquece, mas que as palavras nunca o fazem. Então, está tudo bem, não é?*

Um homem e uma mulher se aproximam. A mulher ergue seu próprio celular e tira uma foto. Pauline Enslin observa isso sem muita surpresa. Ela supõe que a mulher vá mostrar aos seus amigos mais tarde. Então, eles irão beber e comer, e falarão sobre a graça de Deus. A graça que parece intacta toda vez que não é com você que a coisa acontece.

— O que aconteceu? — o homem berra na sua cara.

Bem abaixo deles, um velho poeta magricela está acontecendo. Ele está agora nu da cintura pra cima. Tirou sua camisa para cobrir um dos outros corpos. Suas costelas estão visivelmente impressas contra a pele branca. Ele se ajoelha e estende a camisa. Levanta os braços para o alto, depois abaixa e os coloca ao redor da cabeça.

Pauline também é uma poetisa, e como tal, sente-se capaz de responder ao homem na linguagem que Deus fala.

— Mas que caralho você acha que aconteceu?

Indisposição

(*Under the Weather*, 2011)

FAZ UMA SEMANA QUE EU TENHO ESTE SONHO RUIM, mas ele deve ser um dos lúcidos, porque eu sempre consigo recuar antes que se transforme num pesadelo. Só que desta vez ele parece ter me seguido, porque eu e Ellen não estamos sozinhos. Há alguma coisa debaixo da cama. Eu posso ouvi-la mastigar.

Você sabe como é quando se está realmente com medo, certo? Seu coração parece parar, sua língua fica presa no céu da boca, sua pele esfria e calafrios sobem por todo o seu corpo. Em vez de se fundirem, as engrenagens dentro de sua cabeça simplesmente giram e todo o motor esquenta. Eu quase grito, eu realmente quase grito. Eu penso, *É a coisa que eu não quero ver. É a coisa no assento sob a janela*.

Então, eu vejo o ventilador acima de minha cabeça, as hélices girando na velocidade mais baixa. Eu vejo uma fenda da recente luz da manhã caindo pelo meio das cortinas fechadas. Eu vejo os tufos grisalhos do cabelo de Ellen no outro lado da cama. Eu estou aqui no Upper East Side, quinto andar, e tudo está bem. O sonho foi apenas um sonho. Quanto ao que está debaixo da cama...

Eu afasto as cobertas e deslizo para fora da cama de joelhos, como um homem que pretende rezar. Mas, em vez disso, eu levanto o lençol e espio debaixo da cama. Eu vejo apenas uma forma escura a princípio. Então a cabeça da forma se vira e vejo dois olhos cintilando para mim. É Dama. Ela não deveria estar lá, e eu acho que ela sabe disto (é difícil dizer o que um cão sabe e o que não sabe), mas eu devo ter deixado a porta aberta quando vim para cama. Ou talvez não tenha se fechado e ela a empurrou até abri-la com o focinho. Ela deve ter trazido um de seus brinquedos da cesta no corredor. Pelo menos não era o osso azul ou o rato vermelho. Esses possuem apitos, e teriam acordado Ellen com certeza. E Ellen precisa descansar. Ela tem estado indisposta.

— Dama. — eu sussurro. — Dama, saia daí.

Ela apenas olha para mim. Os anos a estão alcançando e ela não tem estado tão firme sobre as patas quanto costumava estar, mas—como diz o ditado—ela não é burra. Ela está sob o lado de Ellen, onde não consigo alcançá-la. Se eu levantar a voz, ela terá de vir, mas ela sabe (tenho certeza de que ela sabe) que não vou fazer isso, porque se eu levantar a voz, isso acordará Ellen.

Como se para provar isto, Dama me dá as costas e recomeça a mastigar.

Bem, posso lidar com isso. Eu tenho vivido com Dama por onze anos,

quase metade da minha vida de casado. Há três coisas que a põem em movimento. Uma é o agito de sua coleira e a chamada pelo “Elevador!”. Outra é a pancada de sua tigela de comida contra o chão. A terceira...

Levanto-me e desço o pequeno corredor até a cozinha. Do armário eu tiro um saco de ração, certificando-me de agitá-lo. Eu não preciso esperar muito pelo trote silencioso das patas da Cocker spaniel. Cinco segundos e ela já está lá. Ela sequer se preocupa em trazer o brinquedo.

Eu mostro a ela uma ração em forma de cenoura, então a jogo na sala de estar. Um pouco cruel, talvez, e eu sei que ela não pretendia me matar de susto, mas ela o fez. Além disso, o exercício pode ser útil para a velha gorduchinha. Ela persegue sua comida. Eu me demoro mais apenas o bastante para ligar a cafeteira, então volto para o quarto. Tenho o cuidado para fechar a porta completamente.

Ellen ainda está dormindo, e levantar-se cedo tem um benefício: não é preciso o despertador. Eu o desligo. Deixo-a dormir até um pouco mais tarde. É uma infecção dos brônquios. Eu fiquei receoso por um tempo, mas agora ela está curada.

Eu vou ao banheiro e oficialmente batizo o dia ao escovar meus dentes (eu li que pela manhã os germes da boca humana estão mortos, mas hábitos que aprendemos quando crianças são difíceis de deixar para trás). Eu ligo o chuveiro, deixo-o bom e quente, e entro.

É no chuveiro que penso melhor, e nesta manhã eu penso no meu sonho. Por cinco noites seguidas eu o tive (mas quem está contando?), Nada realmente horrível acontece, mas de certo modo essa é a pior parte. Porque no sonho eu sei —absolutamente *sei*—que algo de ruim *vai* acontecer. Se eu permitir.

Eu estou num avião, na classe executiva. Eu estou num assento do meio, que é onde eu prefiro estar, assim eu não preciso me debruçar sobre ninguém quando precisar ir ao banheiro. Minha bandeja do assento está abaixada. Nela, há um saco de amendoins e um suco de laranja que parece uma vodka sunrise, uma bebida que eu nunca pedi na vida real. O voo é tranquilo. Se há nuvens, estamos acima delas. A cabine está cheia de luz do sol. Alguém está sentado próximo à janela, e eu sei que se olhar para ele (ou ela, ou possivelmente *algo*), eu verei algo que transformará meu sonho ruim num pesadelo. Se eu olhar no rosto de meu acompanhante, poderei perder a razão. É possível que eu rache como um ovo e que toda a escuridão que há dentro escape.

Eu dou ao meu cabelo espumado uma rápida enxaguada, saio do chuveiro e me enxugo. Minhas roupas estão dobradas sobre uma cadeira do quarto. Eu as

levo, junto com meus sapatos, para a cozinha, que agora está repleta com o cheiro de café. Bom. Dama está aninhada perto do fogão, olhando para mim acusadoramente.

— Não me faça cara feia. — eu digo a ela, e aceno na direção da porta fechada do quarto. — Você conhece as regras.

Ela repousa seu focinho no chão, entre suas patas.

Eu escolho suco de amora enquanto espero pelo café. Há suco de laranja, que é minha bebida matinal usual, mas eu não quero. Parece muito com a bebida de meu sonho, suponho. Eu tomo meu café na sala de estar com a CNN no mudo, apenas lendo as manchetes no sopé da tela, o que é tudo o que uma pessoa realmente precisa. Então eu a desligo e me sirvo uma tigela de cereal de chocolate. Falta um quarto para as oito. Decido que, se o clima estivar bom quando eu for passear com Dama, deixo o táxi de lado e vou a pé para o trabalho.

O clima está bom, de fato, a primavera quase se tornando verão e há um brilho que recai em tudo. Carlo, o porteiro, está sob o toldo, falando ao celular.

— Certo. — ele diz. — Certo, eu finalmente a contatei. Ela disse para ir em frente, não há problema enquanto eu estiver lá. Ela não confia em mais ninguém, e eu não a culpo. Ela tem várias coisas bonitas por lá. Você vem? Três? Não pode ser mais cedo? — ele me dá um aceno com uma mão, protegida por uma luva branca, enquanto desço a esquina com Dama.

Transformamos tudo isto numa ciência, Dama e eu. Ela se alivia sempre no mesmo lugar todos os dias, e eu sou rápido com o saquinho de cocô. Quando volto, Carlo se inclina para lhe fazer carinho. Dama balança o rabo para esquerda e para direita, da maneira mais encantadora, mas nenhuma comida virá de Carlo. Ele sabe que ela está de dieta. Ou deveria estar.

— Eu finalmente contatei a Sra. Warshawski. — Carlo me conta. A Sra. Warshawski mora no 5-C, mas apenas tecnicamente. Ela sumiu há uns dois meses. — Ela estava em Viena.

— Viena, é mesmo? — eu digo.

— Ela me disse para ir em frente com os exterminadores. Ela ficou horrorizada quando lhe contei. Você é o único no quarto, quinto ou sexto que não reclamou. O resto deles... — ele balança a cabeça e produz um som fatigado.

— Eu cresci numa cidade de moinhos em Connecticut. Isso me deixou com uma bela sinusite. Eu posso sentir o cheiro de café, e o perfume de Ellie se ela exagerar, mas é o máximo.

— Neste caso provavelmente é uma bênção. Como *vai* a Sra. Franklin? Ainda indisposta?

— Vai demorar mais alguns dias para que esteja pronta para voltar a trabalhar, mas ela está bem melhor. Ela me deixou assustado por um tempo.

— Digo o mesmo. Ela estava saindo um dia—na chuva, naturalmente...

— Essa é a El. — eu digo. — Nada a para. Se ela achar que precisa ir a algum lugar, ela vai.

— ...e pensei comigo mesmo, essa é uma tosse de defunto. — ele ergue uma das mãos enluvadas num gesto de *pare*. — Não que eu realmente tenha achado...

— Estava a caminho de ser uma tosse de hospital, de qualquer forma. Mas eu finalmente a convenci a ir ver o médico, e agora... na estrada da recuperação.

— Bom. Bom. — então, voltando ao que realmente estava em sua mente: — A Sra. Warshawski ficou bem enojada quando eu lhe contei. Eu disse que provavelmente era apenas comida estragada numa geladeira, mas sei que é pior do que isso. Assim como todos naqueles andares com um olfato intacto. — ele faz um aceno sombrio com a cabeça. — Eles vão encontrar um rato morto lá dentro, marque minhas palavras. Comida fede, mas não assim. Apenas coisas mortas fedem assim. É um rato, pode crer, talvez um casal deles. Ela provavelmente colocou veneno e não quer admitir. — ele se inclina para fazer mais um carinho em Dama. — *Você* sente, não é, garota? Aposto que sente.

Há uma ninhada de papéis púrpuros pregados ao redor da cafeteira. Eu pego o bloquinho púrpuro na mesa da cozinha e escrevo outro.

Ellen: Dama já passeou. O café está pronto. Se se sentir bem o bastante para ir ao parque, vá! Apenas não se distancie. Não quero que você exagere agora que está finalmente se curando. Carlo me disse novamente que está "sentindo cheiro de rato". Acho que o resto do pessoal na vizinhança do 5-C também. Para nossa sorte, você está de nariz entupido e eu tenho um "olfato defeituoso". Haha! Se escutar um movimento no apartamento da Sra. W, são os exterminadores. Carlo estará com eles, então não se preocupe. Eu vou caminhar até o trabalho. Preciso pensar mais um pouco sobre a mais nova droga masculina das maravilhas. Queria que houvessem nos consultado antes de batizá-la com aquele nome. Lembre-se, NÃO EXAGERE. Amo-te, amo-te.

Eu rabisco uma dúzia de X's apenas para sublinhar o ponto, e assino com um B e um coração. Então, adiciono-a às outras notas ao redor da cafeteira. Eu substituo a água da tigela de Dama antes de sair.

São apenas vinte blocos, mais ou menos, e eu não penso na mais nova droga masculina das maravilhas. Eu penso nos exterminadores, que chegarão às três. Mais cedo, se eles puderem.

A caminhada pode ter sido um erro. Os sonhos interromperam o ciclo do meu sono, acho, e eu quase caí no sono durante uma reunião matutina na sala de conferências. Mas eu me concentro rapidamente quando Pete Wendell mostra um cartaz em tamanho real da nova campanha da Petrov Vodka. Eu já o vira no computador de seu escritório enquanto ele fazia testes, na semana passada, e olhando-o novamente eu descubro de onde veio pelo menos um dos elementos de meu sonho.

— Petrov Vodka. — Aura McLean diz. Seus seios admiráveis sobem e descem num suspiro teatral. — Se isso é um exemplo do novo capitalismo russo, a gente já era. — os risos mais sinceros vêm dos caras mais jovens, que gostariam de ver os longos cabelos loiros de Aura espalhados no travesseiro ao lado. — Não quis ofendê-lo, Pete, o cartaz é ótimo.

— Não me ofendi. — Pete diz com um sorriso astuto. — Fazemos o que podemos.

O cartaz mostra um casal brindando numa sacada enquanto o sol se põe sobre um porto repleto de barcos caros. O slogan abaixo diz PÔR DO SOL. A HORA PERFEITA PARA UMA VODKA SUNRISE.

Há alguma discussão sobre a localização da garrafa de Petrov—direita? Esquerda? Centro? Abaixo?—e Frank Bernstein sugere que adicionar a fórmula pode prolongar a visualização da página, especialmente em revistas como a *Playboy* e a *Esquire*. Eu me desligo, pensando na bebida na bandeja do avião em meu sonho, até que percebo que George Slattery está me chamando. Eu consigo pegar a pergunta, e isso é uma boa coisa. Não se pede para George comer seu repolho duas vezes.

— Na verdade, estou no mesmo barco que Pete. — digo. — O cliente escolheu o nome. Eu só estou fazendo o que posso.

Há algumas risadas bem humoradas. Tem havido muitas piadas sobre a mais nova droga da Vonnell Farmacêutica.

— Pode ser que eu tenha algo para lhes mostrar na segunda-feira. — eu digo a eles. Eu não estou olhando para George, mas ele sabe para onde estou mirando. — Pelo meio da próxima semana com certeza. Eu quero dar a Billy uma chance para ver o que ele pode fazer. — Billy Ederle é nosso mais novo empregado, e seu trabalho é ser meu assistente. Ele ainda não recebe convites

para as reuniões matutinas, mas eu gosto dele. Todos na Andrews-Slattery gostam dele. Ele é brilhante, é interessado, e aposto que começará a se barbear em um ou dois anos.

George pensou a respeito.

— Eu realmente estava esperando ver um tratamento hoje. Mesmo um simples esboço.

Silêncio. As pessoas estudam suas unhas. É o mais perto de uma censura pública que George chega, e talvez eu mereça. Esta não tem sido minha melhor semana, e jogar tudo em cima de um garoto não parece bom. Eu não me sinto bem com isso, tampouco.

— Certo. — George diz, finalmente, e é possível sentir o alívio na sala. É como uma leve brisa fria, num minuto está lá, no seguinte se fora. Ninguém quer testemunhar chibatadas na sala de conferência numa manhã de sexta-feira, e eu com certeza não quero levar uma. Não com todas as outras coisas em mente.

George sente o cheiro de um rato, eu acho.

— Como vai Ellen? — ele pergunta.

Há mais algumas apresentações. Então termina. Graças a Deus.

Eu estou quase cochilando quando Billy Ederle entra em meu escritório vinte minutos depois. Cheque isso: eu *estou* cochilando. Eu me sento rapidamente, esperando que o garoto apenas pense que me pegou em pensamentos profundos. Ele provavelmente está ansioso demais para notar, de qualquer forma. Numa mão ele está segurando uma moldura de um cartaz. Acho que ele se sente como na Podunk High School, bolando um grande aviso sobre a noite de dança na sexta-feira.

— Como foi a reunião? — ele pergunta.

— Foi tudo bem.

— Eles falaram de nós?

— Você sabe que sim. O que tem para mim, Billy?

Ele respira fundo e vira seu painel para que eu possa vê-lo. À esquerda está um frasco de Viagra, ou em tamanho real, ou próximo disso, não importa. À direita—o lado poderoso da propaganda, como qualquer um no ramo da publicidade lhe dirá—está um frasco de nosso próprio produto, mas muito maior. Abaixo está o slogan: PO-10, DEZ VEZES MAIS EFICAZ QUE O VIAGRA!

Enquanto Billy olha para mim, que olho para o cartaz, seu sorriso esperançoso começa a morrer.

— Você não gosta.

— Não é uma questão de gostar ou não gostar. Neste negócio nunca é. É uma questão do que funciona e do que não funciona. Isto não funciona.

Agora ele parece irritado. Se George Slattery visse aquele olhar, levaria o garoto ao matadouro. Eu não vou, embora possa parecer o caso para ele porque é meu trabalho ensiná-lo. A despeito de tudo mais em minha mente, eu tentarei fazer isso. Porque eu amo este negócio. Ele recebe pouco respeito, mas eu o amo mesmo assim. E também, posso ouvir Ellen dizer, "não solte isso. Uma vez que você enfia seus dentes em alguma coisa, fique lá". Esse tipo de determinação pode ser um pouco assustadora.

— Sente-se, Billy.

Ele senta.

— E tire essa carranca da fuça, tá? Você parece um garotinho que deixou cair seu ursinho na privada.

Ele faz o melhor que pode. Eu gosto disso nele. O garoto sempre se esforça nas tentativas, e se ele vai trabalhar na Andrews-Slattery, é melhor se acostumar com isso.

— A boa notícia é que eu não vou te chutar dessa, mais porque não é sua culpa que a Vonnell Farmacêutica tenha nos mandado um nome que soa como uma multivitamina. Mas nós vamos fazer uma bolsa de seda com essa orelha de javali. Na publicidade, essa é a principal tarefa sete em cada dez vezes. Talvez oito. Então preste atenção.

Ele dá um sorrisinho.

— É pra tomar nota?

— Não banque o espertinho. Primeiro, quando você exibe uma droga, você *nunca* mostra o frasco. A logomarca, sim. A própria pílula, às vezes. Depende. Você sabe por que a Pfizer mostra a pílula de Viagra? Porque ela é azul. Consumidores gostam de azul. O formato também ajuda. Consumidores dão uma resposta muito positiva ao formato do Viagra. Mas as pessoas *nunca gostam de ver o frasco que contém essas coisas*. Frascos os fazem pensar em doenças. Entendeu?

— Então talvez uma pequena pílula de Viagra e uma grande pílula de PO-10? Em vez de frascos? — ele ergue as mãos, emoldurando um slogan invisível. — "PO-10, dez vezes maior, dez vezes melhor". Sacou?

— Sim, Billy, saquei. A FDA vai sacar também, e eles não vão gostar. Na verdade, eles poderiam nos obrigar a retirar propagandas com slogans como esse de circulação, o que custaria uma fortuna. Sem mencionar a perda de um cliente muito bom.

— *Por quê*? — é quase um balido.

— Porque ele *não é* dez vezes maior, e não é dez vezes melhor. Viagra, Cialis, Levitra, PO-10, todos eles possuem a mesma fórmula de elevação peniana. Pesquise antes, garoto. E um curso básico sobre o Código Publicitário não machucaria. Você quer dizer que a Danone é mais gostosa que a Nestlé? Vá em frente, gosto é um julgamento subjetivo. Mas o que deixa seu pinto duro, e por quanto tempo faz isso acontecer...

— Está bem. — ele diz, num tom brando.

— Aqui vai a outra metade. "Dez vezes mais" é algo—falando na linguagem da disfunção erétil—bem broxante. Saiu de moda na mesma época que Duas Bs numa C.

Ele não entende.

— Duas bocetas numa cozinha. É como os publicitários costumavam se referir às suas propagandas de TV na década de cinquenta.

— Você está brincando!

— Receio que não. Agora, aqui vai uma ideia com que eu tenho brincado. — rabisco rapidamente num bloquinho, e por um momento penso em todas aquelas notas espalhadas ao redor da cafeteira lá no velho e bom 5-B—por que elas ainda estão ali?

— Não pode simplesmente me contar? — o garoto pergunta a milhares de quilômetros de distância.

— Não, porque publicidade não é um veículo oral. — eu digo. — Nunca confie numa propaganda que foi dita em voz alta. Escreva-a e mostre a alguém. Mostre-a ao seu melhor amigo. Ou sua... sua, você sabe, sua esposa.

— Você está bem, Brad?

— Estou. Por quê?

— Sei lá, você pareceu esquisito por um minuto.

— Contanto que eu não pareça esquisito quando for apresentá-la na segunda-feira. Agora—o que isso te diz? — eu viro o bloquinho e lhe mostro o que escrevi lá: PO-10s... PARA HOMENS QUE SÃO DUROS NA QUEDA.

— É como uma piada suja! — ele objeta.

— Pegou o espírito, mas eu escrevi em letras maiúsculas. Imagine-a num leve itálico, quase de um jeito feminino. Talvez até mesmo entre parênteses. — eu os coloco, embora não funcionem com letras maiúsculas. Mas vão. É uma coisa que eu simplesmente sei, porque posso ver. — Agora, pegando isso, imagine uma foto mostrando um cara grande e robusto, com calças caídas que mostram o topo de sua cueca. E uma camiseta com as mangas arrancadas, vamos

dizer. Veja-o besuntado de óleo e sujeira em seus trabucos.

— Trabucos?

— Bíceps. E ele está parado ao lado de um carro estiloso coberto com a capota. Agora, a propaganda ainda parece uma piada suja?

— Eu... eu não sei.

— Nem eu, não com certeza, mas minha intuição diz que vai acertar na mosca. Mas não exatamente como está. O slogan não funciona, você está certo quanto a isso, e ele será eliminado, porque será a base das propagandas na TV e na internet. Então trabalhe nisso. Faça funcionar. Apenas lembre-se que a palavra-chave é...

Subitamente, entendo de onde saiu o resto do meu maldito sonho.

— Brad?

— A palavra-chave é *duro*. — eu digo. — Porque um homem... quando alguma coisa não está dando certo—seu pinto, seu plano, sua *vida*—ele *dá* duro. Ele não quer desistir. Ele se lembra de como era antes, e ele quer que seja daquele jeito de novo.

Sim, eu penso. *Sim, ele quer*.

Billy ensaia um sorriso.

— Eu não teria como saber.

Eu consigo dar um sorriso. Eu o sinto medonhamente pesado, como se houvesse pesos pendurados nos cantos de minha boca. Subitamente, é como estar no sonho ruim novamente. Porque há algo perto de mim que eu não quero enxergar. Só que este não é um sonho lúcido do qual eu posso recuar. É uma realidade lúcida.

Depois que Billy sai, eu vou ao banheiro. São dez horas, e a maioria do pessoal da empresa já descarregou seus cafés matinais e já estão bebendo mais em nossa pequena cafeteria, então eu tenho só pra mim. Eu abaixo minhas calças para que se alguém passar e olhar por baixo da porta não vai pensar que sou estranho, mas a única cois que vim fazer aqui é pensar. Ou lembrar.

Quatro anos após embarcar na Andrews-Slattery, o pacote do Aliviador Fasprin aterrissou em minha mesa. Eu tive algumas ideias especiais com o passar dos anos, algumas genialidades, e aquela foi a primeira. Aconteceu rápido. Eu abri a caixa de amostra, tirei o frasco, e a base da campanha—o que os publicitários às vezes chamam de coração de madeira—veio a mim instantaneamente. Eu testei algumas outras coisas, é claro—você não quer fazer a coisa parecer fácil *demais*—então fiz algumas comparações. Ellen ajudou. Isto

foi logo depois de descobrimos que ela não podia gerar filhos. Isso tinha algo a ver com uma droga que ela tomara quando criança por causa de uma febre reumática. Ela entrou em depressão. Ajudar com o Fasprin tirou sua mente disso, e ela realmente se comprometeu com a coisa.

Al Andrews ainda dirigia as coisas naquela época, e ele foi o único que viu minhas comparações. Eu me lembro de sentar na frente de sua mesa com o coração na boca enquanto ele examinava as comparações em que eu havia trabalhado. Quando finalmente terminamos e ele ergueu sua velha cabeça despenteada para mim, a pausa parece durar pelo menos uma hora. Então, ele disse, “Estão boas, Bradley. Mais do que boas, admiráveis. Vamos nos encontrar com o cliente amanhã à tarde. Você fará a apresentação”.

Eu fiz a apresentação, e quando o VP da Dugan Drogas viu a imagem da jovem trabalhadora com o frasco de Fasprin saindo pela sua manga enrolada, ele endoidou. A campanha deixou a Fasprin lá em cima com os grandalhões—Bayer, Anacin, Bufferin—e pelo fim do ano, estávamos cuidando de tudo da Dugan. O quanto faturamos? Sete dígitos. Nada mal.

Usei o bônus para levar Ellen para Nassau por dez dias. Saímos de Kennedy, numa manhã que atirava chuva, e eu ainda me lembro de como ela riu e disse, “Beije-me, lindeza”, quando o avião atravessou as nuvens e um casal do outro lado do corredor—estávamos viajando na classe executiva—aplaudiu.

Aquilo foi o melhor. O pior veio meia hora depois, quando me virei para ela e por um momento achei que ela estivesse morta. Era seu modo de dormir, com a cabeça caída por sobre o ombro, a boca aberta, e o cabelo meio que despontando até a janela. Ela era jovem, ambos éramos, mas a ideia de morte súbita possuía uma horrorosa possibilidade no caso de Ellen.

— Costumavam chamar sua condição de “estéril”, Sra. Franklin. — o médico dissera quando nos deu a má notícia. — Mas, no seu caso, a condição seria melhor definida como “bênção”. A gravidez exige muito do coração, e graças à doença que foi mal tratada quando você era criança, o seu não é forte. Se você engravidasse, ficaria de cama pelos últimos quatro meses da gestação, e o que aconteceria depois do parto, não se pode prever.

Ela não estava grávida quando fomos naquela viagem, mas ela estivera ansiosa pelas últimas duas semanas. A subida à altitude de cruzeiro não fora fácil... e ela não parecia estar respirando.

Então ela abriu os olhos. Eu me recostei no meu assento, soltando um longo e tremido assopro.

Ela olhou para mim, intrigada.

— O que há de errado?

— Nada. Era só o modo como você dormia, é só.

Ela enxugou o queixo.

— Oh, Deus, eu babei?

— Não. — eu ri. — Mas por um minuto você pareceu... bem, morta.

Ela riu também.

— E se eu estivesse, você mandaria o corpo de volta para Nova York, eu suponho, e seguiria em frente para curtir a “Bahama mama”.

— Não. — eu disse. — Eu levaria você junto, mesmo assim.

— Como é?

— Porque eu não aceitaria. Sem chance que eu aceitaria.

— Você aceitaria depois de alguns dias. Eu começaria a feder.

Ela estava sorrindo. Ela ainda pensava que era um jogo, porque não havia realmente entendido o que o médico lhe dissera naquele dia. Mas ela—como diz o ditado—não ficara de coração partido. E ela não sabia como parecera, com o sol brilhando em suas bochechas pálidas, e pálpebras manchadas e boca caída. Mas eu vira, e isso me partira o coração. Ela *era* meu coração, e eu guardo o que há em meu coração. Ninguém toma isso de mim.

— Você não federia. — eu disse. — Eu te manteria viva.

— Sério? Como? Necromancia?

— Em recusar-me a desistir. E usando a ferramenta mais valiosa de um publicitário.

— E qual seria, Sr. Fasprin?

— Imaginação. Agora, podemos falar de algo mais agradável?

A ligação que eu estivera esperando vem às três e meia. Não era Carlo. Era Berk Ostrow, o síndico. Ele quer saber a que horas eu estarei em casa, porque o rato que todos têm farejado não está no 5-C, ele está em nosso apartamento ao lado. Ostrow diz que os exterminadores têm de partir às quatro para outra tarefa, mas essa não é a coisa importante. O que é importante é o que há de errado ali, e a propósito, Carlo diz que ninguém vê sua esposa há uma semana. Apenas você e a cadela.

Eu explico minha deficiência em sentir cheiros e a bronquite de Ellen. Em sua condição atual, eu digo, ela não saberia se as cortinas estavam pegando fogo até o detector de fumaça dar o alarme. Estou certo de que Dama sente o cheiro, eu lhe digo, mas para um cachorro, o fedor de um rato morto provavelmente tem o cheiro de Chanel nº 5.

— Eu entendo tudo isso, Sr. Franklin, mas ainda assim preciso entrar lá para ver o que há. E os exterminadores terão de ser chamados de volta. Eu acho que o senhor provavelmente será o responsável pela conta, que pode ser que seja bem alta. Eu poderia entrar com minha chave, mas eu realmente me sentiria mais confortável se o senhor estivesse...

— Sim, eu me sentiria mais confortável também. Sem mencionar minha esposa.

— Eu tentei chamá-la, mas ela não atendeu ao telefone. — eu posso escutar a suspeita crescendo em sua voz. Eu expliquei tudo, publicitários são bons nisso, mas o efeito convincente só dura, mais ou menos, sessenta segundos.

— Ela provavelmente deixou no mudo. E, além disso, a medicação que o médico lhe passou a faz dormir pesadamente.

— A que horas o senhor estará em casa, Sr. Franklin? Eu posso ficar até às sete; depois disso só haverá Alfredo. — a ironia em sua voz sugere que seria "melhor" eu lidar com um imigrante.

Nunca, eu penso. Eu nunca voltarei para casa. Na verdade, eu nunca estive lá pra começar. Ellen e eu nos divertimos tanto nas Bahamas que nos mudamos para Praia do Cabo, e eu arrumei um emprego numa pequena firma em Nassau. Eu fiz a publicidade de Cruzeiros Marítimos, Vendas de Estéreos, e aberturas de supermercados. Tudo isso em Nova York foi apenas um sonho lúcido, um do qual posso recuar a qualquer hora.

— Sr. Franklin? O senhor está aí?

— Claro. Estava apenas pensando. — estou pensando que se eu sair agora e tomar um táxi, poderei chegar lá em vinte minutos. — Eu tenho uma reunião que não posso perder, mas por que não me encontra no apartamento por volta das seis?

— Que tal no saguão, Sr. Franklin? Podemos subir juntos.

Penso em lhe perguntar como ele acredita que eu me livraria do corpo assassinado de minha mulher na hora do rush—porque é *isso* o que ele está pensando. Talvez não esteja na frente de sua mente, mas tampouco está lá na traseira. Ele acha que eu usaria o elevador de serviço? Ou que talvez a jogasse pelo incinerador abaixo?

— No saguão está perfeito. — eu digo. — Seis. Meia hora antes, se eu conseguir.

Eu desligo e vou até os elevadores. Tenho que passar pela cafeteria para chegar lá. Billy Ederle está à porta, bebendo uma Nozzy. É um refrigerante muito ruim, mas é tudo o que vendemos. É um cliente da companhia.

— Para onde você vai?

— Casa. Ellen ligou. Ela não está se sentindo bem.

— Não vai pegar sua pasta?

— Não. — eu não espero precisar de minha pasta por um tempo. Na verdade, pode ser que nunca mais eu precise dela.

— Estou trabalhando num novo ângulo com a PO-10. Eu acho que vou acertar na mosca.

— Tenho certeza disso. — eu digo, e estou sendo sincero. Billy Ederle brevemente estará subindo, bom pra ele. — Preciso ir.

— Claro, eu entendo. — ele tem vinte e quatro anos, e de nada entende. — Diga a ela que mandei lembranças.

Recebemos meia dúzia de estagiários por ano na Andrews-Slattery, foi como Billy Ederle começou. A maioria é incrível, e, a princípio, Fred Willits pareceu incrível também. Eu o tomei sob minha asa, e assim se tornou minha responsabilidade demiti-lo—acho que você diria assim, embora estagiários não sejam realmente “empregados” pra começo de conversa—quando se descobriu que ele era um cleptomaníaco que decidira transformar nosso depósito de suprimentos em seu playground particular. Só Deus sabe quanta coisa ele furtou antes que Maria Ellington o flagrasse enfiando resmas de papel em sua maleta, certa tarde. Descobriu-se que ele também tinha uma pitada de psicose. O garoto explodiu quando eu lhe disse que ele estava fora. Pete Wendell chamou a segurança quando o garoto berrou comigo no saguão e tiveram de retirá-lo à força.

Aparentemente, o velho Freddy tinha muito mais a dizer, porque ele começou a passar pela frente de meu prédio e me passar carões quando eu voltava para casa. Mas o rapaz manteve a distância, e os tiras disseram que ele estava apenas exercitando seu direito de liberdade de expressão. Mas não era de sua boca que eu tinha medo. Eu continuei a pensar que ele poderia ter furtado um estilete ou uma faquinha, além dos cartuchos de impressora e das cinquenta resmas de papel de copiadora. Foi quando eu pedi a Alfredo que me desse uma chave para a entrada dos empregados, e eu comecei a entrar por lá. Tudo isso aconteceu no outono do ano passado, setembro ou outubro. O jovem Sr. Willits acabou desistindo e foi descontar seus problemas em outra pessoa quando o clima se tornou gélido, mas Alfredo nunca me pediu para devolver a chave, e eu nunca a devolvi. Acho que ambos esquecemos.

É por isso que, ao invés de dar ao taxista o meu endereço, eu o peço par

ame deixar no quarteirão adiante. Eu pago, adicionando uma gorjeta generosa—ei, é apenas dinheiro—e então volto pelo beco dos empregados. Eu tenho um pequeno susto quando a chave não funciona, mas eu a sacudo um pouco e ela gira. O elevador de serviço possui grades castanhas. Uma prévia da cela gradeada em que me porão, acho, mas é claro que isso é apenas melodrama. Eu provavelmente vou ter que descontar de minhas férias na empresa, e o que estou fazendo com certeza é uma quebra de aluguel, mas...

O que eu *fiz*, exatamente?

E, falando nisso, o que eu tenho feito nesta última semana?

— Mantenho-a viva. — eu digo, enquanto o elevador para no quinto andar. — Porque eu não podia aguentar a ideia dela estar morta.

Ela *não está* morta, eu digo a mim mesmo, está apenas com uma indisposição. Isso não serve como slogan, mas pela última semana tem me servido bem, e no mundo da publicidade o que conta é o termo curto.

Eu entro. O ar está parado e quente, mas não sinto o cheiro de nada. Assim eu digo a mim mesmo, e no mundo da publicidade o que conta *também* é a imaginação.

— Querida, cheguei. — eu chamo. — Você está acordada? Está se sentindo melhor?

Acho que me esqueci de fechar a porta do quarto antes de sair nessa manhã, porque de lá sai Dama. Ela está lambendo os beiços. Dama me lança um olhar culpado, então trota pela sala de estar com a cauda caída. Ela não olha para trás.

— Querida? El?

Eu vou ao banheiro. Ainda não há nada dela para se ver, exceto o tufo branco de seu cabeço e a forma de seu corpo sob as cobertas. As cobertas estão bagunçadas, então eu sei que ela se levantou—mesmo que apenas para tomar café—então voltou novamente para a cama. Foi na última sexta-feira quando eu voltei para casa e ela não estava respirando, e desde então ela tem dormido muito.

Eu dou a volta até o seu lado e vejo sua mão pendendo. Não sobrou muita dela, exceto ossos e pedaços de carne pendurados. Eu olho para isso e penso que há duas maneiras de encarar a coisa. Ao encarar de um modo, eu provavelmente terei de ter minha cachorra—a cachorra de Ellen, na verdade, Dama sempre amou Ellen mais—sacrificada. Encarando de outro, poderia se dizer que Dama se preocupou e estava tentando acordá-la. Vamos, Ellie, eu quero ir ao parque. Vamos, Ellie, vamos brincar com meus brinquedos.

Eu enfio sua mão reduzida debaixo do cobertor. Deste modo, ela não ficará fria. Então espanto algumas moscas. Não consigo me lembrar de ter visto moscas em nosso apartamento antes. Elas provavelmente sentiram o cheiro do rato morto que Carlo estava mencionou.

— Você sabe Billy Ederle? — eu digo. — Eu passei uma dica para ele sobre aquela maldita propaganda da PO-10, e acho que ele vai conseguir desenrolar.

Nada de Ellen.

— Você não pode estar morta. — eu digo. — Isso é inaceitável.

Nada de Ellen.

— Você quer café? — eu olho para meu relógio. — Algo para comer? Temos sopa de galinha. Do tipo que vem em marmitas, mas não é ruim quando está quente. O que me diz, El?

Ela não diz nada.

— Tudo bem. — eu digo. — Está tudo bem. Lembra-se de quando fomos às Bahamas, querida? Quando fomos mergulhar e você teve de parar porque está chorando? E quando eu perguntei o porquê, você disse “Porque é tudo tão lindo”.

Agora *sou eu* quem está chorando.

— Tem certeza de que não quer se levantar e passear um pouco? Eu abro as janelas pra deixar o ar fresco entrar.

Nada de Ellen.

Eu suspiro. Acaricio aquele tufo de cabelo.

— Tudo bem. — eu digo. — Por que você não dorme mais um pouco? Eu vou ficar aqui, sentado ao seu lado.

O Pequeno Deus Verde da Agonia

(*The Little Green God of Agony*, 2011)

— EU SOFRI UM ACIDENTE. — NEWSOME DISSE.

Katherine MacDonald, que estava sentada ao lado de sua cama, encaixando um dos quatro estimuladores transcutâneos em suas pernas magricelas, que despontavam para fora dos shorts de basquete que ele sempre usava ultimamente, não olhou para cima. Seu rosto estava cautelosamente neutro. Ela era uma peça humana de mobília nesta grande casa—neste grande quarto, onde agora passava a maior parte de sua vida empregatícia—e era assim que ela gostava. Atrair a atenção do Sr. Newsome era normalmente uma má ideia, como qualquer um de seus empregados sabia. Mas seus pensamentos seguiram em frente mesmo assim. *Agora você vai dizer que na verdade foi você quem causou o acidente. Porque acha que tomar a responsabilidade faz você parecer um herói*.

— Na verdade... — Newsome disse. — Eu causei o acidente. Não tão apertado, Kat, por favor.

Ela poderia ter lhe lembrando—como fazia no começo—que os Estimuladores Elétricos de Nervos Transcutâneos perdiam sua eficácia se não estivessem apertados contra os nervos machucados que supostamente deveriam aliviar, mas ela aprendia rápido. Afrouxou um pouco a correia de velcro, pensando: *O piloto lhe contou que estavam ocorrendo tempestades na área de Omaha*.

— O piloto me contou que estavam ocorrendo tempestades na área. — Newsome continuou. Os dois homens ouviam atentamente. Jensen já escutara tudo antes, é claro, mas sempre se escutava com atenção quando o homem que tagarelava era o sexto mais rico, não apenas da América, mas do mundo. Três dos outros cinco caras mega-ricos eram camaradas negros que usavam roupões e dirigiam Mercedes-Benz blindadas.

Ela pensou: *Mas eu disse a ele que era imperativo que eu chegasse àquela reunião*.

— Mas eu disse a ele que era imperativo que eu chegasse àquela reunião. — Newsome continuou.

O homem sentado ao lado do assistente pessoal de Newsome era o que a interessava—uma curiosidade meio antropológica. Seu nome era Rideout. Ele era alto e muito magro, talvez sessentão, vestia calças plenamente cinzas e uma

camisa branca abotoada até seu pescoço delgado, que estava irritado de tanto ser barbeado. Kat supôs que ele gostaria de estar bem arrumado antes de se encontrar com o sexto homem mais rico do mundo. Abaixo de sua cadeira estava o único item que carregara para esta reunião: uma lancheira negra com o topo curvado, projetada para conter uma garrafa térmica. Uma lancheira de empreiteiro, embora clamasse ser um guia espiritual. Até então, Rideout não dissera uma palavra, mas ela não precisava de sua audição para saber o que ele era. A aura de charlatão era forte nele. Em quinze anos como enfermeira de pacientes agonizantes, ela já tivera sua cota. Ao menos este aqui não ostentava nenhum cristal.

Agora conte a eles sobre sua revelação, ela pensou, enquanto levava seu banquinho para o outro lado da cama. Ele tinha rodinhas, mas Newsome não gostava do som que ele produzia enquanto era empurrado. Ela teria dito a qualquer outro paciente que carregar banquinhos não estava em seu contrato, mas quando se ganhava cinco mil dólares por semana para essencialmente fazer trabalho de babá, era melhor guardar suas piadinhas para si mesma. E tampouco você dizia a este mesmo paciente que esvaziar e limpar comadres não estavam em seu contrato. Entretanto, sua submissão silenciosa estava fragilizada ultimamente. Ela sentia isso acontecer. Como o tecido de uma camisa que fora usado e lavado várias vezes.

Newsome falava diretamente com o homem com estilo “caipira-que-vai-pra-cidade-grande”.

— Enquanto eu permanecia no meio da chuva, caído na pista, entre os pedaços flamejantes de uma aeronave de catorze milhões de dólares, e com a maior parte das roupas rasgada—isso acontece quando se atinge o concreto, rolando por quinze ou vinte metros—eu tive uma revelação.

Na verdade, foram duas, Kat pensou, enquanto ajeitava o segundo EENT em sua outra perna desgraçada, flácida e repleta de cicatrizes.

— Na verdade, foram duas. — Newsome disse. — A primeira foi que era muito bom estar vivo, embora eu compreendesse—mesmo antes da dor, que tem sido minha companheira constante pelos últimos dois anos, começar a se destacar além do choque—que eu estava seriamente machucado. A segunda foi que a palavra “imperativo” é muito mal usada pela maioria das pessoas, incluindo meu antigo eu. Só há duas coisas imperativas. A primeira é a vida por si só, a outra é a liberdade da dor. Você concorda, Reverendo Rideout? — e antes que Rideout pudesse concordar (com certeza ele não faria outra acoisa), Newsome disse, em sua velha voz irritada e intimidante: — Maldição! Não tão

apertado, Kat! Quantas vezes eu vou ter que te dizer?

— Desculpe. — ela murmurou, e afrouxou a presilha. *Por que eu sequer tento?*

Melissa, a governanta, elegante em sua blusa e calças brancas de cintura alta, chegou com uma bandeja com café. Jensen aceitou uma xícara, juntamente com duas gotas de adoçante artificial. O mais novo, o tão chamado Reverendo, apenas balançou a cabeça. Talvez ele tivesse algum tipo de café bento dentro da garrafinha em sua lancheira. À Kat não foi oferecido. Quando tomava café, ela o fazia na cozinha, com o resto dos criados. Ou não casa de verão... só que não era verão. Era novembro, e a chuva trazida pelo vento espancava as janelas.

— Devo ligá-los, Sr. Newsome, ou prefere que eu saia agora?

Ela não queria sair. Ela já ouvira toda a história várias vezes—a reunião imperativa; o acidente; como Andrew Newsome fora ejetado do avião em chamas, caindo para quebrar os ossos, lascar a espinha e deslocar o pescoço; a maior parte dos vinte e quatro meses de sofrimento sem fim dos quais ele logo começaria a falar—e ela a entediava. Mas não entediava Rideout. Outros charlatões sem dúvida já teriam dado o fora, agora que todos os meios reais de alívio haviam se esgotado, mas Rideout era o primeiro que persistia, e Kat estava interessada em ver como o homem que parecia um fazendeiro iria separar Andy Newsome de um grande naco de sua grana. Ou como ele tentaria, pelo menos. Newsome não acumulara sua obscena pilha de dinheiro sendo um idiota, mas é claro que ele não era mais o mesmo homem que costumava ser, não importa o quão real fosse sua dor. Sobre este assunto, Kat tinha suas próprias opiniões, mas este era o melhor emprego que já tivera. Pelo menos em termos financeiros. E se Newsome queria continuar a sofrer, isso não era escolha dele?

— Vá em frente, deixe-me ligado, doçura. — ele sacudiu as sobrancelhas para ela. Em certa época, a sedução teria sido real (Kat achou que Melissa saberia mais sobre o assunto), mas agora era um simples par de sobrancelhas grossas trabalhando à base da memória dos músculos.

Kat plugou os fios à unidade de controle e ligou a chave. Apropriadamente anexadas, as unidades EENT teriam mandado uma fraca corrente elétrica pelos músculos de Newsome, uma terapia que parecia ter alguns efeitos benéficos... Embora ninguém soubesse dizer exatamente por que, ou se isso era uma espécie de placebo. Do modo como estavam, elas não fariam nada por Newsome hoje à noite. Penduradas frouxamente como estavam, elas haviam sido reduzidas ao equivalente de um brinquedo de choque para crianças. Um bem caro.

— Devo...?

— Fique! — ele disse. — Terapia!

O Lorde ferido em batalha ordena, ela pensou, *e eu obedeço*.

Ela se curvou para puxar sua caixa de trabalho de debaixo da cama. Ela estava cheia de ferramentas que muitos de seus antigos pacientes chamavam de "implementos de tortura". Jensen e Rideout não prestaram atenção nela. Eles continuaram a olhar para Newsome, que poderia—ou não—ter recebido revelações que haviam mudado suas prioridades e sua visão da vida, mas que ainda adorava encenar uma corte.

Ele lhes contou sobre acordar numa gaiola de metal e malha. Havia cavaletes de aço, chamados fixadores, em ambas as pernas e num braço para imobilizar as ligações que haviam sido reparadas com "mais ou menos uma centena" de pinos de aço—na verdade dezessete; Kat vira os raios-X. Os fixadores estavam ancorados nos fêmures, tíbias, fíbulas, úmeros, rádios, e ulnas, todos estilhaçados e partidos. Suas costas estavam forradas com uma espécie de cinturão de malha, que ia de sua cintura até a nuca. Ele falou sobre as noites que passou sem dormir, que pareciam não durar horas, mas anos. Ele falou sobre as esmagadoras dores de cabeça. Contou-lhes até sobre seus dedões torcidos, cujas dores iam bater nas mandíbulas, e a agonia gritante que mordia suas pernas quando os médicos insistiam que ele as movesse, com fixadores e tudo mais, para que não perdessem inteiramente suas funções. Ele lhes contou sobre as escaras, e como ele tinha de engolir uivos de dor e vergonha quando as enfermeiras tentavam rolá-lo para o lado para que as feridas pudessem ser limpas.

— Houve outras dúzias de operações nos últimos dois anos. — ele disse, com uma espécie de orgulho sombrio. Na verdade, Kat sabia, houvera cinco, duas delas para remover os fixadores quando os ossos estavam suficientemente recuperados. A não ser que você inclua o procedimento menor para realocar seus dedos quebrados, é claro. Então você podia dizer que eram seis, mas ela não achava que cirurgias que necessitavam apenas de uma anestesia local eram consideradas "operações". Se fosse esse o caso, ela mesma já tivera dúzias, a maioria delas enquanto ouvia Muzak, em uma cadeira de dentista.

Agora chegamos à parte das falsas promessas, ela pensou, enquanto colocava uma bolsa de gel na curva do joelho direito de Newsome e apertava as garrafas de água quente, penduradas abaixo de sua virilha direita. *É isso que vem a seguir*.

— Os médicos prometeram que a dor passaria. — Newsome disse. — Que em seis semanas eu só precisaria de narcóticos, antes e depois de minhas sessões

de terapia física com a Rainha da Dor aqui. Que eu estaria andando novamente pelo verão de 2010. O verão *passado*. — ele pausou para dar um efeito. — Reverendo Rideout, essas foram falsas promessas. Eu quase não posso mais flexionar meus joelhos, e a dor em meus quadris e costas estão além da descrição. Os médicos... *Ah! Oh! Pare, Kat, pare!*

Ela havia levantado sua perna direita em um ângulo de dez graus, talvez um pouco mais. Nem mesmo o bastante para tirar a almofada amortecedora no lugar.

— Abaixe-a! *Abaixe-a*, maldição!

Kat relaxou a pressão no joelho dele e a perna retornou à cama hospitalar. Dez graus. Possivelmente doze. Puxa vida. Às vezes, ela conseguia chegar aos quinze—e a perna esquerda, que estava um pouco melhor, conseguia chegar a vinte graus de flexão—antes de ele começar a berrar como um garoto que vê uma agulha hipodérmica na mão de uma enfermeira escolar. Os médicos culpados pelas falsas promessas não eram culpados ou haviam dado informações erradas; eles haviam lhe dito que a dor estava chegando. Kat estivera lá como uma espectadora silenciosa durante várias dessas consultas. Eles haviam lhe dito que ele nadaria em dor antes que aqueles tendões cruciais, encurtados pelo acidente e imobilizados pelos fixadores, esticassem e novamente se tornassem flexíveis. Ele teria muita dor antes que pudesse dobrar seus joelhos a noventa graus novamente. Antes que pudesse sentar em uma cadeira ou detrás de um volante, é claro. A mesma coisa se aplicava às suas costas e pescoço. A estrada da recuperação seguia pela Terra da Dor, e isso era tudo.

Estas foram as verdadeiras promessas que Andrew Newsome escolhera não ouvir. Ele tinha a crença—nunca explicada sem rodeios ou em monossílabas, mas que com certeza era uma das ideias que ele mais se apegava —de que o sexto homem mais rico do mundo não deveria ter que visitar a Terra da Dor sob quaisquer circunstâncias, mas apenas a Costa Del Sol da Recuperação Completa. Culpar os doutores foi uma coisa que continuou enquanto o dia seguia a noite. E é claro, ele culpava o destino. Coisas como esta não deveriam acontecer com caras como ele.

Melissa retornou com biscoitos numa travessa. Newsome abanou com uma mão—retorcida e marcada pelo acidente—para ela, irritado.

— Ninguém está com humor para comida assada, Lissa.

Aqui estava outra coisa que Kat MacDonald descobrira sobre os mega-ricos, aqueles bebês da grana que multiplicavam sua pilha além da compreensão ordinária.

Melissa deu seu pequeno sorriso de Mona Lisa, então se virou (quase piruetou) e deixou o quarto. *Deslizou* do quarto. Ela tinha que ter pelo menos quarenta e cinco, mas parecia mais jovem. Ela não era sensual; nada tão vulgar. Ao invés disso, havia um glamour de rainha do gelo sobre ela que fazia Kat pensar em Ingrid Bergman. Gelada ou não, Kat supôs que os homens pensavam em como aquele cabelo preso pareceria livre de seus grampos, caídos e espalhados pelo travesseiro. Como seu batom coral pareceria borrado em seus dentes e numa bochecha. Kat, que se considerava gordinha, disse a si mesma um dia que não tinha ciúmes daquela face suave e fria. Ou daquele traseiro em forma de coração.

Kat voltou para o lado da cama e se preparou para levantar a perna esquerda de Newsome, até que ele gritou novamente para ela parar, maldição, ela queria matá-lo? *Se você fosse outro paciente, eu lhe contaria os fatos da vida*, ela pensou. *Eu lhe diria para parar de procurar por atalhos, porque não existem atalhos. Nem mesmo para o sexto homem mais rico do mundo. Você tem a mim—eu o ajudaria se você deixasse—mas enquanto você continuar a procurar por um modo de pagar para sair da merda, você está por conta própria.*

Ela colocou a almofada sob seu joelho. Apertou os sacos flácidos que já deveriam estar voltando a ser músculos. Começou a dobrar a perna. Esperou que ele gritasse para que ela parasse. E ela pararia. Porque cinco mil dólares por semana somavam um quarto de milhão por ano. Ele sabia dessa parte em que comprava o silêncio dela? Como não poderia saber?

Agora conte sobre os médicos—Genebra, Londres, Madri, Cidade do México, et cetera, et cetera.

— Eu me consultei com médicos de todo o mundo. — ele disse, falando diretamente com Rideout agora. Rideout ainda não havia dito uma palavra, apenas ficara lá, sentado com sua papada vermelha, seu pescoço deveras barbeado sobre sua camisa de pregador abotoada até o fim. Ele usava grandes botas amareladas de trabalho. O salto de uma delas quase tocava sua lancheira negra. — Teleconferência seria o modo mais fácil de fazer, dada às minhas condições, mas é claro que isso não adianta em casos como o meu. Então, eu fui pessoalmente, a despeito da dor que isto me causava. E estivemos em todos os lugares, não é, Kat?

— De fato, estivemos. — ela disse, muito lentamente, continuando a dobrar a perna, que estaria usando para andar agora, se não fosse tão criança quanto a dor. Que bebê mimado. De muletas, sim, mas estaria andando. E em

mais um ano, ele poderia jogar as muletas fora. Só que daqui a um ano ele ainda estaria aqui nesta sua chique cama hospitalar de duzentos mil dólares. E ela ainda estaria com ele. Ainda recebendo seu dinheiro do silêncio. O quanto seria o bastante? Dois milhões? Ela dizia isso para si mesma agora, mas ela havia dito a si mesma que meio milhão seria o bastante há não muito tempo, e desde então mudara os valores da meta. O dinheiro desgraçava desse modo.

— Vimos especialistas no México, Genebra, Londres, Roma, Paris... Onde mais, Kat?

— Viena. — ela disse. — E São Francisco, é claro.

Newsome bufou.

— O doutor lá me disse que eu estava produzindo minha própria dor. “Para evitar fazer o trabalho duro da reabilitação”, ele disse. Mas ele era um paquistanês e um veado. Um veado paquistanês, que tal essa combinação? — ele deu um breve latido de risada, então se direcionou para Rideout. — Estou lhe ofendendo, Reverendo?

Rideout moveu sua cabeça de um lado para o outro em um gesto de negativa. Duas vezes. Lentamente.

— Bom, bom. Pare, Kat, é o bastante.

— Um pouco mais. — ela persuadiu.

— Pare, eu disse. É tudo o que posso aguentar.

Ela deixou a perna descer e começou a manipular seu braço esquerdo. Isso ele permitiu. Ele constantemente dizia às pessoas que ambos seus braços também haviam se quebrado, mas isto não era verdade. O braço esquerdo sofrera apenas uma entorse. Ele também dissera que tinha sorte de não estar em uma cadeira de rodas, mas a cama hospitalar sugeria fortemente que esta era uma sorte da qual ele não tinha intenção de se aproveitar em um futuro próximo. A cama hospitalar *era* sua cadeira de rodas. E ela tinha rodinhas. Ele percorrera o mundo nela.

Dor neuropática, Kat pensou. *É um grande mistério. Talvez insolúvel. As drogas não funcionam mais.*

— O consenso é de que eu estou sofrendo de dor neuropática.

E covardia.

— É um grande mistério.

E também uma boa desculpa.

— Talvez insolúvel.

Especialmente quando você nem tenta.

— As drogas não funcionam mais e os doutores não podem me ajudar. É

por isso que eu o trouxe aqui, Reverendo Rideout. Suas referências em matéria de... er... cura... são muito fortes.

Rideout se levantou. Kat não percebera o quão alto ele era. Sua sombra se estendeu ainda mais pela parede atrás dele. Quase até o teto. Seus olhos, afundados em suas órbitas, consideraram Newsome solenemente. Ele tinha carisma, disso não poderia haver dúvidas. Isso não a surpreendeu; os charlatões do mundo não sobreviviam sem ela; mas ela não percebera o quanto ou o quão forte ela era até que ele se levantasse e se postasse acima deles. Jensen estava, de fato, levantando o pescoço para vê-lo. Houve um movimento pelo canto do olho de Kat. Ela olhou e viu Melissa parada à porta. Agora, eles estavam todos ali, exceto por Tonya, a cozinheira.

Do lado de fora, o vento se tornou um gemido. Os vidros das janelas chocalharam.

— Eu não curo. — Rideout disse. Ele era de Arkansas, Kat acreditava—ou pelo menos fora onde o mais novo Gulfstream IV de Newsome o pegara—mas sua voz não tinha sotaque e era nítida.

— Não? — Newsome pareceu desapontado. Petulante. Talvez, Kat pensou, um pouco apavorado. — Mandei um time de investigadores, e eles me asseguraram que em muitos casos...

— Eu *expulso*.

As sobrancelhas volumosas se ergueram.

— Perdão?

Rideout veio até a cama e parou lá, com suas mãos de dedos grandes fechadas uma na outra, na altura de sua virilha. Seu par de olhos profundos encarou sombriamente o homem na cama abaixo.

— Eu extermino a peste que se alimenta do corpo ferido, como um exterminador de insetos exterminaria pragas—cupins, por exemplo—que se alimentam da casa.

Agora sim, Kat pensou, *eu ouvi absolutamente de tudo*. Mas Newsome estava fascinado. *Como uma criança assistindo um malandro com um monte de três cartas na esquina*, ela pensou.

— Você está possuído, senhor.

— Sim. — Newsome disse. — É assim que eu me sinto. Especialmente à noite. As noites eram... muito longas.

— Cada homem ou mulher que sofre dor está possuído, é claro, mas com algumas pessoas infelizes—você é uma—o problema se aprofunda. A possessão não é uma coisa transitória, mas uma condição permanente. Uma que piora.

Médicos não acreditam porque eles são homens da ciência. Mas *você* acredita em mim, não é? Porque é você quem está sofrendo.

— Pode apostar. — Newsome suspirou. Kat, sentada ao seu lado em seu banquinho, teve de se segurar para não rolar os olhos.

— Com esses infelizes, a dor abre um caminho para um deus-demônio. É pequeno, mas perigoso. Ele se alimenta de um tipo especial de dor, produzida apenas por certos tipos de pessoas especiais.

Gênio, Kat pensou, *ele vai adorar essa*.

— Uma vez que o deus encontra um jeito de entrar, a dor se torna agonia. Ele se alimenta disso, assim como cupim se alimenta de madeira. E ele vai comer até que você seja completamente usado. Então ele vai jogá-lo de lado, senhor, e seguir em frente.

Kat surpreendeu-se ao dizer:

— Que deus seria esse? Certamente não um que você pregue a respeito. Esse seria o Deus do amor. Ou foi assim que eu cresci acreditando.

Jensen franzia o cenho e balançava a cabeça. Ele claramente esperava uma explosão do chefe... Mas um pequeno sorriso tocara os cantos dos lábios de Newsome.

— O que me diz, Reverendo?

— Eu digo que há muitos deuses. O fato de nosso Senhor, o Deus Senhor dos Hospedeiros, governar a todos eles—e no Dia do Julgamento *destruirá* a todos eles—não muda isso. Estes pequenos deuses têm sido adorados por pessoas tanto antigas quanto modernas. Eles têm seus poderes, e nosso Deus, às vezes, permite que esses poderes sejam exercitados.

Como um teste, Kat pensou.

— Como um teste de nossa força e fé. — então, se virou para Newsome e disse algo que a surpreendeu, assim como a Jensen; na verdade, ele ficou boquiaberto.

— Você é um homem de muita força e pouca fé.

Newsome, que embora não fosse acostumado a ouvir críticas, sorriu mesmo assim.

— Eu não tenho muito da fé Cristã, isso é verdade, mas eu tenho fé em mim mesmo. E também tenho fé no dinheiro. Quanto você quer?

Rideout retornou com o sorriso, expondo dentes que eram pouco mais do que pequenas lápides carcomidas. Se ele alguma vez foi ao dentista, fora há muitas luas. E também ele mascava tabaco. O pai de Kat, que morrera de câncer de boca, tinha os mesmos dentes descoloridos.

— Quanto você me pagaria para livrá-lo de sua dor, senhor?

— Dez milhões de dólares. — Newsome disse prontamente. Kat ouviu Melissa engasgar. — Mas eu não cheguei onde estou sendo um otário. Se você fizer o que diz que faz—expulsar, exterminar, exorcizar, chame do que quiser—você ganha o dinheiro. Dinheiro vivo, se não se importar em passar a noite. Falhe, e não ganhará nada—exceto seu primeiro e único voo em um jato particular. Por isso não haverá cobrança. Afinal de contas, *eu* procurei *você*.

— Não. — Rideout disse levemente, parado ao lado da cama, perto o bastante para que Kat pudesse sentir o cheiro das naftalinas que recentemente mantiveram suas calças (talvez seu único par, a não ser que ele tivesse outra que usasse para pregar) inteiras. Ela também podia sentir um cheiro forte de sabão.

— Não. — Newsome pareceu francamente assustado. — Você diz não? — então, começou a sorrir novamente. Desta vez, era o sorriso secreto e desagradável que ele usava para fazer suas ligações e seus negócios. — Entendo. Aí vem a pegadinha. Estou decepcionado Reverendo Rideout. Realmente esperava que você estivesse à altura. — ele se virou para Kat, fazendo-a recuar um pouco. — Você, é claro, acha que fiquei louco. Mas não lhe mostrei os relatórios dos investigadores, mostrei?

— Não. — ela disse.

— Não há bola curva. — Rideout disse. — Eu não realizo uma expulsão há cinco anos. Seus investigadores lhe informaram disso?

Newsome não respondeu. Ele olhava para o homem alto e magro com certo desconforto.

— É porque perdeu seus poderes? Se for assim, por que veio? — Jensen disse.

— É o poder de Deus, senhor, não meu, e eu não o perdi. Mas uma expulsão requer grande energia e grande força. Cinco anos atrás eu sofri um grande ataque cardíaco após realizar um numa garotinha que sofrera um terrível acidente de carro. Tivemos sucesso, ela e eu, mas o cardiologista que eu consultei em Jonesboro me disse que se eu me esforçasse de tal modo novamente, poderia sofrer outro ataque. E desta vez seria fatal.

Newsome ergueu uma mão retorcida—não sem esforço—ao lado de sua boca e falou para Kat e Melissa em um sussurro cômico e ensaiado.

— Eu acho que ele quer vinte milhões.

— O que eu quero, senhor, são setecentos e cinquenta dólares.

Newsome apenas ficou olhando para ele. Foi Melissa quem fez a pergunta.

— Por quê?

— Sou um pastor de uma igreja em Titusville. A Igreja da Fé Sagrada, é assim que é chamada. Só que não há mais igreja. Tivemos um verão seco na minha parte do mundo. Houve um incêndio, provavelmente iniciado por campistas. Provavelmente bêbados. Normalmente, é assim que acontece. Minha igreja agora é apenas um monte de concreto e algumas vigas chamuscadas. Eu e meus seguidores estivemos orando em um posto de gasolina/loja de conveniência abandonado em Jonesboro Pike. Não é satisfatório durante os meses de inverno, e não há casa grande o bastante para nos acomodar. Somos muitos, mas somos pobres.

Kat ouviu com interesse. Como histórias de golpistas, esta era boa. Ela tinha os ganchos certos de simpatia.

Jensen, que ainda possuía o corpo de um atleta de faculdade (ele também servia de guarda-costas de Newsome) e a mente de um mestre em administração de Harvard, fez a pergunta mais óbvia.

— Seguro?

Rideout uma vez mais balançou a cabeça de modo deliberado: esquerda, direita, esquerda, direita, de volta para o centro. Ele ainda permanecia como uma torre acima da cara camaa de Newsome, como um tipo de anjo da guarda caipira.

— Confiamos em Deus.

— Neste caso, você estaria melhor com a Allstate. — Melissa disse.

Newsome sorria. Kat podia dizer pelo jeito rígido com que aguentava seu corpo que ele estava com sério desconforto—faltava meia hora para tomar suas pílulas—mas ele ignorava, porque estava interessado. Que ele *podia* ignorar era algo que ela havia aprendido há um bom tempo. Ele podia batalhar contra a dor se quisesse. Ele tinha meios de fazê-lo. Ela havia achado que estava meramente irritada com isso, mas agora, provavelmente por causa da aparição do charlatão de Arkansas, descobriu que estava, de fato, furiosa. Era uma *perda de tempo* enorme.

— Eu consultei um empreiteiro local—não um membro de meu rebanho, mas um homem de boa reputação que já fez reparos para mim no passado, pedindo um preço justo—e ele me disse que vai custar aproximadamente seiscentos e cinquenta dólares para reconstruir. Eu tomei a liberdade de adicionar mais cem dólares, apenas para me assegurar.

Aham, Kat pensou.

— Não temos tais recursos monetários, é claro. Mas então, menos de uma semana após falar com o Sr. Kiernan, a sua carta chegou, junto com o disco de vídeo. Que eu assisti com grande interesse, a propósito.

Aposto que sim, Kat pensou. *Especialmente a parte onde o médico de São Francisco diz que a dor associada aos seus machucados pode ser bastante aliviada com terapia física.* Rigorosa *atividade física*.

Era verdade que quase uma dúzia de outros médicos no DVD havia desistido, mas Kat acreditava que o Dr. Dilawar fora o único com coragem para falar sem rodeios. Ela ficara surpresa que Newsome permitira que o disco tivesse aquela entrevista, mas, desde o acidente, o sexto homem mais rico do mundo perdera alguns parafusos.

— Vai me pagar o bastante para reconstruir minha igreja, senhor?

Newsome o estudou. Agora havia pequenos rastros de suor logo abaixo de sua linha capilar recuada. Kat lhe daria suas pílulas logo, quer ele pedisse por elas, ou não. A dor era real o bastante; ele não estava fingindo, ou coisa parecida, apenas...

— Você concordaria em não pedir mais? Um acordo entre cavalheiros; não precisamos assinar nada.

— Sim. — Rideout disse sem hesitação.

— Mas se você puder remover a dor—*expulsar* a dor—eu possa fazer uma contribuição de mais valor. Um valor *considerável*. O que creio que seu povo chama de oferta de amor.

— Isso seria por sua conta, senhor. Podemos começar?

— Não há tempo melhor do que o presente. Você quer que todos saiam?

Rideout balançou a cabeça novamente: esquerda para a direita, direita para a esquerda, de volta para o centro.

— Vou precisar de assistência.

Mágicos sempre precisam, Kat pensou. *É parte do show*.

Do lado de fora, o vento gemia, descansava, e então gemia novamente. As luzes piscaram. Atrás da casa, o gerador (de última geração, assim como a cama) arrotou, então silenciou.

Rideout sentou na ponta da cama.

— Sr. Jensen ali, eu acho. Ele parece forte e rápido.

— É ambos. — Newsome disse. — Jogou futebol na faculdade. Corredor nato. Não perdeu um passo desde então.

— Bem... alguns. — Jensen disse, modestamente.

Rideout se inclinou na direção de Newsome. Seus olhos escuros e profundos estudaram solenemente a face cheia de cicatrizes do bilionário.

— Responda-me uma coisa, senhor. De que cor é sua dor?

— Verde. — Newsome respondeu. Ele olhava de volta para o pregador

com fascinação. — Minha dor é verde.

Rideout assentiu: cima, baixo, cima, baixo, de volta para o centro. Eles nunca pararam de se encarar. Kat tinha certeza de que ele assentiria do mesmo jeito grave se Newsome dissesse que sua dor era azul, ou púrpura como o Devorador de Pessoas Púrpuro das fábulas. Ela pensou, com uma combinação de desânimo e surpresa: *Eu poderia perder minha paciência aqui. Eu realmente poderia. Seria a fúria mais cara de minha vida, mas ainda assim—eu poderia*.

— E onde ela está?

— Por todo lugar. — foi quase um gemido. Melissa deu um passo para frente, dando a Jensen um olhar de preocupação. Kat o viu balançar a cabeça um pouco e assisti-la voltar para junto da porta.

— Sim, a coisa gosta de dar essa impressão. — Rideout disse. — Mas não é assim. Feche seus olhos, senhor, e concentre-se. Procure pela dor. Procure além dos gritos falsos que ela dá—ignore a ventriloquia barata—e a localize. Você pode fazer isso. Você *deve* fazer isso se quisermos ter algum sucesso.

Newsome fechou os olhos. Por um espaço de noventa segundos não houve som, exceto o do vento e da chuva batendo contra a janela como uma saraivada de cascalhos. O relógio de Kat era antigo, um presente de seu pai de formatura da faculdade de enfermagem há muitos anos, e quando o vento cantava, o quarto ficava quieto o bastante para ela ouvir seus tique-taques imponentes. E algo mais: no canto mais longínquo da casa, a velha Tonya Andrews cantava suavemente enquanto arrumava a cozinha ao fim de outro dia: *Sapinho pulava ali, e ele pulava lá, hmmm*.

— Está no meu peito. Está no alto de meu peito. Ou no fundo de minha garganta, logo abaixo da traqueia. — Newsome disse finalmente.

— Pode vê-la? Concentre-se!

Linhas verticais apareceram na testa de Newsome. Cicatrizes de pele, que havia sido esfolada até rasgar durante o acidente, formaram ondas de concentração.

— Eu vejo. Está pulsando ao mesmo tempo em que meu coração. — seus lábios se contraíram em uma expressão de nojo. — É horrível.

Rideout se inclinou mais perto.

— É uma bola? É, não é? Uma bola verde.

— Sim. Sim! Uma pequena bola verde que *respira*!

Como a bola de tênis escondida que você sem dúvida tem em sua manga, ou naquela sua grande lancheira preta, Reverendo, ela pensou.

E, como se ela estivesse controlando-o com a mente (em vez de apenas

deduzir por onde sua pobre encenação ia seguir), Rideout disse:

— Sr. Jensen, senhor. Há uma lancheira sob a cadeira em que eu estava sentado. Apanhe-a, abra-a e fique próximo a mim. Você não precisa fazer mais do que isso no momento. Apenas...

Kat MacDonald explodiu. Era uma explosão que ela, na verdade, já havia ouvido em sua cabeça. Ela soava como Roger Miller estalando os dedos durante a introdução de “King of the Road”.

Ela passou para o lado de Rideout e o empurrou-o com os ombros. Foi fácil. Ele era mais alto, mas ela virara e levantara pacientes durante quase metade da vida, e ela era mais forte.

— Abra seus olhos, Andy. Abra-os agora mesmo. Olhe para mim.

Assustado, Newsome o fez enquanto ela falava. Melissa e Jensen (agora com a lancheira em mãos) pareceram alarmados. Um dos fatos de suas vidas empregatícias—e da de Kat, pelo menos até agora—era que você não comandava o chefe. O chefe comandava você. E, certamente, você não poderia assustá-lo.

Mas ela já aguentara demais, obrigada. Daqui a vinte minutos ela estaria enfiada atrás de seus faróis, ao longo de estradas tempestuosas, indo para o único motel nas proximidades, um lugar que pareceria a encarnação da baratolândia, mas não importava. Ela simplesmente não podia mais suportar isto.

— Isto é merda, Andy. — ela disse. — Está me ouvindo? Merda.

— Acho que é melhor você parar com isso imediatamente. — Newsome disse, começando a sorrir—ele tinha vários sorrisos, e este não era um dos bons. — Se quiser manter seu emprego, é claro. Há várias outras enfermeiras em Vermont que são especializadas em terapia para dor?

Ela teria parado bem aí, mas Rideout disse, “Deixe-a falar, senhor”. Foi o cavalheirismo em sua voz que a emputeceu.

Ela se inclinou para frente, invadindo seu espaço, e as palavras saíram como uma torrente.

— Pelos últimos dezesseis meses—desde que seu sistema respiratório melhorou o bastante para que fosse permitida alguma fisioterapia que prestasse —eu assisti você mentir nesta maldita cama cara e insultar seu próprio corpo. Isso me deixa doente. Você sabe o quão sortudo é por estar vivo, quando todos os outros naquele avião morreram? Que milagre é o fato de sua espinha não ter sido machucada, ou seu crânio não ter esmagado seu cérebro, ou seu corpo não ter queimado—não, *tostado*, tostado como uma maçã—da cabeça aos pés? Você teria vivido quatro dias, talvez duas semanas, em uma agonia excruciante. Ao

invés disso, você saiu limpo. Você não está em estado vegetativo. Você não está tetraplégico, embora escolha agir como um. Você não coopera com o tratamento. Você procura pelo jeito mais fácil. Você quer pagar sua saída da situação. Se você morresse e fosse pro Inferno, a primeira coisa que faria é procurar por um pedágio.

Jensen e Melissa a observavam com horror. A boca de Newsome estava aberta. Se alguém já falara assim com ele antes, fora há muito tempo. Apenas Rideout parecia calmo. Era *ele* quem sorria agora. Do modo como um pai sorriria para sua filhinha de quatro anos. Isso a enlouqueceu.

— Você já poderia estar *andando* agora. Deus sabe que eu tentei fazê-lo entender isso, e Deus sabe que eu lhe disse—de novo e de novo—sobre o tipo de esforço que seria necessário para tirá-lo desta cama e colocá-lo novamente de pé. Dr. Dilawar em São Francisco teve a coragem de lhe contar—ele foi o único—você o recompensou chamando-o de veado.

— Ele *era* um veado. — Newsome disse, irritado. Suas mãos cheias de cicatrizes se transformaram em punhos.

— Você está com dor. É claro que está. Mas é controlável. Eu a vi ser controlada, mas não muitas vezes. Mas não por um ricaço preguiçoso que tenta substituir sua boçalidade pelo trabalho duro e pelas lágrimas que são necessárias para se melhorar. Você se recusa. Eu vi isso também, e sei o que sempre acontece em seguida. Os charlatões aparecem, do jeito que as sanguessugas aparecem quando um homem com a perna cortada fica nadando em uma lagoa parada. Às vezes, os charlatões têm cremes mágicos. Às vezes, têm pílulas mágicas. Os curandeiros chegam clamando com trompetes sobre o poder de Deus, do jeito que este fez. Normalmente, os enganados ficam parcialmente aliviados. E porque não ficariam, quando metade da dor está em suas cabeças, produzidas por mentes preguiçosas que só entendem que para melhorar precisa doer?

Ela levantou a voz em um agudo infantil e se inclinou para perto dele.

— Papai, isso *dóóooiiiiiii*! Mas o alívio nunca dura muito, porque os músculos não têm tonalidade, porque os tendões ainda estão fracos, porque os ossos não estão endurecidos o bastante para suportar peso. E quando você ligar para este cara pelo telefone e dizer que a dor voltou—se puder—sabe o que ele dirá? Que você não teve *fé* o bastante. Se você usasse seu cérebro nisto do modo como usa para produzir plantas e vários investimentos, você saberia que não há nenhuma bola de tênis viva sentada na base de sua garganta. Você está velho pra caralho pra acreditar em Papai Noel, Andy.

Tonya viera até a porta, e agora estava parada ao lado de Melissa, observando com os olhos esbugalhados e um pano de prato pendurado numa mão.

— Você está demitida. — Newsome disse, quase cordialmente.

— Sim. — Kat disse. — É claro que estou. Embora eu deva dizer que é a melhor sensação que eu tive em quase um ano.

— Não a demita. — Rideout disse. — Se demitir, eu terei de sair.

Os olhos de Newsome rolaram para o Reverendo. Sua testa estava marcada pela perplexidade. Suas mãos começaram a massagear seus quadris e coxas, como sempre faziam quando já passava da hora de tomar o medicamento.

— Ela precisa de educação, louvado seja o Sagrado Nome de Deus. — Rideout se inclinou na direção de Newsome, suas próprias mãos fechadas atrás de suas costas. Isso lembrou a Kat uma ilustração que ela vira certa vez do professor criado por Washington Irving, Ichabod Crane. — Ela já falou o que tinha para falar. Posso ter minha vez?

Newsome estava suando mais pesadamente, mas ele estava sorrindo.

— Ela é toda sua, Rideout. Eu creio que vou querer ouvir isto.

Kat o encarou. Aqueles olhos afundados e escuros eram inquietantes, mas ela os encarou.

— E eu também.

Com as mãos ainda fechadas atrás das costas, com o crânio rosado brilhando timidamente através de seu cabelo ralo, e com sua longa face solene, Rideout a examinou. Então, ele disse:

— Você nunca sofreu, não é, senhorita?

Kat sentiu uma vontade de vacilar ante isso, ou olhar para outro lado, ou ambos. Ela suprimiu a coisa.

— Eu caí de uma árvore quando tinha onze anos e quebrei meu braço.

Rideout fez um círculo com os lábios e assobiou: uma nota desafinada e quase sem tom.

— Quebrou um *braço* quando tinha *onze*. Sim, isso deve ter sido excruciante.

Ela corou. Ela sentiu isso e odiou, mas não conseguiu evitar o calor.

— Minimize-me o quanto quiser. Baseei o que falei em anos de experiência lidando com pacientes com dores. É uma opinião *médica*.

Agora ele vai dizer que tem expulsado demônios, ou pequenos deuses verdes, ou o que quer que sejam, desde que eu uso fraldas.

Mas ele não disse.

— Estou certo disso. — ele disse, calmamente. — E tenho certeza de que você é boa no que faz. Tenho certeza de que já viu sua cota de falsários e imitadores. Você conhece o tipo. E eu conheço o seu, senhorita, porque já o vi muitas vezes antes. Elas não são normalmente tão bonitas como você (finalmente um traço de sotaque, *bonita* soando *bunita*), mas suas atitudes condescendentes acerca da dor que nunca sentiram, dor que sequer podem imaginar, são sempre as mesmas. Elas trabalham em lugares com pessoas doentes, com pacientes que estão em variados graus de aflição, desde a menor das dores até a maior, queimando em agonia. E depois de um tempo, tudo parece exagerado ou falso para eles, não é?

— Isso não é verdade. — Kat disse. O que estava acontecendo com sua voz? Do nada, ficou pequena.

— Não? Quando você dobra suas pernas e eles berram com quinze graus —ou mesmo com dez—você não tem a sensação, a princípio, no fundo de seu cérebro, para, então, ela ascender cada vez mais, de que eles estão fazendo birra? Recusando-se a fazer o trabalho duro? Talvez até pescando simpatia? Quando você entra no quarto e os rostos deles ficam pálidos, você não pensa “Oh, agora eu tenho que lidar com esses preguiçosos de novo”? E você—que uma vez caiu da árvore e quebrou o *braço*, pelo amor de Deus—não ficava cada vez mais enojada quando eles imploram por mais morfina, ou coisa assim?

— Isso é tão injusto. — Kat disse... Mas sua voz agora era pouco mais do que um sussurro.

— Era uma vez, quando você era nova nisto, você conhecia a agonia quando a via. — Rideout disse. — Era uma vez, um tempo em que você teria acreditado no que está para ver em alguns minutos, porque você sabia, em seu coração, que o maléfico deus intruso estava lá. Eu quero que você fique, para que eu possa refrescar sua memória... E o senso de compaixão que se perdeu em algum lugar pelo caminho.

— Alguns de meus pacientes *são* chorões. — Kat disse, e olhou desafiante para Rideout. — Eu suponho que isso soe cruel, mas, às vezes, a verdade *é* cruel. Algumas *são* malignas. Se não sabe disso, você é cego. Ou estúpido. E eu não acho que você seja qualquer um dos dois.

Ele se curvou, como se ela tivesse lhe feito um elogio—o que, de certo modo, ela achava que tinha feito.

— É claro que eu sei. Mas agora, em seu coração secreto, você acredita que *todos* são malignos. Você se acostumou, como um soldado que passou tempo demais na batalha. Sr. Newsome foi infestado, eu lhe digo, *invadido*. Há

um demônio dentro dele tão forte que se tornou um deus, e eu quero que você o veja quando ele sair. Isso vai modificar suas opiniões consideravelmente, eu acho. Certamente vai mudar sua visão da dor. Ela pode ficar, senhor? — ele terminou para Newsome.

Newsome pensou a respeito.

— Se você quiser.

— E se eu escolher sair? — Kat o desafiou.

Rideout sorriu.

— Ninguém vai segurá-la aqui, Srta. Enfermeira. Como todas as criaturas de Deus, você tem livre arbítrio. Eu não pediria aos outros que a constrangessem, ou a mim mesmo. Mas eu não acredito que você seja uma covarde, que está simplesmente calejada. Endurecida.

— Você é uma fraude. — Kat disse. Ela estava furiosa, e a ponto de chorar.

— Não. — Rideout disse, uma vez mais falando gentilmente. — Quando sairmos deste quarto—com ou sem você—o Sr. Newsome estará livre da agonia que estivera se alimento dele. Ainda haverá dor, mas uma vez que a agonia se for, ele poderá lidar com a dor. Talvez até com sua ajuda, senhorita, uma vez que você tenha recebido a necessária lição de humildade. Você ainda vai sair?

— Vou ficar. — ela disse, e então: — Dê-me a lancheira.

— Mas... — Jensen começou.

— Passe-a. — Rideout disse. — Deixe que ela a inspecione de todos os modos. Mas chega de conversa. Se eu pretendo fazer isto, é hora de começar.

Jensen deu a ela a grande lancheira preta. Kat abriu. Onde a esposa de um trabalhador poderia ter colocado os sanduíches de seu marido e um pote de salada de frutas, ela viu uma garrafa de vidro vazia com um grande bocal. Dentro da tampa, presa por um gancho que deveria segurar uma garrafa térmica, havia uma lata de aerossol verde. Não havia mais nada. Kat se virou para Rideout. Ele assentiu. Ela pegou o aerossol e olhou o rótulo, perplexa.

— Spray de pimenta?

— Spray de pimenta. — Rideout concordou. — Eu não sei se é legal em Vermont—provavelmente não, seria meu palpite—mas de onde eu venho, a maioria das lojas vende. — ele se virou para Tonya. — E você é...?

— Tonya Marsden. Eu cozinho para o Sr. Newsome.

— É muito bom conhecê-la, senhora. Eu preciso de outra coisa antes de começar. Você tem um taco de beisebol. Ou qualquer tipo de bastão?

Tonya balançou a cabeça. O vento soprou novamente; uma vez mais as luzes piscaram e o gerador arrotou em sua casinha atrás da casa.

— E quanto a uma vassoura?

— Oh, sim, senhor.

— Pegue-a, por favor.

Tonya saiu. Houve silêncio, exceto pelo vento. Kat tentou pensar em algo para dizer, mas não pôde. Gotas de clara transpiração desciam pelas bochechas estreitas de Newsome, que também eram cheias de cicatrizes do acidente. Ele havia rolado e rolado, enquanto os destroços do Gulfstream queimavam na chuva atrás dele. *Eu nunca disse que ele não estava com dor,* ela disse a si mesma. *Apenas que ele poderia aguentá-la, se ele mostrasse metade da força que tem mostrado durante esses anos que gastou construindo seu império.*

Mas e se ela estivesse errada?

Isso ainda não quer dizer que algum tipo de bola de tênis viva esteja dentro dele, sugando sua dor do modo como um vampiro suga sangue.

Não existiam vampiros, e nem deuses da agonia... Mas quando o vento soprou forte o bastante pra fazer a grande casa tremer em seus ossos, tal ideia quase pareceu plausível.

Tonya voltou com uma vassoura que parecia nunca ter varrido mais do que uma pilha de sujeira para uma pá de lixo. As cerdas eram de um nylon azul brilhante. A madeira era pintada por quase um metro e meio.

— É isto o que você quer?

— Acho que vai servir. — Rideout disse, embora para Kat ele não soasse inteiramente certo. Ocorreu-lhe que Newsome poderia não ser o único no quarto a ter uns parafusos a menos. — Eu acho que é melhor você dá-la para nossa enfermeira cética. Sem ofensa, Sra. Marsden, mas pessoas mais jovens têm reflexos mais rápidos.

Sem parecer nem um pouco ofendida—parecendo aliviada, na verdade— Tonya passou a vassoura. Melissa a pegou e a passou para Kat.

— O que eu devo fazer com ela? — Kat perguntou. — Voar?

Rideout sorriu, mostrando brevemente os cacos manchados de seus dentes.

— Você saberá quando a hora chegar, se já tiver ficado sozinha com um morcego ou um guaxinim num mesmo quarto. Apenas lembre-se: primeiro as cerdas. Depois o pau.

— Para finalizá-lo, eu suponho. Então você o coloca na garrafa de espécime.

— Exatamente.

— Para que então você possa colocá-lo na sua prateleira com o resto de seus deuses mortos, eu suponho.

Ele sorriu sem humor.

— Passe a lata de spray pra o Sr. Jensen, por favor.

Kat o fez.

— O que eu faço? — Melissa perguntou.

— Assista. E reze, se souber como. Para mim, e também pro Sr. Newsome. Para meu coração ser forte.

Kat, que previu um falso ataque cardíaco chegando, não disse nada. Ela simplesmente se afastou da cama, segurando o cabo da vassoura com ambas as mãos. Rideout sentou-se ao lado de Newsome com uma careta. Seus joelhos estalaram como tiros de pistola.

— Você, Sr. Jensen?

— Sim?

— Você terá tempo—a coisa estará atordoada—mas seja rápido, mesmo assim. Tão rápido como você foi no campo de futebol, certo?

— Você quer que eu a arrebente?

Rideout novamente mostrou um breve sorriso, mas agora havia suor em sua testa assim como a de seu cliente.

— Não arrebentar—isso é ilegal de onde eu venho—mas essa é a ideia, sim. Agora eu gostaria de silêncio, por favor.

— Espere um minuto. — Kat encostou a vassoura contra a cama e passou a mão, primeiro no braço esquerdo de Rideout, então no direito. Ela sentiu apenas tecido de algodão plano, e a pele magricela abaixo.

— Nada na manga, Senhorita Kat, eu prometo.

— *Apresse-se*. — Newsome disse. — Isto é ruim. Sempre é, mas o maldito clima frio piora.

— Silêncio. — Rideout disse. — Todos vocês, silêncio.

Eles silenciaram. Rideout fechou os olhos. Seus lábios se moveram silenciosamente. Vinte segundos se passaram no relógio de Kat, então trinta. Suas mãos estavam úmidas de suor. Ela as enxugou uma de cada vez no suéter, então pegou a vassoura novamente. *Parecemos pessoas reunidas em um leito de morte*, ela pensou.

Do lado de fora, o vento gemeu ao longo da calha.

— Pelo amor de Deus, eu rezo. — Rideout disse, e então abriu os olhos e se inclinou para Newsome.

— Deus, há um mal intruso neste homem. Um intruso se alimentando de sua carne e ossos. Ajude-me a expulsá-lo, como Seu Filho expulsou os demônios de um homem possuído em Gadarenos. Ajude-me a falar com o pequeno deus verde da agonia dentro de Andrew Newsome em sua própria voz de comando.

Ele se inclinou mais perto. Envolveu longos dedos de uma mão castigada pela artrite na base da garganta de Newsome, como se pretendesse estrangulá-lo. Ele se inclinou com mais firmeza, e inseriu os dois primeiros dedos da outra mão na boca do bilionário. Ele os enrolou, e puxou a mandíbula para baixo.

— Saia. — ele disse. Ele falara sobre comando, mas sua voz era leve. Sedosa. Quase bajuladora. Isso fez a pele do braço e das costas de Kat formigarem. — Saia em nome de Jesus. Saia em nome de todos os santos e mártires. Saia em nome de Deus, que lhe deixou entrar e agora lhe comanda para sair. Saia para a luz. Largue seu alimento e saia.

Não aconteceu nada. Então ele recomeçou.

— Saiam em nome de Jesus. Saia em nome dos santos e mártires. — sua mão se flexionou levemente, e a respiração de Newsome começou a vacilar. — Não, não vá mais fundo. Você não pode se esconder, coisa da escuridão. Saia para a luz. Jesus te comanda. Os santos e mártires te comandam. Deus te comanda para largar seu alimento e sair.

Uma mão fria tocou o antebraço de Kat, e ela quase gritou. Era Melissa. Seus olhos estavam esbugalhados. Sua boca aberta. No ouvido de Kat, o sussurro da governanta foi tão áspero quanto cerda: *"Olhe"*.

Uma protuberância parecida com papeira apareceu na garganta de Newsome logo abaixo da mão que segurava frouxamente a de Rideout. Começou a se mover lentamente na direção da boca. Kat nunca vira nada igual na vida.

— Isso mesmo. — Rideout quase cantarolou. Seu rosto estava encharcado de suor; o colarinho de sua camisa estava úmido e escuro. — Saia. Saia pra a luz. Você já terminou de se alimentar, coisa da escuridão.

O vento evoluiu para um grito. A chuva, que agora já chegara perto de ser granizo, atacava as janelas como estilhaços. As luzes piscaram e a casa gemeu.

— O Deus que te deixou entrar te comanda para sair. Jesus te comanda pra sair. Todos os santos e mártires.

Ele soltou a boca de Newsome, puxando a mão do modo como um homem faz quando toca algo quente. Mas a boca de Newsome permaneceu aberta. E

mais: ela começou a aumentar, primeiro do tamanho de um bocejo, e então do tamanho de um berro sem som. Seus olhos rolaram para trás de sua cabeça e seus pés começaram a chutar. Sua bexiga afrouxou e a urina saiu, e o lençol abaixo de sua virilha ficou tão escuro quanto o colarinho de Rideout.

— Pare! — Kat disse, começando a avançar. — Ele está tendo um ataque. Você tem que p...

Jensen pegou-a pelas costas. Ela se virou e viu que seu rosto, normalmente rude, estava pálido como um guardanapo.

A mandíbula de Newsome abrira totalmente até o peito. A metade inferior de seu rosto desapareceu em um poderoso bocejo. Kat ouviu os tendões temporomandibulares estalarem, como os tendões dos joelhos faziam durante as vigorosas sessões de terapia física: um som parecido com dobradiças sujas. As luzes do quarto se apagaram, acenderam, apagaram, e acenderam novamente.

— Saia! — Rideout berrou. — Saia!

Na escuridão atrás dos dentes de Newsome, uma coisa parecida com uma bexiga apareceu como água saindo da torneira. Ela pulsava. Houve uma pancada lacerante e a janela do outro lado do quarto se despedaçou. Copos de café caíram no chão e se quebraram. Subitamente, apareceu um galho no quarto com eles. As luzes se apagaram. Os geradores começaram de novo. Nada de arrotos desta vez, mas um tremendo rugido. Quando as luzes voltaram, Rideout estava caído na cama com Newsome, com os braços aberto e o rosto afundado na parte úmida do lençol. Alguma coisa estava escoando da boca aberta de Newsome, seus dentes deixando marcas no corpo sem forma da coisa, que era cheia de espetos verdes atarracados.

Não é uma bola de tênis, Kat pensou. *É mais como uma daquelas bolinhas Koosh que as crianças brincam*.

Tonya viu a coisa e correu de volta para o corredor com sua cabeça abaixada, suas mãos fechadas atrás do pescoço, e seus antebraços na frente de seus ouvidos.

A coisa verde caiu no peito de Newsome.

— *Jogue o spray!* — Kat berrou para Jensen. — *Jogue spray antes que ela escape*!

Sim. Então eles colocariam o espécime na garrafa e fechariam a tampa com firmeza. Com *muita* firmeza.

Os olhos de Jensen estavam enormes e vítreos. Ele parecia um sonâmbulo. O vento soprou através do quarto, varrendo seu cabelo. Um quadro caiu da parede. Jensen ergueu a mão segurando a lata de spray de pimenta e apertou a

protuberância de plástico. Houve um silvo, então ele caiu no chão, berrando. Ele tentou se virar, provavelmente para correr atrás de Tonya, e caiu de joelhos. Embora Kat se sentisse entorpecida demais para se mover—até mesmo para mexer o braço—parte de seu cérebro ainda estava trabalhando, porque ela sabia o que havia acontecido. Ele havia pegado a lata pelo lado errado. Ao invés de jogar spray na coisa que agora se arrastava pelo cabelo do Reverendo inconsciente, Jensen atingira a si próprio.

— *Não deixe a coisa me pegar*! — Jensen berrou. Ele começou a engatinhar cegamente para longe da cama. — *Não consigo enxergar, não deixe que ela me pegue*!

O vento soprou. Folhas mortas caíram do galho de árvore que atravessara a janela e aterrissara no quarto. A coisa verde caiu da nuca, marcada e queimada pelo sol, de Rideout para o chão. Sentindo-se como se estivesse submersa, Kat varreu a coisa com a ponta das cerdas. Ela errou. A coisa desapareceu debaixo da cama, não rolando, mas rastejando.

Jensen engatinhou na direção da parede ao lado da porta.

— *Onde estou? Eu não posso ver!*

Newsome estava sentando, parecendo aturdido.

— O que está acontecendo? O que houve? — ele empurrou a cabeça de Rideout para longe. O reverendo deslizou molemente da cama para o chão.

Melissa se inclinou sobre ele.

— *Não faça isso!* — Kat berrou, mas era tarde demais.

Ela não soube se a coisa era realmente um deus, ou um tipo esquisito de sanguessuga, mas ela era rápida. Ela saiu de debaixo da cama, rolou pelo ombro de Rideout e subiu no braço de Melissa. Melissa tentou sacudi-la, mas não pôde. *Tem alguma coisa grudenta naqueles pequenos espinhos*, a parte do cérebro de Kat que ainda funcionava disse isso para a parte—a maior parte—que não funcionava. *Como cola nas patas de uma mosca*.

Melissa vira de onde a coisa saíra, e mesmo em pânico foi esperta o bastante para cobrir a própria boca com ambas as mãos. A coisa escalou seu pescoço, subiu por sua bochecha e grudou em seu olho esquerdo. O vento gritou e Melissa gritou junto. Era o grito de uma mulher se afogando em um tipo de dor que os gráficos nos hospitais não podem descrever. Os gráficos vão de um a dez; a agonia de Melissa ia acima de cem—de alguém sendo cozido vivo. Ela cambaleou para trás, tateando a coisa em seu olho. Ela pulsava mais rápido agora, e Kat pôde ouvir um som baixo de líquido enquanto a coisa voltava a se

alimentar. Era um som *lamacento*.

Essa coisa não se importa de quem está se alimentando, ela pensou, como se isto fizesse sentido. Kat percebeu que ela estava andando na direção da mulher berrante e desesperada, e observou este fenômeno com interesse.

— Fique parada! Melissa, FIQUE PARADA!

Melissa não prestou atenção. Continuou a recuar. Ela bateu no galho rígido que agora visitava o quarto e estatelou-se. Kat ajoelhou-se ao seu lado e desceu o cabo da vassoura na cara de Melissa. Bem em cima da coisa que estava se alimentando do olho de Melissa.

Houve um som de algo esmagado, e subitamente a coisa estava deslizando pela bochecha da governanta, deixando uma trilha úmida de lodo. A coisa se moveu pelo chão coberto de folhas, pretendendo se esconder sob o galho do modo como havia se escondido abaixo da cama. Kat ficou de pé e pisou na coisa. Ela a sentiu ser esmagada abaixo de seu tênis de caminhada. Meleca verde disparou em ambas as direções, como se ela houvesse pisado em um pequeno balão cheio de catarro.

Kat se ajoelhou novamente e abraçou Melissa. A princípio, Melissa se debateu, e Kat sentiu um punho roçar sua orelha. Então Melissa parou, respirando asperamente.

— Ela se foi? Kat, a coisa se foi?

— Eu me sinto melhor. — Newsome disse sonhadoramente atrás delas, em algum outro mundo.

— Sim, ela se foi. — Kat disse. Ela olhou para o rosto de Melissa. O olho em que a coisa havia grudado estava vermelho, mas parecia bem. — Você pode enxergar?

— Sim. Embaçado, mas já está clareando. Kat... a dor... estava toda em mim. Era como o fim do mundo.

— Alguém precisa lavar meus olhos! — Jensen berrou. Ele parecia indignado.

— Limpe seus próprios olhos. — Newsome disse, alegremente. — Você tem duas boas pernas, não tem? Eu acho que vou também, quando Kat as deixar novas em folha. Alguém cheque Rideout. Eu acho que o pobre filho da puta pode estar morto.

Melissa estava olhando para Kat, um olho azul, e o outro vermelho, derramando lágrimas.

— A dor... Kat, você não tem ideia da dor.

— Sim. — Kat disse. — Na verdade, eu tenho agora. — ela deixou

Melissa sentada próxima ao galho, e foi até Rideout. Ela checou o pulso e não sentiu nada, nem a menor oscilação de um coração ainda tentando dar seu melhor. A dor de Rideout, ao que parecia, havia acabado.

O gerador desligou.

— Porra. — Newsome disse, ainda soando alegremente. — Eu paguei sete mil dólares por esse pedaço de merda de lata.

— *Eu preciso que alguém lave meus olhos!* — Jensen gritou. — *Kat!*

Kat abriu a boca para responder, mas não o fez. Na nova escuridão, alguma coisa havia rastejado para as costas de sua mão.

Alto Capim Adentro

(*In the Tall Grass*, 2012)

ELE QUERIA SILÊNCIO POR UM TEMPO, ao invés do rádio, então pode-se dizer que o que aconteceu foi culpa dele. Ela queria ar fresco ao invés do ar-condicionado por um tempo, então pode-se dizer que a culpa foi dela. Mas já que nunca teriam ouvido a criança sem ambas as coisas, pode-se realmente dizer que foi uma combinação, o quer era um perfeito Cal-e-Becky, pois eles sempre fizeram tudo em dupla. Cal e Becky DeMuth, nascidos num intervalo de dezenove meses. Seus pais os chamavam de Gêmeos Irlandeses.

— Becky atende ao telefone e Cal diz o alô. — o Sr. DeMuth gostava de dizer.

— Cal pensa numa festa e Becky já escreveu a lista dos convidados. — a Sra. DeMuth gostava de dizer.

Nunca discutiram, nem mesmo quando Becky, na época uma caloura, saiu de seu campus e foi ao apartamento de Cal para anunciar que estava grávida. Cal levou tudo na boa. Seus pais? Não tão condescendentes.

O apartamento fora do campus ficava em Durham, pois Cal escolhera a UNH. Quando Becky (neste ponto não-grávida, se não virgem) fez a mesma escolha de faculdade, dois anos depois, era possível cortar a surpresa e passá-la no pão.

— Ao menos ele não precisará voltar para casa todo maldito fim de semana pra sair com ela. — a Sra. DeMuth disse.

— Talvez consigamos um pouco de paz por aqui. — Sr. DeMuth disse — Depois de vinte anos, mais ou menos, toda essa união fica cansativa.

É claro que eles não faziam *tudo* juntos, porque Cal com certeza não fora o responsável pelo pãozinho dentro do forno de sua irmã. E foi ideia apenas de Becky pedir ao Tio Jim e Tia Annie para morar com eles por um tempo— somente até o bebê nascer. Para seus pais, que estiveram atordoados e espantados demais com tal mudança de eventos, pareceu uma decisão tão razoável quanto qualquer outra. E quando Cal sugeriu que ele também deveria usar suas férias de primavera para fazer a viagem pelo país junto com a irmã, seus pais não fizeram muita confusão. Eles até concordaram que Cal podia ficar com Becky em San Diego até o bebê nascer. Calvin poderia conseguir um bico e ajudar nas despesas.

— Grávida aos dezenove. — a Sra. DeMuth disse.

— *Você* ficou grávida aos dezenove. — o Sr. DeMuth disse.

— Sim, mas eu estava *ca-sa-da*. — a Sra. DeMuth apontou.

— Com um camarada bem decente. — Sr. DeMuth sentiu-se inspirado a adicionar.

A Sra. DeMuth suspirou.

— Becky escolherá o primeiro nome e Cal escolherá o segundo.

— Ou vice-versa. — o Sr. DeMuth disse—também com um suspiro (às vezes, casais casados também eram iguais a Gêmeos Irlandeses).

A mãe de Becky a levou para almoçar certo dia, não muito antes de saírem em viagem pela Costa Oeste.

— Tem certeza de que vai dar o bebê para a adoção? — ela perguntou. — Sei que não tenho o direito de perguntar, eu sou apenas sua mãe, mas seu pai está curioso.

— Eu ainda não me decidi completamente. — Becky disse. — Cal me ajudará a decidir.

— E quanto ao pai, querida?

Becky pareceu surpresa.

— Oh, ele não tem direito a opinião. Ele é um babaca.

A Sra. DeMuth suspirou.

***

Portanto, eles estavam no Kansas, num quente dia primaveril de abril, viajando num velho Mazda de oito anos, com placas de Nova Hampshire, e o fantasma do sal de estrada da Nova Inglaterra ainda espalhado pelo estribo. Silêncio, ao invés de rádio, janelas abertas, ao invés de ar-condicionado. Como resultado, ambos ouviram uma voz. Foi fraca, mas clara.

— Socorro! *Socorro*! Alguém me *ajude*!

Irmão e irmã trocaram olhares assustados. Cal, atualmente por atrás do volante, encostou imediatamente. Areia crepitou sob o chassi.

Antes de deixarem Portsmouth, haviam decidido evitar estradas com pedágios. Cal quisera ver o Dragão Kaskaskia, em Vandalia, Illinois; Becky quisera ver o Maior Novelo de Lã do Mundo, em Cawker City, Kansas (ambas as missões cumpridas); a dupla decidiu que precisava passar em Roswell para ver umas merdas extraterrestres. Agora, estavam ao sul do Novelo de Lã—que era muito cabeludo, cheiroso e, no fim das contas, mais impressionante do que qualquer um deles poderia ter antecipado—por uma perna da Rota 400. Era uma estrada bem cuidada de duas pistas, que os levaria pelo resto do caminho através do prato chato, que era o Kansas, até o Colorado. À frente deles, estavam

quilômetros de estrada, com quase nenhum carro ou caminhão à vista. O mesmo acontecia no retrovisor.

Pelo lado deles da estrada havia algumas casas, uma igreja pregada com tábuas chamada Pedra Negra do Redentor (Becky achou que era um nome esquisito para uma igreja, mas este *era* o Kansas), e uma casa de boliche aos pedaços, que parecia ter sido operacional pela última vez por volta da época em que os Trammps incendiaram a música pop com um inferno de disco. Do outro lado da 400, não havia nada exceto capim alta e verde. Ela se prolongava até o horizonte, que era tanto infinito quanto banal.

— Isso foi uma... — Becky começou. Ela vestia um casaco leve aberto sobre a barriga que começava a inchar; ela já estava em seu sexto mês.

Ele ergueu uma mão sem olhar para ela. Ele espiava o capim.

— *Shh*. Escute!

Eles escutaram uma música fraca saindo de uma das casas. Um cão deu um latido triplo sereno—rup-rup-rup—e parou. Alguém estava martelando uma tábua. E havia este sussurro firme e gentil do vento. Becky percebeu que realmente podia *ver* o vento, penteando o capim no lado longínquo da estrada. Ele provocava ondas que corriam até se perderem à distância.

Quando Cal estava começando a achar que eles não haviam, afinal de contas, ouvido nada—não seria a primeira vez que imaginavam alguma coisa juntos—o grito começou de novo.

"*Socorro! Por favor, socorro!*". E: "*Eu estou perdido!*".

Desta vez, a troca de olhares entre eles foi repleta de um entendimento alarmante. O capim era incrivelmente alto (que o capim tivesse mais de um metro e meio no começo da temporada era uma anomalia que não ocorreria a eles até mais tarde). Um garotinho entrara lá, provavelmente explorando, quase certamente de uma das casas na beira da estrada. Ele ficara desorientado e vagou cada vez mais fundo. O dono da voz parecia ter oito anos, o que significava que ele era baixo demais para saltar e ver o caminho de volta.

— Deveríamos tirá-lo de lá. — Cal disse.

— É. Pare no estacionamento da igreja. Vamos sair do encostamento.

Ele a deixou na margem da estrada, e virou no estacionamento sujo do Redentor. Um grupo de carros imundos estava estacionado aqui, para-brisas salientavam-se brilhantes ante a luz do sol. Que todos aqueles carros, exceto um, pareciam estar ali há dias—até mesmo semanas—foi outra anomalia que não lhes ocorreria até mais tarde.

Enquanto ele cuidava do carro, Becky cruzou o acostamento. Ela fez uma

conchinha com as mãos e gritou.

— Garoto! *Ei, garoto!* Pode me ouvir?

Depois de um momento, ele respondeu.

— *Sim! Ajude-me! Eu estou aqui há DIAS!*

Becky, que se lembrava de como criancinhas julgavam o tempo, pensou que isso significava mais ou menos vinte minutos. Ela procurou por um caminho de capim partida ou amassada por onde o garoto havia entrado (provavelmente imaginando algum tipo de jogo ou filme na selva estúpido em sua cabeça), e não pode achá-lo. Mas tudo bem; ela captou que a voz vinha de sua esquerda, por volta das dez horas. Não parecia estar muito longe, tampouco. O que fazia sentido; se ele houvesse ido muito longe, eles não o teriam ouvido, mesmo com o rádio desligado e as janelas abertas.

Ela estava pronta para descer o terrapleno, no limite do capim, quando surgiu uma segunda voz, a de uma mulher—rouca e confusa. A voz possuía aquela aspereza grogue de alguém que acaba de acordar e precisa muito beber um copo de água.

— *Não faça isso!* — berrou a mulher. — Não faça! Por favor! *Afaste-se!* Tobin, pare de chamar! Pare de chamar, querido! Ele vai te escutar!

— Olá? — Becky gritou. — O que está havendo?

Atrás, ela ouviu uma porta bater. Cal, a caminho de cruzar a estrada.

— Estamos perdidos. — o menino gritou. — Por favor! Por favor, minha mãe está machucada, por favor! Por favor, ajude!

— Não! — a mulher disse. — Não, Tobin, não!

Becky olhou em volta para ver o que estava ocupando Cal.

Ele havia dado alguns passos pelo estacionamento de terra e então hesitou pelo que parecia ser um Prius da primeira geração. Estava coberto com uma película com uma pálida cobertura de poeira, obscurecendo quase completamente o para-brisa. Cal se curvou levemente, protegeu os olhos com uma mão, e os semicerrou para ver algo pela janela do banco do passageiro. Franzindo o cenho por um momento, e depois recuando, como se para evitar uma mosca.

— Por favor. — o menino disse. — Nós estamos perdidos e não conseguimos achar a estrada!

— Tobin! — a mulher começou a chamar, mas a sua voz engasgou. Como se ela não tivesse saliva para falar.

A não ser que esta fosse uma pegadinha elaborada, algo estava muito errado por aqui. Becky DeMuth não teve consciência de sua mão viajando para

tocar a curva redonda de seu abdômen. Ela tampouco conectou o que estava sentindo com os sonhos que a incomodavam há quase dois meses, sonhos que ela não tinha discutido nem mesmo com Cal—aqueles sobre dirigir à noite. Uma criança gritava nesses sonhos também.

Ela desceu o terraplano em duas longas passadas. Era mais íngreme do que parecia, e quando ela alcançou o fundo, ficou claro que o capim era ainda mais alto do que ela pensara, mais perto de dois metros do que um e meio.

A brisa soprou fortemente. A parede de capim agitou-se e recuou numa silenciosa onda suave.

— Não procure por nós! — a mulher gritou.

— Socorro! — disse o menino, contradizendo-a, quase abafando a voz dela—e a voz dele estava próxima. Becky podia ouvi-lo logo mais à esquerda. Não perto o bastante para tatear e agarrar, mas certamente não mais do que nove ou dez metros da estrada.

— Estou aqui, amigão. — ela chamou. — Venha andando em minha direção. Você está quase na estrada. Você está quase fora.

— Socorro! Socorro! Não consigo te achar! — o menino disse, sua voz estava bem mais perto agora. Isto foi seguido por uma risada histérica e soluçante que congelou a pele de Becky.

Cal deu uma única passada terreno abaixo, escorregou nos calcanhares e quase caiu de bunda. O chão estava úmido. Se Becky havia hesitado em adentrar o grosso capim para resgatar o menino, fora porque ela não queria ensopar seus shorts. Capim daquela altura conteria água o bastante, suspensa em brilhantes gotas, para fazer um pequeno lago.

— O que está esperando? — Cal perguntou.

— Tem uma mulher com ele. — Becky disse. — Ela está estranha.

— Onde está você? — o menino choramingou, quase balbuciando, a poucos metros de distância. Becky procurou algum lampejo de sua camisa ou suas calças, mas não houve nenhum. Ele estava um pouco fundo demais para isso. — Você está vindo? *Por favor!* Não consigo achar a saída!

— Tobin! — a mãe berrou, sua voz era distante e tensa. — Tobin, *pare!*

— Aguente firme, garoto. — Cal disse, e adentrou o capim. — Capitão Cal ao resgate. Da-da-da!

A esta altura, Becky já tinha o celular aninhado na mão, e começava a abrir a boca para perguntar a Cal se deveriam ligar para a patrulha rodoviária, ou o que quer que eles tivessem aqui que vestisse uniforme.

Cal deu um passo, depois outro, então, subitamente, tudo o que Becky

pôde ver dele foram as costas de sua camisa de algodão e de suas calças caqui. Por nenhuma razão racional, o pensamento dele saindo de sua vista acelerou sua pulsação.

Ainda assim, ela voltou a atenção para a pequena *touchscreen* negra de seu Android e viu que todas as cinco barras de sinal apareciam. Ela discou 911 e apertou o botão para chamar. Enquanto erguia o fone ao ouvido, ela deu um grande passo capim adentro.

O telefone tocou uma vez, então uma voz robótica anunciou que a sua chamada estava sendo gravada. Becky deu mais um passo, sem querer perder a camisa azul e calças marrom-claras de vista. Cal era sempre *tão impaciente*. É claro... ela também era.

As plantas molhadas começaram a resvalar em sua blusa, shorts, e pernas nuas. *De uma máquina de banho, saiu um ruído*, Becky pensou, seu subconsciente tossindo parte de um poema meio digerido de Edward Gorey. *Como se estivesse se divertindo. Ela foi ouvida de longe e amplamente e alguma coisa, alguma coisa, ondulou, blá, blá, blá*. Ela havia feito um trabalho de poemas de Introdução à Literatura, e achou que ele havia ficado bastante bom, mas tudo o que conseguiu por seu esforço foi um monte de rimas idiotas que ela não conseguiu mais esquecer, e um C+.

Uma voz humana substituiu a robótica.

— Condado de Kiowa, 911, informe a sua localização e natureza de sua emergência.

— Eu estou na Rota 400. — ela disse. — Eu não sei o nome da cidade, mas há uma igreja, a Pedra do Redentor ou coisa assim... e um velho ringue de patinação abandonado... não, acho que era uma casa de boliche... e tem uma criança perdida na pradaria. A mãe dele também. O garoto parece assustado, e a mão soa... — *Estranha*, ela pretendera finalizar, mas não teve a chance.

— Estamos com uma péssima conexão aqui. Por favor, repita a sua...

Então, nada. Becky parou para olhar seu telefone e viu uma única barra. Enquanto a observava, ela desapareceu e foi substituída por SEM SERVIÇO. Quando ela levantou a cabeça, seu irmão fora engolido pelo verde.

Acima de sua cabeça, um jatinho traçou uma trilha branca pelos céus a trinta e cinco mil pés de altura.

***

— *Socorro! Socorro!*

O garoto estava próximo, mas não tanto quanto Cal pensara. E um pouco

longe à esquerda.

— *Volte para a estrada!* — a mulher gritou. Agora, ela também parecia estar mais perto. — *Volte enquanto ainda pode!*

— *Mãe! Mamãe! Eles querem AJUDAR!*

Então, o menino simplesmente gritou. O grito elevou-se a um berro de estourar os tímpanos, oscilou, e subitamente transformou-se numa risada mais histérica. Houve ruídos de confusão—talvez pânico, talvez sons de uma luta. Cal correu naquela direção, certo de que iria sair em alguma clareira desmatada e descobrir o garoto—Tobin—e sua mãe, sendo atacados por um maníaco com uma faca saído de algum filme de Quentin Tarantino. Ele cobriu nove metros e começava a perceber que *tinha* que ter se afastado demais, quando o capim entrelaçou-se em seu tornozelo esquerdo. Ele agarrou mais capim ao cair e nada conseguiu, exceto encher as mãos de suco verde e grudento que desceu aos pulsos. Ele desceu de vez ao chão lamacento e acabou inspirando lama por ambas as narinas. Maravilhoso. Por que nunca havia uma árvore quando se precisava?

Ele ficou de joelhos.

— Garoto? Cante... — ele espirrou lama, limpou o rosto, e sentiu o cheiro da meleca de capim ao inalar. Estava ficando cada vez melhor. Um verdadeiro buquê sensorial. — Cante alguma coisa! Você também, Mamãe!

Mamãe não cantou. Tobin, sim.

— *Socorro, por favoooor!*

Agora o garoto estava à *direita* de Cal, e soava muito mais longe do que antes. Como isso era possível? *Ele parecera próximo o bastante para se tocar*.

Cal deu meia-volta, esperando ver sua irmã, mas só havia capim. *Alto* capim. A vegetação deveria estar arrasada por onde ele havia corrido, mas não estava. Havia apenas o local achatado onde ele havia caído, e mesmo ali a vegetação parecia estar crescendo novamente. Capim do bom que eles tinham aqui no Kansas. Capim do bom e *alto*.

— Becky? Beck?

— Relaxa, estou bem aqui. — ela disse, e embora não pudesse vê-la, ele o faria num segundo; ela estava praticamente em cima dele. Parecia enjoada.

— Perdi a moça do 911.

— Tudo bem, só não se perca de *mim*. — ele se virou na outra direção, e fez uma conchinha com as mãos. — Tobin!

Nada.

— *Tobin!*

— *O que foi?* — fraco. Cristo, o que o garoto estava fazendo? Correndo para o Nebraska? — Vocês estão vindo? Vocês têm que continuar vindo! Eu não consigo achar vocês!

— *GAROTO, FIQUE PARADO!* — gritou tão alto e com tanta força que machucou suas cordas vocais. Era como estar num concerto do Metallica, só que sem a música. — *NÃO IMPORTA O QUÃO ASSUSTADO VOCÊ ESTEJA, FIQUE PARADO! A GENTE CHEGA ATÉ VOCÊ!*

Ele se virou uma vez mais esperando ver Becky, mas só havia capim. Flexionou os joelhos e saltou. Cal podia enxergar a estrada (mais longe do que esperava; devia ter corrido muito sem perceber). Ele conseguia ver a igreja—Igreja Pentecostal Loucuras de Meu Deus, ou qualquer que fosse o nome—podia ver a casa de boliche, e só. Ele não esperou realmente ver a cabeça de Becky, ela media apenas um metro e sessenta, mas ele *esperava* ver sua rota de passagem através do capim. Mas o vento o penteava com cada vez mais força, e isso criava a ilusão de haver dúzias de caminhos possíveis.

Saltou novamente. Solo empapado espirrava cada vez que ele descia. Aquelas lambidas do vento perto da Rodovia 400 eram enlouquecedoras.

— *Becky? Onde diabos você está?*

***

Becky ouviu Cal mandar o garoto ficar parado por mais que estivesse assustado, e para deixá-los ir até ele. O que parecia um bom plano, se apenas seu irmão idiota a deixasse alcançá-lo. Ela estava tonta, úmida e, pela primeira vez, sentia-se realmente grávida. A boa notícia era que Cal estava perto, à sua direita à uma hora.

Ótimo, mas meus tênis vão ficar arruinados. Na verdade, Beckster crê que eles já estejam arruinados.

— Becky? Onde diabos você está?

Tudo bem, isto era estranho. Ele ainda estava à sua direita, mas agora parecia estar mais às cinco horas. Ou seja, quase *atrás* dela.

— Estou aqui. — ela disse. — E vou ficar aqui até que você me ache. — ele voltou sua atenção para o Android. — Cal, você tem alguma barra no seu celular?

— Não faço ideia. Ele ficou no carro. Apenas continue falando até eu chegar a você.

— E quanto ao garoto? E a mãe louca? Ela ficou totalmente muda.

— Vamos nos reunir novamente—*aí* a gente se preocupa com eles, tá? —

ele disse. Becky conhecia o irmão, e não gostava do modo como ele soava. Este era Cal preocupado e tentando não demonstrar. — Por ora, apenas fale comigo.

Becky pensou a respeito, então começou a recitar, pisando com força na lama para acompanhar.

— Certa vez houve um tal de *Nhô Lau*, que derramou um pouco de gim no *pau*. E só pra mostrar que era chique, adicionou um pouco de *uísque*, e serviu sua garota com um *Martini*.

— Oh, que charme. — ele disse. Agora diretamente atrás dela, quase perto o bastante para estender a mão e tocá-la, e por que isso era um alívio? Era apenas um *campo*, pelo amor de Deus.

— *Ei, pessoal!* — o garoto. Fracamente. Ele não ria agora, soava apenas perdido e aterrorizado. — *Vocês estão procurando por mim? Eu estou assustado!*

— *SIM! SIM! AGUENTA AÍ.* — seu irmão gritou. — Becky? Becky, continue falando.

As mãos de Becky desceram até sua saliência—ela se recusava a chamá-lo de "protu-bebê-rância", isso era coisa da revista *People*—e fizeram carinho.

— Lá vai outra. Certa vez um tal de *Dênis* engoliu uma grande *pê*...

— Pare, pare. De algum modo eu passei de você.

Pois é, a voz dele agora vinha da dianteira. Ela virou-se novamente.

— Para de palhaçada, Cal. Isto n*ão* é engraçado. — a boca estava seca. Ela engoliu e viu que a garganta também estava seca. Quando se fazia aquele estalido, dava pra saber que estava seca. Havia uma grande garrafa de água da Poland Spring no carro. E também algumas Cocas no assento traseiro. Ela conseguia enxergá-las: latas vermelhas, letras brancas.

— Becky?

— O que foi?

— Tem algo de errado aqui.

— O que quer dizer? — pensando: *Como se eu não soubesse*.

— Escute. Você consegue pular?

— *É claro* que eu consigo pular. O que você acha?

— Acho que você terá um bebê neste verão, é isso o que eu acho.

— Mas eu consigo... Cal, para de se afastar!

— Eu não me mexi. — ele disse.

— Mexeu sim, tem que ter se mexido! E *continua* a se mexer!

— Cale a boca e me escute. Vou contar até três. No três, você põe as mãos acima da cabeça como um juiz assinalando que o gol foi invalidado, e pule o

mais alto que puder. Eu farei o mesmo. Não vai precisar pular muito alto para que eu consiga vê-la, está bem? E eu irei até você.

Oh, assobie e eu virei até você, meu rapaz, ela pensou—sem ter ideia de onde viera isso, mais uma da Introdução à Literatura talvez, mas se havia *uma* coisa que ela sabia, era que ele podia continuar a dizer que não estava se mexendo, mas *estava*, ele estava se afastando cada vez mais a toda hora.

— Becky? *Beck...*

— *Está bem!* — ela gritou. — *Está bem, vamos lá!*

— *Um! Dois!* — ele berrou. — *TRÊS!*

Aos quinze anos, Becky DeMuth pesava trinta e sete quilos—seu pai a chamava de Vareta—e praticava corrida com obstáculos no time do colégio. Aos quinze, ela podia ir de uma ponta à outra do colégio plantando bananeira. Ela queria acreditar que *ainda* era tal pessoa; parte dela honestamente esperara permanecer tal pessoa por toda a vida. Sua mente ainda não havia alcançado os dezenove anos e a gravidez... não mais trinta e sete quilos, mas sessenta. Ela quis pegar ar—*Houston, temos uma decolagem*—mas era como tentar pular com uma criança em cima dos ombros (o que era mais ou menos o caso, se você pensasse a respeito).

Sua visão só ultrapassou o topo do capim por um momento, deixando-a ver brevemente o caminho pelo qual havia vindo. Entretanto, o que ela viu foi o bastante para deixá-la alarmada e quase sem ar.

Cal e a estrada. *Cal*... e a *estrada*.

Ela voltou ao chão, sentiu o choque do impacto vibrar através de seus calcanhares até os joelhos. O chão melequento sob seu pé esquerdo derreteu. Ela caiu e sentou-se no rico adubo negro com mais um impacto, uma literal tapa na bunda.

Becky achou que havia dado uns vinte passos capim adentro. Trinta, no máximo. A estrada deveria estar perto o bastante para acertá-la com um Frisbee. Ao invés disso, era como se ela houvesse percorrido a distância de um campo de futebol e mais um pouco. Um maltratado Datsun vermelho, tossindo ao longo da rodovia, não pareceu maior do que um carrinho de brinquedo. Cento e trinta metros de capim—um leve oceano fluente de seda verde e úmida—separava-a da fina estrada negra.

Seu primeiro pensamento, sentada na lama, foi: *Não. Impossível. Você não viu o que acha que viu*.

Seu segundo pensamento foi de uma nadadora fraca, pega numa onda retrocedida, sendo puxada cada vez mais longe da terra, sem entender o quão

estava encrencada até começar a gritar e descobrir que ninguém na praia podia escutá-la.

Por mais abalada que ela estava pela visão da improvável distância da estrada, seu breve lampejo de Cal foi tão desorientador quanto. Não porque ele estava longe, mas porque ele estava realmente perto. Ela o vira surgir do capim a menos de três metros de distância, só que ambos haviam estado berrando a plenos pulmões para se fazerem ouvir.

O adubo estava morno, grudento, placentário.

O capim zunia furiosamente com insetos.

— *Cuidado!* — o menino gritou — *Não se percam também!*

Isto foi seguido por outra breve crise de risos—um gemido vertiginoso e nervoso de hilaridade. Não foi Cal, e não foi o garoto, não desta vez. Não foi a mulher, tampouco. Esta risada veio de algum lugar à sua esquerda, então morreu, engolida pela canção dos insetos. Era uma risada masculina, e possuía uma qualidade de embriaguez.

Becky subitamente lembrou-se de uma das coisas que a Mãe Estranha havia gritado: *Pare de chamar, querido! Ele vai te escutar!*

Que porra?

— *Que PORRA?* — Cal gritou. Ela não ficou surpresa. *Otto e Lotto, eles pensam do mesmo modo*, a Sra. DeMuth gostava de dizer. *Raimundo e Raimunda, têm duas cabeças, mas só uma bunda*, o Sr. DeMuth gostava de dizer.

Uma pausa na qual só se ouviu o som do vento e o *riiiiiiii* dos insetos. Então, urrando a plenos pulmões:

— *Mas que porra É esta?*

***

Cal teve um breve período, mais ou menos cinco minutos depois, onde perdeu a cabeça um pouco. Aconteceu depois de tentar um experimento. Ele pulou, olhou para a estrada, aterrissou, e esperou. Então, depois de contar trinta segundos, ele saltou e olhou novamente.

Se fosse pra ser exato, você poderia dizer que ele já estava perdendo a cabeça por achar que precisava *tentar* tal experimento. Mas a esta altura, a realidade parecia muito com o chão no qual pisava: líquido e traiçoeiro. Ele não conseguiu cumprir a simples tarefa de andar na direção da voz de sua irmã, que vinha da direita quando ele andava para a esquerda, e da esquerda quando andava para a direita. Às vezes pela frente, às vezes por trás. E não importava qual direção tomava, ele parecia se afastar mais da estrada.

Ele pulou e fixou o olhar na torre da igreja. Ela era uma lança branca e brilhante posta contra o fundo daquele céu azul brilhante e quase sem nuvens. Igreja ralé, campanário divino e ressoante. *A congregação deve ter pagado os olhos da cara por aquele bebê*, Cal pensou. Entretanto, daqui—talvez um quarto de quilômetro, e que se dane se isso fosse loucura, ele havia caminhado menos do que trinta metros—ele não conseguia enxergar a pintura descascada, ou as tábuas nas janelas. Sequer conseguia discernir seu carro no estacionamento entre os outros encolhidos pela distância. Ele podia, entretanto, enxergar o imundo Prius. O que estava na fileira da frente. Ele tentava não voltar a pensar naquilo que havia visto no banco do passageiro... um detalhe típico de um pesadelo que ele ainda não estava pronto para examinar.

Naquele primeiro salto, ele estava virado para encarar o campanário de frente, e em qualquer mundo normal, ele poderia alcançá-lo se caminhasse pela grama em linha reta, pulando de vez em quando para fazer pequenos ajustes no curso. Havia uma placa enferrujada e furada, entre a igreja e a casa de boliche, em forma de losango e com a borda amarelada: DEVAGAR – CRIANÇAS PASSANDO, talvez. Ele não tinha certeza—deixara seus óculos no carro também.

Ele pousou no adubo gosmento e começou a contar.

— Cal? — veio a voz de sua irmã de algum lugar detrás.

— Espere. — ele gritou.

— Cal? — ela disse novamente, de algum lugar à sua esquerda. — Você quer que eu continue a falar? — e quando ele não respondeu, ela começou a cantar em sua voz digressiva, de algum lugar à frente dele: “Certa vez houve uma garota que foi para Yale...”.

— Só cale a boca e espere! — ele berrou novamente.

Sua garganta estava seca e fechada, e era necessário um grande esforço para conseguir engolir. Embora estivesse próximo das duas da tarde, o sol parecia pairar quase diretamente acima de sua cabeça. Ele podia senti-lo em seu escalpo, e no topo de suas orelhas, que lentamente começavam a queimar. Ele pensou que se tivesse apenas alguma coisa para beber—um gole gelado de água, ou uma de suas Cocas—poderia não se sentir tão ansioso, tão nervoso. Gotas de orvalho queimavam no capim, uma centena de lupas em miniatura refratando e intensificando a luz.

Dez segundos.

— Garoto? — Becky chamou, de algum lugar à sua direita (*Não, pare, ela não está se movendo. Mantenha sua cabeça sob controle*). Ela também parecia

estar com sede. Rouca. — Ainda está conosco?

— Sim! Você achou minha mãe?

— *Ainda não!* — Cal berrou, lembrando que já havia se passado um bom tempo desde que ouvira dela pela última vez. Não que ela fosse a maior de suas preocupações na hora.

Vinte segundos.

— Garoto? — Becky disse. A sua voz veio de trás dele, mais uma vez. — Vai ficar tudo bem.

— *Você viu meu pai?*

Cal pensou: *Um novo jogador. Maravilha. Talvez William Shatner esteja aqui também. E também Mike Huckabee... Kim Kardashian... o cara que faz Opie em* Sons of Anarchy, *e o elenco inteiro de* The Walking Dead.

Fechou os olhos, mas assim que ele o fez, sentiu-se tonto, como se estivesse em cima de uma escada vacilante. Ele desejou não ter pensado em *The Walking Dead*. Deveria ter ficado com William Shatner e Mike Huckabee. Abriu os olhos novamente, e descobriu-se balançando sobre os calcanhares. Com algum esforço, ele se firmou. O calor fazia seu rosto comichar de suor.

Trinta. Ele ficara no mesmo lugar por trinta segundos. Cal ruminou se deveria esperar um minuto inteiro, mas não conseguiria, então ele pulou para dar mais uma olhada na igreja.

Parte dele—uma parte que estava tentando ignorar com toda a força—já sabia o que ele veria. Esta parte estivera fazendo um comentário recorrente quase jovial: *Tudo terá se movido, Cal, meu chapa. O capim flui e você flui também. Pense nisso como ser uno com a natureza, mano.*

Quando suas pernas cansadas o ergueram pelo ar novamente, ele viu que o campanário da igreja estava agora à sua *esquerda*. Não muito—só um pouco. Mas ele havia se movido tanto para direita que já não mais conseguia ver a frente daquela placa em forma de losango, mas a *traseira* de alumínio prateado dela. E também, ele não tinha certeza, mas achava que havia se afastado um pouquinho. Como se houvesse recuado alguns passos enquanto contava até trinta.

Em algum lugar, o cão latiu novamente: *rup, rup*. Em algum lugar, um rádio estava tocando. Ele não conseguia discernir a música, apenas a batida da bateria. Os insetos arranharam sua própria melodia lunática.

— Oh, qual é. — Cal disse. Ele nunca fora muito de falar sozinho—quando adolescente, cultivara uma *vibe* de skatista-budista, e se orgulhava do quão serenamente podia manter seu silêncio—mas agora, ele estava falando e

mal percebia o fato. — Oh, mas que *caralho*. Isto é... isto é *loucura*.

Também estava caminhando. Caminhando até a estrada—novamente, quase sem perceber o fato.

— Cal. — Becky gritou.

— Isto é simplesmente loucura. — ele disse novamente, respirando com força, descontando no capim.

Seu pé se enroscou em algo, e ele caiu de joelho em alguns centímetros de água pantanosa. Água quente—não morna, *quente*, tão quente quanto água de banho—borrifou a virilha de seus shorts, deixando-o com a sensação de que ele acabara de se mijar.

Isso o emputeceu um pouco. Ele se pôs de pé. Correndo agora. Capim chicoteou seu rosto. As pontas eram afiadas e duras, e quando uma espada verde rasgou-o abaixo do olho esquerdo, ele sentiu uma ferroada aguda. A dor lhe deu um impulso odioso, e ele correu com mais força, o mais rápido que pôde agora.

— *Ajudem-me!* — o menino berrou de novo, e que tal isto? O "ajudem" veio da esquerda de Cal, o "me" veio de sua direita. Era a versão do Kansas do Dolby Stereo.

— *É loucura!* — Cal gritou novamente. — *Isto é loucura, loucura, loucura, CARALHO!* — as palavras se atropelavam, *loucuraloucuraloucura*, que coisa estúpida para se falar, que observação inútil e, ainda assim, ele não conseguia parar de dizer.

Ele caiu de novo, com força desta vez, e de peito. A esta altura, suas roupas estavam manchadas com terra tão rica, quente e escura, que parecia e até cheirava como matéria fecal.

Cal obrigou-se a levantar, correu mais cinco passos, sentiu o capim se enrolar em suas pernas—era como pôr os pés num ninho de fios enrolados—e maldição se ele não desabou uma terceira vez. O interior de sua cabeça zuniu, como uma nuvem de moscas varejeiras.

— Cal! — Becky estava berrado. — Cal, pare! *Pare!*

Sim, pare. Se não parar, vai gritar "ajudem-me" bem ao lado do garoto. Uma porra de dueto.

Ele inspirou o ar com força. Seu coração galopava. Esperou o zumbido em sua cabeça passar, então percebeu que não era sua cabeça, afinal de contas. Eram realmente moscas. Ele podia vê-las entrando e saindo do capim, um enxame delas em volta de algo através da instável curtida de verde-amarelo, logo à frente dele.

Ele enfiou as mãos no meio do capim e o repartiu para poder ver.

Um cão—parecia ter sido um *golden retriever*—estava deitado de lado na lama. Pelo marrom-avermelhado brilhava abaixo de inconstantes varejeiras. Sua língua inchada estendia-se entre as gengivas, e as bolas de gude leitosas que foram seus olhos esticavam-se para fora da cabeça. A porção manchada de seu colarinho brilhava profundamente em seu pelo. Cal olhou novamente para a língua. Estava coberta por uma coloração branco-esverdeada. Ele não quis imaginar o motivo. O corpo inerte, sujo e úmido do cão parecia um imundo tapete dourado jogado sobre um amontoado de ossos. Um pouco daquele pelo—pequenos tufos dele—flutuava na brisa morna.

Controle-se. Foi seu pensamento, mas com a voz firme de seu pai. Fazer essa voz ajudava. Ele mirou o estômago magro do cão e viu movimentos vívidos. Um ensopado cozido de vermes. Como aqueles que ele vira se debatendo em hambúrgueres meio comidos no banco do passageiro daquele maldito Prius. Hambúrgueres que haviam estado ali há dias. Alguém os havia deixado, caminhado para longe do carro, e nunca voltado, nunca...

Controle-se, Calvin. Se não por si mesmo, por sua irmã.

— Eu vou. — ele prometeu ao pai. — Eu vou.

Ele arrancou os rolos de grossa vegetação de seus tornozelos e da tíbia, mal sentindo os pequenos cortes que o capim havia infligido. Ficou de pé.

— Becky, onde você está?

Nada por um longo tempo—longo o bastante pro coração abandonar seu peito e subir até a garganta. Então, incrivelmente distante:

— Aqui! Cal, o que devemos fazer? Nós estamos perdidos!

Fechou os olhos de novo, brevemente. *Essa é a fala do garoto*. Então, pensou: *Le Garoto, c'est moi*. Era quase engraçado.

— Continuamos a falar. — disse, movendo-se na direção de onde a voz dela havia vindo. — Vamos continuar a falar até nos encontrarmos de novo.

— Mas estou com tanta sede! — ela soava mais próxima agora, mas Cal não confiou nisso. Não, não, não.

— Eu também. — ele disse. — Mas nós vamos sair desta, Beck. Nós só precisamos manter a cabeça no lugar. — que ele já havia perdido a dele—um pouco, só um pouquinho—era uma coisa ele nunca diria a ela. Ela nunca havia lhe contado o nome do rapaz que a engravidara, afinal, e isso deixava as coisas meio que empatadas. Um segredo para ela, agora um para ele.

— E quanto ao garoto?

Ah, Cristo, agora ela estava afastada novamente. Ele estava com tanto medo que a verdade surgiu sem qualquer problema em absoluto, e no volume

máximo.

— *O Garoto que vá pra puta que o pariu, Becky! Agora isto é sobre nós!*

***

Direções derretiam no capim alto, assim como o tempo: um mundo de Dalí com som Dolby. Eles perseguiram a voz um do outro como crianças esgotadas e teimosas demais para desistir do jogo de esconde-esconde e entrar para jantar. Às vezes Becky soava perto; às vezes soava longe; ele não a viu nenhuma vez. Ocasionalmente, o garoto gritava para que alguém o socorresse, uma vez tão perto que Cal investiu contra o capim com as mãos estendidas para agarrá-lo antes que pudesse desaparecer, mas não houve garoto. Apenas um corvo com a cabeça e uma das asas arrancadas.

Não há manhã nem noite aqui, Cal pensou, *apenas uma tarde eterna*. Mas mesmo quando tal ideia lhe ocorreu, ele percebeu que o azul do céu começava a escurecer, e que o chão lamacento abaixo de seus pés encharcados enegrecia gradualmente.

Se ao menos tivéssemos sombras, elas estariam longas e poderíamos usá-las para nos mover na mesma direção, ele pensou, mas eles não tinham sombras. Não no capim alto. Ele olhou para o relógio e não ficou surpreso ao ver que ele havia parado, ainda que fosse de corda. O capim o havia parado. Ele tinha certeza disto. Alguma vibração maligna no capim; alguma merda paranormal estilo *Fringe*.

Já passava dos trinta minutos da hora nenhuma quando Becky começou a gemer.

— Beck? *Beck?*

— Eu tenho que descansar, Cal. Eu tenho que sentar. Estou com tanta sede. E estou sentindo câimbras.

— Contrações?

— Acho que sim. Oh, meu Deus, e se eu tiver um aborto no meio dessa merda de campo?

— Fique apenas sentada onde está. — ele disse. — Elas vão passar.

— Valeu, doutor, vou... — nada. Então, ela começou a gritar. — *Fique longe de mim! Afaste-se! NÃO ME TOQUE!*

Cal, agora cansado demais para correr, correu mesmo assim.

***

Mesmo em choque e terror, Becky soube quem era o maluco quando ele empurrou o capim e se pôs à sua frente. Ele vestia roupas de turista—calças e sapatos sociais machados de lama. Aquilo que o entregou de verdade, entretanto, foi sua camiseta. Embora empapada de lama e com uma crosta marrom-escura que era quase certamente sangue, ela podia ver o desenho da bola de fios parecidos com espaguete, e sabia o que estava impresso acima—O MAIOR NOVELO DE LÃ DO MUNDO, CAWKER CITY, KANSAS. Ela não tinha uma camiseta igual cuidadosamente dobrada em sua mala?

O pai do garoto. Em carne enlameada e besuntada de capim.

— *Fique longe de mim!* — ela ficou de pé, as mãos protegendo a barriga. — *Afaste-se! NÃO ME TOQUE!*

Papai sorriu. Suas bochechas estavam mal barbeadas, os seus lábios estavam vermelhos.

— Acalme-se. Quer sair? É fácil.

Ela olhou para ele, boquiaberta. Cal gritava, mas por um momento ela não prestou atenção.

— Se você pudesse sair... — ela disse. — Você ainda não estaria aqui.

Ele deu uma risada sufocada.

— Ideia correta. Conclusão errada. Eu estava indo me encontrar com o meu menino. Já achei minha esposa. Quer conhecê-la?

Ela não disse nada.

— Tudo bem, seja assim. — ele disse, e deu-lhe as costas. Ele começou a andar. Logo ele derreteria, do mesmo modo como seu irmão havia, e Becky sentiu uma pontada de pânico. Ele era claramente louco, você só precisava olhar nos olhos dele ou ouvir sua fonética robótica para sacar isso, mas ele era *humano*.

Ele parou e se virou, sorrindo.

— Esqueci-me de me apresentar. Foi mal. Ross Humbolt é o nome. Corretor de imóveis é o meu jogo. Sou de Poughkeepsie. A esposa é Natalie, o garotinho é Tobin. Doce garoto! Inteligente! Você é Becky. O irmão é Cal. Última chance, Becky. Venha comigo ou morra. — seus olhos desceram até a sua barriga. — O bebê também.

Não confie nele.

Não confiou, mas o seguiu mesmo assim. A uma distância que esperava que fosse segura.

— Você não faz ideia de onde está indo.

— *Becky? Becky?* — Cal. Mas de longe. De algum lugar na Dakota do

Norte. Talvez Manitoba. Ela supôs que deveria responder, mas sua garganta estava seca demais.

— Eu estava perdido pelo capim como vocês dois. — ele disse. — Mas não estou mais. Eu beijei a pedra. — ele se virou brevemente e observou-a com olhos malandros e loucos. — Abracei-a também. *Whsssh*. Veja-os então. Todos aqueles camaradinhas dançantes. Veja tudinho. Claro como o dia. De volta à estrada? Bem no alvo! Se eu sou uma anta eu sou uma janta. A esposa está logo ali. Você deve conhecê-la. Ela é meu docinho. Faz o melhor Martini da América. Certa vez houve um tal de Nhô Lau, que derramou um pouco de gim no *ahem!* E só pra mostrar que era chique, adicionou um pouco de *uísque*. Acho que você conhece o resto. — ele piscou para ela.

No colégio, Becky tivera aulas de Defesa Pessoal para Moças. Agora, ela tentava se lembrar dos golpes, mas não conseguia. A única coisa que ela conseguia se lembrar...

No fundo do bolso direito de seus shorts havia um molho de chaves. A mais longa e mais grossa delas abria a porta frontal da casa onde ela e seu irmão haviam crescido. Ela a separou das outras e a pressionou entre os dois primeiros dedos de sua mão.

— *Aqui* está ela! — Ross Humbolt proclamou jovialmente, repartindo o capim alto com ambas as mãos, como um explorador em um filme antigo. — Diga olá, Natalie! Esta jovem está esperando uma *criatura*!

Havia sangue espalhado pelo capim além da brecha que ele segurava aberta, e Becky quis parar, mas seus pés a levaram em frente, e ele até mesmo deu um passo para o lado como num daqueles filmes antigos, onde o rapaz charmoso diz *Depois de você, boneca*, e eles entram na boate elegante onde está tocando uma combinação de jazz, só que esta não era uma boate elegante, esta era uma porção arrasada de capim onde Natalie Humbolt, se é que era esse o seu nome, jazia completamente retorcida, com os olhos esbugalhados e seu vestido empurrado exibindo grandes machucados rubros em suas coxas. Becky achou que agora sabia por que Ross Humbolt de Poughkeepsie estava com os lábios vermelhos, e um dos braços de Natalie havia sido arrancado do ombro e jazia a três metros dela, no capim esmagado que agora já começava a crescer de novo, e havia mais machucados grandes no braço, e o vermelho ainda estava úmido porque... porque...

Porque não faz muito tempo que ela morreu, Becky pensou. *Nós a ouvimos gritar. Nós a ouvimos morrer*.

— A família tem estado aqui há um tempinho. — Ross Humbolt disse

numa voz amigável e num tom confidencial, enquanto seus dedos manchados de capim se enrolavam no pescoço de Becky. Ele soluçou. — O pessoal pode ficar com muita fome. Não tem McDonald's por aqui! Não senhor. Dá pra beber a água que sai do chão—é arenosa e horrivelmente quente, mas depois de um tempo, você não se importa—só que temos estado aqui há *dias*. Mas eu estou cheio agora. Cheio como um carrapato. — seus lábios manchados de sangue desceram ao ouvido dela, e sua barba mal feita fez cócegas em sua pele enquanto ele sussurrava. — Quer ver a pedra? Quer deitar nela nua, e sentir-me dentro de você, abaixo do cata-vento de estrelas, enquanto o capim canta nossos nomes? Poético, não?

Ela tentou sugar o máximo de ar possível para gritar, mas nada saiu da sua traqueia. Em seus pulmões houve um vazio súbito e terrível. Ele apertou os polegares no pescoço dela, esmagando músculos, tendões, tecido frágil. Ross Humbolt sorriu. Seus dentes estavam manchados de vermelho, mas sua língua era de um verde-amarelado. Seu hálito tinha cheiro de sangue; assim como de um jardim recém-aparado.

— O capim tem coisas para lhe dizer. Só é preciso aprender a escutar. Você precisa aprender a falar *Alto Capim*, doçura. A pedra sabe. Depois que vir a pedra, você vai entender. Aprendi mais com aquela pedra em dois dias do que em vinte anos de escolaridade.

Ele a havia curvado para trás, a espinha dela doía. Ela estava curvada como uma alta lâmina de capim ao vento. O hálito verde dele foi jorrado em seu rosto novamente.

— *Vinte anos de escolaridade, e eles me põem no turno cinzento*. — ele disse, e riu. — É um rock velho do bom, não é? É de Dylan. Criança de Javé. Bardo de Hibbing, e não estou brincando. Vou te dizer uma coisa. A pedra no centro deste campo é uma *pedra velha da boa*, mas é uma pedra *sedenta*. Ela tem trabalhado no turno cinzento desde antes que os peles-vermelhas começassem a caçar em Osage Cuestas, tem trabalhado desde que uma geleira a trouxe até aqui durante a última Era do Gelo, e, oh, garota, ela está fodidamente sedenta.

Ela queria enterrar seu joelho nas bolas dele, mas seria necessário muito esforço. O melhor que ela podia fazer era levantar o pé alguns centímetros e pousá-lo gentilmente no chão. Levantar o pé e pousá-lo. Levantar e pousar. Ela parecia sapatear lentamente, como uma égua pronta para ser liberada do estábulo.

Constelações de faíscas negras e prateadas explodiram nos cantos da sua

visão. *Cata-vento das estrelas*, ela pensou. Era estranhamente fascinante, ver enquanto novos universos nasciam e morriam, apareciam e se extinguiam. Logo *ela* estaria se extinguindo, Becky percebeu. Isto não pareceu uma coisa tão terrível assim. Ação urgente não era exigida.

Cal estava gritando seu nome de muito longe. Fora de Manitoba antes, agora ele estava dentro de uma mina em Manitoba.

Sua mão apertou o molho de chaves em seu bolso. Os denteados de algumas daquelas chaves estavam cravando sua pele. Mordendo.

— Sangue é bom, lágrimas são melhores. — Ross disse. — Para uma pedra velha e sedenta como aquela. E quanto eu te foder em cima da pedra, ela terá um pouco dos dois. Mas tem que ser rápido. Não quero fazer isto na frente do garoto. — seu hálito fedia.

Ela puxou a mão do bolso, a ponta de sua chave de casa salientando-se por entre seu indicador e o dedo do meio, e enfiou o punho no rosto de Ross Humbolt. Ela queria apenas afastar a boca dele, não queria que ele respirasse em cima dela, não queria mais sentir o fedor verde. Seu braço ficou fraco, e o modo como ela o socou foi preguiçoso, quase de brincadeira—mas a chave o acertou sob o olho esquerdo, e desceu pela bochecha, desenhando uma linha irregular de sangue.

Ele recuou, jogando a cabeça para trás. Suas mãos afrouxaram; por um instante, seus polegares não estavam mais enterrados na pele macia do oco na garganta dela. Um momento depois, ele firmou seu aperto novamente, mas a esta altura ela já tinha inspirado um pouco de ar. As faíscas—cata-vento das estrelas—explodindo e piscando em sua visão periférica sumiram. Sua cabeça clareou, tanto como se alguém houvesse lhe jogado água gelada na cara. Da vez seguinte que o socou, ela recuou o ombro e afundou a chave no olho dele. Os nós de seus dedos chocaram-se contra osso. A chave perfurou sua córnea e adentrou o centro líquido de seu globo ocular.

Ele não gritou. Soltou um latido meio canino, um rosnado raivoso, e a puxou com violência para um lado, tentando derrubá-la. Seu antebraço estava queimado pelo sol e descascando. Olhando mais de perto, ela pôde ver que seu nariz também estava descascando, e muito, a ponte do nariz estava irritada com as queimaduras. Ele fez uma careta, exibindo dentes manchados de verde e rosa.

A mão dela caiu, soltando o molho de chaves. Ele continuou a sacudir pela órbita estourada do olho esquerdo dele, as outras chaves dançavam umas contra as outras e chocavam-se contra sua barba mal feita. Sangue manchou todo o lado esquerdo da face de Humbolt, e o olho transformou-se num buraco vermelho e

brilhante.

O capim agitou-se ao redor deles. O vento elevou-se, e as lâminas altas bateram e chicotearam as costas e as pernas de Becky.

Ele deu uma joelhada na barriga dela. Era como ser espancada com um pedaço de lenha. Becky sentiu dor e algo pior que dor, num local mais abaixo, onde o abdômen encontrava a virilha. Era um tipo de contração muscular, uma contorção, como se houvesse uma corda amarrada em seu útero, e alguém havia acabado de apertar com força; com mais força do que o normal.

— Oh, Becky! Oh, garota! Seu rabo—seu rabo agora tá no mato! — ele berrou, uma nota de hilaridade insana cintilava em sua voz.

Ele enfiou o joelho no estômago dela novamente, e depois uma terceira vez. Cada golpe parecia uma detonação fresca, negra e venenosa. *Ele está matando o bebê*, Becky pensou. Alguma coisa escorreu pelo interior de sua coxa esquerda. Se era sangue ou urina, ela não podia dizer.

Eles dançaram juntos, a mulher grávida e o louco caolho. Dançaram no capim, os pés chapinhando, suas mãos no pescoço dela. Ambos cambaleavam num semicírculo hesitante ao redor do cadáver de Natalie Humbolt. Becky estava bem consciente do corpo à sua esquerda, que tinha coxas pálidas, ensanguentadas e mordidas, vestia uma saia de jeans amassada, e uma calcinha enorme manchada de capim. E tinha o braço—o braço de Natalie no capim, logo atrás dos pés de Ross Humbolt. O braço arrancado e sujo de Natalie (como ele o havia removido? Tinha arrancado como uma perna de galinha?) jazia com dedos levemente fechados, havia sujeira sob suas unhas quebradas.

Becky se jogou em cima de Ross, arremessando seu peso para frente. Ele recuou, pisou naquele braço, que girou sob seu calcanhar. Ele soltou um alto rosnado furioso de surpresa enquanto tropeçava, puxando-a com ele. Ele não soltou seu pescoço até chegar ao chão, seus dentes se cocharam em um audível *clack!*

Ele absorveu a maior parte do impacto, a flexível massa de sua barriga de pai suburbano amaciou a queda dela. Ela se jogou para longe, e começou a arrastar-se de quatro pelo capim.

Só que ela não conseguia se mexer com rapidez. Seu interior pulsava com um peso horrível e sensação de tensão, como se ela houvesse engolido uma bola medicinal. Ela queria vomitar.

Ele pegou o tornozelo dela e puxou. Ela caiu em cima de seu estômago pulsante e dolorido. Uma flecha de dor lancinante atravessou seu abdômen, uma sensação de algo se rompendo. Seu queixo afundou na terra. Sua visão se encheu

de manchas negras.

— Onde você pensa que vai, Becky DeMuth? — ela não havia lhe dito seu sobrenome. Ele não tinha como saber. — Eu vou encontrá-la de novo, o capim me mostrará onde você está se escondendo, os homenzinhos dançantes me levarão diretamente até você. Volte aqui. Você não precisa ir mais a San Diego. Nenhuma decisão sobre o bebê precisa ser feita. Tudo já terminou.

Sua visão clareou. Ela viu, logo à sua frente, em um pedaço esmagado do capim, uma bolsa de palha feminina. O que havia lá dentro fora espalhado, e entre a bagunça, um pequeno par de tesouras de manicure—elas pareciam mais alicates do que tesouras. As lâminas estavam pegajosas com sangue. Ela não quis pensar em como Ross Humbolt de Poughkeepsie havia usado aquela ferramenta, ou como ela própria a usaria agora.

Independentemente disto, ela fechou a mão ao redor delas.

— Volte, eu falei. — Ross disse. — *Agora*, sua puta. — ficando de pé.

Ela se virou e se jogou de volta nele com as tesouras de manicure de Natalie Humbolt em um punho. Ela atacou-o no rosto, uma, duas, três vezes, antes de ele começar a gritar. Era um grito de dor, se tanto, mas antes que ela terminasse com ele, ele havia se transformado em gargalhadas soluçantes. Ela pensou: *O garoto riu também*. Então, por um tempo, ela não pensou em mais nada. Não até o nascer da lua.

***

Na última luz do dia, Cal sentou-se no capim, enxugando as lágrimas das bochechas.

Ele nunca cedeu à total choradeira. Simplesmente largou-se de bunda, depois de quem sabe quantas andanças e gritos inúteis por Becky—ela havia parado de responder há muito tempo—e então, por um tempo, seus olhos ficaram latejantes e úmidos, e sua respiração tornou-se mais pesada.

O pôr do sol era glorioso. O céu era um azul austero e profundo, quase escurecendo até o negro, e ao oeste, atrás da igreja, o horizonte era iluminado pelo brilho infernal da brasa moribunda. Ele via isso ocasionalmente, quando tinha energia para pular, espiar, e se convencer de que havia alguma razão para fazê-lo.

Seus tênis estavam totalmente ensopados, o que os deixou pesados, e seus pés doíam. O interior de suas coxas coçava. Ele tirou o tênis direito, e derramou uma pequena corrente suja de água. Ele não usava meias, e seus pés nus tinham a aparência fantasmagórica e enrugada de alguma coisa afogada.

Tirou o outro tênis, estava quase o derramando, então hesitou. Ele o levou até os lábios, jogou a cabeça para trás, e deixou a água arenosa—água que tinha o gosto de seu próprio chulé—correr sobre sua língua.

Ele havia escutado Becky e o Homem fazia muito tempo. Havia ouvido o Homem falar em sua voz alegre e inebriada, como se ele estivesse ensinando alguma lição, embora Cal não tivesse conseguido discernir muito do que fora dito. Algo sobre uma pedra. Algo sobre homens dançantes. Algo sobre sede. Uma frase de alguma velha canção *folk*. O que o cara estivera cantando? *Vinte anos de escrita e eles te põem no turno da noite*. Não—não estava certo. Mas era algo próximo disso. Música *folk* não era uma área em que Cal era especialista; ele era mais fã de algo como *Rush*. Eles haviam estado surfando em *Ondas Permanentes* por todo o país.

Depois ele ouviu os dois lutando e brigando no capim, ouviu o choro sufocado de Becky, e o homem a atacando. Finalmente, houve os gritos... que eram terríveis como berros de hilaridade. Não de Becky. Do homem.

A esta altura, Cal estivera histérico, correndo, pulando e gritando por ela. Ele gritou e correu por um longo tempo antes de finalmente conseguir se controlar, se forçar a parar e escutar. Havia se inclinado, apoiando-se nos joelhos e arfando, sua garganta estava dolorida de sede, e virado a sua atenção para o silêncio.

O capim aquietou-se.

— Becky? — ele chamou novamente, numa voz rouca. — Beck?

Nenhuma resposta, a não ser o vento resvalando pela vegetação.

Andou um pouco mais. Chamou de novo. Sentou. Tentou não chorar.

E o pôr do sol era glorioso.

Ele procurou em seus bolsos, pela milionésima inútil vez, impulsionado pela terrível fantasia de descobrir uma caixinha seca de chiclete da Juicy Fruit. Havia comprado um pacote na Pensilvânia, mas ele e Becky haviam acabado com tudo antes de chegarem à fronteira de Ohio. Juicy Fruit era uma perda de dinheiro. A carne cítrica de açúcar sempre se esvaía em quatro mordidas e—ele sentiu um pedaço de papelão amassado e tirou uma caixinha de fósforos. Cal não fumava, mas eles as distribuíam de graça na loja de bebidas do outro lado da rua do Dragão Kaskaskia, em Vandalia. Ela tinha a figura do dragão de dez metros e aço impecável na frente. Becky e Cal haviam comprado um monte de moedinhas, e passaram a maior parte da manhã alimentando o grande dragão de metal para assistir jatos de propano em chamas serem jorrados de suas narinas. Cal imaginou o dragão aparecendo no campo, e ficou tonto de prazer com o

pensamento dele exalando uma pluma destruidora de fogo no capim.

Ele virou a caixa de fósforos na mão, tocando o papelão com o polegar.

Queime o campo, ele pensou. *Queime a porra do campo*. O capim alto queimaria como palha ao fogo.

Ele visualizou um rio de capim em chamas, com faíscas e restos de vegetação tostada flutuando pelo ar. Era uma imagem mental tão forte, que ele podia fechar os olhos e quase sentir o *cheiro*; o, de algum modo, adorável fedor de verde flamejante.

E se as chamas se virassem contra ele? E se pegassem Becky em algum lugar? E se ela houvesse desmaiado, e acordasse com o fedor de seu próprio cabelo em chamas?

Não. Becky ficaria a frente disto. *Ele* ficaria a frente disto. A ideia que tinha era de *ferir* o capim, mostrar-lhe que ele já estava cansado de brincadeira, e então o deixaria—deixaria ambos—ir. Cada vez que um ramalhete de capim alisava sua bochecha, ele sentia que era uma provocação, que o capim estava se divertindo à custa dele.

Levantou-se com os pés doloridos, e puxou o capim. Era duro como uma corda velha, duro e afiado, e ele machucou as mãos, mas arrancou um pouco, esmagou-o em uma pilha, e ajoelhou-se em cima, como um penitente num altar particular. Cal tirou um fósforo, encostou-o contra a tira de atrito, dobrou a capa para mantê-la no lugar, e riscou. Fogo brotou. Seu rosto estava próximo e ele inalou a fumaça ardente do enxofre.

O fósforo apagou no momento em que tocou o capim úmido, os caules pesados com o orvalho que nunca secava, e denso como suco.

Sua mão tremeu quando ele acendeu o seguinte.

O fósforo assobiou ao tocar o capim e apagou. Não tinha Jack London escrito uma história sobre isto?

Outro. Outro. Cada fósforo fez um pequeno sopro cheio de fumaça no momento em que tocou o verde úmido. Houve um que sequer chegou ao capim; foi apagado pela gentil brisa assim que foi aceso.

Finalmente, quando havia sobrado apenas seis fósforos, ele acendeu um, e então, no desespero, queimou a própria caixinha. O papel da caixa inflamou-se num clarão quente e branco, e ele o jogou no ninho de capim chamuscado, mas ainda úmido. Por um momento, a caixa permaneceu no topo da massa de vegetação verde-amarela, uma longa e brilhante língua de chamas ascendia dela.

Então, a caixa de fósforos queimou um buraco no capim úmido, caindo no adubo, e apagando.

Ele chutou toda a sujeira em um espasmo de desespero feio e doente. Era a única maneira de evitar um novo choro.

Então, ele se sentou quieto, de olhos fechados, testa contra os joelhos. Estava cansado e queria descansar, queria deitar de costas e assistir às estrelas aparecerem. Ao mesmo tempo, ele não queria se deitar no adubo pegajoso, não queria que entrasse em seu cabelo, ensopando as costas de sua camisa. Ele já estava emporcalhado o bastante. Suas pernas nuas estavam marcadas pelos açoitamentos que as pontas afiadas haviam lhe dado. Ele pensou em tentar caminhar em direção à estrada de novo—antes que a luz se fosse totalmente — mas mal conseguia se manter de pé.

O que finalmente o fez se levantar foi o longínquo som de um alarme de carro sendo acionado. Mas não qualquer alarme de carro. Este não fazia o barulho clássico do *uan-uan-uan*, como a maioria; o som deste fazia *UIK-rom, UIK-rom,UIK-rom*. Pelo que ele sabia, apenas velhos Mazdas faziam esse ruído quando eram violados, piscando os faróis para acompanhar.

Como aquele que ele e Becky haviam tomado para cruzar o país.

UIK-rom, UIK-rom,UIK-rom.

Suas pernas estavam cansadas, mas ele pulou mesmo assim. A estrada estava mais próxima novamente (não que isso importasse), e sim, ele podia ver um par de faróis piscando. Não muito mais, mas ele não precisava ver muito mais para adivinhar o que estava se passando. As pessoas ao longo desta parte da estrada sabiam sobre o campo de capim alto do outro lado da igreja, e da finada casa de boliche. Eles mantinham suas próprias crianças no lado seguro da estrada. E quando o turista ocasional ouvia gritos de socorro e desaparecia no capim alto, determinado a bancar o Bom Samaritano, o pessoal local visitava seus carros e tomava o que quer que valesse a pena tomar.

Eles provavelmente adoram este velho campo. E o temem. E o cultuam. E...

Ele tentou desligar a conclusão lógica, mas não conseguiu.

E fazem sacrifícios para ele. As coisas que acham nas malas e porta-luvas? Apenas um pequeno bônus.

Ele queria Becky. Oh, Deus, como ele queria Becky. E, oh, Deus, como ele queria algo para comer. Não conseguia se decidir o que mais queria.

— Becky? *Becky?*

Nada. Acima de sua cabeça, as estrelas agora piscavam.

Cal caiu sobre os joelhos, empurrou as mãos contra o chão mucoso, e escavou mais água. Ele bebeu, tentando filtrar a terra com os dentes. *Se Becky*

estivesse comigo, descobriríamos um modo. Sei que sim. Porque Otto e Lotto pensam do mesmo modo.

Ele pescou mais água, desta vez esquecendo-se de filtrá-la e engolindo mais terra. E também alguma coisa que se debatia. Um inseto, ou talvez uma minhoca pequena. Bem, e daí? Era proteína, certo?

— Eu nunca vou encontrá-la. — Cal disse. Ele mirou o capim escuro e inconstante. — Porque você não vai me deixar, vai? Você mantém as pessoas que se amam separadas, não é? Essa é a Tarefa Um, certo? Nós simplesmente damos voltas e voltas, chamando uns pelos outros, até ficarmos insanos.

Mas Becky havia *parado* de chamar. Como a Mãe, Becky havia sumi...

— Não precisa ser assim. — uma pequena e clara voz disse.

A cabeça de Cal se virou imediatamente. Um garotinho com roupas manchadas de lama estava parado ali. Seu rosto estava maltratado e imundo. Numa das mãos, ele segurava, por uma das perninhas amarelas, um corvo morto.

— Tobin? — Cal sussurrou.

— Sou eu. — o menino ergueu o corvo até a boca e enterrou o rosto na barriga do bicho. Penas estalaram. O corvo balançou a cabeça morta como se dizendo *É isso aí, enfia com jeito, morda a carne toda*.

Cal teria dito que estava cansado demais para correr depois de seu último salto, mas o horror tem seus próprios imperativos, e ele correu mesmo assim. Pegou o corvo das mãos sujas do menino, mal registrando as tripas que saiam de sua barriga aberta. Embora tenha visto a pena presa num dos cantos da boca do garoto. Isso ele viu muito bem, mesmo com a escuridão que ia crescendo.

— Você não pode comer isso! *Jesus*, garoto! Você está louco?

— Maluco não, só com fome. E os corvos não são ruins. Eu não pude comer nada do Freddy. Eu o amava, entende. Papai comeu um pouco, mas eu não. Mas eu também não tinha tocado na pedra ainda. Quando você toca a pedra —tipo, abraça—você consegue ver. Você simplesmente passa a saber mais. Mas isso te faz ficar com mais fome. E como meu pai diz, o homem é de carne e a carne é do homem. Depois que fomos até a pedra, nós nos separamos, mas ele disse que poderíamos achar uns aos outros sempre que quiséssemos.

Cal ainda estava uma curva atrás.

— Freddy?

— Ele era o nosso Golden. Pegava Frisbee que era uma beleza. Que nem um cachorro de televisão. É fácil achar coisas aqui uma vez que estão mortas. O campo não move coisas que já morreram. — seus olhos brilharam ante a luz que sumia, e ele olhou para o corvo estripado, que Cal ainda estava segurando. —

Acho que a maioria dos pássaros fica afastada do capim. Acho que eles sabem, e contam uns aos outros. Mas alguns não escutam. *Corvos* não escutam a maioria, eu acho, porque há um bocado deles por aqui. Caminhe por alguns instantes e você os encontrará.

— Tobin, você nos atraiu até aqui? Conte-me. Não vou ficar furioso. O seu pai lhe obrigou a fazer isso, eu aposto.

— Ouvimos alguém gritando. Era uma menininha. Ela disse que estava perdida. Foi assim que *nós* entramos. É assim que *funciona*. — fez uma pausa. — Meu pai matou sua irmã, eu aposto.

— Como você sabe que ela é minha irmã?

— A pedra. — ele disse, simplesmente. — A pedra te ensina a ouvir o capim, e o alto capim de tudo sabe.

— Então você deve saber se ela está morta ou não.

— Eu poderia descobrir pra você. — Tobin disse. — Não. Posso fazer melhor do que isso. Eu posso te mostrar. Você quer ver? Você quer dar uma checada nela? Vamos. Siga-me.

Sem esperar resposta, o garoto se virou e caminhou capim adentro. Cal largou o corvo morto e correu atrás dele, sem querer perdê-lo de vista nem por um segundo. Se o perdesse, ele poderia andar por aí eternamente sem nunca mais achá-lo de novo. *Não vou ficar furioso*, ele dissera a Tobin, mas ele *estava* furioso. *Realmente* furioso. Não o bastante para matar uma criança, é claro que não (*provavelmente* é claro que não), mas ele não ia deixar aquele mini-Judas sair de sua mira, tampouco.

Só que deixou, porque a lua surgiu acima do capim, inchada e laranja. *Ela parece grávida,* ele pensou, e quando desceu a cabeça, Tobin se fora. Ele forçou suas pernas cansadas a correrem, investindo contra o capim, enchendo os pulmões para chamá-lo. Então, não havia mais capim. Ele estava numa clareira —uma de verdade, não de capim amassado. No meio dela, uma grande pedra negra salientava-se do chão. Era do tamanho duma picape, e gravadas nela estavam imagens de pequenos homens-palito dançando. Eram brancos e pareciam flutuar. Eles pareciam se *mover*.

Tobin estava ao lado dela, então estendeu a mão e a tocou. Ele tremeu — não de medo, Cal pensou, mas de prazer.

— Caramba, isso é bom. Venha, Cal. Experimente. — ele convidou.

Cal caminhou em direção à pedra.

***

Um alarme de carro soou por um instante, então parou. O som passou pelos ouvidos de Becky, mas não fez qualquer conexão com seu cérebro. Ela engatinhou. Ela o fez sem pensar. Cada vez uma câimbra nova a atormentava, ela parou com a testa pressionada contra o adubo e o traseiro pra cima, como um dos fiéis saudando Alá. Quando a câimbra passou, engatinhou mais. Seu cabelo besuntado de lama estava grudado em seu rosto. Suas pernas estavam úmidas com o que quer que estivesse escorrendo dela. Ela sentia escorrer, mas não pensou a respeito mais do que pensou sobre o alarme. Ela lambeu a água do capim enquanto engatinhava, virando a cabeça de um lado para o outro, agitando a língua como uma serpente, *slurpt-slurpt-slurpt*. Ela o fazia sem pensar.

A lua surgiu, enorme e laranja. Ela virou a cabeça para olhar, e quando o fez, a pior das câimbras a atingiu. Esta não passou. Ela se virou sobre as costas e abaixou os shorts e a calcinha. Ambos estavam encharcados de negro. Finalmente, um pensamento claro e coerente surgiu, bifurcando-se através de sua mente como um raio: *O bebê!*

Permaneceu de costas no capim, as roupas ensanguentadas ao redor dos tornozelos, pernas abertas e mãos na virilha. Uma matéria repugnante escorreu por entre seus dedos. Então houve uma câimbra paralisante, e com ela algo redondo e duro. Um crânio. Sua curva cabia na palma da mão com uma doce perfeição. Era Justine (se fosse uma menina), ou Brady (se fosse um menino). Ela estivera mentindo para todos eles sobre ter se decidido ou não; ela soubera desde o início que iria ficar com o bebê.

Ela tentou gritar, mas nada saiu exceto um sussurrante *aaaahhhh*. A lua espiava, um olho de dragão injetado de sangue. Ela empurrou o máximo que pôde, sua barriga estava dura como madeira, sua bunda enterrada no chão nojento. Alguma coisa rompeu. Alguma coisa *deslizou*. Alguma coisa caiu em suas mãos. Subitamente, ela ficou vazia lá embaixo, tão vazia, mas ao menos suas mãos estavam cheias.

À luz do luar vermelho-alaranjado, ela ergueu a criança acima de seu corpo, pensando, *Está tudo bem, mulheres de todo mundo já deram à luz em campos*.

Era Justine.

— Oi, bebezinha. — ela grasnou. — Oooh, você é tão pequenina.

E tão silenciosa.

***

De perto, era fácil de ver que a pedra não era do Kansas. Ela possuía a

qualidade vítrea e escura de uma pedra vulcânica. A luz da lua jogou um brilho iridescente em suas superfícies anguladas, criando manchas de luz em tons de jade e pérola.

Homens-palito e mulheres-palito davam as mãos enquanto dançavam em curvadas ondas do capim.

A oito passos de distância, pareciam flutuar só um pouquinho acima da superfície daquele grande naco que-provavelmente-não-era-vulcânico.

A *seis* passos de distância da pedra, ele podia *escutá-la*. A pedra emitia um zumbido discreto, como um filamento eletrificado de uma lâmpada de tungstênio. Entretanto, ele não podia *senti-la*—ele não teve consciência do lado esquerdo do rosto começar a corar, como se estivesse sendo queimado pelo sol. Ele não teve qualquer sensação de calor.

Afaste-se dela, ele pensou, mas descobriu ser curiosamente difícil recuar. Seus pés não pareciam mais se mover naquela direção.

— Achei que você fosse me levar até Becky.

— Eu disse que iríamos dar uma checada nela. Nós vamos. Vamos checar com a pedra.

— Eu não ligo pra sua maldita—eu só quero Becky.

— Se tocar a pedra, não vai mais se perder. — Tobin disse. — Você nunca mais vai se perder. Você irá se redimir. Não é legal? — distraidamente, ele retirou a pena negra do canto de sua boca.

— Não. — Cal disse. — Não acho que seja. Eu prefiro ficar perdido. — talvez fosse só sua imaginação, mas o zumbido pareceu ficar mais alto.

— Ninguém prefere ficar perdido. — o garoto disse, cordialmente. — Becky não quer ficar perdida. Ela teve um aborto. Se não puder encontrá-la, eu acho que ela provavelmente morrerá.

— Você está mentindo. — ele disse, sem qualquer convicção.

Ele devia ter avançado meio passo. Uma leve e fascinante luz começou a sair do centro da pedra, por trás das figuras de homens-palito flutuantes... como se aquele zumbido que ele podia ouvir estivesse embutido meio metro abaixo da superfície da pedra, e alguém estivesse lentamente aumentando-o.

— Não estou. — o menino disse. — Olhe de mais perto, e você a verá.

Dentro do interior esfumaçado da pedra, ele viu turvas linhas de um rosto humano. Ele pensou, a princípio, que estava olhando para o próprio reflexo. Mas embora fosse similar, não era ele. Era Becky, seus lábios estavam retraídos num canino esgar de dor. Coágulos de lama besuntavam um lado de seu rosto. Tendões se destacavam em sua garganta.

— Beck? — ele disse, como se ela pudesse escutá-lo.

Deu outro passo à frente—não pôde evitar—inclinando-se para olhar. Suas palmas estavam levantadas, como num gesto de “não prossiga”, mas ele não pôde senti-las começar a empolar por causa do que quer que estivesse sendo irradiado para fora da pedra.

Não, perto demais, ele pensou, e tentou recuar, mas não houve tração. Ao invés disso, seus calcanhares cederam, como se ele estivesse no topo de um montinho de terra macia cedendo abaixo dele. Só que o chão estava duro; ele deslizou para frente porque a *pedra* o havia pegado, ela tinha sua própria gravidade, e ela o atraiu como um ímã atrai ferro.

Nas profundezas da vasta e entalhada bola de cristal da grande pedra, Becky abriu os olhos, e pareceu olhar para ele com espanto e terror.

O zumbido cresceu em sua cabeça.

O vento cresceu junto. Capim agitou-se pra todo lado, com entusiasmo.

No último instante, ele percebeu que sua carne estava queimando, que sua pele estava assando com um clima inatural que existia no espaço imediato ao redor da pedra. Ele soube disso ao tocar a pedra, que seria como descansar as palmas das mãos numa frigideira quente, e começou a gritar... então parou, o som parando em sua garganta subitamente fechada.

A pedra não estava quente, afinal. Estava fria. Estava abençoadamente fria, e ele descansou o rosto sobre ela, um peregrino exausto que finalmente havia chegado ao seu destino, e poderia, enfim, descansar.

***

Quando Becky levantou a cabeça, o sol estava nascendo ou se pondo, e seu estômago doía, como se ela estivesse se recuperando de uma semana de gripe estomacal. Ela enxugou o suor do rosto com um dos braços, pôs-se de pé, e saiu atravessando o capim, em direção ao carro. Ficou aliviada ao achar as chaves ainda penduradas na ignição. Becky deu ré no estacionamento, e foi lentamente estrada acima, dirigindo num ritmo moderado.

A princípio ela não sabia para onde estava indo. Era difícil pensar com a dor no abdômen, que vinha em ondas. Às vezes era um latejar maçante, a dor de seus músculos fatigados; outras vezes, a dor se intensificava sem aviso numa pontada de certa forma molhada, que a rasgava por dentro, e queimava em sua virilha. Seu rosto estava quente e febril, e não esfriava, mesmo com ela dirigindo de janelas abertas.

A noite estava chegando, e o dia moribundo tinha cheiro de jardim recém-

aparado, churrasco de quintal, e de garotas se arrumando para namorar ou assistir beisebol sob as luzes. Ela dirigiu pelas ruas de Durham, Nova Hampshire, numa sombria iluminação rubra, o sol era uma gota de sangue inchada no horizonte. Passou pelo Parque Stratham Hill, onde havia praticado corrida com seu time do colégio. Ela deu uma volta pelo campo de beisebol. Um taco de alumínio tiniu. Garotos gritaram. Uma figura escura correu para a primeira base com a cabeça abaixada.

Becky dirigia distraída, cantando um de seus poemas, apenas meio cônscia do que estava fazendo. Ela cantou baixinho a mais velha que pôde achar ao pesquisar para o seu trabalho de Introdução à Literatura, um poema que fora escrito bem antes do costume transformá-lo em ofensivos refrãos sobre trepar, embora a coisa apontasse nessa direção:

"*Uma menina certa vez se escondeu no alto capim*", ela sussurrou.

"*E emboscou qualquer menino que por ali passasse.*

Como leoas comem gazelas,

tantos homens caíram por ela,

e cada um era mais delicioso que o último".

Uma menina, ela pensou, quase aleatoriamente. *A menina dela*. Ocorreu-lhe, então, o que ela estava fazendo. Ela estava procurando por sua menina, da qual supostamente deveria estar de babá, e, oh, Jesus, que confusão da porra, a criança havia sumido, e Becky precisava achá-la antes de seus pais voltarem para casa, e estava ficando escuro rapidamente, e ela sequer podia se lembra do nome daquela merdinha.

Ela lutou para se lembrar de como isto poderia ter acontecido. Por um instante, o passado recente foi um branco enlouquecedor. Então, ela lembrou. A menina queria brincar no balanço do quintal, e Becky dissera *Pode ir, tudo bem*, mal prestando atenção. Na hora, ela estava trocando mensagens de texto com Travis McKean. Eles estavam brigando. Becky sequer ouviu a porta dos fundos bater.

O que é que eu vou dizer à minha mãe, Travis dissera, *eu nem sei se quero continuar na faculdade quanto mais começar uma família*. E esta pérola: *se nós nos casarmos eu vou ter que dizer EU ACEITO pro seu irmão também? Ele está sempre por perto, sentado em sua cama, lendo revistas de skate, estou surpreso por ele não ter estado aqui na noite que eu te engravidei. Se você quer uma família, deveria começar uma com ele*.

Ela havia soltado um gritinho do fundo da garganta, e arremessara o telefone contra a parede, deixando um buraco na argamassa que ela esperava que

os pais estivessem bêbados demais para perceber (quem eram os pais, afinal? De quem era esta casa?). Beck havia ido até a janela que dava para o quintal, tirando o cabelo do rosto, tentando se acalmar—e viu o balanço vazio sendo movido gentilmente pela brisa, as correntes rangendo suavemente. O portão dos fundos, que dava para a garagem, estava aberto.

Ela saiu para a tarde perfumada de jasmim e gritou. Ela gritou na garagem, gritou no quintal. Gritou até o estômago doer. Ela foi até o centro da rua vazia e berrou "Ei, garota, ei!", com as mãos colocadas ao redor da boca. Ela desceu o bloco, adentrou no capim e passou o que pareceram dias atravessando vegetação alta, buscando a criança rebelde, sua responsabilidade perdida. Quando ela finalmente emergiu, o carro estava esperando, e Becky deu a partida. E aqui estava ela, dirigindo sem direção, rastreando as calçadas, enquanto um pânico animal e desesperado surgia dentro de si. Ela havia perdido sua menina. Sua menina havia fugido dela—criança rebelde, responsabilidade perdida—e quem sabe o que aconteceria com ela, o que poderia estar acontecendo neste instante. A ignorância fez seu estômago doer. Fez seu estômago doer *muito*.

Um bando de passarinhos voou através da escuridão acima da estrada.

A garganta estava seca. Estava com tanta sede que mal podia aguentar.

A dor a apunhalou, entrava e saia, como um amante.

Quando ela passou pelo campo de beisebol pela segunda fez, todos os jogadores já haviam ido para casa. *Jogo cancelado por conta da escuridão,* ela pensou, uma frase que fez seus braços comicharem com calafrios, e foi aí que ela ouviu uma criança gritar.

— BECKY! — gritou a menina. — É HORA DE COMER! — como se fosse Becky que estivesse perdida. — É HORA DE VIR COMER!

— O QUE ESTÁ FAZENDO, GAROTINHA? — Becky gritou de volta, encostando na calçada. — VOLTE AQUI! VOLTE AQUI AGORA MESMO!

— VOCÊ VAI TER QUE ME ACHAAAAR! — a garota gritou, sua voz alegre com a diversão. — SIGA MINHA VOZ!

Os gritos pareciam vir do lado mais longínquo do campo, onde o capim era alto. Ela já não tinha procurado por lá? Ela não havia vagueado por todo o capim, tentando achá-la? Ela mesma não tinha se perdido um pouquinho lá?

— HAVIA UM VELHO FAZENDEIRO DE SÃO VICENTE. — a garota gritou.

Becky começou a cruzar o campo interno. Ela deu dois passos, sentiu a sensação fulminante em seu útero, e gemeu.

— QUE ENGOLIU UM SACO CHEIO DE SEMENTE! — a garota

vibrou, sua voz tremia com uma risada quase não controlada.

Becky parou, exalou a dor, e quando o pior passou, ela deu mais outro passo cuidadoso. Imediatamente, a dor retornou, pior do que antes. Ela tinha uma sensação de coisas cortando seu interior, como se seus intestinos fossem feitos de pano, esticados bem, começando a rasgar no meio.

— GRANDES MONTES DE MATO. — a menina cantarolou. — FLORESCENDO PARA FORA DO SEU RABO!

Becky soluçou novamente, deu um terceiro passo vacilante, quase na segunda base agora, o alto capim não estava longe, então um novo relâmpago de dor percorreu seu interior e ela caiu de joelhos.

— E DE SUAS BOLAS MURCHAS BROTARAM ERVINHAS! — a menina berrou, a voz explodindo com gargalhadas.

Becky pôs a mão em cima da pele úmida e oca de seu estômago, fechou os olhos, abaixou a cabeça, e esperou o alívio, e quando se sentiu um pouco melhor, ela abriu os olhos...

***

E Cal estava lá, sob a luz cinzenta do crepúsculo, olhando-a de cima. Seus próprios olhos estavam aguçados e ávidos.

— Não tente se mexer. — disse. — Não por enquanto. Só descanse. Eu estou aqui.

Ajoelhou-se ao seu lado, nu da cintura pra cima. Seu peito estava pálido na luz fraca. Seu rosto estava queimado pelo sol—e *muito*, havia uma bolha na ponta de seu nariz—mas fora isso, ele parecia descansado e bem. Não, mais do que isso: ele parecia excitado e desperto.

— O bebê. — ela tentou dizer, mas nada saiu, apenas um clique áspero, o som de alguém tentando abrir um cadeado enferrujado com ferramentas enferrujadas.

— Está com sede? Aposto que sim. Aqui. Pegue isto. Ponha-a na boca. — ele pousou sua camisa ensopada e fria na boca dela. Ele a havia empapado com água e enrolado-a como uma corda.

Ela sugou avidamente, um bebê mamando furiosamente.

— Não. — disse. — Chega. Você vai ficar doente. — retirou a corda de algodão úmido dela, deixando-a engasgar, como um peixe num balde.

— Bebê. — ela sussurrou.

Cal sorriu para ela—seu melhor sorriso jocoso.

— Ela não é *ótima*? Eu a peguei. Ela é perfeita. Saída do forno e assada

bem ao ponto!

Ele se virou para o lado e pegou um pacote envolto na camisa de outra pessoa. Ela viu uma pontinha de nariz azulado salientando-se da mortalha. Não; mortalha, não. Mortalhas eram para cadáveres. Estava embalada. Ela havia dado à luz aqui, no alto capim, e nem precisara do abrigo de uma manjedoura.

Cal, como sempre, falou como se possuísse uma linha direta com seus pensamentos particulares.

— Você está parecendo a Maria. Imagino quando os Reis Magos vão aparecer! E que presentes vão trazer para nós!

Um menino com sardas, também queimado pelo sol, apareceu atrás de Cal. Ele estava de peito nu também. Provavelmente era sua camisa que estava ao redor do bebê. Ele se inclinou, com as mãos sobre os joelhos, para olhar a criança embalada.

— Ela não é maravilhosa? — Cal perguntou, mostrando-a ao menino.

— Apetitosa. — o menino disse.

Becky fechou os olhos.

***

Ela dirigiu pelo crepúsculo, as janelas abaixadas, a brisa soprando seu cabelo de volta ao seu rosto. O alto capim cercava ambos os lados da estrada, estendendo-se pelo horizonte. Ela iria dirigir por ele pelo resto da vida.

— Uma menina certa vez se escondeu no alto capim. — cantou para si mesma. — E emboscou qualquer menino que por ali passasse.

O capim farfalhou e alisou o céu.

***

Ela abriu os olhos por alguns instantes, tarde da manhã.

Seu irmão segurava a perna de uma boneca em uma mão, suja de lama. Olhava pra sua irmã com uma fascinação estúpida e clara, enquanto mastigava a boneca. A coisa parecia viva, rechonchuda e grossa, mas um pouco pequena, e também de uma engraçada coloração azul-pálida, tipo leite quase congelado. *Cal, você não pode comer plástico*, ela pensou em dizer, mas isso daria trabalho demais.

Um garotinho estava sentado atrás dele, virado de perfil, lambendo alguma coisa da palma das mãos. Gelatina de morango, ao que parecia.

Havia um odor picante no ar, como o de uma lata de sardinhas recém-

aberta. Isso fez seu estômago roncar. Mas ela estava fraca demais para se sentar, fraca demais para dizer qualquer coisa, e quando ela abaixou a cabeça no chão e fechou os olhos, ela afundou imediatamente de volta ao sono.

***

Desta vez, não houve sonhos.

***

Em algum lugar, um cachorro latiu: *rup-rup*. Um martelo começou a cair, uma pancada retumbante depois da outra, chamando Becky de volta à consciência.

Seus lábios estavam secos e rachados, e ela novamente estava com sede. Sedenta *e* faminta. Sentiu-se como se alguém tivesse lhe chutado o estômago dúzias de vezes.

— Cal. — ela sussurrou. — Cal.

— Você precisa comer. — ele disse, e pôs algo frio e salgado na boca dela. Seus dedos estavam ensanguentados.

Se estivesse próxima da razão, ela teria vomitado. Mas o sabor era bom, um pedaço salgado e adocicado de alguma coisa, com a textura parecida com a de uma sardinha. Até mesmo cheirava como sardinha. Ela sugou-o tanto quanto havia sugado a corda úmida que fora a camisa de Cal.

Cal soluçou enquanto ela sugava o filete do que quer que estivesse em sua boca, sugou como espaguete e engoliu. O gosto que ficava na boca era ruim, amargo e azedo, mas até isso era meio que bom. Como o equivalente alimentício do gosto que fica na boca após se beber margarita, e lamber um pouco do sal que fica na borda do copo. O soluço de Cal soava quase como uma risada.

— Dê-lhe outro pedaço. — o garotinho disse, inclinando-se por cima do ombro de Cal.

Cal lhe deu outro pedaço.

— Hmmmm. Engula essa bebezinha bem gostoso.

Ela engoliu e fechou os olhos novamente.

***

Da vez seguinte que se achou acordada, ela estava sobre os ombros de Cal, e estava se movendo. Sua cabeça zumbia, e seu estômago arfava a cada passo.

— Nós comemos? — ela sussurrou.

— Sim.

— O *que* nós comemos?

— Algo apetitoso.

— *Cal, o que nós comemos?*

Ele não respondeu, simplesmente afastou o capim manchado de gotas amarronzadas, e entrou na clareira. No centro, havia uma grande pedra negra. Ao lado dela, estava o garotinho.

Aí está você, ela pensou. *Eu te persegui por toda a vizinhança*.

Só que não havia sido uma pedra. Você não podia perseguir uma *pedra*. Fora uma menina.

Uma menina. *Minha* menina. Minha responsa...

— *O QUE NÓS COMEMOS?* — ela começou a golpeá-lo, mas seus punhos estavam fracos, fracos. — OH, DEUS! OH, MEU JESUS!

Ele a sentou, e olhou para ela surpreendido, e depois divertido.

— O que você acha que comemos? — ele olhou para o menino, que sorria e balançava a cabeça, do modo que se faz quando alguém conta uma piada realmente hilariante. — Beck... querida... nós só comemos um pouco de *capim*. Capim, sementes e por aí vai. As vacas fazem isso o tempo todo.

— Havia um velho fazendeiro de São Vicente... — o menino cantou, e pôs as mãos em cima da boca para abafar as risadas. Seus dedos estavam vermelhos.

— Eu não acredito em você. — Becky disse, mas sua voz soava fraca. Ela estava olhando para a pedra. Havia várias figurinhas dançantes gravadas nela. E sim, nesta luz precoce, eles *pareciam* dançar. Pareciam se mover em aspirais ascendentes, como faixas vermelhas e brancas num poste de barbeiro.

— Sério, Beck. O bebê é—é *ótimo*. É seguro. Toque a pedra, e você verá. Você vai entender. Toque a pedra, e você irá se...

Ele olhou para o menino.

— *Redimir!* — Tobin berrou, e eles riram juntos.

Otto e Lotto, Becky pensou. *Eles pensam do mesmo modo*.

Ela andou na direção dela... estendeu a mão... então a retirou.

O que ela comera não tinha gosto de capim. Tinha gosto de sardinha. Como o último gole doce-salgado-amargo da margarita. E como...

Como eu. Como lamber o suor de minha própria axila. Ou... ou...

Ela começou a gritar. Tentou se virar, mas Cal a havia segurado por um braço agitado e Tobin pelo outro. Ela deveria ter pelo menos conseguido se libertar da criança, mas ela ainda estava fraca. E a pedra. Ela a estava puxando também.

— Toque-a. — Cal sussurrou. — Você vai parar de ficar triste. Você verá que o bebê está bem. Pequena Justine. Ela é melhor do que o normal. Ela é *elemental*. Becky—ela *flutua*.

— É. — Tobin disse. — Toque a pedra. Você verá. Você não vai mais se perder. Você vai entender o capim. Você será *parte* dele. Como Justine é.

Eles a escoltaram até a pedra. Ela zumbia ativamente. Alegremente. De dentro, veio o brilho mais maravilhoso. Do lado de fora, homens e mulheres-palito dançavam com seus palitos erguidos acima das cabeças. Havia música. Ela pensou: *Toda carne é capim*.

Becky DeMuth abraçou a pedra.

***

Havia sete deles naquela velha RV remendada com cuspe, corda, e—talvez—resina de todas as drogas fumadas dentro das paredes enferrujadas. Impresso em uma lateral, no meio de uma confusão psicodélica de vermelho e laranja, estava a palavra AVANTE, em honra ao ônibus escolar International Harvester 1939, em que o Bando de Travessos Felizes de Ken Kesey havia visitado Woodstock, durante o verão de 1969. Naquela época, todos, exceto os dois mais velhos destes hippies remanescentes, ainda estavam para nascer.

Atualmente no século 21, os Travessos haviam estado em Cawker City, prestando homenagem ao maior Novelo de Lã do Mundo. Desde a partida, eles haviam fumado uma montanha de droga, e todos eles estavam com fome.

Foi Twista, o mais jovem, quem avistou a Pedra Negra do Redentor, com sua branca torre altiva, e um conveniente estacionamento. — Igreja! Piquenique! — ele berrou de seu assento, ao lado de Papa Cool, que dirigia. Twista começou a pular, as fivelas de seu macacão tiniam. — Piquenique! Igreja! Piquenique!

Os outros perceberam, Papa olhou para Mama pelo retrovisor. Quando ela deu de ombros e assentiu, ele encostou AVANTE no estacionamento, e estacionou ao lado do Mazda empoeirado com placas da Nova Hampshire.

Os Travessos (todos vestindo camisetas de souvenir do Novelo de Lã e todos cheirando à erva) se amontoaram. Papa e Mama, os mais velhos, eram o capitão e a primeira imediata da boa nave AVANTE, e os outros cinco—MaryKat, Jeepster, Eleanor Rigby, Frankie Esperto, e Twista—estavam perfeitamente dispostos a seguir ordens, retirando o churrasco, o refrigerador de carne, e—é claro—a cerveja. Jeepster e Esperto arrumavam o grill quando escutaram a primeira voz fraca.

— Socorro! *Socorro!* Alguém me ajude!

— Parece uma mulher. — Eleanor disse.

— *Socorro! Alguém me ajude! Estou perdido!*

— Não é uma mulher. — Twista disse. — É um garotinho.

— Pode crer. — MaryKat disse. Ela estava cataclismicamente doidona, e isso foi tudo em pôde pensar para dizer.

Papa olhou para Mama. Mama olhou para Papa. Estavam chegando aos 60 agora, estavam juntos há muito tempo—o bastante para telepatia de casal.

— O garoto entrou no capim. — Mama Cool disse.

— A mãe escutou ele gritar e foi atrás dele. — Papa Cool disse.

— Baixinhos demais para ver a estrada. — Mama disse. — E agora...

— ...estão ambos perdidos. — Papa finalizou.

— Putz. — Jeepster disse. — *Eu* me perdi uma vez num shopping.

— Pode crer. — MaryKat disse.

— *Socorro! Alguém!* — essa foi a mulher.

— Vamos pegá-los. — Papa disse. — Vamos trazê-los e alimentá-los.

— Bela ideia. — Esperto disse. — Bondade humana, cara. Bondade fodidamente humana.

Mama Cool não tinha um relógio há anos, mas era boa em dizer as horas pela posição do sol. Ela o observou agora, calculando a distância entre a bola em chamas e o campo de capim, que parecia se estender ao horizonte. *Aposto que todo o Kansas era assim antes das pessoas virem e estragar tudo,* pensou.

— É uma boa ideia. — ela disse. — Já vai dar cinco e meia, e aposto que eles estão realmente famintos. Quem vai ficar e fazer o churrasco?

Não houve voluntários. Todos eles estavam com forme, mas nenhum queria perder a missão de resgate. No fim, todos atravessaram a Rota 400, e adentraram o alto capim.

AVANTE.

Um Rosto na Multidão

(*A Face in the Crowd*, 2012)

DURANTE O VERÃO que sucedeu a morte de sua esposa, Dean Evers começou a assistir muito beisebol. Como tantos outros nordestinos da Nova Inglaterra, ele era um torcedor dos Red Sox que se mudara para a Costa do Golfo da Flórida, e que nobremente adotara os Devil Rays, então um saco de pancadas constante, como seu segundo time. Enquanto trabalhava como técnico na Pequena Liga, ele nunca fora um grande fã—nunca fora obcecado, do modo como seu filho Pat era—mas, noite após noite, enquanto o berrante poente coloria o oeste, ele encontrou-se sintonizando no jogo dos Rays para preencher seu condomínio vazio.

Ele sabia que isto era apenas um passatempo. Ele e Ellie foram casados por quarenta e seis anos, na saúde e na doença, e agora ele não tinha ninguém que se lembrasse destas coisas. Fora ela quem o convencera a se mudar para St. Pete, e então, nem cinco anos depois de empacotarem as coisas, ela teve seu derrame. O pior era que ela estava em grande forma. Eles tinham acabado de jogar um set de tênis no clube. Ela o vencera novamente, o que significava que ele teria que comprar as bebidas. Estavam eles sentados sob a sombrinha, bebendo gim com tônico, quando ela fez uma careta e pressionou uma mão contra a testa.

— Gelado demais? — ele perguntou.

Ela não se mexeu, continuou sentada, seu outro olho fixo, olhando para muito além dele.

— El... — disse, aproximando-se para tocar seu ombro nu. Mais tarde, embora o médico tenha dito ser impossível, ele se recordaria da pele dela estar fria.

Ela chocou o rosto contra a mesa, derrubando seus copos, o que trouxe os garçons, o gerente e o salva-vidas da piscina, que gentilmente deitou sua cabeça numa toalha dobrada e se ajoelhou ao seu lado, monitorando seu pulso até os enfermeiros chegarem. Ela perdeu todo o controle do lado direito, mas continuou viva, que era o que realmente importava, exceto que, logo, nem um mês depois de terminar sua terapia física e voltar para casa da reabilitação, ela teve um segundo derrame, este fatal, enquanto tomava banho, uma cena que passava em sua cabeça com tanta frequência que ele decidiu que teria de se mudar para um novo lugar, o que o trouxe aqui, um apartamento às margens de uma baía, onde não ele conhecia ninguém, e tudo que ajudasse a passar o tempo era bem-vindo.

Ele comeu enquanto assistia ao jogo. Fazia seu próprio jantar agora, estando cansado de solitariamente comer em restaurantes e pedir pratos caros. Ainda estava aprendendo o básico. Ele conseguia fazer miojo e grelhar um bife, ou cortar uma pimenta vermelha para coroar um prato de salada. Ele não tinha *finesse*, sendo constantemente desencorajado pelos resultados e tirando pouco prazer deles. Nesta noite, houve carne de porco pré-temperada que ele comprou no Publix. Simplesmente enfie-a numa panela quente e pronto, só que ele nunca sabia dizer quando a carne estava pronta. Pegou o crepitante naco de carne, misturou-o à salada e fez seu lugar à mesa de café, encarando a televisão. A gordura no fundo da panela começava a carbonizar. Ele cutucou a carne com o dedo, testando a umidade, mas sem conseguir ter certeza. Pegou uma faca e cortou-a, revelando uma bolsa de sangue. Seria um inferno limpar a panela.

Ao finalmente sentar e dar a primeira mordida, a carne estava dura.

— Terrível. — ele se reprovou. — Chef Ramsay eu não sou.

Os Rays estavam jogando contra os Mariners, o que significava que as arquibancadas estavam vazias. Quando os Sox ou Yanks estavam na cidade, o estádio ficava lotado, de outro modo, ficava deserto. Nos velhos dias ruins isso fazia sentido, mas hoje o clube era um sério competidor. Enquanto David Price corria pelo campo, Evers notou com desprezo vários torcedores nas cadeiras atrás da quarta base falando ao telefone. Inevitavelmente, um dos adolescentes começou a acenar como um náufrago, presumivelmente para a pessoa do outro lado, assistindo em casa.

— Olhe pra mim. — Evers disse. — Estou na TV, logo eu existo.

O garoto acenou durante vários lançamentos. Ele estava logo acima do ombro do árbitro, e quando Price jogou uma bola curva, o replay deu zoom na zona de *strike*, ampliando o sorriso idiota do garoto, enquanto acenava em câmera lenta. Duas filas atrás dele, sentando sozinho, com seu avental branco e seu ralo cabelo puxado para trás com gel, sólido e estoico como o Deus Tiki, estava seu velho dentista de Shrewsbury, Dr. Young.

Jovem Dr. Young—assim sua mãe o chamava, porque mesmo durante a infância de Evers, ele fora velho—fora um fuzileiro que lutara no Pacífico, e voltara de Tarawa com parte de uma perna e toda sua esperança. Passou o resto da vida se vingando não dos japoneses, mas das crianças de Shrewsbury, encontrando pontos fracos nos esmaltes de seus dentes com a ponta cruel de sua broca imaculada, e enfiando agulhas em suas gengivas.

Evers parou de mastigar e inclinou-se para ter certeza. O cabelo puxado para trás, a testa à la Monte Rushmore, os bifocais de fundo de garrafa, e os

finos lábios que ficavam brancos quando ele perfurava com a broca—sim, era ele, nem um dia mais velho do que quando Evers o vira pela última vez, mais de cinquenta anos atrás.

Não podia ser. Ele teria pelo menos noventa. Mas a caixa de charutos que era Flórida estava cheia de homens dessa idade, muitos bem preservados, quase mumificados sob suas guaiabeiras e bronzeados.

Não, pensou, *ele fumava*. Outra coisa que Evers odiara nele, a fumaça velha em seu hálito e roupas enquanto se inclinava sobre ele, tentando achar a melhor posição. O maço rubro cabia no bolso de seu jaleco—Lucky Strikes, sem filtro, os verdadeiros pregos de caixão. L.S.S.B.T. Este era o velho slogan: *Lucky Strikes Significa Bom Tabaco*. Talvez fosse um irmão mais novo, ou um filho. Um ainda Mais Jovem Dr. Young.

Price soltou uma bola rápida para o rebatedor ao fim da entrada, e um comercial interveio, puxando Evers de volta pro presente. Sua carne de porco estava tão dura quanto a luva de um apanhador. Ele a jogou no lixo e pegou uma cerveja. O primeiro gole frio clareou sua mente. Não tinha como aquele ser seu Dr. Young, com suas mãos trêmulas e mais do que um traço de gim sob o hálito de cigarro. Hoje em dia, chamariam sua condição de TEPT, mas para um garoto à mercê de seus instrumentos, isso não importava. Evers o desprezara e, certamente, em algum ponto, desejara que morresse, ou então sumisse.

Quando os Rays foram rebater, o adolescente recomeçou a acenar, mas as filas atrás dele estavam vazias. Evers ficou de olho, esperando ver o Dr. Young voltar com uma cerveja e um cachorro quente. Ainda assim, enquanto as entradas passavam e a pilha de *strikeouts* de Price aumentava, o assento permaneceu vazio. Nas proximidades, uma mulher de blusa brilhante acenou para seu pessoal em casa.

Ele desejou ter Ellie ali para contar sobre, ou que pudesse ligar para sua mãe e perguntar o que acontecera ao Jovem Dr. Young, mas, como tantas coisas em sua existência diária, não havia ninguém com quem partilhar isso. Mais provável do que não, o homem era apenas outro velho com nada melhor para fazer do que desperdiçar suas noites restantes assistindo beisebol, só que no estádio, em vez de em casa.

Mais tarde naquela noite, por volta das três, Evers facilmente entendeu o porquê de, de todas as punições possíveis, o confinamento na solitária ser o mais temido entre os prisioneiros. Uma hora o espancamento teria que parar, mas um pensamento podia seguir e seguir, alimentando-se com a insônia. Por que Dr. Young, em que não pensava há anos? Era um sinal? Uma profecia? Ou estava ele

—como temera que ficaria quando lhe contaram que Ellie havia morrido—gradualmente perdendo a lucidez neste mundo?

Para provar que essas dúvidas eram erradas, ele passou o dia seguinte fazendo tarefas pela cidade, conversando com o balconista dos correios e com a da biblioteca—conversa rápida apenas, mas, ainda assim, uma conexão, algo para se focar. Como em todo verão, Pat e sua família viajavam ao Cabo, e para a casa dos pais de Sue. Evers ligou para a secretária eletrônica deles mesmo assim, e deixou uma mensagem. Quando voltassem, eles realmente deveriam se ver mais. Ele adoraria levá-los para jantar em algum lugar, escolha deles, ou talvez para assistir a um jogo.

Naquela noite, ele preparou seu jantar como se nada houvesse ocorrido, embora estivesse mais cônscio do tempo, e acabou apressando sua galinha grelhada, para que pudesse pegar o jogo a tempo do primeiro lançamento. Os Rays jogavam contra os Mariners de novo, e novamente o público era escasso; na parte superior, um mar de azul. Evers se ajeitou para assistir, ignorando onde o lançador estava, concentrando-se na terceira fila à esquerda do árbitro. Como se para responder-lhe com um viva cósmico do Bronx, Raymond, o mascote do time, uma criatura de pelo azul não encontrado em lugar algum do mundo natural, passou pelas arquibancadas, sacudindo os punhos pelas costas de Ichiro.

— Você está ficando caseiro demais. — Evers disse. — É só isso.

Era a vez do ás dos Mariners, Felix Hernandez, mandar ver, e assim fez o Rei Felix. O jogo foi rápido. Quando Evers foi abrir sua latinha noturna, já estavam na sexta entrada, e os Mariners ganhavam por uma dupla de pontos. Foi aí que, enquanto o Rei Felix pegava Ben Zobrist olhando, Evers viu, três filas ao fundo, com o mesmo terno listrado com que fora enterrado, seu velho parceiro de negócios, Leonard Wheeler.

Leonard Wheeler—sempre Leonard, nunca Lennie—comia cachorro-quente e bebia o que os espertinhos do ESPN's *Sports Center* chamavam de "bebida adulta". Por um momento, assustado demais para negar a visão, Evers sentiu-se ultrajado ao mero pensamento de que Wheeler o perseguia mesmo agora.

— Filho da puta controlador! — ele berrou, e deixou cair sua própria bebida adulta, que já estava quase próxima da boca. A lata caiu na bandeja equilibrada em seu colo e a derrubou no chão, entre seus pés, onde a galinha, o purê de batata, e os feijões (também de uma cor não encontrada no mundo natural) pousaram no tapete, numa espumante poça de cerveja.

Evers não percebeu, apenas continuou a encarar sua nova televisão, que

era tão moderna que ele poderia se levantar, abaixar a cabeça para evitar bater na moldura do aparelho, e pular tela adentro. Era Wheeler, pode apostar: os mesmos óculos de armação dourada, a mesma mandíbula sobressalente com lábios estranhamente salientes, a mesma cabeça de berrantes cabelos brancos que o fazia parecer uma estrela de novela—o protagonista maduro que, ou faz o médico santo, ou o magnata controlado por sua esposa magrela. Também não havia como se enganar com a bandeirinha presa a um alfinete na sua lapela. Ele sempre usou aquela maldita coisa como se fosse algum congressista amador. Certa vez, Ellie brincou que Lennie (quando eram só eles, sempre o chamavam dessa maneira) enfiava a bandeirinha embaixo do travesseiro antes de dormir.

Então, a negação tomou lugar, enxameando seu choque inicial como leucócitos enxameiam uma ferida recente. Evers fechou os olhos, contou até cinco, então abriu; com certeza veria alguém que só se parecia com Wheeler, ou —talvez pior—com ninguém.

A imagem na tela mudara. Em vez de um novo rebatedor aparecer, a câmera focou o ala esquerdo dos Mariners, que fazia uma dancinha peculiar.

— Nunca vi *essa* antes. — um dos comentaristas disse. — Que diabos está acontecendo com Wells, Dewayne?

— Deve ser uma espécie de *crunk*. — Dewayne disse, e ambos riram.

Chega *de piadinhas espalhafatosas*, Evers pensou. Ele trocou a posição dos pés, pisando no peito de galinha ensopado de cerveja. *Voltem a focar a maldita quarta base*.

Como se o produtor dentro de seu caminhão de transmissão lotado de bugigangas tivesse escutado, a câmera voltou, mas só por um segundo. Luke Scott mandou uma bala para o cara dos Mariners na segunda base, e num piscar de olhos, o jogo se fora, e Evers foi deixado com o patinho da Aflac, que tentava desesperadamente tampar os buracos de um barquinho enquanto se falava de seguro.

Evers conseguiu se levantar um pouco antes que seus joelhos cedessem e ele caísse de volta na cadeira. A almofada soltou um suspiro cansado. Ele respirou fundo, expirou e sentiu-se mais forte. Desta vez, conseguiu ficar de pé, e se arrastou até a cozinha. Ele pegou o limpador de tapetes de baixo da pia e leu as instruções. Ellie não teria precisado lê-las. Ellie apenas teria feito algum comentário meio irritado, meio bem-humorado (“Você pode vesti-lo, mas não levá-lo pra sair”, era um dos favoritos), e ido ao trabalho para fazer a bagunça desaparecer.

— Aquele não era Lennie Wheeler. — ele contou à sala de estar vazia, ao

voltar. — Sem chance de ser ele.

O patinho se fora, substituído por um homem e sua esposa namorando num pátio. Logo, eles subiriam as escadas e fariam amor apoiados pelo Viagra, porque esta era a idade em que se sabia fazer as coisas. Evers, que também sabia como fazer as coisas (ele lera as instruções na lata, afinal), ficou de joelhos, devolveu seu jantar absorvido à bandeja numa série de *plops*, e depois borrifou uma pequena nuvem de Resolve na sujeira restante, sabendo que era provável que ficasse uma mancha, mesmo assim.

— Lennie Wheeler está tão morto quanto Jacob Marley. Eu fui ao seu funeral.

De fato ele fora, e embora seu semblante tenha estado apropriadamente grave e pesaroso, ele gostou. Rir podia ser o melhor remédio, mas Dean Evers acreditava que sobreviver aos seus inimigos era a melhor vingança.

Evers e Wheeler haviam se conhecido na faculdade de administração, e começaram uma locadora de caminhões da Speedy com uma mixaria, depois que Wheeler encontrou o que ele chamara de “buraco do tamanho do Túnel Sumner” no mercado da Nova Inglaterra. Na época, Evers não se importava com o maneirismo autoritário de Wheeler, perfeitamente resumido por uma plaquinha na parede de seu escritório: QUANDO EU QUISER A MINHA OPINIÃO, EU PEDIREI POR ELA. Naqueles dias, antes de Evers começar a encontrar seu próprio caminho, ele precisara daquele tipo de atitude. Wheeler, ele às vezes pensava, fora o aço de sua espinha. Mas jovens rapazes crescem e desenvolvem suas próprias ideias.

Vinte anos depois, Speedy se tornou a maior locadora independente de caminhões da Nova Inglaterra, uma das poucas intocadas por organizações criminosas ou problemas com a Receita Federal. Foi aí que Leonard Wheeler — nunca Lennie, exceto quando Evers e sua esposa estavam a salvo, debaixo das cobertas, rindo como duas crianças—decidiu que era hora de expandir os negócios. Evers finalmente ficara de pé em suas patas traseiras e objetou. Não gentilmente, como nos desacordos anteriores, mas firme. Alto, até. Todos no escritório haviam escutado, não havia dúvidas, mesmo com a porta fechada.

O jogo voltou enquanto esperava o efeito do Resolve. O duelo ainda era com Hellickson, e ele estava afinado. Mas não tanto quanto Hernandez, e em qualquer outra noite, Evers o estaria encorajando telepaticamente. Não hoje. Hoje, estava sentado em cima dos calcanhares, na base de sua cadeira, com os joelhos ossudos prostrados em ambos os lados da mancha que tentava limpar, vigiando as arquibancadas atrás da quarta base.

Lá estava Wheeler, ainda ali, agora bebendo uma cerveja com uma mão e segurando o celular com a outra. Apenas a visão do celular encheu Evers de ultraje. Não porque celulares deviam ser banidos dos estádios, como o fumo, mas porque Wheeler morrera de um ataque do coração muito antes que tais bugigangas caíssem no uso general. Ele não tinha o *direito!*

— Oh, essa foi uma longa viagem! — Dewayne Staats urrava. — Justin Smoak *acaboooou* com ela!

A câmera seguiu a bola até as arquibancadas quase desertas, e parou para espiar dois garotos lutando por ela. Um emergiu vitorioso e acenou para a câmera, impulsionando os quadris de uma maneira singularmente obscena, enquanto o fazia.

— Vá se foder! — Evers gritou. — Você está na TV, e daí?

Ele raramente usava tal linguagem, mas não dissera a mesma coisa ao seu sócio durante a discussão sobre a expansão? Sim. Só que não havia sido *Vá se foder*. Havia sido *Vá se foder, Lennie*.

— O que eu fiz, você mereceu. — ele ficou mal ao descobrir que estava a ponto de chorar. — Você nunca tirava o pé do meu pescoço, Leonard. Eu fiz o que tinha de fazer.

A câmera voltou ao seu lugar de origem, que era mostrar Smoak em seu trote de *home run*, apontando pro céu—bem, *redoma*—ao cruzar a quarta base, para os patéticos aplausos de mais ou menos duas dúzias de Marinerenses nas arquibancadas.

Entrou Kyle Seager. Atrás dele, na terceira fila, o assento onde Wheeler estivera encontrava-se vazio.

Não era ele, Evers pensou, esfregando a mancha (o molho de churrasco simplesmente não ia sair). *Era apenas alguém que se parecia com ele*.

Aquilo não funcionara muito bem com o Jovem Doutor Young, e não funcionou agora, tampouco.

Evers desligou a TV e decidiu ir para cama mais cedo.

Inútil. O sono não veio às dez ou à meia-noite. Às duas da manhã, ele tomou um dos Ambiens de Ellie, torcendo para que isso não o matasse—já se passara dezoito meses do prazo de validade. Não matou, mas também não o botou para dormir. Ele tomou mais meio tablete e deitou na cama, pensando na plaquinha que mantivera no próprio escritório. Ela dizia DÊ-ME UMA ALAVANCA LONGA O BASTANTE, UM SUSTENTÁCULO FORTE O BASTANTE, E MOVEREI O MUNDO. Menos arrogante que a plaquinha de Wheeler, mas talvez mais útil.

Quando Wheeler se recusou a deixá-lo sair do acordo de parceria que Evers tolamente assinara quando era jovem e humilde, ele precisou daquele tipo de alavanca para içar seu sócio. Como acabou acontecendo, ele conseguiu uma. Leonard Wheeler tinha uma queda por garotos. Oh, não *jovens* garotos, não iscas de cadeia, só universitários. A assistente pessoal de Wheeler, Martha, confidenciara a Evers numa noite regada a rum, numa convenção em Denver, que Wheeler gostava do tipo salva-vidas. Mais tarde, sóbria e arrependida, ela implorou para que ele nunca contasse a ninguém. Wheeler era um bom chefe, ela disse, duro, mas bom, e sua esposa era um doce. O mesmo se aplicava ao seu filho e filha.

Evers manteve o bico calado, escondendo a pérola até mesmo de Ellie. Se soubesse que ele pretendia usar informações imorais para quebrar o acordo de parceria, ela teria ficado horrorizada. *Certamente não precisaria se rebaixar a tanto*, ela teria dito, e ela teria acreditado nisto. El pensava que compreendia a prisão em que ele se metera, mas não era assim. A coisa mais importante que ela não entendia era que aquela era a prisão de *todos eles*—dela, do pequeno Patrick, e também dele. Se a Speedy se expandisse nacionalmente, eles seriam esmagados pelos gigantes dentro de um ano. Dois, no máximo. Evers tinha total certeza disto, e ele tinha números para apoiá-lo. Tudo pelo que haviam batalhado seria destruído, e ele não tinha intenção de se afogar no mar com as ambições de Lennie Wheeler. Isso não seria permitido.

Ele não havia aberto a discussão com o *Foda-se, Lennie*. A princípio, ele tentou uma aproximação racional, usando as últimas pesquisas para fazer seu caso. A quota de mercado deles na Nova Inglaterra se dava graças aos aluguéis unidirecionais, e taxas por hora que os gigantes do ramo não podiam igualar. Porque a área que cobriam era tão compacta, que eles podiam reequilibrar o inventário inteiro dentro de três horas, o que os gigantes não podiam, tendo que cobrar taxa extra. No 1º de setembro, dia de mudança para estudantes, Speedy "governou" Boston. Espalhou a frota lentamente, na tentativa de cobrir os Estados Unidos Continentais, enquanto tinha as mesmas dores de cabeça que a U-Haul e a Penske—o mesmo modelo de negócios desajeitado, que eles haviam propositalmente evitado e vendido a preços inferiores. Por que eles queriam ser como os outros caras, quando eles estavam detonando os outros caras? Se Wheeler não havia percebido, Penske estava no Capítulo 11 da lei de Falências, também.

— Precisamente. — Wheeler disse. — Com os gigantes ocupados, esta é a oportunidade perfeita. *Não* tentamos ser como eles, Dean. Nós partimos o País

em regiões, e fazemos o que nós já fazemos.

— E como isso funciona no noroeste? — Evers perguntou. — Ou no sudoeste? Ou mesmo no centro-oeste? O País é grande demais.

— Pode não dar muito lucro a princípio, mas não vai demorar. Você já viu nossa competição. Dezoito meses—no máximo dois—e vamos trucidá-los totalmente.

— Já estamos em risco financeiro, e agora você quer que contraiamos mais dívidas.

Enquanto iam e vinham, Evers honestamente acreditou no argumento dele. Mesmo para uma companhia pública, os problemas de capitalização e a corrente de dinheiro eram intransponíveis—um julgamento que se provaria devastadoramente verdadeiro, duas décadas depois, quando os maus tempos chegaram. Mas Lennie Wheeler estava acostumado a ganhar, e nada que Evers disse o dissuadiu. Wheeler já falara com vários especialistas em capital de risco e imprimira uma brochura de aparência polida. Ele planejava levar a proposta diretamente aos acionistas, passando por cima de Evers, se necessário.

— Eu não acho que você quer fazer isso. — Evers dissera.

— E por que não, Dean?

Ele tentou, realmente tentou, fazer isso com ética, honoravelmente. E ele sabia que tinha razão; o tempo provaria. Nos negócios, tudo eram meios para um fim—sobrevivência. Evers sentiu a urgência na época, e ainda acha que é verdade, hoje em dia: Ele tinha que salvar a empresa. Por isso, a opção nuclear.

— Eu não acho que você quer fazer isso porque eu sei se você gostaria do que eu levaria à reunião com os acionistas. Ou deveria dizer, quem.

Wheeler riu, uma risadinha doente. Olhou para Evers como se tivesse puxado uma arma.

— Quem?

— Nós dois sabemos quem. — Evers dissera.

Wheeler lentamente esfregou uma mão na lateral do rosto.

— Eu estava me perguntando por que você havia entrado aqui como se já houvesse ganhado alguma coisa.

— Não estamos ganhando nada. Estamos evitando um erro que nos custaria tudo. Sinto muito ter chegado a isto. Se houvesse me escutado...

— Vá se foder, Dean. — Wheeler disse. — Não tente se desculpar por me chantagear. É mal-educado. E já que estamos sozinhos, porque não enrola bem essas planilhas—é o único modo de você conseguir enfiá-las nesse seu cu apertado—e admite a verdade: você é um covarde. Sempre foi.

Dentro de um ano, Evers comprou sua parte. A partilha foi cara, e, em retrospecto, um negócio melhor do que Wheeler merecera. Lennie deixou a Nova Inglaterra, depois sua esposa, e finalmente, numa sala de emergência em Palm Springs, este vale de lágrimas terreno. Por respeito, Evers voou para o funeral, que, como era de se esperar, não contou com a presença de garotos salva-vidas. Da família, apenas a filha, que secamente agradeceu a Evers por vir. Ele não disse o primeiro pensamento que cruzou sua mente: *Sarcasmo não engorda, querida*. Alguns anos depois, após um exame completo dos números, e investido pela Bain Capital, a Speedy realmente se expandiu nacionalmente, usando uma versão simplificada de seu velho plano regional. Que Evers estivera certo—tudo acabou com os advogados da Speedy preenchendo as mesmas passagens do Capítulo 11 que seus rivais derrotados—foi de pouca justificativa. Entretanto, ele saiu com uma boa quantia, e esse foi o fim.

A parte engraçada era que com o mínimo de investigação—uma ou três perguntas improvisadas, uma leitura afiada de suas piscadelas—Wheeler teria arranjado uma apólice de seguro de ferro. Quando Evers percebeu isto, ele gentilmente deixou pra lá, o que—porque ambos tinham consciência—foi um grande alívio. A rixa deles já percorrera seu mais do que agradável curso, e ao invés de demiti-la, ele a manteve mais próxima, fazendo dela a sua assistente executiva com o salário dobrado, trabalhando ao seu lado, dia após dia, até que, eventualmente, aceitou um generoso e precoce pacote de aposentadoria. Na festa de despedida, ele fez um discurso e a presenteou com uma Honda Gold Wing e um beijo na bochecha, para uma saraivada de aplausos e taças levantadas. A festa terminou com um show de slides mostrando Martha em sua velha Harley Tri-Glide, enquanto George Thorogood cantava “Ride On Josephine”.

Foi um raro momento para Evers, uma despedida feliz. Apesar da boba intriga, ele sempre gostara de Martha, de sua risada espalhafatosa e do modo como ela zunia para si mesma enquanto digitava, com um lápis enfiado atrás de uma orelha. O que ele disse em seu discurso—que ela não era apenas uma assistente, mas uma querida e fiel amiga—era verdade. Apesar de não falar com ela em anos, de todas as pessoas com quem havia trabalhado, ela foi a única que lhe provocou saudades. Adormecendo agora enquanto o Ambien trabalhava, perguntou-se zonzamente se ela ainda estaria viva, ou se, amanhã, ele sintonizaria no jogo e a veria atrás da base, usando seu amarelo vestido de verão sem mangas e com margaridas, de que ele gostava.

Levantou-se às oito—uma hora inteira depois do normal—e inclinou-se para pegar o jornal no tapete. Ele checou as páginas esportivas e descobriu que

os Rays teriam a noite de folga. Tudo bem; sempre haveria *CSI*. Evers se banhou, tomou um café da manhã reforçado em que germe de trigo teve um grande papel, e depois se sentou para procurar o Jovem Doutor Young no computador. Quando aquela maravilha do século vinte e um falhou (ou talvez ele simplesmente não estivesse fazendo direito; Ellie sempre fora a maga do computador), ele pegou o telefone. De acordo com a mesa do necrotério do Shrewsbury Herald-Crier, o bicho-papão dental da infância de Evers morrera em 1978. Por incrível que pareça, ele só tinha cinquenta e nove anos, quase uma década mais jovem do que Evers agora. Evers ponderou o desconhecido: fora sua vida encurtada pela guerra, Luckies, odontologia, ou as três juntas?

Não havia nada de especial em seu obituário, apenas as informações de sempre sobre quem ele deixara para trás, e o local do funeral. Evers não teve nada a ver com a morte do velho açougueiro bêbado, apenas tivera o azar de ser uma de suas vítimas. Exonarado, naquela noite ele ergueu uma ou quatro taças extras ao Dr. Young. Ele as pediu pelo telefone, mas demorou demais, chegando bem depois dele já ter jantado. *CSI* acabou sendo um episódio que ele já assistira, e todos os sitcoms eram idiotas. Onde estava Bob Newhart quando se precisava? Evers escovou os dentes, tomou dois Ambiens de Ellie, então ficou parado em frente ao espelho do banheiro, olhos injetados.

— Dê-me um fígado forte o bastante... — ele disse. — ...e eu moverei a porra do mundo.

Ele dormiu tarde novamente, recuperando-se com café instantâneo e flocos de aveia. Ficou satisfeito em ler no jornal que os Sox estavam chegando para uma grande série de jogos no fim de semana. Ele celebrou o jogo de abertura com um bife, ajustando o gravador de vídeo digital para capturar qualquer que fosse o espírito malévolo que seu passado pudesse vomitar. Caso isso acontecesse, ele estaria pronto desta vez.

Aconteceu, na sétima entrada de um jogo empatado, em uma grande jogada pela quarta base. Ele teria perdido se houvesse ido lavar os pratos, mas a essa hora, estava na ponta do sofá, totalmente absorto e concentrando-se em cada arremesso. Longoria fintou no centro esquerdo, e Upton tentou marcar da primeira base. O arremesso o venceu e o enganou, indo parar na linha da base. Enquanto o apanhador dos Sox, Kelly Shoppach, corria para a quarta tocando a luva no chão, diretamente atrás da tela, um menino de rosto fino e cheio de sardas, com não mais do que nove anos, levantou-se de seu assento.

Seu corte de cabelo era do estilo que costumavam chamar de holandês, ou, se estivesse na escola provocando este rapazote em particular, tigelinha. “Ei,

Tigelinha!”, eles costumavam uivar para ele no ginásio, batendo nele, transformando todo jogo numa espécie de Pega Bobo. “Ei, Tigelinha, Tigela, Tigelinha!”.

Seu nome era Lester Embree, e aqui, na sombreada arquibancada, ele vestia a mesma camiseta esfarrapada de listras vermelhas e azuis, e as mesmas calças remendadas nos joelhos, que sempre parecia usar naquela primavera de 1954. Ele era branco, mas morava na parte negra da cidade, atrás dos lotes dos mercados. Ele não tinha pai, e o rumor mais gentil sobre sua mãe dizia que ela trabalhava na lavanderia do hospital St. Joe. No meio do ano letivo, ele havia chegado a Shrewsbury de alguma roça no Tennessee, uma decisão que parecia tola, uma afronta idiota a Evers e sua turma. Eles se deleitaram ao imitar sua fala lenta, transformando suas respostas hesitantes na aula em monólogos do Frangolino. “Digo, Srta. Pritchett, sinhora, eu decraru que fiz popô nas calça”.

Na tela, Upton ficou de pé num pulo, olhando para o apanhador que estava caído atrás dele, e sinalizando “salvo” enquanto o juiz socava o ar com um punho fechado. Uma câmera diferente deu um *zoom out* para mostrar um indignado Joe Maddon invadindo o campo. A torcida comprou a briga e foi à loucura.

No replay—mesmo antes que Evers pudesse pausar e rebobinar com o controle—Lester Embree e seu cabelo patético encontravam-se visíveis acima da propaganda da FOX 13, que descansava no acolchoamento azul da parede; então, enquanto Upton claramente salvava a jogada com um belo escorregão, o menino quieto, que Evers e seus amigos haviam testemunhado ser retirado enrugado e sem dedos do Lago Marsden, ficou de pé e apontou um toco de dedo mastigado, não para a jogada que se desenrolava à sua frente, mas, como se pudesse ver o condomínio escuro com ar-condicionado, diretamente para Evers. Seus lábios se mexiam, e não era *Matem o juiz* que eles pareciam dizer.

— Ora, vamos. — Evers protestou, como se estivesse irritado com o lance mal apitado. — Jesus, eu era uma *criança*.

A televisão voltou para a ação—muita ação, na verdade. Joe Maddon e o juiz da base estavam nariz a nariz, polegar a polegar. Ambos berravam e não precisava ser um adivinho para saber que Maddon logo, logo estaria assistindo ao jogo pela TV do vestiário. Evers não tinha interesse em assistir ao técnico dos Rays ser mandado embora. Ele usou seu controle para rebobinar a ação de volta ao momento em que Lester Embree ficara à vista.

Talvez ele não apareça, Evers pensou. *Talvez não dê pra gravar fantasmas, assim como não dá para se ver vampiros pelo espelho*.

Só que Lester Embree apareceu nas arquibancadas—nas mais caras—e Evers subitamente se lembrou do dia no Colégio Fairlawn em que o velho Tigelinha estivera esperando perto do armário de Evers. Apenas vê-lo ali fez Evers querer correr e descer o sopapo nele. O escrotinho estava invadindo seu território, afinal. *Eles vão parar se você pedir*, Tigelinha dissera, naquela voz de taquara rachada dele. *Até Kaz vai parar*.

Ele estava falando de Chuckie Kazmierski, só que ninguém o chamava de Chuckie na época, e nem hoje em dia. Evers podia confirmar isso, porque Kaz era seu único amigo de infância que ainda era seu amigo. Ele vivia em Punta Gorda, e às vezes saiam juntos para uma partida de golfe. Apenas dois felizes aposentados, um divorciado, o outro viúvo. Eles recordavam muitas coisas—afinal, em que mais os velhos são bons?—mas fazia anos que eles não falavam sobre Tigelinha Embree.

Agora, Evers se perguntou o porquê. Vergonha? Culpa? Talvez por sua conta, mas não pela de Kaz. Como caçula de seis irmãos e o mais baixo dessa patota, Kaz teve que lutar por cada centímetro de respeito. Ele conquistou seu lugar no topo do jeito difícil, com socos e sangue, e ele tomou o desamparo de Lester Embree como um insulto pessoal. Ninguém nunca lhe dera uma folga, e agora este caipira chorão estava pedindo por um passe livre?

— Nada é de graça. — Kaz costumava dizer, balançando a sua cabeça, como se fosse uma triste verdade. — De algum jeito, de algum modo, alguém tem que pagar.

Kaz provavelmente nem se lembra, Evers pensou. *E nem eu me lembrava, até esta noite*. Esta era a noite das recordações. A coisa da qual ele mais se lembrava era os olhos suplicantes do garoto, naquele dia perto de seu armário. Grandes, azuis, e gentis. E daquela aduladora voz caipira, implorando, como se realmente estivesse em seu poder fazê-lo.

Ocê é o único que o Kaz e o resto escutam. Me dá uma folga, pur favor, eu dô dinheiro. Duas prata pur semana, é toda minha mesada. Eu só quero ficá em paz.

Por menos que quisesse, Evers se lembrava bem de sua resposta, dita num tom ridículo que imitava o sotaque do menino: *Se ocê quer ficá em paz, é só dá o fora daqui, Tigelinha. Eu num quero seu dinheiro, ele provavelmente tá cheio de germe de bicha*.

Como um leal tenente (não general, como Lester Embree presumira), Evers levara imediatamente o assunto a Kaz, enfeitando ainda mais a cena, rindo de sua própria imitação. Mais tarde, à sombra do mastro da bandeira, ele atiçou

Kaz do círculo nervoso que cercava a luta. Tecnicamente, não foi uma luta, porque Tigelinha nunca se defendeu. Encolheu-se ante o primeiro golpe, curvando-se no chão como uma bola, enquanto Kaz investia e o chutava à vontade. E então, como se estivesse cansado, Kaz montou nele, pegou seus pulsos, e puxou seus braços acima da cabeça. Tigelinha chorava, seus lábios partidos sopravam bolhas de sangue. No conflito, sua camisa listrada fora rasgada, a pele branquela de seu peito ficou à mostra através de um buraco do tamanho de um punho. Ele não resistiu enquanto Kaz soltava seus pulsos, agarrava os trapos de sua camisa com ambas as mãos, e a rasgava. O colarinho não cedia, e Kaz o arrancou por cima das orelhas de Tigelinha em três puxões violentos, então ficou de pé, e girou o trapo acima da cabeça como se fosse um laço antes de jogá-lo em Tigelinha, e ir embora. O que bestificou Evers, além da violência desencadeada e o estilo com o qual Kaz havia destruído seu oponente, foi a rapidez da coisa toda. No total, não levara mais do que dois minutos. Os professores sequer haviam aparecido ainda.

Quando o menino desapareceu uma semana mais tarde, Evers e seus colegas pensaram que ele havia fugido. A mãe de Tigelinha pensava diferente. Ele gostava de passear pela natureza, ela disse. Ele era um menino sonhador, poderia ter se perdido. Houve uma busca massiva nas florestas próximas, que incluíram equipes de cães de caça trazidas de Boston. Como eram Escoteiros, Evers e seus amigos também foram. Eles escutaram a comoção na barragem que ficava na ponta do Lago Marsden, e vieram correndo. Mais tarde, quando eles vissem a coisa sem olhos que foi retirada pingando do sangradouro, todos desejariam não ter vindo.

E agora, graças a só Deus sabe qual agência, aqui estava Lester Embree no Campo Tropicana, junto de outros torcedores, assistindo ao que acontecia na quarta base. Ele quase não tinha mais dedos, mas ainda parecia possuir os polegares. Assim como seus olhos e nariz. Bem, a maior parte do nariz. Lester olhava pela tela da televisão para Dean Evers, do mesmo modo como a Miss Nancy olhava através de seu espelho mágico naquele velho programa, *Romper Room*. “Travesso sapateado, doce buu”, Miss Nancy gostava de cantar naquela época. “Meu espelho mágico pode ver tu”.

Lester apontava com o toco de um dos dedos. A boca dele se mexia. Dizendo o quê? Evers só precisou assistir duas vezes para ter certeza: *Você me assassinou*.

— Não é verdade! — ele berrou ao menino da listrada camisa azul e vermelha. — Não é verdade! *Você caiu no Marsden! Você caiu no lago! Você*

caiu no lago e a maldita culpa foi só sua!

Ele desligou a televisão e foi para a cama. Ficou deitado por um tempo, tremendo loucamente, então se levantou e tomou dois Ambiens, empurrando-os garganta abaixo com a ajuda de um saudável gole de uísque. A combinação pílula-e-cachaça pelo menos pôs um fim na tremedeira, mas ele permaneceu acordado, mirando a escuridão com olhos que pareciam tão largos e macios quanto maçanetas de latão. Às três, ele virou o rádio-relógio para a parede. Às cinco, enquanto os primeiros traços do nascer do sol iluminavam as cortinas, um pensamento reconfortante lhe veio. Ele desejou poder compartilhar este pensamento com Tigelinha Embree, mas já que não podia, ele fez o melhor que pôde: pronunciá-lo alto.

— Se fosse possível voltar numa máquina do tempo e mudar as coisas idiotas que alguns de nós fizemos nas aulas de gramática e no colégio, Tigela, velho amigo, aquela bugiganga estaria reservada até o século vinte e três.

Exatamente. Não se podem culpar crianças. Adultos sim, mas crianças são estúpidas por natureza. Às vezes, malévolas por natureza também. Ele pareceu se lembrar de algo sobre uma menina na Nova Zelândia que havia espancado a melhor amiga de sua mãe com um tijolo até a morte. Ela havia acertado a pobre mulher cinquenta vezes ou mais com aquele velho tijolo, e quando a menina foi declarada culpada, ela foi para a cadeia por... o quê? Sete anos? Cinco? Menos? Quando saiu, ela foi para a Inglaterra e se tornou uma aeromoça. Eventualmente, ela se tornou uma romancista popular de histórias de mistério. Quem lhe contara tal história? Ellie, é claro. El sempre fora uma grande leitora de mistérios, sempre tentando—e quase sempre conseguindo—acertar o culpado.

— Tigela... — ele disse ao seu quarto clareado. — Você não pode me culpar. Eu alego imputabilidade reduzida. — isso o fez sorrir.

Como se só estivesse esperando por esta conclusão, outro pensamento reconfortante surgiu. *Não preciso assistir ao jogo de hoje à noite. Ninguém está me obrigando*.

Isso bastou para finalmente fazê-lo dormir. Ele acordou pouco depois do meio-dia; a primeira vez que dormira até tão tarde, desde a faculdade. Na cozinha, ele brevemente considerou comer farinha de aveia, mas então tentou fritar três ovos com manteiga. Ele teria misturado um pouco de bacon, se tivesse algum. Ele fez a melhor coisa mais próxima disto: adicionar o item à lista do supermercado presa ao refrigerador com um ímã de um pepino.

— Nada de jogos pra mim esta noite. — ele disse ao condomínio vazio — Eo creo eo vô...

Ele ouviu o que sua voz estava fazendo e parou, espantado. Ocorreu-lhe que ele poderia não estar sofrendo de demência ou Alzheimer precoce; ele poderia estar tendo aquela crise nervosa esperta de sempre. Pareceu-lhe uma explicação perfeitamente razoável para os eventos recentes, mas sabedoria é poder. Se você sabe o que estava acontecendo, dava pra parar, certo?

— Creio que vou ao cinema. — disse em sua própria voz. Calmamente. Sensatamente. — Foi tudo o que eu quis dizer.

No fim, ele desistiu do filme. Embora houvesse vinte cinemas na área imediata, ele não encontrou nada que quisesse assistir em nenhum deles. Em vez disso, ele foi ao Publix, onde comprou uma cesta cheia de mantimentos (incluindo uma libra do bom bacon de pimenta fatiado que Ellie amava). Ele foi até a fila dos dez-itens-ou-menos, viu que a garota na registradora usava uma camisa dos Rays com o número 20 de Matt Joyce nas costas, e voltou-se para um das outras filas comuns. Isso demorou mais, mas ele disse a si mesmo que não se importava. Ele também disse a si mesmo que não estava pensando em alguém cantando o hino nacional no estádio neste exato momento. Ele pegou a nova brochura de Harlan Coben, um pequeno bacon literário para acompanhar a variedade literária. Ele a leria esta noite. Beisebol não seria capaz de peitar o terror suburbano patenteado de Coben, nem mesmo quando era Jon Lester jogando contra Matt Moore. E pra começo de conversa, como ele havia se interessado por um esporte tão lento e monótono?

Ele guardou suas compras e sentou-se no sofá. O livro de Coben era ótimo, e ele foi tragado imediatamente. Evers ficou tão imerso que nem percebeu quando pegou o controle remoto da TV, mas ao chegar ao fim do capítulo seis e decidir dar uma pausa para comer um bolinho de limão, viu que a bugiganga estava bem ali, em sua mão.

Não vai doer dar uma checada no placar, pensou. *Só uma espiadinha, e aí eu desligo*.

Os Rays ganhavam de um a zero no oitavo tempo, e Dewayne Staats estava tão excitado que gaguejava.

— Não quero falar sobre o que está acontecendo com Matt Moore esta noite, pessoal—sou da velha guarda—mas vamos apenas dizer que as bases têm estado desprovidas de vermelhinhos.

Ganhando de zero, Evers pensou. *Moore está ganhando de zero e eu estou perdendo.*

A câmera se aproxima de Moore. Ele está suando, mesmo com os constantes 22 graus no estádio. Ele começa a correr, a tela muda para a quarta

base, e lá, na terceira fila, está a esposa morta de Dean Evers, usando os mesmos tênis brancos do dia em que tivera seu primeiro derrame. Ele teria reconhecido aqueles cadarços azuis em qualquer lugar.

Ellie estava muito bronzeada, como sempre costumava ficar nesta época do verão, e como sempre ela mal estava prestando atenção no campo, ela ignorava o jogo inteiramente, cutucando, em vez disso, seu iPhone. Por um momento distraído, Evers se perguntou para quem ela estava mandando mensagem—para alguém aqui, ou para alguém na pós-vida?—quando, em seu bolso, seu celular começou a vibrar.

Ela levantou o telefone até o ouvido e lhe deu um breve aceno.

Atenda, sua boca disse, e ela apontou para o telefone.

Evers balançou a cabeça lentamente.

Seu telefone vibrou novamente, como um pequeno choque aplicado em sua coxa.

— Não. — disse para TV, e pensou, logicamente: *Ela pode simplesmente deixar uma mensagem*.

Ellie agitou o telefone em sua direção.

— Isto está errado. — disse. Porque Ellie não era como Tigela Embree ou Lennie Wheeler, ou o Jovem Dr. Young. Ela o amava—disto Evers tinha certeza —e ele a amava. Quarenta e seis anos significavam alguma coisa, especialmente hoje em dia.

Ele examinou seu rosto. Ela parecia estar sorrindo, e embora não tivesse um discurso preparado, ele imaginou que iria querer lhe dizer o quanto sentia sua falta, como seus dias eram, e como ele desejava estar mais próximo de Pat, Sue, seus netos, porque, de fato, não havia ninguém mais com que ele pudesse conversar.

Ele pescou o telefone do bolso. Embora houvesse desativado a conta dela há meses, o número que apareceu era o dela.

Na TV, Moore caminhava por trás do montinho, fazendo malabarismo com o saquinho de resina com as costas da mão.

E então, lá estava ela, logo atrás de David Ortiz, segurando o fone.

Ele apertou FALAR.

— Alô? — ele disse.

— Finalmente. — ela disse. — Por que não atendeu?

— Eu não sei. É meio estranho, não acha?

— O que é estranho?

— Não sei. Você não estar aqui e tudo mais.

— Morta, você quer dizer. Eu estando morta.

— Isso.

— Então não quer falar comigo porque eu estou morta.

— Não. — ele disse. — Sempre quero falar com você. —sorriu—ou ao menos achou que estivesse sorrindo. Ele teria que se olhar no espelho para ter certeza, porque sua cara parecia estar congelada. — Você é querida, meu doce, viva ou morta.

— Tão mentiroso. Isso é uma coisa que eu sempre odiei em você. E foder Martha, é claro. Nunca fui muito fã desse fato, tampouco.

O que poderia dizer a isso? Nada. Então, ele ficou sentado, em silêncio.

— Achou que eu não soubesse? — ela disse. — Outra coisa que odiava em você, achar que eu não sabia o que estava acontecendo. Era tão óbvio. Algumas vezes você voltava para casa ainda fedendo ao perfume dela. Juicy Couture. Não era o mais súbito dos odores. Mas enfim, você nunca foi o cara mais súbito, Dean.

— Sinto sua falta, El.

— Tá, sim. Também sinto a sua. Mas não é esse o ponto.

— Eu te amo.

— Pare de tentar apertar meus botões, está bem? Eu preciso fazer isto. Eu nunca disse nada antes porque queria manter todos juntos e fazer tudo funcionar. Essa sou eu. Ou era, de qualquer forma. E eu consegui. Mas você me magoou. Você me *cortou*.

— Sinto mui...

— Por favor, Dean. Só me restam alguns minutos, então pelo menos uma vez na sua vida, cale a boca e escute. Você me magoou, e não foi só com Martha. E embora eu tenha certeza que Martha foi a única com quem você dormiu...

Aquela ferroada.

— É claro que ela foi...

— ...não espere nenhum ponto por isso. Você não teve tempo de me trair com outra pessoa fora da companhia porque você estava sempre lá. Até mesmo quando estava aqui, você estava lá. Eu entendia isso, e talvez fosse minha culpa por ficar calada, mas não era justo com Patrick. Você se pergunta o motivo de nunca vê-lo, é porque nunca esteve lá para ele. Sempre estava em Denver, ou Seattle em alguma reunião de vendas, ou coisa assim. O egoísmo é um comportamento que se aprende, sabe.

A crítica que Evers escutara tantas vezes antes, de tantas formas. Sua atenção enfraqueceu. Moore fizera 3 a 2 em Papi. *Desprovido*, Staats dissera.

Seria possível que Matt Moore estivesse mesmo fazendo um jogo perfeito?

— Você estava sempre preocupado demais com o que estava fazendo, e não o bastante com o resto de nós. Achava que trazer bacon pra casa era o bastante.

Eu trouxe, ele quase lhe disse. *Eu trouxe bacon pra casa. Hoje mesmo.*

— Dean? Está me escutando? Entende o que estou lhe dizendo?

— Sim. — Evers disse, bem na hora em que o lançamento de Moore alcançava o canto exterior e o árbitro apitava na cara de Ortiz. — *Sim!*

— Conheço esse sim! Maldito seja, você está assistindo o jogo idiota?

— É claro que eu estou assistindo o jogo. — embora agora estivesse passando um comercial de caminhões. Um homem sorridente—que sem dúvida sabia como conseguir as coisas—dirigia pela lama numa velocidade suicida.

— Eu não sei por que liguei. Você não tem jeito.

— Não. — Evers disse. — Sinto sua falta.

— Jesus, por que eu sequer me importo? Esqueça. Adeus.

— Não! — ele disse.

— Eu tentei ser boazinha—essa é a história da minha vida. Tentei ser boazinha e veja aonde cheguei. Pessoas como você devoram os bonzinhos. Adeus, Dean.

— Eu te amo. — ele repetiu, mas ela se fora, e quando o jogo voltou, uma mulher com um chapéu brilhante estava no lugar de Ellie. A mulher com o chapéu brilhante era uma velha conhecida do Campo Tropicana. Às vezes o chapéu era azul, às vezes verde, mas era sempre brilhante. Provavelmente para que o pessoal em casa pudesse reconhecê-la. Como se houvesse captado o pensamento, ela acenou. Evers acenou de volta.

— É isso aí, sua puta, eu to te vendo. Você, está na TV, vaca, bom trabalho pra caralho.

Ele se levantou e se serviu com uísque.

No nono tempo, Ellsbury rebateu uma bola inteligente pela direita, e o público se levantou e aplaudiu Moore por seu esforço. Evers desligou o jogo e sentou-se ante a tela escura, ruminando o que Ellie dissera.

Diferentemente das acusações de Tigelinha Embree, as de Ellie eram verdadeiras. *Em sua maior parte*, ele corrigiu, então mudou para *parcialmente verdadeiras*. Ela o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo—neste ou em qualquer outro—mas nunca esteve disposta a lhe dar os créditos que ele merecia. Ele fora, afinal de contas, aquele que pusera a comida na geladeira por todos esses anos, e bacon da melhor qualidade. Foi ele também que *pagou*

pelo refrigerador—um Sub-Zero top de linha, muito obrigado. Ele pagou pelo Audi dela. E pelos tênis esportivos. E a massagem terapêutica. E por todas aquelas coisas que ela comprou nos catálogos. E, ei, não vamos nos esquecer da faculdade de Patrick! Evers precisou de uma combinação de bolsas, empréstimos, e bicos de merda no verão para passar pela escola, mas Patrick ganhara tudo de mão beijada de seu velho. O velho para quem ele estava ocupado demais para ligar estes dias.

Ela volta dos mortos, e pra quê? Para reclamar. E faz isso no maldito iPhone que eu comprei.

Ele pensou num velho ditado e desejou poder ter citado-o para Ellie enquanto ainda tinha chance: “Dinheiro não compra felicidade, mas permite aguentar a infelicidade com relativo conforto”.

Isso poderia tê-la feito calar a boca.

Quanto mais ele pensava em sua vida junto com ela—e não há nada como falar com sua esposa morta, enquanto a vê num assento de estádio, para fazê-lo pensar em tais coisas—mais pensava que embora não houvesse sido perfeito, ele não fora ruim. Ele a amava, e amava Patrick, e ele sempre tentara ser bom com eles. Havia trabalhado duro para lhes dar tudo o que ele nunca tivera, achando que estava fazendo a coisa certa. Se isso não fora o bastante, não havia nada que ele pudesse fazer agora. E quanto à coisa com Martha... alguns tipos de foda não tinham qualquer significado. Os homens entendiam isso—*Kaz* certamente teria entendido—mas as mulheres não.

Na cama, caindo numa abençoada escuridão que era três partes Ambien e duas partes uísque, ocorreu-lhe que a queixa de Ellie fora estranhamente libertadora. Quem mais eles (quem quer que fossem) poderiam mandar para acossá-lo? Quem poderia fazê-lo se sentir pior? Sua mãe? Seu pai? Ele os amara, mas não tanto quanto Ellie. Srta. Pritchett? Tio Elmer que costumava lhe fazer cócegas até ele molhar as calças?

Aconchegando-se mais nos cobertores, Evers deu uma risada. Não, o pior já passara. E embora houvesse outra grande partida amanhã à noite no Tropicana—Josh Beckett contra James Shields—ele não tinha que assistir. Seu último pensamento foi que de agora em diante, ele teria mais tempo para ler. Lee Child, talvez. Ele pretendera ler alguns dos livros de Lee Child.

Mas antes, ele tinha que terminar o de Harlan Coben. Passou a tarde perdido nos subúrbios esverdeados e implacáveis. Enquanto o sol se punha noutro domingo de St. Petersburg, ele se encontrou nas últimas cinquenta páginas, lendo à toda velocidade. Foi neste momento que seu telefone vibrou.

Ele pegou o celular cautelosamente—do modo como um homem manuseia uma ratoeira ativada—e olhou no visor. O que ele viu o aliviou. A chamada era de Kaz, e a não ser que seu velho amigo houvesse sofrido um ataque do coração (não inteiramente fora de questão; ele estava bem acima do peso), ele estava ligando de Punta Gorda, e não da pós-vida.

Ainda assim, Evers foi cauteloso; dado aos eventos recentes, ele tinha toda razão de ser.

— Kaz, é você?

— E quem mais poderia ser? — Kaz explodiu. Evers fez uma careta e afastou o telefone da orelha. — Barack Fodama?

Evers riu debilmente.

— Não, eu só...

— Porra, Dino Martino! Você é um safado, cara! Assentos na fileira da frente, e você nem me ligou?

De muito longe, Evers ouviu-se dizer: “Eu só tinha um ingresso”. Ele olhou para seu relógio. Oito e vinte. Já devia estar no segundo tempo agora—a não ser que a partida entre os Rays e os Red Sox fosse domingo à noite.

Ele alcançou o controle remoto.

Kaz, enquanto isso, ria. O riso era igual ao daquele dia no pátio do colégio. Fora mais fino na época, mas tirando isso era exatamente o mesmo. *Ele* era exatamente o mesmo. Era um pensamento deprimente.

— É, eu só estou enchendo seu saco caído. Como está a vista daí?

— Ótima. — Evers disse, apertando o botão de ligar no controle. Na Fox 13 estava passando um filme antigo com Bruce Willis explodindo tudo. Ele mudou para o canal 29, e veio a ESPN. Shields estava lidando com Dustin Pedroia, o segundo na fila dos Sox. O jogo acabara de começar.

Estou condenado ao beisebol, Evers pensou.

— Dino? Terra para Dino Martino! Ainda está aí?

— Estou. — ele disse, e aumentou o volume. Pedroia girou o bastão e errou. O público rugiu; aqueles irritantes sinos de vaca, que os torcedores dos Rays usavam, badalaram com fervor maníaco. — Pedie acabou de errar.

— Não brinca. Não sou cego, Stevie Wonder. Os torcedores dos Rays estão com toda, hein?

— Pode crer. — Evers disse, vaziamente. — Bela noite pra se jogar.

Agora, Adrian Gonzales entrava no jogo. E lá, sentado na primeira fila, logo atrás da tela, fazendo uma decente imitação de velho migrante brincando de anos dourados na Flórida, estava Dean Patrick Evers.

Ele estava usando um ridículo dedo de espuma, e embora não pudesse ler, nem mesmo em HD, ele sabia o que estava escrito: RAYS SÃO Nº 1. O Evers de casa mirou o Evers atrás da base com o telefone contra o ouvido. O Evers do estádio mirou de volta, segurando o mesmo telefone na mão que não estava ocupada com o dedo de espuma. Com um senso de ultraje que nem mesmo seu espanto poderia suavizar completamente, ele viu que o Evers do Estádio usava uma camisa dos Rays.

Nunca, ele pensou. *Essas são as cores de um traidor*.

— Aí está! — Kaz berrou, exultantemente. — Dá um aceno, amigão!

Evers do Estádio levantou o dedo de espuma e acenou solenemente, como um para-brisa supercrescido. Evers de Casa, no piloto automático, fez a mesma coisa com a mão livre.

— Adorei a camiseta, Dino. — Kaz disse. — Vê-lo com as cores dos Rays é como ver os peitos da Doris Day. — ele relinchou.

— Eu tive que vestir. — Evers disse. — O cara que me deu o ingresso insistiu. Escuta, eu preciso ir. Quero pegar uma cerveja e um—ohmeudeus, lá vai ela!

Gonzo lançara uma bola longa, alta, e em profundidade.

— Beba uma por mim! — Kaz berrou.

Na cara TV de Evers, Gonzalez voou pelas bases. Enquanto assistia, Evers subitamente entendeu o que precisava fazer. Só havia uma maneira de pôr um fim a esta piada cósmica. Na noite de domingo, o centro de St. Pete estaria deserto. Se ele tomasse um táxi, poderia chegar ao Tropicana ao fim do segundo tempo. Talvez até mais cedo.

— Kaz?

— Sim, amigão?

— Deveríamos ter sido gentis com Lester Embree, ou deixá-lo em paz.

Ele apertou o FIM antes que Kaz pudesse responder. Desligou a TV, então foi até o quarto, batalhou através das camisetas dobradas no seu armário e achou sua amada camisa de Curt Schilling, aquela com a meia ensanguentada na frente e o POR QUE NÃO NÓS? nas costas. Schilling fora O Cara, não tinha medo de nada. Quando o Evers com a camisa dos Rays o visse com esta aqui, ele desapareceria como o pesadelo que era, e tudo isto acabaria.

Evers vestiu a camisa e chamou o táxi. Havia um nas proximidades que acabara de deixar um passageiro, e as ruas estavam tão desertas quanto Evers havia esperado. O jogo estava passando no rádio do táxi. Os Sox continuavam a rebater na última metade do segundo tempo quando ele encostou perto do portão

principal.

— Cuidado pra não te acertarem o nariz. — o taxista disse. — Sox e Rays, é um ingresso bem quente.

— Tenho um lugar logo atrás da quarta base. — Evers disse. — Pare em algum lugar onde estejam exibindo o jogo, pode ser que você me veja. Procure pela camisa com a meia ensanguentada.

— Ouvi dizer que a companhia de jogos de videogames daquele babaca faliu. — o taxista disse, enquanto Evers passava uma nota de dez. Ele olhou, viu que Evers ainda estava sentado no banco traseiro com a porta aberta, e relutantemente devolveu o troco. Dele, Evers lhe passou um único simoleon amarrotado.

— Um cara que se senta na fileira da frente deveria poder dar gorjetas melhores. — o taxista resmungou.

— Um cara com metade do cérebro na cabeça deveria manter a boca calada quanto ao Grande Schill. — Evers disse. — Se ele quiser uma gorjeta melhor, é claro. — ele saiu, bateu a porta e seguiu em direção à entrada.

— *Vá se foder, Boston!* — o taxista berrou.

Sem se virar, Evers ergueu o dedo do meio—o real, não o de espuma.

O pátio, com suas palmeiras acesas como árvores de Natal no Havaí, estava completamente vazio, o som da multidão dentro do estádio era como uma onda abafada. Todos os ingressos haviam sido vendidos, era o que dizia as placas acima das janelinhas das cabines de venda. Só havia uma única janelinha ainda aberta, lá no fim; a dos que haviam comprado pelo telefone.

Sim, Evers pensou, *tinha que ser pelo telefone, não é?*

Ele foi até lá, a passo de tartaruga.

— Posso ajudá-lo, senhor? — a bela agente dos ingressos perguntou, e era Juicy Couture que ela estava usando? Certamente que não. Ele se lembrou de Martha dizendo, *É o meu perfume de puta. Eu só o uso pra você*. Ela estivera disposta a fazer coisas que Ellie nem sonharia, coisas das quais ele sempre se lembrava nas horas erradas.

— Posso *ajudá-lo*, senhor?

— Desculpe. — Evers disse. — Tive um breve momento de velhice.

Ela sorriu por obrigação.

— Acaso você tem um ingresso para Evers? Dean Evers?

Não houve hesitação, nada de vasculhar dentro de uma caixa inteira de envelopes, porque só sobrara um. Tinha o nome dele. Ela o passou através da abertura no vidro.

— Divirta-se no jogo.

Ele foi até o Portão A, abrindo o envelope e tirando o ingresso. Um pedaço de papel encontrava-se anexado, havia apenas cinco palavras abaixo da logomarca dos Rays: COM OS CUMPRIMENTOS DA GERÊNCIA. Trotou vividamente pela rampa e passou o ingresso para um bilheteiro rabugento que estava lá, assistindo Elliot Johnson mergulhar contra Josh Beckett. Na melhor das hipóteses, o velhote era meio século mais velho do que seus empregados. Como tantos de sua raça, ele não estava com pressa. Era uma das razões pela qual Evers não dirigia mais.

— Belo assento. — o bilheteiro disse, erguendo as sobrancelhas. — O melhor da casa. E chegou atrasado. — balançou a cabeça, reprovadoramente.

— Teria chegado antes. — Evers disse. — Mas minha esposa morreu.

O bilheteiro congelou no ato de se virar com o ingresso de Evers.

— Te peguei. — Evers disse, sorrindo e apontando uma arma de dedos marota. — Nunca falha.

O bilheteiro não pareceu divertido.

— Siga-me, senhor.

Descendo e descendo os degraus eles seguiram. O bilheteiro estava em pior forma do que Evers, cheio de caroços e manchas na pele, e pela hora em que alcançaram a fileira da frente, Johnson já havia voltado para o banco de reservas, vítima de um *strikeout*. O assento de Evers era o único vazio—não exatamente vazio. Reclinado contra o encosto, estava um enorme dedo azul de espuma que blasfemava: RAYS SÃO Nº 1.

Meu assento, Evers pensou, e enquanto ele pegava o dedo ofensivo e se sentava, viu, com apenas um pouco de surpresa, que ele já não mais estava vestindo sua sagrada camisa de Schilling. Em algum momento entre o táxi e este ridículo poleiro acolchoado do Capitão Kirk, ela fora substituída pela camiseta turquesa dos Rays. E embora ele não pudesse ver as costas, sabia o que estava escrito: MATT YOUNG.

— Jovem Matt Young. — ele disse, uma piada que seus vizinhos—nenhum dos quais conseguiu reconhecer—ignoraram prontamente. Ele girou, procurando na seção por Ellie, Tigelinha Embree e Lennie Wheeler, mas tudo era apenas uma mistura de torcedores anônimos dos Rays e dos Sox. Sequer achou a moça do chapéu brilhante.

Entre os arremessos, enquanto se virava tentando ver atrás de si, o cara à sua direita cutucou o braço de Evers e apontou para o telão, bem a tempo dele flagrar uma versão grotescamente ampliada de si mesmo se virando.

— Você perdeu sua imagem no telão. — o cara disse.

— Está tudo bem. — Evers disse. — Tenho aparecido na TV demais ultimamente.

Antes que Beckett pudesse se decidir entre uma bola rápida e uma deslizante, o telefone de Evers vibrou em seu bolso.

Não se pode nem assistir ao jogo em paz.

— Alôu. — ele disse.

— Com quem eu to falando? — a voz de Chuckie Kazmierski era alta e truculenta, sua voz de estou-pronto-pra-cair-na-porrada. Evers a conhecia muito bem, ele a ouvira constantemente ao longo dos anos que se esticavam desde o Colégio Fairlawn até seu assento no Estádio Tropicana, onde a luz estava sempre desbotada e as estrelas nunca apareciam. — É você, Dino?

— Quem mais? Bruce Willis? — a bola de Beckett foi baixa e muito longe. O público tocou seus sininhos idiotas.

— Dino Martino, certo?

Jesus, Evers pensou, *a seguir ele perguntará quem está na primeira, e eu estarei dizendo o que está na segunda*.

— Sim, Kaz, o artista anteriormente conhecido como Dean Patrick Evers. Comemos cola na segunda série lembra? Provavelmente cola demais.

— *É* você! — Kaz gritou, fazendo Evers arrancar o telefone da orelha. — Eu *disse* àquele tira que ele tava cheio de merda! Detetive Kelly, meu rabo.

— Do que diabos está falando?

— Um espertinho fingindo ser policial, é disso que estou falando. Eu sabia que não poderia ser verdade, ele soava oficial pra caralho.

— Huh. — Evers disse. — Um oficial oficial, imagine só.

— O cara me diz que cê tá morto, então eu falo, se ele tá morto, como é que eu acabei de falar com ele pelo fone? E o policial—o tão *denominado* policial—ele diz, acho que está enganado, senhor. Você deve estar falando de outra pessoa. E *eu* digo, como é que o vi agora mesmo na TV no jogo dos Rays? E o tão denominado policial diz, ou você viu alguém que se parecia com ele, ou alguém que se parece com ele está morto no apartamento dele. Dá pra acreditar nesta merda?

Beckett lançou uma pra fora da base. Ele estava em todo lugar. A multidão estava adorando.

— Se não foi um trote, acho que alguém cometeu um grande erro.

— Você *acha*? — Kaz produziu a risada que era sua marca registrada, baixa e rouca. — Especialmente uma vez que estou falando com você agora, né,

cacete.

— Você ligou para ter certeza de que eu estava vivo, hein?

— É. — agora que ele estava se acalmando, Kaz parecia intrigado.

— Diga-me uma coisa—se eu houvesse morrido mesmo, você teria deixado uma mensagem de voz?

— O quê? Jesus, eu não sei. — Kaz pareceu mais intrigado do que nunca, mas não havia nenhuma novidade nisso. Ele sempre estivera intrigado. Por eventos, por outras pessoas, provavelmente por seu próprio coração batendo. Evers supôs que isso era parte da razão pela qual ele estava sempre tão irritado. Mesmo quando não estava irritado, ele estava *pronto* pra ficar irritado.

Estou falando dele no passado, Evers percebeu.

— O cara com quem eu conversei falou que te encontraram no seu apartamento. Também disseram que você já estava morto há algum tempo.

O cara ao lado de Evers o cutucou novamente.

— Cê tá bem na fita, colega. — ele disse.

No telão, chocante em familiaridade caseira, estava o quarto escurecido de Evers. No meio da cama que ele compartilhara com Ellie, do tipo casal que era agora grande demais para ele, Evers jazia imóvel e pálido, seus olhos estavam entreabertos, seus lábios arroxeados, sua boca era um buraco teso. Espuma havia secado, como velhas teias de aranha, em seu queixo.

Quando Evers se voltou para o seu vizinho de assento, querendo confirmar o que estava vendo, o assento ao seu lado—a fila, a seção, o estádio Tropicana inteiro—estava vazio. Ainda assim, os jogadores continuavam a jogar.

— Eles disseram que você se matou.

— Eu não me matei. — Evers respondeu, e pensou: *Aquele maldito Ambien fora da validade. E talvez misturá-lo com uísque não tenha sido lá uma boa ideia. Quanto tempo faz? Desde sexta à noite?*

— Eu sei, não é algo que você faria.

— Então, está assistindo ao jogo?

— Eu desliguei. A porra do policial—aquele bunda mole escroto—me deixou puto da vida.

— Ligue de novo. — Evers disse.

— Certo. — Kaz disse. — Deixe-me pegar o controle.

— Sabe, deveríamos ter sido mais gentis com Lester Embree.

— Ondas passadas, velho amigo. Ou águas passadas. Ou qualquer que seja essa porra de ditado.

— Talvez não. De agora em diante, não seja tão irritado. Tente ser mais

gentil com as pessoas. Tente ser mais gentil com todo mundo. Faça isso por mim, está bem, Kaz?

— O que diabos há de errado com você? Você está parecendo a porra de um cartão do Dias das Mães.

— Suponho que sim. — Evers disse. Ele achou tal ideia muito triste, de algum modo. No montinho, Beckett esperava o sinal.

— Ei, Dino! Aí está você! Você com certeza não *parece* morto. — Kaz liberou seu velho cacarejo enferrujado.

— Eu não sinto que estou.

— Fiquei com medo por um minuto. — Kaz disse. — Aquele escroto da porra. Imagino onde ele conseguiu meu número.

— Não sei. — Evers disse, examinando o estádio vazio. Mas é claro que sabia. Depois da morte de Ellie, das nove milhões de pessoas em Tampa — St.Pete, Kaz era a única que ele podia pôr como um contato de emergência. E essa ideia o deixou ainda mais triste.

— Tudo bem, amigão, vou deixá-lo voltar ao jogo. Talvez joguemos golfe na próxima semana se não chover.

— Veremos. — Evers disse. — Fique frio, Kazzie, e...

Kaz se juntou a ele, e eles entoaram a última frase juntos, como sempre fizeram tantas e tantas vezes: "*Não deixe os bastardos te botarem pra baixo!*".

E foi só, estava acabado. Sentiu as coisas se moverem novamente, uma algazarra atrás dele, captada por sua visão periférica. Ele olhou em volta, com o telefone na mão, e viu o bilheteiro manchado tremulamente levar Tio Elmer e Tia June escada abaixo, e várias garotas com quem ele havia saído na escola, incluindo uma que estivera semiconsciente—talvez *inconsciente* fosse algo mais próximo da verdade—quando ele a traçou. Atrás delas, veio a Srta. Pritchett com seu cabelo solto, a Sra. Carlisle da farmácia, e os Jansens, seus velhos vizinhos dos quais ele havia roubado garrafinhas descartáveis. Do outro lado, como se fosse uma excursão empresarial, um segundo bilheteiro, igualmente velho, preenchia as fileiras no topo da seção com empregados da Speedy, um número deles vestia seus uniformes azuis. Ele reconheceu Don Blanton, que fora interrogado por pornografia infantil no meio dos anos noventa, e se enforcara em sua garagem, em Malden. Evers se lembrava do quão chocado ficara, tanto pela ideia de alguém que conhecia possivelmente estar envolvido com pornografia infantil, quanto pela ação final de Don. Ele sempre gostara do cara, e não quisera demiti-lo, mas com aquele tipo de acusação flutuando acima da cabeça, o que mais ele poderia fazer? A reputação dos empregados de uma companhia era

parte de sua hierarquia.

Ele ainda tinha alguma bateria sobrando. *Que diabos*, ele pensou. Era um grande jogo. Eles provavelmente o estariam assistindo no Cabo.

— Oi, pai. — Pat respondeu.

— Está assistindo ao jogo?

— As crianças estão. Os adultos estão jogando cartas.

Ao lado do primeiro bilheteiro, estava a filha de Lennie Wheeler, ainda em seu véu e vestido negro de crepe. Apontou como um espectro negro para Evers. Ela havia perdido toda sua gordura infantil, e Evers se perguntou se isso havia acontecido antes ou depois de sua morte.

— Dá uma olhada no jogo, filho.

— Espere. — Pat disse, seguido por um arrastar de cadeira. — Certo, estou assistindo.

— Logo atrás da quarta base, na fileira da frente.

— O que estou procurando?

Evers ficou de pé atrás da rede e acenou com seu dedo de espuma azul.

— Consegue me ver?

— Não, onde você está?

O Jovem Dr. Young desceu a íngreme escada coxeando com sua perna ruim, usando os bancos para se equilibrar. Em seu avental, como se fosse uma medalha cor de café, estava uma mancha de sangue seco.

— Pode me ver agora? — Evers tirou o telefone do ouvido e acenou com ambos os braços acima da cabeça, como se estivesse sinalizando para um trem. O dedo grotesco foi para frente e para trás.

— Não.

Então, não.

O que era bom. Na verdade, era melhor assim.

— Seja bom, Patty. — Evers disse. — Eu te amo.

Apertou FIM enquanto, por todo estádio, as seções eram preenchidas. Não conseguia ver quem havia vindo passar a eternidade com ele no céu dos amendoins, ou pelos cantos longínquos do campo, mas os assentos chiques estavam sendo ocupados depressa. Lá vinham os bilheteiros com as sobras cambaleantes e despedaçadas de Tigelinha Embree, e depois sua mãe, exausta depois de um turno duplo, Lennie Wheeler em seu terno de risca do funeral, Vovô Lincoln, com sua bengala, Martha e Ellie, e sua mãe e seu pai, e todas as pessoas com quem ele fora injusto em toda sua vida. Enquanto eles enchiam sua fileira em ambos os lados, ele enfiou o telefone no bolso e sentou-se de novo,

tirando o dedo de espuma ao fazê-lo. Ele o colocou no assento agora desocupado à sua esquerda. Guardando-o para Kaz. Porque tinha certeza de que Kaz iria se juntar a ele eventualmente, depois de vê-lo na TV, e ligar para ele. Se Evers aprendera qualquer coisa sobre como isto funcionava, era que ambos ainda não haviam terminado de conversar.

Uma ovação irrompeu, e os sininhos badalaram. Os Rays ainda estavam rebatendo. Perto da linha ocidental do campo, embora fosse cedo demais, algum boca de caçapa estava provocando a torcida para que ela começasse uma ola. Como sempre, quando distraído da ação, Evers checava o placar para se atualizar. Era apenas o terceiro tempo, e Beckett já havia jogado sessenta bolas. Do jeito que as coisas iam, este seria um longo jogo.

Batman e Robin Se Metem Numa Briga

(*Batman and Robin Have an Altercation*, 2012)

SANDERSON VÊ SEU PAI DUAS VEZES POR SEMANA. Nas noites de quarta-feira, após fechar a joalheria que seus pais abriram há muito tempo, ele dirige cinco quilômetros até a Mansão Pipoca Doce, e vê papai lá, normalmente na sala comunal. Em sua "suíte", se Papai estiver tendo um dia ruim. Na maioria dos domingos, Sanderson o leva para almoçar. A instalação onde Papai vive seus enevoados anos finais é, na verdade, chamada de Unidade de Tratamento Especial Harvest Hill, mas para Sanderson, Mansão Pipoca Doce combina mais.

O tempo que passam juntos não é tão ruim, e não apenas porque Sanderson já não mais precisa trocar a cama do velho quando ele mija nela, ou se levantar no meio da noite quando Papai sai passeando pela casa, gritando para que sua esposa lhe faça ovos mexidos ou dizendo a Sanderson que aqueles malditos garotos dos Fredericks estão no quintal, bebendo e berrando (Dory Sanderson está morta há quinze anos, e os garotos Fredericks, não mais garotos, se mudaram há muito tempo). Há uma velha piada sobre Alzheimer: A boa notícia é que você conhece pessoas novas todos os dias. Sanderson descobriu que a verdadeira boa notícia é que o roteiro raramente muda.

O Applebee's, por exemplo. Embora eles almocem aos domingos no mesmo lugar há quase três anos, Papai quase sempre diz a mesma coisa: "Este lugar não é tão ruim. Devemos voltar aqui novamente". Ele sempre come bife talhado ao ponto, e quando o pudim de pão chega, sempre diz a Sanderson que o pudim da esposa é melhor. No ano anterior, pudim de pão estava fora do cardápio do Applebee's, então Papai—após ter as escolhas de sobremesa lidas quatro vezes por Sanderson, e ficar pensando por intermináveis dois minutos—pediu o bolo de maçã. Quando chegou, ele disse que Dory servia o dela com mais creme. Então, ele simplesmente ficou lá sentado, olhando através da janela para a calçada. Na vez seguinte, ele fez a mesma observação, mas comeu o bolo até a última migalha.

Ele normalmente se lembra do nome de Sanderson e seu parentesco, mas, às vezes, ele o chama de Reggie, que morreu há quarenta e cinco anos. Quando Sanderson leva seu pai de volta à Mansão Pipoca Doce, seu pai invariavelmente o agradece, e promete que da próxima vez ele estará se sentindo melhor.

Em sua juventude—antes de conhecer Dory Levin, que o transformou numa pessoa civilizada—ele trabalhava nos campos de petróleo do Texas e, de vez em quando, ele volta a ser esse homem, alguém que nunca teria sonhado em

se tornar um vendedor de joias bem sucedido de San Antonio. Quando acontece, ele está apto a ficar “pê da vida”, como os enfermeiros da Mansão dizem (Sanderson inclusive já viu o termo na ficha de seu pai), e usar uma linguagem não apropriada para a sala comunal—ou para o Appelebee’s, se for o caso. Então, ele é confinado em sua suíte. Numa ocasião, ele virou a cama e pagou seu esforço com um pulso quebrado. Quando o enfermeiro de plantão—Jose, o favorito de Papai—perguntou por que ele tinha feito aquilo, Papai disse que foi porque aquele escroto do Gunton não baixava o rádio. Não há Gunton, é claro. Não agora. Em algum lugar do passado, talvez.

Ultimamente, todo o tipo de coisa tem aparecido no quarto de Papai: vasos, prataria (na verdade, os talheres são feitos de plástico) da sala de jantar, onde os pacientes, que estão bem o bastante para escolher coisas do self-service, tomam café da manhã e almoçam; o controle da televisão da sala comunal. Uma vez, Jose descobriu uma caixa de cigarros El Producto com várias peças de quebra-cabeça enfiadas, e oitenta ou noventa cartas de baralho, sob a cama de Papai. Ele não pode contar a ninguém, incluindo seu filho, por que ele pega essas coisas, e normalmente nega—com gentil confusão, que é certamente genuína—que ele, de fato, as pegou. Certa vez, ele contou a Sanderson que Gunderson estava tentando metê-lo numa encrenca.

— Você quis dizer Gunton, Papai? — Sanderson perguntou.

Papai gesticula com sua mão ossuda, num gesto de “tanto faz”.

— Tudo o que aquele cara sempre quis foi uma boceta. — disse. — Ele era o prefeito tarado da Bocetolândia.

Mas a fase cleptomaníaca parece estar passando—é isso o que Jose diz, de qualquer forma—e neste domingo, seu pai está calmo o bastante. Este não é um de seus dias de lucidez, mas não é um dos realmente ruins, tampouco. É bom o suficiente para irem ao Applebee’s, e se eles atravessarem a tarde sem qualquer acidente, tudo ficará bem. Ele usa calças contra incontinência, mas é claro que há um cheiro ruim. Por esta razão, Sanderson sempre os leva para a mesa do canto. Isso não é um problema; eles comem às duas, e a esta hora o pessoal que sai da igreja já voltou para casa, para assistir beisebol ou futebol na TV.

— *Quem é você?* — Papai pergunta, no carro.

— Eu sou Dougie. — Sanderson diz. — Seu filho.

— Eu me lembro de Dougie. — Papai diz. — Mas ele morreu.

— Não, Papai. Reggie morreu. Ele... — Sanderson para, esperando para ver se ele completa a frase. Papai não o faz. — Sofreu um acidente.

— Estava bêbado? — Papai pergunta. Dói, mesmo após tantos anos. Essa

é a má notícia acerca do que seu pai tem—ele é capaz de crueldades aleatórias que, embora não sejam propositais, doem como os diabos.

— Não. — Sanderson diz. — Foi um garoto que o atropelou. Esse escapou com apenas alguns arranhões.

Esse garoto já está com seus cinquenta anos agora, provavelmente já tem as têmporas grisalhas. Sanderson espera que esta versão adulta tenha câncer de próstata e que doa, ele espera que o cara tenha tido um filho que tenha morrido de síndrome de morte súbita infantil, espera que ele tenha tido caxumba e que tenha ficado cego e estéril, mas ele provavelmente está bem. E por que não? Ele só tinha dezesseis anos. Águas passadas. Imprudência juvenil. Os registros seriam selados. E Reggie? Também selado. Ossos de terno sob uma lápide em Mission Hill. Alguns dias, Sanderson sequer consegue se lembrar de como ele era.

— Dougie e eu costumávamos brincar de Batman e Robin. — Papai diz. — Era a brincadeira favorita dele.

Sanderson olha para seu pai e sorri.

— Isso mesmo, Papai, muito bom! Certa vez, nós até mesmo nos fantasiamos assim para o Halloween, lembra-se? Eu o convenci. O Cruzado Encapuzado e o Menino Prodígio.

Papai olha através do para-brisa do Subaru de Sanderson, sem dizer nada. No que ele está pensando? Ou o pensamento se reduziu a nada, exceto uma onda passageira? Sanderson imagina que som isso teria: um *hmmmmmm*, seguido de um bipe de parada cardíaca. Ou como o velho som que um canal de TV faz quando sai do ar.

Sanderson põe sua mão sobre um dos magros braços protegidos por um casaco e dá um apertão amigável.

— Você estava completamente bêbado, e Mamãe ficou louca, mas eu me diverti. Aquele foi meu melhor Halloween.

— Eu nunca bebi perto de minha esposa. — Papai diz.

Não, Sanderson pensa, enquanto o semáforo fica verde, *não desde que ela o treinou pra isso.*

***

— Quer ajuda com o cardápio, Papai?

— Eu posso ler. — seu pai diz. Ele já não mais pode, mas está claro no

canto deles, ele consegue enxergar as fotos mesmo com seus óculos escuros. Além disso, Sanderson sabe o que ele vai pedir.

Quando o garçom chega com seus chás gelados, Papai diz que vai querer bife talhado ao ponto. — Quero que esteja rosado, mas não vermelho. — ele diz. — Se estiver vermelho, vou mandar de volta.

O garçom assente.

— Como sempre.

Papai o encara com suspeita.

— Feijão verde ou salada de repolho?

Papai bufa.

— Está brincando? Todos os feijões estão mortos. Você não conseguiu vender nem bijuteria naquele ano, quanto mais a coisa verdadeira.

— Ele vai querer a salada. — Sanderson diz. — E eu vou querer...

— *Todos os feijões estão mortos!* — Papai diz novamente, e lança ao garçom um olhar impetuoso.

O garçom meramente assente e diz: “Eles *estavam* mortos”, antes de se virar para Sanderson.

— E o senhor, o que vai querer?

***

Eles comem. Papai se recusa a tirar o casaco, então Sanderson pede um babador de plástico e o amarra em volta do pescoço de seu pai. Papai não faz objeção, se é que nota. Um pouco de sua salada acaba aterrissando em suas calças, mas o babador apanha a maior parte do molho de cogumelo. Enquanto terminam, Papai informa ao lugar quase vazio que está com tanta vontade de mijar que consegue até sentir o gosto.

Sanderson o acompanha ao banheiro masculino, e seu pai deixa que ele baixe seu zíper, mas quando Sanderson tenta descer a frente de elástico das calças de incontinência, Papai dá uma tapa em sua mão.

— Nunca manuseie a jurema de outro homem, Patrick. — Papai diz, irritado. — Não sabe disso?

Isto desperta uma antiga memória: Dougie Sanderson parado de frente para a privada, com seus shorts arriados até os pés, e seu pai ajoelhado ao seu lado, passando as instruções. Quando anos ele tinha na época? Três? Apenas

dois? Sim, talvez apenas dois, mas ele não duvida da lembrança; é como um painel de vidro brilhante visto do outro lado da estrada, um tão perfeitamente posicionado que deixa uma pós-imagem na retina. A memória é um mistério e tanto.

— Preparar, apontar, fogo. — ele diz.

Papai o encara com suspeita, então parte o coração de Sanderson com um sorriso.

— Eu costumava dizer isso aos meus filhos na época em que os ensinei a fazer xixi no banheiro. — ele diz. — Dory disse que esse era meu trabalho, e por Deus, eu o cumpri.

Ele solta uma torrente, e a maioria desce pelo urinol. O cheiro é azedo e doce. Diabetes. Mas o que importa? Às vezes, Sanderson acha que quanto mais cedo, melhor.

***

De volta à mesa, ainda usando seu babador, Papai dá seu veredicto.

— Este lugar não é tão ruim. Devemos voltar aqui novamente.

— Que tal uma sobremesa, Papai?

Papai olha pela janela, a boca pendendo aberta, considerando a ideia. Ou seria apenas a onda passageira? Não, não desta vez.

— Por que não? Ainda tenho espaço.

Ambos pedem o bolo de maçã. Papai nota o montinho de baunilha no topo juntando suas sobrancelhas num emaranhado.

— Minha esposa costumava servir isto com mais creme. O nome dela era Dory. Abreviação de Doreen. Como no Clube do Mickey Mouse. Ei, Mickey. Ei, Mickey. Viva o Clube do Mickey.

— Eu sei, Papai. Coma.

— Você é Dougie?

— Aham.

— Sério? Não está me enganando?

— Não, Papai, sou Dougie.

Seu pai mantém no ar uma colher cheia de creme e maçã pingando.

— Nós fizemos, não fizemos?

— Fizemos o quê?

— Saímos pra brincar de gostosuras ou travessuras fantasiados como

Batman e Robin.

Sanderson ri, surpreso.

— Pode apostar! Mamãe disse que nasci bobo, mas que você não tinha desculpa. E Reggie não chegava perto de nós. Ele estava enojado com tudo aquilo.

— Eu estava bêbado. — Papai diz, então começa a comer a sobremesa. Quando termina, ele aponta para a janela. — Olhe aqueles pássaros. Qual é o tipo deles?

Sanderson vê. As aves estão agrupadas numa lixeira do estacionamento. Vários outras estão numa cerca, atrás dele.

— São corvos, Papai.

— Cristo, eu sei. — Papai diz. — Corvos nunca apareciam naquela época. Nós tínhamos uma pistola. Agora, escute. — ele se debruça por sobre a mesa, como se fosse contar um segredo. — Já estivemos aqui antes?

Sanderson considera brevemente as possibilidades metafísicas inerentes a esta pergunta.

— Sim. A gente vem pra cá quase todo domingo.

— Bem, é um bom lugar. Mas acho que deveríamos voltar. Estou cansado. Eu quero aquela outra coisa agora.

— Uma soneca.

— Aquela outra coisa. — Papai diz, e lhe lança um olhar imperioso.

Sanderson pede a conta e, enquanto ele a paga, Papai sai vagando com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos de seu casaco. Sanderson agarra o troco apressadamente e precisa correr para alcançar a porta, antes que Papai possa sair andando por aí pelas ruas.

***

— Aquela foi uma noite boa. — Papai diz, enquanto Sanderson encaixa seu cinto de segurança.

— Que noite foi essa?

— Halloween, seu bobo. Você tinha oito anos, então era 1959. Você nasceu em 1951.

Sanderson olha para seu pai, surpreso, mas o velho está olhando reto para o trânsito. Sanderson fecha a porta do passageiro, dá a volta pela frente da Subaru e entra. Eles não falam nada por dois ou três blocos, Sanderson imagina

que seu pai já tenha se esquecido da coisa toda, mas ele não esqueceu.

— Quando chegamos à casa dos Foresters, no fundo da colina—você se lembra da colina, não é?

— A colina da Church Street, claro.

— Isso mesmo! Norma Forester abriu a porta, e para você ela diz—antes que você possa—ela diz, “Gostosuras ou travessuras?”. Então, ela olha para mim, e diz, “Biritices ou travessuras?”. Papai solta um som enferrujado que Sanderson não ouve há um ano ou mais. Ele está rindo. Ele até mesmo dá uma tapa na coxa.

— “Biritices ou travessuras!”. Essa foi dez! Você se lembra disso, não?

Sanderson tenta, mas invoca apenas o vazio. Tudo o que ele consegue lembrar era de como estava feliz em ter seu pai consigo, ainda que a fantasia de Batman fosse horrível. Pijamas cinza, o emblema do Batman desenhado na frente com tinta esferográfica. A capa recortada e feita com um velho cobertor. O cinto de utilidades do Batman era um velho cinto de couro em que seu pai havia enfiado todo tipo de ferramentas e instrumentos da caixa na garagem. A máscara era um capuz roído por traças que Papai enrolou até o nariz para que sua boca aparecesse. Parado de frente para o espelho no corredor, antes de sair, ele puxou o topo da máscara para os lados, na tentativa de fazer as orelhas, mas elas não conseguiram permanecer de pé.

— Ela me ofereceu uma garrafa de Shiner’s. — Papai diz.

— Você aceitou?

— Com certeza. — ele cai no silêncio. Onde a Commerce Way encontra a Airline Road, as duas vias se tornam três. A do canto esquerdo é uma via de retorno. As luzes do trânsito à frente estão vermelhas, mas o semáforo da via de retorno à esquerda mostra uma seta verde. — Aquela mulher tinha uns peitos que eram que nem travesseiros. Ela foi a melhor amante que eu já tive.

Elas te machucam. Sanderson sabe disso não apenas por suas próprias experiências, mas de conversar com outras pessoas que têm parentes na Mansão da Pipoca Doce. Pode não ser de propósito, mas elas machucam. As memórias que restam neles são uma confusão—furtadas peças de quebra-cabeças enfiadas dentro de uma caixa de cigarros—e não há governo para elas, nenhum modo de separar as coisas que podem ser conversadas das que não podem. Sanderson nunca teve razão para pensar que Papai não havia sido fiel à sua esposa por quarenta e tantos anos de casamento, embora talvez essa seja uma suposição que todas as crianças crescidas façam se o casamento de seus pais seja sereno e colegial.

Ele tira os olhos da estrada para encarar seu pai, e é por isso que ocorre um acidente, ao invés de um dos tantos quase-acidentes que acontecem a toda hora. Mesmo assim, não é um terrivelmente sério, e embora Sanderson saiba que sua atenção foi tirada da estrada por um segundo ou dois, ele também sabe que não foi culpa sua.

O caminhão picape com enormes pneus e luzes no teto da cabine tenta sair de sua pista, querendo virar à esquerda antes que a seta verde desapareça. Não há pisca-alerta; isto Sanderson nota enquanto a fronte esquerda de sua Subaru colide com a traseira do caminhão picape. Ele e seu pai são impelidos para frente de seus cintos presos, e o metal de seu capô, anteriormente lisinho, enverga, mas os airbags não são acionados. Há um breve tinido de vidro.

— Cuzão! — Sanderson berra. — Jesus!

Ele aperta o botão que desce sua janela, enfia um braço para fora, e solta o dedo do meio para o motorista do caminhão. Mais tarde, ele vai achar que só fez isto porque Papai estava no carro com ele, e Papai estava aturdido.

Sanderson se vira para ele.

— Você está bem?

— O que houve? — Papai diz. — Por que paramos? — ele parece confuso, mas fora isso está bem.

Sanderson se inclina sobre o colo de Papai, abre o porta-luvas, tira o registro do carro e o cartão do seguro. Quando se endireita, a porta do caminhão picape está aberta e o motorista vem andando em sua direção, sem dar a mínima para os outros carros que buzinam e tentam ultrapassá-los. Não há tanto tráfego quanto haveria num dia de semana, mas Sanderson não conta isto como uma bênção, porque está olhando para o homem que se aproxima.

Ele conhece este cara. Não pessoalmente, mas trata-se de um óbvio espécime do sul do Texas. Ele está vestindo jeans e uma camiseta com as mangas rasgadas nos ombros—não cortadas, rasgadas, para que fiapos errantes flutuem contra a grossura dos músculos de seu antebraço. O jeans está arriado para baixo de sua cintura para que dois centímetros de sua cueca apareçam. Uma corrente está pendurada em uma das presilhas da calça até um bolso traseiro. Ele possui tatuagens nos braços. Este é o tipo de cara que, quando Sanderson o vê na calçada do lado de fora de sua joalheria, via TV de circuito fechado, o faz apertar o botão que trava a porta. Agora mesmo, ele gostaria de apertar um botão que travasse a porta de seu carro.

Ao invés disso, Sanderson abre a porta e sai, pronto para tranquilizar o cara, para se desculpar por algo que ele não deveria se desculpar—foi o cara que

o cortou, pelo amor de Deus. As tatuagens do homem são umas coisinhas brutas: correntes ao redor do bíceps, espinhos ao redor dos antebraços, uma adaga em um dos punhos com uma gota de sangue pendendo na ponta da lâmina. Nenhuma loja de tatuagens fez aquelas coisas. Aquilo é tinta de cadeia. O Homem das Tatuagens tem pelo menos um metro e noventa com suas botas, e pelo menos noventa quilos, talvez cem. Sanderson tem um e setenta e cinco e pesa setenta e dois.

— Veja o que você fez com a porra do meu caminhão! — diz o Homem das Tatuagens. — Por que caralho não me deixou passar, seu cuzão?

— Não houve tempo. — Sanderson diz. — Você cortou, e não ligou o pisca-alerta...

— Eu liguei!

— Então como ele estava apagado? — Sanderson aponta.

— Porque você destruiu a porra das minhas luzes traseiras, seu idiota! Como eu vou contar isso pra minha namorada? Foi ela quem deu entrada nessa porra! E tira essa merda da minha cara.

Ele acerta o cartão de seguro e o registro, que Sanderson ainda segurava, e os derruba da mão dele.

— Vou embora. — o Homem das Tatuagens diz. — Eu vou consertar meu dano, você conserta o seu. É assim que vai funcionar.

O dano na Subaru é muito pior que na picape, talvez mil e quinhentos ou dois mil dólares a mais, mas não é isso que faz Sanderson se impor. É o pensamento de seu pai grogue sentado no banco de passageiros, sem saber o que está acontecendo, precisando de uma soneca.

Eles já deveriam estar na metade do caminho de volta para a Mansão Pipoca Doce, mas não. Por causa desse cuzão infeliz que tinha que cortar o trânsito. Simplesmente precisava passar sob a seta verde antes de ela desaparecer, ou então o mundo cairia nas trevas.

— Não é assim que as coisas vão funcionar. — Sanderson diz. — Foi culpa sua. Você me cortou sem sinalizar. Eu não tive tempo de parar. Eu quero ver seu registro, e quero ver sua carteira de motorista.

— Tudo bem. — o grandalhão diz, e soca Sanderson no estômago.

Sanderson se curva, expulsando todo ar dos pulmões, surpreso.

— Aí está meu registro. — diz o Homem das Tatuagens. Grandes filetes de suor correm pelos lados de sua face. — Espero que goste. Quanto à minha carteira de motorista, eu não tenho uma, certo? *Não tenho* nenhuma merda de carteira. Eu vou me meter numa penca de problemas, e é tudo culpa sua, seu

bosta, porque você estava punhetando ao invés de olhar pra estrada. Maldito escroto!

O Homem das Tatuagens perde a cabeça completamente. Sanderson tem apenas tempo de ver os olhos azuis nos nós dos dedos do cara antes que uma paulada dupla o jogue contra a lateral recém-arrebentada de seu carro. Sanderson desliza, sentindo uma ponta de metal rasgar sua camisa e sua pele sob ela. Seus joelhos cedem e ele aterrissa na estrada. Ele olha para suas mãos, sem acreditar que são dele. Suas bochechas estão quentes e parecem estar inchando como pão. Seu olho direito está lacrimejando.

A seguir, vem um chute nas costelas, logo acima do cinto. A cabeça de Sanderson atinge a calota de sua Subaru e ricocheta. Ele tenta engatinhar para longe da sombra do Homem das Tatuagens. Há um novo chute, desta vez na carne acima de sua coxa esquerda. Ele quer levantar a cabeça—se ele vai morrer, que seja olhando para algo mais interessante do que a frente destruída de seu carro—mas ele não consegue. O Homem da Tatuagem solta um berro, e gotas vermelhas começam a pintar a superfície da estrada. A princípio, Sanderson acha que o sangue é de seu próprio nariz—ou talvez de seus lábios, do golpe em seu rosto—mas então, mais pingos quentes caem em sua nuca. Ele engatinha para um pouco mais adiante, passando pelo capô de seu carro, então consegue se virar e sentar. Ele olha para cima, fechando os olhos contra a claridade do céu, e vê Papai parado, ao lado do Homem das Tatuagens. O Homem das Tatuagens está apalpando a lateral de seu pescoço, de onde sai um pedaço de madeira.

A princípio, Sanderson não consegue entender o que aconteceu, mas não demora a fazê-lo. O pedaço de madeira é o punho de uma faca, uma que ele já vira antes. Ele a vê quase toda semana. Não é necessária uma faca para cortar o tipo de bife que Papai come em seus almoços dominicais, mas na Applebee's eles trazem uma assim mesmo. Papai já não lembra mais qual dos filhos vem visitá-lo, ou que sua esposa está morta—ele provavelmente sequer lembra mais do nome do meio dela—mas parece que ele não perdeu toda a esperteza que lhe permitiu deixar de ser um caipira dos campos de petróleo, para virar um comerciante de joias de classe média em San Antonio.

Ele me fez olhar para os pássaros, Sanderson pensa. *Os corvos na lixeira*.

O Homem das Tatuagens perdeu o interesse no homem sentado na estrada, e nunca olha para o velho parado ao seu lado. O Homem das Tatuagens começou a tossir. Uma mão está na faca em seu pescoço, tentando puxá-la. Sangue escorre pela lateral de sua camisa e mancha seu jeans. Ele começa a andar em direção à interseção, ainda curvado e ainda tossindo. Com a mão livre, ele dá uma alegre

aceno: *Oi, Mãe!*

Sanderson fica de pé. Suas pernas tremem, mas elas o sustentam. Ele consegue ouvir as sirenes se aproximando. Claro, agora os tiras aparecem. Agora que tudo terminou. Sanderson põe um braço em volta dos ombros de seu pai.

— Você está bem, Papai?

— Aquele homem estava te espancando. — Papai diz, como se estivesse comentando o tempo. — Quem era ele?

— Não sei. — lágrimas começam a cair pelas bochechas de Sanderson. Ele as enxuga.

O Homem das Tatuagens cai de joelhos. Ele parou de tossir. Agora está soltando um baixo rosnado. A maioria das pessoas mantém-se afastada, mas uma dupla de bravas almas vai até ele, querendo ajudar.

— Nós já comemos, Reggie?

— Sim, Papai, já comemos. E eu sou Dougie.

— Reggie está morto.

— Sim, Papai.

— Aquele homem estava te espancando. — agora seu pai também começa a chorar. Seu rosto se contorce numa face de criança, uma que está horrivelmente cansada e que precisa ir para a cama. — Estou com dor de cabeça. Vamos dar o fora. Eu quero me deitar.

— Nós temos que esperar os tiras.

— Por quê? Que tiras? Quem *é* aquele cara?

Sanderson sente cheiro de merda. Seu pai acabou de se cagar.

— Vamos para o carro, Papai.

Seu pai deixa que ele o guie ao redor do nariz arrebentado da Subaru.

Ele ajuda o Cruzado Encapuzado de oitenta e três anos a entrar no carro, e fecha a porta para manter o ar frio lá dentro. A primeira viatura está encostando. O Menino Prodígio de sessenta e um anos, mãos pressionadas contra seu lado dolorido, volta ao assento do motorista para esperar.

Pós-Vida

(*Afterlife*, 2013)

WILLIAM ANDREWS, um banqueiro investidor da Goldman Sachs, morre durante a tarde de 23 de setembro de 2012. Esta é uma morte esperada; sua esposa e seus filhos adultos estão ao lado do seu leito. Naquela noite, quando finalmente se permite algum tempo sozinha, longe da contínua torrente de familiares e visitantes pesarosos, Lynn Andrews liga para sua velha amiga, que ainda vive em Milwaukee. Foi Sally Freeman quem a apresentou a Bill, e se há alguém que merece saber como foram os últimos sessenta segundos de seus trinta anos de casamento, esse alguém é Sally.

— Ele esteve desacordado durante a maior parte da última semana—por causa das drogas—mas consciente no final. Seus olhos estavam abertos, e ele me viu. Ele sorriu. Tomei sua mão, e ele a apertou levemente. Inclinei-me e beijei sua bochecha. Quando voltei a ficar ereta, ele se fora. — ela esperou horas para poder dizer isso, e agora que o faz, cai no choro.

Sua suposição de que o sorriso dele fora endereçado a ela é bastante natural, mas equivocada. Enquanto olha para sua esposa e seus três filhos crescidos—eles parecerem impossivelmente altos, criaturas de boa saúde angelical habitando um mundo do qual ele está agora se despedindo—Bill sente a dor, com a qual conviveu pelos últimos dezoito meses, deixar seu corpo. Ela se esvai como água derramada de um balde. Por isso ele sorri.

Com o sumir da dor, pouco sobra. Ele se sente tão leve quanto uma pétala de asclepia. Sua esposa toma sua mão, descendo de seu mundo alto e saudável. Ele reservou um pouquinho de força, que agora gasta apertando os dedos dela. Ela se inclina. Ela vai beijá-lo.

Antes que os lábios dela possam tocar sua pele, um buraco aparece no centro de sua visão. Não é um buraco negro, mas branco. Ele aumenta, obliterando o único mundo que conhecera desde 1956, quando nasceu no pequeno Hospital do Condado de Hemingford, em Nebraska. Durante o último ano, Bill lera muita coisa sobre a passagem da vida para a morte (em seu computador, sempre cauteloso em apagar seu histórico para não chatear Lynn, que é constante e fantasticamente otimista), e embora ele tenha achado idiota a maioria das coisas, o fenômeno referido como “luz branca” lhe pareceu bastante plausível. Para começar, ele é relatado em todas as culturas. Depois, ele possui uma pitada de credibilidade científica. Uma teoria que ele lera sugere que a luz

branca surge do resultado da cessação súbita do fluxo de sangue até o cérebro. Outra, mais elegante, postula que o cérebro está realizando uma última varredura global no esforço de encontrar uma experiência comparável à morte.

Ou pode ser que sejam apenas últimos fogos de artifício.

Qualquer que seja a causa, Bill a experimenta agora. A luz branca oblitera sua família e o quarto arejado, do qual assistentes do necrotério logo chegarão para remover seu corpo imóvel e coberto. Em suas pesquisas, ele aprendeu sobre o acrônimo EQM, que significa experiências de quase morte. Durante muitas dessas experiências, a luz branca torna-se um túnel, e ao fim dela, jazem membros da família que já morreram, ou amigos, ou anjos, ou Jesus, ou alguma outra entidade beneficente, para dar as boas vindas.

Bill não espera nenhum comitê de boas vindas. O que espera é que os fogos de artifício se apaguem e transformem-se na escuridão do esquecimento, mas isso não acontece. Quando o brilho diminui, ele não está no céu ou no inferno. Está num corredor. Ele supõe que esteja no purgatório, um corredor pintado de verde industrial e pavimentado com azulejos gastos e sujos que poderiam muito bem servir de purgatório, mas apenas se seguissem infinitamente. Este corredor termina a seis metros, numa porta com uma placa que diz ISAAC HARRIS – GERENTE.

Bill permanece ali por alguns momentos, examinando a si mesmo. Ele está vestindo os pijamas que usava quando morrera (ou pelo menos, ele acha que morreu), e está de pés descalços, mas não há sinal do câncer que a princípio deu uma beliscada em seu corpo, e então o consumiu até deixá-lo apenas em pele e osso. Ele olha para descobrir que voltou a ter oitenta e seis quilos, que era seu peso de guerra (levemente barrigudo) antes do câncer atacá-lo. Ele sente sua bunda e a base de suas costas. As feridas de leito se foram. Ótimo. Ele respira fundo e solta o ar sem tossir. Melhor ainda.

Ele desce um pouco do corredor. À esquerda está um extintor de incêndio; acima dele, uma peculiar mensagem em grafite: *Antes tarde do que nunca!* À sua direita está um quadro de avisos. Nele, um número de fotografias, daquelas velhas que possuem as pontas em molde, foi preso. Acima delas, um banner pintado à mão diz PIQUENIQUE DA COMPANHIA, 1956! COMO NOS DIVERTIMOS!

Bill examina as fotos, que mostram executivos, secretárias, funcionários de escritórios, e uma gangue de crianças traquinas. Há caras assando o churrasco (um deles usando o Toque Blanc—uma piada obrigatória), rapazes e garotas jogando ferraduras, rapazes e garotas jogando vôlei, rapazes e garotas nadando

no lago. Os rapazes usam roupas de banho que parecem quase obscenamente curtas e justas para seu olho do século vinte e um, mas poucos deles carregam barrigas salientes. *Eles possuem físicos dos anos cinquenta*, Bill pensa. As moças vestem um daqueles maiôs antigos que Esther Williams usava, do tipo que fazem as mulheres parecerem não ter bundas, mas apenas uma saliência uniforme acima das coxas. Cachorros-quentes são consumidos. Cerveja é bebida. Todos parecem estar se divertindo a valer.

Em uma das fotos, o pai de Richie Blankmore está passando um marshmallow tostado para Annmarie Winkler. Isto é ridículo, porque o pai de Richie era um motorista de caminhão e nunca foi a um piquenique duma companhia na vida. Annmarie foi uma garota com que Bill saia na faculdade. Em outra foto, ele vê Bobby Tisdale, um colega de faculdade que teve nos anos setenta. Bobby, que se autointitulava Tiz do Giz, morreu de um ataque cardíaco enquanto ainda estava na casa dos trinta. Ele provavelmente já estava no planeta em 1956, mas teria de estar no jardim de infância ou na primeira série, não bebendo cerveja à beira do Lago Tantofaz. Nesta foto, o Giz parecia estar na casa dos vinte, que seria a idade em que Bill o conhecera. Numa terceira foto, a mãe de Eddie Scarponi está jogando vôlei. Eddie foi o melhor amigo de Bill quando a família se mudou do Nebraska para Paramus, Nova Jersey, e Gina Scarponi—certa vez vista tomando sol no pátio com calcinha transparente e nada mais—era uma das fantasias favoritas de Bill na época em que ele ainda estava tirando sua licença para se masturbar.

O cara da Toque Blanc era Ronald Reagan. Bill olha mais de perto, seu nariz quase tocando a foto em preto e branco, e não há dúvidas. O quadragésimo presidente dos Estados Unidos está fritando hambúrgueres no piquenique da companhia.

Mas que companhia?

Onde, exatamente, ele está?

Sua euforia de estar inteiro novamente e livre de dores está sumindo. O que a substitui é uma crescente sensação nervosa. Ver pessoas familiares nas fotografias é desorientador, e o fato de que ele não conhece a maioria delas só piora as coisas. Ele olha pra trás e vê escadas levando à outra porta. Impresso nesta, em grandes letras vermelhas e garrafais, está FECHADO. Sobra apenas o escritório do Sr. Harris. Bill vai até lá, hesita, então bate na porta.

— Está aberta.

Bill entra. Ao lado de uma mesa bagunçada está um camarada gordo, de calças içadas bem acima da cintura, seguras por suspensórios. Seu cabelo

castanho está grudado ao seu crânio e partido no meio. Ele usa óculos sem aro. As paredes estão cobertas de faturas e imagens de modelos bonitas em roupas provocantes, que fazem Bill pensar na companhia de caminhões onde o pai de Richie Blankmore trabalhava. Ele foi lá algumas vezes com Richie, e o escritório de despacho era parecido com este.

Não há janela. De acordo com o calendário em uma parede, é março de 1911, o que faz tanto sentido quanto 1956. À direita de Bill, enquanto ele entra, há uma porta. À sua esquerda, outra porta. Não há janelas, mas um tubo de vidro desce pelo teto e suspende-se por cima de uma cesta de roupas. A cesta está cheia com uma pilha de papéis amarelos que parecem mais faturas. Ou talvez sejam apenas memorandos. Arquivos são empilhados até sessenta centímetros de altura na cadeira defronte à mesa.

— Bill Anderson, não é? — o homem vai até a traseira da mesa e se senta. Não há oferta para se apertarem as mãos.

— Andrews.

— Certo. E eu sou Harris. Aqui estamos de novo, Andrews.

Dada a todas as pesquisas de Bill sobre a morte, este comentário de fato faz sentido. E é um alívio. Contanto que ele não volte como um rola-bosta ou coisa assim.

— Então é reencarnação? É esse o negócio?

Isaac Harris suspira.

— Você sempre me pergunta a mesma coisa, e eu sempre dou a mesma resposta: não, realmente.

— Eu estou morto, não é?

— Você se sente morto?

— Não, mas eu vi a luz branca.

— Oh, sim, a famosa luz branca. Lá você estava, e aqui está você. Espere um minuto, fique na linha.

Harris examina os papéis na mesa, não acha o que está procurando e começa a abrir gavetas. De uma delas, ele tira mais pastas e seleciona uma. Ele a abre, vira uma página ou duas, e assente.

— Só estou refrescando a memória. Banqueiro investidor, não é?

— Sim.

— Esposa e três filhos? Dois meninos e uma menina?

— Correto.

— Peço desculpas. Tenho uns duzentos peregrinos pra atender, e é difícil lembrar tudo. Eu sempre pretendo colocar estas pastas em algum tipo de ordem,

mas isso é trabalho de secretária, e já que eles nunca me deram uma...

— Quem são *eles*?

— Não faço ideia. Todas as comunicações são feitas pelo tubo. — ele o cutuca. O tubo vibra, então se firma. — Funciona com ar comprimido. Última geração.

Bill pega a papelada na cadeira do cliente e olha para o homem atrás da mesa, sobrancelhas erguidas.

— Coloque-os no chão. — Harris diz. — Vai bastar, por ora. Algum dia eu realmente vou me organizar. Se *houver* dias. Provavelmente há—noites, também —mas quem pode ter certeza? Não há janelas aqui, como você notará. E também nenhum relógio.

Bill se senta.

— Por que me chama de peregrino, se não é reencarnação?

Harris relaxa na cadeira e põe as mãos atrás da nuca. Ele olha para o tubo pneumático, que provavelmente *foi* de última geração em certa época ou outra. Digamos 1911, embora Bill suponha que tais coisas ainda poderiam estar no mercado por volta de 1956.

Harris balança a cabeça e exala um riso, embora sem humor.

— Se apenas soubesse o quão *monótonos* vocês se tornam. De acordo com este arquivo, está é a nova décima quinta visita.

— Eu nunca estive aqui em toda a minha vida. — Bill diz. Ele pensa a respeito. — Exceto que *não* é minha vida, não é? É a minha pós-vida.

— Na verdade, é minha. Você é o peregrino, não eu. Você e outros palhaços que entram e saem daqui. Você usará uma das portas e irá embora. Eu fico. Não há banheiros aqui, porque eu não mais preciso realizar funções corporais. Não há quarto, porque eu não mais preciso dormir. Tudo o que faço é ficar sentado e atender vocês, palhaços viajantes. Vocês entram, perguntam as mesmas coisas, e eu dou as mesmas respostas. Essa é a *minha* pós-vida. Soa excitante?

Bill, que conheceu todos os prós e contras teológicos durante seu projeto de pesquisa final, decide que estava com a razão enquanto ainda estava no corredor.

— Você está falando de purgatório.

— Oh, sem dúvida. A única pergunta é: o quanto tempo vou ficar aqui. Eu gostaria de lhe dizer que eventualmente irei enlouquecer se não puder seguir em frente, mas não acho que possa fazer isso mais do que possa cagar ou tirar uma soneca. Eu sei que meu nome não significa nada para você, mas nós discutimos

sobre isto antes—não em todas as vezes em que você aparece, mas em várias ocasiões. — ele joga o braço com força o bastante para fazer com que algumas das faturas presas à parede flutuem. — Este é—ou *era*, não sei o que é mais correto—meu escritório terreno.

— Em 1911?

— Por aí. Eu perguntaria se sabe o que é uma *shirtwaist*, mas já que sei que você não sabe, eu lhe direi: é uma blusa feminina. Na virada do século, eu e meu parceiro, Max Blanck, tínhamos um negócio chamado Companhia Triangle Shirtwaist. Negócio rentável, mas as mulheres que lá trabalhavam eram uma verdadeira dor de cabeça. Sempre fugindo para fumar e—o pior—roubar materiais, os quais colocariam em suas bolsas ou enfiariam sob as saias. Então, trancamos as portas para mantê-las em seus turnos e revistá-las na hora da saída. Para resumir, o maldito lugar pegou fogo certo dia. Max e eu escapamos ao subirmos para o telhado via escada de incêndio. Muitas das mulheres não tiveram a mesma sorte. Mas sejamos honestos e vamos admitir que haja muitas pessoas para se culpar. Fumar era estritamente proibido, mas muitas delas o faziam mesmo assim, e foi um cigarro que começou o incêndio. O chefe dos bombeiros assim disse. Max e eu fomos julgados por homicídio culposo e fomos surpreendentemente absolvidos.

Bill se lembra do extintor de incêndio no corredor, com o *Antes tarde do que nunca!* impresso logo acima. Ele pensa: *Você foi considerado culpado em um novo julgamento, Sr. Harris, ou não estaria aqui*.

— Quantas mulheres morreram?

— Cento e quarenta e seis. — Harris disse. — E me arrependo de cada uma, Sr. Anderson.

Bill não se incomoda em corrigir seu nome. Vinte minutos atrás estava morrendo em seu leito; agora está fascinado por esta história, da qual nunca ouviu antes. Ou pelo menos não que ele se lembre.

— Não muito depois de eu e Max descermos as escadas de incêndio, as mulheres se empilharam nela. A maldita coisa não podia aguentar aquele peso. A escada colapsou e lançou duas dúzias delas numa queda de trinta metros em direção ao chão pedregoso. Ela todas morreram. Mais quarenta saltaram pelas janelas do nono e décimo andares. Algumas estavam em chamas. *Elas* todas morreram também. A brigada de incêndio chegou lá com redes de proteção, mas as mulheres passavam rasgando direto por elas e explodiam no pavimento como sacos cheios de sangue. Uma visão terrível, Sr. Anderson, terrível. Outras pularam pelo vão do elevador, mas a maioria... simplesmente... ardeu.

— Como o 11 de setembro, só que com menos vítimas.

— Assim você sempre diz.

— E você está aqui.

— Pois é. Algumas vezes me pergunto quantos homens estão sentados em escritórios como este. Mulheres também. Estou certo de que *há* mulheres, sempre fui cabeça aberta e não vejo motivos pelos quais mulheres não podem ocupar posições executivas de baixo nível, e admiravelmente. Todos nós respondendo as mesmas perguntas e enviando os mesmos peregrinos. É de se pensar que a carga diminui a cada vez que alguém decide usar a porta destra, ao invés daquela. — ele aponta para a porta da esquerda. — Mas não. *Não*. Um recipiente fresquinho cai pelo tubo—*zuuup*—e recebo um novo palhaço para substituir o anterior. Às vezes dois. — ele se inclina para frente e fala com grande ênfase: — Este é um trabalho de merda, Sr. Anderson!

— É Andrews. — Bill diz. — E olhe, sinto muito pelo jeito como se sente, mas Jesus, aceite um pouco de responsabilidade por suas ações, cara! Cento e quarenta e seis mulheres! E você *fechou* as portas.

Harris soca sua mesa.

— Elas estavam nos roubando sem parar! — ele pega a pasta e a balança na cara de Bill. — Olha o que temos aqui! Ha! O sujo falando do mal lavado! Goldman Sachs! Fraudes de seguro! Lucros em bilhões, impostos em milhões! Os *baixos* milhões! Acaso a frase *bolha imobiliária* te lembra de algo? De quantas confianças dos seus clientes você abusou? Quantas pessoas perderam suas economias graças à sua ganância e desleixo?

Bill sabe do que Harris está falando, mas todo aquele chororô (bem... a maior parte dele) foi culpa de seus superiores. Ele ficou tão surpreso quanto qualquer um quando o excremento atingiu o aparelho de ventilação. A prova de sua inocência existencial, pareceu-lhe, era que ele era o peregrino e Harris estava preso neste escritório. Ele ficou tentado a dizer que havia uma grande diferença entre ser empobrecido e ser queimado vivo, mas pra quê esfregar sal na ferida?

— Vamos parar com isso. — ele diz. — Se você tem a informação de que preciso, por que não me dá? Diga o que eu preciso fazer, e saio do seu pé.

— Não era *eu* quem estava fumando. — Harris diz, num tom baixo e infeliz. — Não fui *eu* quem jogou o fósforo.

— Sr. Harris? — Bill pode sentir as paredes se fechando. *Se eu tiver que passar a eternidade aqui, atiro em mim mesmo,* pensa. Só que se o que o Sr. Harris diz for verdade, ele não poderia, mais do que poderia querer ir ao banheiro.

— Certo, está bem. — Harris faz um ruído com os lábios, não muito sutil. — O *acordo* é este. Saia pela porta esquerda e você viverá sua vida novamente. De A a Z. Vai recomeçar do zero. Tome a porta direita, e você sumirá. Puf. Tipo vela ao vento.

A princípio, Bill nada fala sobre isto. Ele encontra-se incapaz de falar e incerto de que pode confiar em sua audição. É bom demais para ser verdade. Sua mente começa a pensar em seu irmão Mike, e no acidente que aconteceu quando Mike tinha oito anos. A seguir, naquele furto estúpido quando Bill tinha dezessete. Fora apenas uma brincadeira, mas que poderia ter colocado um buraco nos seus planos universitários se seu pai não houvesse aparecido e falado com a pessoa certa. A coisa com Annmarie na casa de fraternidade... que ainda o assombra nos momentos mais estranhos, mesmo após todos estes anos. E, é claro, a maior de todas as coisas...

Harris sorri, e o sorriso não é nem um pouco agradável. Certo, então seus ouvidos *realmente* o enganaram. Ou talvez Harris tenha apenas se vingado por ele sugerir que ele mereceu ficar preso aqui, neste limbo da burocracia.

— Sei o que está pensando, porque já escutei tudo antes. Sobre como seu irmão estava brincando de esconde-esconde quando vocês eram crianças, e de como você bateu a porta do quarto para mantê-lo do lado de fora e acidentalmente cortou a ponta do mindinho dele. A coisa do furto, o impulso em pegar o relógio, e como seu pai mexeu uns pauzinhos pra te tirar dos...

— É isso aí, nenhum registro. Exceto o dele. Ele nunca me deixa esquecer o que eu fiz.

— E, por fim, a garota no porão da casa de fraternidade. — Harris ergue o arquivo. — O nome dela está aqui em algum lugar, imagino, faço o melhor para manter os arquivos atualizados—quando posso achá-los—mas por que você não me refresca a memória?

— Annmarie Winkler. — Bill sente as suas bochechas esquentando. — Não foi estupro, não tenha essa ideia. Ela me abraçou com as pernas quando subi em cima dela, e se isso não quer dizer consentimento, não sei mais o quê poderia.

— Ela também abraçou com as pernas os próximos dois camaradas que chegaram?

Não, Bill sente-se tentado a dizer, *mas ao menos não pusemos fogo nela, espertalhão*.

Mas ainda assim.

Fosse jogando golfe, trabalhando na oficina, ou falando com sua filha

(agora também uma universitária) sobre a monografia, ele se perguntaria onde Annmarie está agora. O que ela está fazendo. O que se lembra daquela noite.

O sorriso de Harris se abre. Pode até ser um trabalho de merda, mas está claro que há partes da coisa que ele adora.

— Posso ver que essa é uma questão que você não quer responder, então por que não seguimos em frente? Você está pensando em todas as coisas que poderá mudar na sua próxima volta no carrossel cósmico. Que desta vez você não vai esmagar o dedo do seu irmãozinho, ou tentar furtar um relógio no Shopping Paramus...

— Foi o Shopping de Nova Jersey.

Harris faz um gesto de quem está cagando e andando com o arquivo, e continua.

— Que dá próxima vez não vai deixar que seus amigos fodam sua namoradinha desacordada enquanto ela jaz no sofá do porão, e—a maior de todas as coisas!—você realmente irá marcar hora pra fazer a colonoscopia ao invés de postergá-la, tendo agora decidido—corrija-me se eu estiver errado—que a indignidade de ter uma câmera enfiada cu adentro é melhor do que morrer de câncer.

— Várias vezes eu cheguei perto de contar a Lynn sobre o que aconteceu naquela festa. Eu nunca tive a coragem.

— Mas se houvesse a chance, você consertaria tudo.

— Se houvesse a chance, você não abriria as portas daquela fábrica?

— De fato abriria, mas não há segundas chances. Sinto muito em desapontá-lo. — ele não parece sentir muito. Harris parece cansado. Harris parece entediado. Harris também parece malvadamente triunfante. Ele aponta para a porta à esquerda de Bill. — Use aquela—como você sempre usou—e começará tudo de novo, um bebê de dois quilos deslizando para fora do útero de sua mãe, até as mãos do médico. Você será levado para casa—enrolado num cobertor—uma fazenda no centro de Nebraska. Quando seu pai vender a fazenda, em 1963, você se mudará para Nova Jersey. Lá, você cortará a ponta do dedo mindinho de seu irmão enquanto brincam de esconde-esconde. Você ingressará no mesmo colégio, assistirá às mesmas aulas, e tirará exatamente as mesmas notas. Irá para a Faculdade de Boston e cometerá o mesmo ato de semiestupro no mesmo aposento da mesma fraternidade. Você assistirá enquanto os mesmos dois caras—seus amigos—transam com Annmarie Winkler, e embora ache que deva parar o que está acontecendo, não terá a coragem e a moral para fazê-lo. Três anos depois, você conhecerá Lynn DeSalvo, e dois anos

depois disso, estarão casados. Você seguirá a mesma carreira, e terá os mesmos amigos, o mesmo incômodo profundo sobre as ações de alguns de seus colegas de trabalho... e permanecerá em silêncio. O mesmo médico pedirá que faça uma colonoscopia quando você tiver cinquenta anos, e você prometerá—como sempre faz—cuidar deste pequeno assunto. Você não o fará, e como resultado, será morto pelo mesmo câncer. — Harris larga a pasta de volta em sua mesa bagunçada. — Então você chegará aqui, como sempre faz, e nós teremos esta mesma discussão básica novamente. Meu conselho seria que você usasse a outra porta e acabar logo com isso, mas é claro que a decisão é sua.

Bill tem escutado este sermão com crescente desânimo.

— Eu não vou me lembrar de nada? *Nada?*

— Não exatamente. — Harris diz. — Imagino que você tenha percebido algumas fotos no corredor.

— O piquenique da companhia.

— Cada cliente que me visita vê fotos de seu nascimento e reconhece alguns rostos familiares entre outros estranhos. Quando viver sua vida novamente, Sr. Anders—presumindo que decida fazê-lo—você sentirá uma sensação de déjà vu quando conhecer tais pessoas, e uma sensação de que você já vivenciou tudo isto antes. O que, é claro, aconteceu. Você terá uma sensação fugaz, quase uma certeza, de que há mais... digamos, *profundidade?*... à sua vida, e existência em geral, do que costumava acreditar. Mas a sensação irá passar. E por que não? É uma ilusão.

— Se é tudo sempre a mesma coisa, sem qualquer possibilidade de melhoria, por que sequer estamos aqui?

Harris dá uma batida na ponta do tubo pneumático acima da cesta de roupas, fazendo-o vibrar.

— O CLIENTE QUER SABER O PORQUÊ DE ESTARMOS AQUI! ELE QUER SABER DO QUE TUDO ISSO SE TRATA!

Ele espera. Nada acontece. Ele cruza as mãos em cima da mesa.

— Quando Jó quis saber a resposta dessa, Sr. Anders, Deus perguntou se Jó estava lá quando Ele—Deus—fez o universo. Suponho que você sequer mereça uma resposta assim. Então vamos considerar o caso encerrado. O que você quer fazer? Escolha uma porta.

Bill está pensando no câncer. A dor do câncer. Atravessar tudo isso novamente... exceto que ele não se lembraria de já ter atravessado. Isto é, presumindo que Isaac Harris está contando a verdade.

— Nenhuma memória? Nenhuma mudança? Tem certeza? Como?

— Porque é sempre a mesma conversa, Sr. Anderson. Todas as vezes, e com todos vocês.

— *É Andrews!* — ele berra, surpreendendo a ambos. Numa voz mais baixa, diz: — Se eu tentar, realmente tentar, tenho certeza que posso me ater a alguma coisa. Mesmo que seja apenas ao que aconteceu com o dedo de Mike. E uma mudança pode ser suficiente para... eu não sei...

Pra levar Annmarie ao cinema ao invés daquela festa da fodelância, que tal?

— Sr. Andrews, há um conto de folclore que diz que antes de nascer, toda alma humana conhece os segredos da vida, morte e do universo. Então, pouco antes do nascimento, um anjo desce, põe o dedo em cima dos lábios novinhos do bebê, e sussurra, *Shh*. — Harris toca seu filtro labial. — De acordo com a história, esta é a marca deixada pelo dedo do anjo. Todo ser humano tem uma.

— Você já viu um anjo, Sr. Harris?

— Não, mas já vi um camelo no zoológico. Escolha uma porta.

Enquanto pensa, Bill se lembra da história que tiveram que ler no secundário: A Dama ou o Tigre?". Esta decisão não é tão difícil assim.

Eu preciso me ater a somente uma coisa, ele diz a si mesmo enquanto abre a porta que o leva de volta à vida. *Somente uma coisa*.

Então, a luz branca o envolve.

O médico, que desertará o Partido Republicano e votará em Adlai Stevenson no outono (algo que sua esposa jamais deve saber), inclina-se para frente como um garçom entregando uma bandeja, e volta-se a se empertigar segurando um bebê nu pelas pernas. Ele dá uma palmadinha certeira no bumbum dele e o choro começa.

— Você teve um garotinho saudável, Mary. — ele diz. — Parabéns.

Mary Andrews toma o bebê. Ela beija suas úmidas bochechas e testa. Eles o chamarão de William, em homenagem ao seu avô paterno. Ele poderá fazer qualquer coisa, ser o que quiser. A ideia é inebriante. Em seus braços, ela segura não apenas uma nova vida, mas um universo de possibilidades. Nada, ela pensa, poderia ser mais maravilhoso.

A Zona Morta do Rock and Roll

(*The Rock and Roll Dead Zone*, 2013)

EU CHEGO EM CASA APÓS o *tour* de meu último livro, cansado como um cachorro, querendo nada mais do que alguns biscoitos recheados em frente à TV e talvez umas doze horas de sono, mas enquanto adentro minha garagem, percebo que não será assim. Sentando em meus degraus e esperando por mim está Edward Gooch, também conhecido como Goochie, também conhecido como O Gooch. Eu o conheço desde o primário, e o amo como um irmão. Com quase cento e trinta quilos, há muito dele para se amar, e o que o Gooch mais ama é rock and roll. Deus, como ele ama rock and roll. Ele ama grandes ideias também. As maiores ele traz para mim, cada uma delas é uma árvore de grana garantida. Tudo o que preciso fazer é investir uma pequena soma (digamos doze milhões), ou uma levemente maior (digamos dezessete, ou talvez vinte).

Hoje, o Gooch usa tênis Keds vermelhos e remendados com fita adesiva, enormes calças de ginástica cinzas (só um pouquinho manchada de mijo na virilha), e uma camisa do Metallica que encolheu na lavagem, permitindo a mim uma boa vista de seu umbigo sujo. Ele parece um músico chapado no meio de um *tour* de nove semanas. Exceto, isto é, pelo o que ele tem em mãos: uma enorme pasta de apresentação de couro falso de jacaré.

Oh-ou, eu penso. *O Gooch teve uma grande ideia. Deus ajude o pobre garoto do Maine.*

— Steve! — ele berra, e abre os braços. Antes que possa fugir, sou fechado por um abraço de urso que tem cheiro de cerva, chili e suor de sovaco.

— Gooch. — eu digo. — É bom vê-lo, amigão, mas estou realmente cansado, e...

— Claro, claro, deve estar, eu te vi no *The View*, no *GMA*, em *Jimmy Fallon*, na *Oprah*...

— Eu não fui à Oprah. — eu digo. — Nunca fui à *Oprah*.

— Talvez tenha sido *Rachael Ray*. Você ajudou-a a fritar algo na frigideira, certo? Enfim, eu não vou tomar muito do seu tempo. Dez minutos e você verá a beleza desta coisa que tenho em mente. Eu poderia ter levado isto a Dave Barry, sabe — o cara tem visão, mas ele é insignificante comparado a você, Stevie. Quando se fala de conceitos largos, a visão de Dave é de 20/20. A sua é de 15/15. Talvez, até mesmo, 10/10. — ele dá uma olhada em meus óculos grossos. — Estou falando metaforicamente, sabe disso, não é?

— Claro. Eu adoro metáforas. O quanto eu teria que investir nesta bela

coisa, Gooch? Doze milhões ou dezessete?

— Esta pode chegar a trinta. — ele admite. — Mas assim que estivermos de pé e funcionando, vai fazer o Disney World parecer uma feira caipira!

— Gooch, estou *realmente* cansado, então talvez aman...

— Dez minutos. — ele implora. — Quinze, no máximo. Stevie, *eu preciso* de você. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Esta é uma coisa que Gooch pode fazer quando quer, mas sempre me atinge. Com sua cara triste ligada, ele parece Paul McCartney cantando “Let It Be”. Um Paul McCartney consideravelmente mais gordo, entretanto.

— Dez minutos. — eu suspiro, abrindo a porta.

— Ótimo! Ótimo! Tem alguma coisa pra comer? Criatividade sempre me dá fome.

Esse é o Gooch. Oh, cara.

***

Dez minutos mais tarde (tempo gasto preparando a comida não conta em seu tempo de apresentação, ambos entendemos isso), o Gooch encontra-se mastigando uma multinacional de três andares: Bologna alemã, queijo suíço, cebola Bermuda e mostarda francesa, acompanhados de centeio judeu. Com um queque inglês, besuntado de manteiga, no meio, para dar sorte. Ele põe este monstro melequento de lado por tempo o bastante para abrir sua pasta de falso-jacaré, e estende seu primeiro quadrado de cartolina na mesa da sala de jantar, usando minha mala (cheia de roupas sujas e canecas — lembrancinhas que sempre recebo quando estou em *tour*, por algum motivo) como cavalete improvisado. Escrito no quadrado, cercado de artísticos esguichos de sangue, está isto:

A ZONA MORTA DO ROCK AND ROLL!

— O que acha até agora, Stevanador? — ele pergunta.

— Ótimo. — eu suspiro. — Por que não me fez um sanduíche enquanto planejava isso tudo?

— Eu estava faminto demais. Precisava recarregar minha energia. Além disso, imaginei que você houvesse comido no avião.

Na verdade, comi: salada de galinha da época das caravelas e um pequeno saco de amendoins. A aeromoça também me deu uma caneca de café de presente da companhia aérea.

— O que, exatamente, é a zona morta do rock and roll? — pergunto. — Que não seja um plágio dum livro que escrevi há mil anos?

— Não é plágio. — ele diz, indignado. — É uma *homenagem*.

— Ou seja, plágio em francês. — digo. — Vá em frente, Gooch. Sou todo olhos. — embora eles continuamente tentem se fechar.

Ele pega o próximo quadrado, melecando de mostarda sua camisa e minha mesa enquanto o faz. Este novo mostra... uma casa. Uma velha casa no estilo rancho à sombra de um carvalho gigantesco.

— Oh... kay. — eu lhe digo. — É uma casa.

— Não uma casa qualquer. — ele diz. — É a Casa de *Querida!* Lembra, é daquela velha canção de Bobby Goldsboro, "Honey"[1]? — ele cutuca o carvalho grande, deixando uma mancha de mostarda nas folhas que se encontram na metade superior. — Dê uma olhada na árvore! Vê o quanto ela cresceu? Steve, não faz muito tempo que ela era pequena. — ele cerra o cenho. — Ou talvez fosse só um galho.

— Goochie, os Smothers Brothers fizeram a paródia de "Honey" há cerca de um bilhão de anos. Era um de seus esquetes mais populares.

— Eu sei! — ele diz, deliciado. — Foi daí que eu tirei a ideia! Steve, as pessoas vão *amar!* Elas vão chorar até seus olhos secarem. Você vai até a cozinha, e os últimos pratos que Querida lavou estão na pia! Você sobe as escadas e vê o Quarto de Querida com todas as roupas no Guarda-Roupas de Querida! Só os retratos na Cômoda de Querida — fotos de casamento, sabe — vão reduzir as pessoas a poças de lágrimas! E escuta, podemos pendurar um manequim na árvore do lado de fora e chamar o cara morto de...

— Tom Dooley. — eu disse. — Seu corpo balança onde os passarinhos cantam.

— Certo, certo. Você acha que eles têm algo do tipo Casa de Querida no Hall da Fama do Rock and Roll?

— Não — eu disse. — Mas eles têm os destroços do avião de Otis Redding[2], eu creio. Isto é meio que assustador.

— Você entende do que é assustador, Stevanador. — ele ri alto. — Sua fama o condena. — então, ele volta ao normal. — Puxa, eu estava esperando poder usar aquela droga de avião do Redding. Mas nós precisaremos ter uma imitação daquele em que Buddy Holly, Richie Valens e J.P. Richardson[3] estavam. Não possuo uma representação artística pra isso ainda, mas estava pensando que ele poderia ficar no campo atrás da Casa de Querida. Você sabe, o palco vazio onde Querida ria e Querida se divertia?

— Ótimo. — eu digo. — *Isso* vai vender feito água. Você pode chamá-los

de Matilha da Fumaça.

— Não é uma ideia ruim. Vou anotar essa. Agora, cheque isto. — ele põe a próxima cartolina no quadrado. Ela mostra um pedaço de estrada que leva a uma curva em forma de grampo de cabelo.

— Isso é...?

— Pode apostar seu doce bumbum irlandês. — ele diz. — Esta é a Estrada Memorial de Eddie Cochran[4], que leva direto à Curva do Homem Morto[5].

— Goochie. — eu digo. — Isso é de tão mau gosto quanto sanduíche de água.

— Verdade! — ele diz. — E é disso o que o povo gosta! Veja *American Idol*, e *The X-Factor*, certo? Ou aquele programa, *Hoarders*. E podemos dizer que isto é um serviço público. A Curva estará avisando aos garotos que acham que podem passar textos pelos celulares enquanto dirigem.

— Não há nada sobre falar ao celular em "Dead Man's Curve". — eu noto. — Ele ainda não tinha sido inventado.

— A canção será tocada num alto-falante, e eu estava pensando que poderíamos mudar a letra para algo do tipo... — ele começa a cantar, uma ocorrência verdadeiramente horrível. Ouvir o Gooch vocalizar é como ouvir um esquilo bebê preso numa grande porta que está sendo lentamente fechada. — *A Curva do Homem Morto, não é lugar pra mensagens se trocar, com certeza você vai se acidentar...* — ele olha para mim e diz... — Tudo bem, ela precisa ser trabalhada. Você é criativo, você pode fazer isso. — seu rosto se ilumina. — Ou o seu amigo, Mellencamp! E quanto a ele?

— Se eu levasse um projeto como este para John... — eu digo. — Ele me levaria ao quarto vazio mais próximo e me chutaria até a morte.

— Oh. — seu rosto apaga. — Que pena. — então, ele se ilumina novamente, e coloca a Prova C. Ela parece ser uma pequena pista de corrida. — Esta é a arena de Go-Kart de Dickey Lee. Sabe, como em "Tell Laura I Love Her"? Onde o cara morre numa corrida de stock car tentando ganhar dinheiro para comprar um anel de casamento? A garotada vai amar, Stevie. Os karts estarão envenenados, com motores extra barulhentos. *Rrrrr-rrrrr! RRRRRR-RRRRRRRRRR!*

— Goochie... — eu digo.

— O quê?

— Se não parar de fazer esse som, vou matá-lo.

— Oh. Certo.

— Acaso algum desses karts vai capotar em chamas? — eu pergunto. —

Está na música, sabe.

— Isso pode significar problemas com seguro. — ele diz. — E nós não precisamos realmente de acidentes com karts, porque vamos colocar o Carro da Morte do Anjo Adolescente na área. Cheque isto.

Ele me mostra um Chevrolet 1957 completamente estraçalhado. Ao lado dele, está uma figura num vestido de casamento ensanguentado. Na verdade, é um *cara* num vestido de casamento ensanguentado. Um cara que parece horrivelmente familiar.

— Goochie... — eu digo. — Este não é...?

— Sim! — ele diz, realmente se abraçando em deleite. Sua camisa pequena demais ascende, mostrando-me mais do Gooch do que eu jamais poderia querer ver. — Dave Marsh[6], como nos seus shows daquela época! Eu sequer tive que pagá-lo pra tirar a foto! Ele *adora* colocar aquele vestido de casamento. — ele franze o cenho. — É claro, ele insistiu que precisava vestir uma calcinha da Victoria's Secret também, e isso me custou algumas pratas — não dá pra devolver esse tipo de coisa depois que se usa, sabe — mas valeu a pena, não acha? E se prestar atenção, você verá que ele — digo, ela — está com o anel de seu namorado do colegial, seguro firme entre os dedos.

— Incrível. — eu digo. — De quem é o anel? Ridley Pearson[7]?

— Não sei aonde Dave o conseguiu. — Gooch diz. — Mas provavelmente não foi de Ridster. Não tenho certeza de que Ridster se formou no colegial. Aguente firme, Steve, estamos chegando aos melhores.

— Mal posso esperar. — digo.

Ele me mostra a interpretação artística da entrada de uma mina de carvão. Algumas das vigas estão caídas, e fumaça está saindo. Uma placa na lateral, completa por uma caveira e ossos cruzados, diz A MINA DA PERDIÇÃO DO GRANDE JOHN.

— Saquei. — digo. — No fundo dela jaz um grande, *grande* homem.

— Que nada. — ele diz. — Isso seria fácil demais. O público sempre gosta quando você derrota suas expectativas. Como escritor, você deveria saber disso. O que acontece é que se paga para entrar, e cerca de quarenta e cinco metros adentro, você encontra um desabamento. Quando se olha através dos destroços do desabamento, dá pra ver alguns mineradores animatrônicos comendo outro minerador animatrônico. Ou acho que poderíamos poupar grana e usar uns bonecos, já que o cara está morto.

— Este é um pouco esotérico demais para mim, Gooch.

— É daquela canção, “Timothy”! Eles estão presos na mina... eles ficam com fome... e...

— Acho que nunca ouvi essa. — eu digo.

— Pode crer, várias estações não quiseram tocá-la, o que é uma pena. Canibalismo com uma boa batida é algo bem raro na música pop.

— Por falar em batida. — eu digo. — É assim que eu me sinto. Preciso pensar a respeito, Goochie. — pensar num jeito de escapar desta é o que quero dizer.

— Certo, eu entendo, mas você precisa dar uma olhada neste aqui antes de ir tirar uma soneca. — ele me mostra um rio. Posso ver a Casa de Querida ao fundo. — Vai custar caro montar isto — dragar não é barato — mas vai valer a pena. Este é o Rio Moody, como na canção de Pat Boone?

— Não é uma das minhas favoritas. — eu lhe digo. — E eu não acho que a maioria do povo vai lembrar.

— Vamos tocá-la em alto-falantes para refrescar suas memórias. — ele diz. — Num loop constante. Os clientes poderão ouvir enquanto andam pelo Passeio da Morte no Rio Moody.

A ideia de “Moody River” em loop constante congela meu sangue, mas eu mantenho a boca fechada.

— Quatrocentos metros abaixo da correnteza... — ele diz. — Vamos ter um menino e uma menina vestidos de índios. Meia dúzia de vezes por dia, nós os veremos nadar na direção do outro... *e se afogarem!* Sacou esta, Stevie?

— Sim. — digo. Começo a ter uma dor de cabeça. — Urso-Corredor e Pombinha-Branca[8].

— É! — ele berra. — Temos que contratar atores de verdade pra essa, é claro. Não dá pra se usar animatrônica na água. Todos os circuitos explodiriam. E vê isto? — ele cutuca uma ponte correnteza acima, não muito longe da Curva do Homem Morto. — Sabe o que é isso?

— Hm... não. Mas tenho certeza de que você vai me contar.

— A Ponte Tallahatchie! Sabe, aquela da qual Billy Joe McAllister pulou na canção de Bobbie Gentry? Vamos contratar um cara... algum nadador fracassado que possa dá saltos triplos e coisa assim. Pense nas oportunidades de fotos!

— Gooch... — eu digo. — Por que haveria uma Ponte Tallahatchie sobre o Rio Moody? Não seria a Ponte do Rio Moody?

Ele olha para mim tristonhamente.

— Só se você insistir em unidade narrativa. Seu problema é que você

escreveu livros demais.

— Certo. — eu digo. — Deve ser isto mesmo. Gooch, você realmente tem algo aí, mas eu sou o cara errado para o projeto. Para um parque temático da zona morta, você precisa de alguém que curta mais esse lance de vida após a morte.

Uma luz começa a se acender em seus olhos.

— Você quer dizer...?

— Sim. — eu digo. — Deixe-me pegar o telefone de Mitch Albom[9].

— Você faria isso por mim, Steve? Faria mesmo?

— Pode apostar. — digo. Qualquer coisa para tirá-lo dali. — Isto é, se me deixar tirar uma soneca.

— É claro, eu entendo. Você precisa descansar para pensar em mais histórias assustadoras e cheias de tripas. Posso respeitar isso. Mas posso me fazer outro sanduíche primeiro?

Esse é o Gooch. Eu torço para que Mitch Albom esteja com a geladeira completamente cheia.

— Claro. — eu digo. — E Gooch?

— Sim?

— Gostaria de uma caneca de café de lembrança?

Trovão Estival

(*Summer Thunder*, 2013)

ROBINSON ESTAVA BEM, contanto que Gandalf estivesse. Não bem no sentido de que tudo está ótimo, mas no sentido de aguentar firme dia após dia. Ele ainda acordava no meio da noite, constantemente com lágrimas no rosto, por causa dos sonhos—tão vívidos!—onde Diana e Ellen estavam vivas, mas quando tirava Gandalf dos cobertores no canto onde o cão dormia e o colocava na cama, ele normalmente não conseguia mais dormir. Quanto a Gandalf, ele não se importava onde dormia, e se Robinson o queria mais perto, estava tudo bem também. Era quente, seco e seguro. Ele fora resgatado. E isso era tudo com que Gandalf se importava.

Com outro ser vivo para cuidar, as coisas estavam melhores. Robinson dirigiu até uma loja country oito quilômetros acima na Rota 19 (com Gandalf sentado no assento de passageiro da picape, orelhas empertigadas, olhos brilhantes) e pegou comida de cachorro. A loja estava abandonada, e é claro que fora saqueada, mas ninguém havia levado Eukanuba. Depois do Seis de Junho, animais de estimação haviam se tornado a última coisa na mente das pessoas. Assim Robinson deduziu.

De outro modo, os dois ficavam perto do lago. Havia muita comida na despensa, e caixas de suprimentos no porão. Ele frequentemente fizera piada sobre como Diana esperava o apocalipse, mas ele acabou sendo a piada. Ambos foram, na verdade, porque Diana certamente nunca imaginara que quando o apocalipse chegasse, ela estaria em Boston com a filha deles, investigando as possibilidades acadêmicas da Faculdade Emerson. Com apenas uma boca para alimentar, a comida sobreviveria a ele. Robinson não tinha dúvidas sobre isso. Timlin disse que eles estavam condenados.

Se assim era, a condenação era linda. O clima estava quente e sem nuvens. Nos velhos dias, o Lago Pocomtuc estaria repleto de lanchas e jet-skis (o que estava matando os peixes, os idosos resmungavam), mas este verão estava silencioso, com a exceção dos mergulhões... só que pareciam haver menos deles choramingando a cada noite. A princípio, Robinson achou que era apenas sua imaginação, que fora infectada com luto, assim como o resto de seu aparato pensativo, mas Timlin lhe assegurou que não era.

— Não notou que a maioria dos pássaros silvestres se foi? Acabaram-se os concertos matinais de chapins, assim como a música vespertina dos corvos. Quando chegar setembro, os mergulhões já terão sumido, assim como os

lunáticos que causaram isto. Os peixes viverão um pouco mais, mas eventualmente sumirão também. Como os cervos, os coelhos, e os esquilos.

Sobre tal vida selvagem, não poderia haver argumento. Robinson vira quase uma dúzia de cervos mortos pelos lados da estrada, e mais pela Rota 19 durante uma viagem que ele e Gandalf haviam feito até o Armazém Carson Corners, onde a placa defronte—COMPRE SEU QUEIJO VERMONT E XAROPE AQUI!—agora jazia encarando o chão, próxima às bombas vazias de gasolina. Mas a maior parte do holocausto animal encontrava-se nas florestas. Quando o vento soprava do leste para o lago, ao invés de na direção oposta, o fedor era tremendo. Os dias quentes não ajudavam, e Robinson quisera saber o que acontecera com o inverno nuclear.

— Oh, ele virá. — dissera Timlin, sentado em sua cadeira de balanço, olhando o que passara da luz solar ao atravessar as folhas das árvores. — A Terra ainda está absorvendo o golpe. Além disso, sabemos pelas últimas reportagens que o hemisfério sul—sem mencionar a maior parte da Ásia—está enterrado sob o que pode se transformar numa cobertura eterna de nuvem. Aproveite o brilho do sol enquanto ainda o temos, Peter.

Como se ele pudesse aproveitar qualquer coisa. Ele e Diana haviam conversado sobre uma viagem à Inglaterra—suas primeiras férias estendidas desde a lua de mel—assim que Ellen se acertasse na faculdade.

Ellen, ele pensou. Que acabara de se recuperar de um término de namoro com seu primeiro namorado de verdade, e estava começando a sorrir novamente.

***

Em cada um desses pós-apocalípticos dias de verão, Robinson colocava uma coleira em Gandalf (ele não fazia a menor ideia de qual seria o nome do cachorro antes do Seis de Junho; o vira-lata aparecera com um colar de onde só uma etiqueta de vacinação do Estado de Massachusetts jazia pendurada), e caminhavam três quilômetros até o caro enclave do qual Howard Timlin era, agora, o único residente.

Diana certa vez chamara aquele caminho de visão do paraíso. Grande parte dele descia em desvios que levavam até ao lago e a uma vista de sessenta quilômetros até Nova York. Em certo ponto, onde a estrada fazia uma curva brusca, uma placa que dizia VOLTE SUA ATENÇÃO PARA A DIREÇÃO havia sido postada. Os meninos que vinham durante o verão, é claro, chamavam este caminho em forma de grampo de cabelo de A Curva do Morto.

O Woodland Acres—particular, bem como caro antes do mundo acabar—

ficava um quilômetro e meio à frente. O destaque era um alojamento feito de rochas que certa vez possuíra um restaurante com uma linda vista, um chef cinco estrelas, e uma "despensa de cervejas" cujo estoque era de milhares de marcas ("Muitas delas intragáveis", Timlin dissera. "Confie em mim"). Espalhadas em volta do alojamento principal, em várias alamedas, encontravam-se dúzias de "chalés" pitorescos, alguns pertencentes a grandes corporações antes que o Seis de Junho pusesse um fim às corporações. A maioria dos chalés estivera vazia no Seis de Junho, e nos loucos dias que se seguiram, as poucas pessoas que eram residentes fugiram para o Canadá, onde, segundo rumores, não havia radiação. Foi na época em que ainda havia gasolina para tornar um voo possível.

Os donos do Woodland Acres, George e Ellen Benson, haviam ficado. Assim como Timlin, que era divorciado, não possuía crianças para enterrar, e sabia que a história do Canadá era certamente uma fábula. Então, no começo de julho, os Bensons engoliram pílulas e foram para cama ouvindo Beethoven num fonógrafo de pilha. Agora, só restara Timlin.

— Tudo o que você vê é meu. — ele dissera a Robinson, acenando exageradamente com o braço. — E algum dia, filho, tudo será seu.

Nestas caminhadas diárias até os Acres, o luto e o senso de deslocamento de Robinson pareciam suavizar um pouco; o brilho do sol era sedutor. Gandalf farejou os arbustos e tentou fazer xixi em cada um deles. Ele latia bravamente sempre que ouvia algo na floresta, mas sempre ficava próximo a Robinson. A coleira só era necessária por causa dos esquilos e roedores mortos. Gandalf não queria fazer xixi neles, ele queria rolar no que sobrara deles.

A Estrada do Woodland Acres se separava de uma estrada de terra por onde Robinson agora vivia uma vida de solteiro. Certa vez, a estrada fora barrada por um portão para manter os curiosos e assalariados—como ele mesmo —do lado de fora, mas agora o portão ficava permanentemente aberto. A estrada serpenteava por meio quilômetro através da floresta onde a luz oblíqua e empoeirada parecia quase tão velha quanto os altos espruces e pinheiros que a preenchiam, passava por quatro quadras de tênis, orlava uma vegetação artificial, e retornava por trás de um celeiro, onde uma trilha de cavalos jazia agora morta em seus estábulos. O chalé de Timlin ficava no lado mais longínquo do alojamento—uma modesta residência com quatro quartos, quatro banheiros, um banheiro de hidromassagem e sua própria sauna.

— Pra que precisa de quatro banheiros, se é só você? — Robinson perguntara-lhe uma vez.

— Eu não sei e nunca soube. — Timlin respondera. — Mas *todos* eles

possuem quatro quartos. Exceto Dedaleira, Madressilva e Lavanda. Eles têm cinco. Lavanda também tem uma pista de boliche anexada. Tudo muito chique. Mas quando eu vim aqui quando criança com a minha família, nós mijamos num banheiro público. Pode acreditar.

Robinson e Gandalf normalmente encontravam Timlin sentado em uma das cadeiras de balanço na vasta varanda de seu chalé (Verônica), lendo um livro ou escutando seu iPod. Então, Robinson soltava a coleira de Gandalf e o cão—apenas um vira-lata, nenhuma raça reconhecível, exceto pelas orelhas de Cocker Spaniel—avançava pelos degraus para ser paparicado. Após algumas carícias, Timlin gentilmente puxava o pelo branco do cão em vários lugares, e quando o pelo permanecia no lugar, ele sempre dizia a mesma coisa: “Notável”.

***

Num belo dia da metade de agosto, Gandalf fez apenas uma breve visita à cadeira de Timlin, farejando os calcanhares nus do homem antes de trotar de volta pelos degraus na direção da floresta. Timlin ergueu a mão para Robinson num gesto de “Rau”, como num velho filme sobre índios. Robinson devolveu a saudação.

— Quer uma cerveja? — Timlin perguntou. — Estão frias. Acabei de pegá-las.

— A marca de hoje seria Velha Merda ou Bosta da Montanha Verde?

— Nenhuma das duas. Havia uma caixa de Budweiser na despensa. A Rainha das Brejas, como você pode se lembrar. Eu a furtei.

— Nesse caso, ficarei feliz em me juntar a você.

Timlin levantou-se com um grunhido e entrou, vacilando levemente de lado a lado. A artrite já havia realizado um ataque silencioso aos seus quadris, ele dissera a Robinson, e, não contente com isso, decidira também clamar seus calcanhares. Robinson nunca perguntara, mas julgava que Tmilin já deveria estar na casa dos setenta. Seu corpo esguio sugeria uma vida de exercícios, mas seu físico agora começava a falhar. Robinson nunca se sentira melhor fisicamente em toda a sua vida, o que era irônico considerando que agora ele vivia por tão pouca coisa. Timlin certamente não precisava dele, embora fosse congenial o bastante. À medida que este verão sobrenaturalmente lindo relaxava, apenas Gandalf realmente precisava dele. O que por Robinson estava bom, porque no momento, Gandalf era o bastante.

Apenas um rapaz e seu cachorro, ele pensou.

Tal cachorro emergira da floresta na metade de junho, magro e imundo,

seu pelo era um emaranhado de folhas, e havia um arranhão profundo em seu focinho. Robinson estava deitado no quarto de hóspedes (ele não aguentava dormir na cama que compartilhara com Diana), insone por causa do luto e depressão, consciente de que estava se aproximando cada vez mais de puxar a tomada. Ele teria taxado tal ação como covardia só uma semana antes, mas, desde então, reconhecera vários fatos inegáveis. A dor não cessaria. O luto não cessaria. E, claro, sua vida não se alongaria por muito tempo, de qualquer forma. Era só sentir o cheiro dos animais podres para saber disso.

Ele ouvira algumas pancadas, e a princípio achou que pudesse ser um ser humano. Ou um urso que sentira o cheiro de sua comida. Mas o gerador ainda funcionava nessa época, e as luzes do sensor de presença que iluminavam a garagem se acenderam, e quando ele olhou pela janela, viu um cãozinho cinzento, alternadamente arranhando a porta e aconchegando-se na varanda. Quando Robinson abriu a porta, o cachorro a princípio recuou, orelhas para trás e rabo entre as pernas.

— É melhor você entrar. — Robinson dissera. — Se não consegue farejar, simplesmente siga os malditos mosquitos.

Ele deu ao cão uma tigela de água, que ele bebeu ferozmente, e depois uma lata de bife moído com milho, o que ele comeu em cinco ou seis grandes mordidas. Quando o cachorro terminou, Robinson lhe fez carinho, esperando não ser mordido. Ao invés de morder, o cão lambeu sua mão.

— Você é Gandalf. — Robinson dissera. — Gandalf, o Cinzento. — e então caiu no choro. Ele tentou dizer a si mesmo que estava sendo ridículo, mas não estava. O cão, afinal de contas, era um ser vivo. Ele já não mais estava sozinho na casa.

***

— Qual é a dessa sua motocicleta? — Timlin perguntou.

Eles haviam progredido para uma segunda cerveja. Quando Robinson terminasse a dele, ele e Gandalf fariam a jornada de quatro quilômetros de volta para casa. Ele não queria esperar muito; os mosquitos se apinhavam quando começava a anoitecer.

Se Timlin estivesse certo, ele pensou, os sugadores de sangue herdariam a Terra em vez dos mansos. Isto é, se conseguissem achar sangue para sugar.

— A bateria está morta. — ele dissera a Timlin. — Minha esposa me fez prometer que eu venderia a moto quando completasse cinquenta anos. Ela disse que depois dos cinquenta, os reflexos de um homem estão lentos demais para se

confiar.

— E quando você completa cinquenta?

— No ano que vem. — Robinson disse. E riu ante o absurdo da coisa.

— Eu perdi um dente esta manhã. — Timlin disse. — Pode não querer dizer nada na minha idade, mas...

— Algum sinal de sangue na privada?

Timlin—um professor emeritus que, até o ano passado, ainda fazia seminários de História Americana em Princeton—dissera-lhe que aquele era um dos primeiros sinais de envenenamento radioativo avançado, e ele sabia muito mais sobre a coisa do que Robinson. O que Robinson sabia era que sua esposa e filha estavam em Boston quando as frenéticas conversas de paz em Genebra haviam evoluído para um clarão nuclear no cinco de junho, e elas ainda estavam em lá no dia seguinte, quando o mundo matou a si mesmo. A costa leste, de Hartford a Miami, era agora predominantemente lixo radioativo.

— Vou ter que invocar a Quinta Emenda nesta. — Timlin disse. — Aí vem seu cão. É melhor checar as patas dele—ele está mancando um pouco. Parece ser a esquerda traseira.

Mas eles não puderam achar nenhum espinho em nenhuma das patas de Gandalf, e desta vez, quando Timlin puxou gentilmente seu pelo, um tufo de seu traseiro se soltou. Gandalf não pareceu sentir.

— Nada bom. — Timlin disse.

— Pode ser sarna. — Robinson disse. — Ou estresse. Cachorros perdem pelo quando estão estressados, sabe.

— Talvez. — Timlin olhava para o oeste, através do lago. — Vai ser um pôr do sol lindo. Mas também, todos eles são lindos agora. Como quando Krakatoa entrou em erupção, em 1883. Só que isto está mais para dez mil Krakatoas. — ele se inclinou e fez carinho na cabeça de Gandalf.

— Índia e Paquistão. — Robinson disse.

Timlin se endireitou novamente.

— Bom, sim. Mas aí todo mundo tinha que ter entrado na festa, não é? Até os chechenos tinham um pouco da coisa, e eles a levaram para Moscou em picapes. É como se o mundo propositalmente houvesse se esquecido de quantos países—e grupos, os malditos *grupos!*—tinham aquelas coisas.

— Ou do que elas eram capazes. — Robinson disse.

Timlin assentiu.

— É, isso também. Estávamos preocupados demais com o teto da dívida, e nossos amigos do outro lado da lagoa estavam concentrados em impedir os

concursos de beleza infantil e em alavancar o euro.

— Tem certeza de que Canadá está tão infectado quanto os quarenta e oito estados abaixo?

— É uma questão de proporção, eu suponho. Vermont não está tão infectada quanto Nova York, e o Canadá provavelmente não está tão infectado quanto Vermont. Mas ficará. E também, a maioria das pessoas que foram lá pra cima já está doente. Mortalmente doente, se me permite citar Kierkegaard. Quer outra cerveja?

— É melhor eu voltar. — Robinson se pôs de pé. — Vamos, Gandalf. Hora de queimar algumas calorias.

— Vou vê-lo amanhã?

— Talvez no fim da tarde. Eu tenho uma coisa para fazer pela manhã.

— Posso perguntar onde?

— Bennington, enquanto ainda houver gasolina no meu caminhão para ir e voltar.

Timlin levantou as sobrancelhas.

— Quero ver se posso encontrar uma bateria de motocicleta.

***

Gandalf conseguiu ir até a Curva do Morto com suas próprias forças, embora sua coxeadura houvesse piorado bastante. Ao chegarem lá, ele simplesmente se sentou, como se para assistir ao quente pôr do sol refletido no lago. Era de um laranja espumante, injetado nas artérias do mais profundo vermelho. O cachorro grunhiu e lambeu sua pata traseira canhota. Robinson sentou-se ao seu lado por um momento, mas quando o primeiro esquadrão de mosquitos chamou reforços, ele pegou Gandalf e começou a andar novamente. Pela hora em que chegaram em casa, os braços de Robinson estavam trêmulos e seus ombros doíam. Se Gandalf houvesse engordado mais quatro quilos, talvez só mais uns dois, ele duvidava que tivesse conseguido. Sua cabeça também doía, talvez pelo calor, ou por causa da segunda cerveja, ou ambos.

A entrada, cercada de árvores que desciam até a casa, era uma poça de sombras, e a própria casa estava escura. O gerador havia morrido semanas antes. O pôr do sol decrescera para uma macha roxa e sombria. Ele subiu a varanda e pôs Gandalf no chão para abrir a porta.

— Entra, rapaz. — ele disse. Gandalf lutou para ficar de pé, então caiu.

Na hora em que Robinson se inclinava para pegá-lo novamente, Gandalf fez outro esforço. Desta vez, ele conseguiu ultrapassar o umbral e a entrada,

onde caiu de lado, arfando. Na parede, acima dele, estavam pelo menos duas dúzias de fotos estreladas pelas pessoas que Robinson amava, todas elas agora presumidamente falecidas. Ele já não mais podia ligar para os telefones de Diana e Ellen e escutar suas vozes gravadas. Seu próprio celular havia morrido pouco depois do gerador, mas mesmo antes disso, todos os serviços telefônicos haviam cessado.

Ele pegou uma garrafa de água da despensa, encheu a tigela de Gandalf, e depois pôs um pouco de ração moída. Gandalf bebeu um pouco da água, mas não comeu. Quando Robinson coçou a barriga do cachorro, pelo desgrudou em chumaços.

Está acontecendo tão rápido, ele pensou. Pela manhã, ele estava bem.

***

Ele pegou uma lanterna e foi ao galpão que ficava atrás da casa. No lago, um mergulhão choramingou—só um. A motocicleta encontrava-se sob uma lona. Ele a puxou e jogou a luz ao longo do brilhante corpo da moto. Era uma Fat Bob 2014, muito velha agora, mas de baixa quilometragem; seus dias de dirigir seis e oito mil quilômetros entre maio e outubro haviam ficado para trás. Ainda assim, o Bob era seu veículo dos sonhos, muito embora fossem apenas neles que ele o dirigia nos últimos anos. Ar condicionado. Cames gêmeas. Seis marchas. Quase mil e setecentas cilindradas. E o som que ela fazia! Apenas as Harleys faziam aquele som, como um trovão estival. Quando se parava ao lado de um Chevy ante um farol vermelho, o motorista provavelmente fechava as portas.

Robinson deslizou a mão pela direção, depois passou a perna por cima e sentou-se na sela, pondo os pés nos pedais. Diana tonara-se cada vez mais insistente quanto à venda, e quando ele a pilotava, lembrava-a de novo e de novo que Vermont possuía uma lei de capacetes por um motivo... diferentemente dos idiotas em New Hampshire e no Maine. Agora ele podia pilotar sem capacete se quisesse. Não havia Diana para implicar ou Polícia Montada para fazê-lo encostar. Ele podia pilotar até de bunda de fora se quisesse.

— Mas eu precisaria me lembrar dos canos de escape quando descesse. — disse, e riu. Ele voltou para dentro sem recobrir a Harley. Gandalf estava deitado na cama, com os cobertores que Robinson arrumara para ele, com o nariz descansado sobre as patas. Sua comida estava intocada.

— É melhor comer. — Robinson disse. — Você se sentirá melhor.

***

Na manhã seguinte, havia uma mancha rubra nos cobertores perto da traseira de Gandalf, e embora tentasse, ele não conseguia se pôr de pé. Após ele desistir pela segunda vez, Robinson o levou para fora, onde Gandalf ficou no capim até conseguiu ficar de pé tempo o bastante para se acocorar. O que saiu dele foi uma torrente de fezes ensanguentadas. Gandalf se afastou como se envergonhado e deitou-se, olhando para Robinson tristonhamente.

Desta vez, quando Robinson o pegou, Gandalf chorou de dor e mostrou os dentes, mas não mordeu. Robinson o carregou para dentro e o colocou em sua cama de cobertores. Ele olhou para suas mãos enquanto se levantava e viu que elas estavam repletas de pelo. Quando espanou as duas palmas juntas, o pelo flutuou como serralha.

— Você vai ficar bem. — disse a Gandalf. — Só está um pouco ruim do estômago. Deve ter pegado um daqueles malditos esquilos enquanto eu não olhava. Fique e descanse. Você se sentirá melhor quando eu voltar.

***

Ainda havia meio tanque cheio no Silverado, mais do que o bastante para a viagem de cem quilômetros até Bennington. Robinson decidiu ir ao Woodland Acres primeiro e ver se Timlin ia querer alguma coisa.

Seu último vizinho estava sentado na varanda do Verônica em sua cadeira de balanço. Estava pálido, e havia bolsas roxas sob seus olhos. Quando Robinson lhe contou sobre Gandalf, ele assentiu.

— Eu fiquei acordado a maior parte da noite, correndo para o banheiro. Acho que fomos mordidos pelo mesmo mosquito. — ele sorriu para mostrar que era uma piada... muito embora, uma não muito engraçada.

Não, ele disse, não havia nada que ele queria em Bennington, mas talvez Robinson pudesse passar ali no caminho de volta.

— Eu tenho algo que pode ser que *você* queira. — ele disse.

***

A viagem até Bennington foi mais lenta do que Robinson esperara, porque a estrada estava repleta de carros abandonados. Estava próximo do meio-dia pela hora em que ele chegou ao lote frontal do Reino das Harley-Davidsons. As vitrines haviam sido quebradas e todos os modelos de mostra haviam sido roubados, mas havia várias motos nos fundos. Estas tinham proteções antifurto

com cabos de aço e grossos cadeados.

Robinson não se importou; ele só queria a bateria. O Fat Bob que ele escolheu era um ou dois anos mais novo que o dele, mas a bateria parecia ser a mesma. Ele tirou sua caixa de ferramentas da picape, checou a bateria com seu Impact (o testador fora um presente de sua filha dois aniversários antes), e recebeu uma luz verde. Ele removeu a bateria, foi até a sala de exposição, e achou uma seleção de mapas. Usando o mais detalhado para investigar as estradas secundárias, conseguiu retornar ao lago por volta das três.

Ele viu vários animais mortos pelo caminho, incluindo um alce extremamente grande caído ao lado dos degraus de cimento do trailer de alguém. No jardim repleto de ervas daninhas do trailer, uma placa pintada a mão fora postada com apenas duas palavras: PARAÍSO BREVE.

***

A varanda do Verônica estava deserta, mas quando Robinson bateu na porta, Timlin pediu para que ele entrasse. Ele sentava na rústica e pomposa sala de estar, mais pálido do que nunca. Numa mão segurava um grande guardanapo de pano. Ele estava manchado de sangue. Na mesa de café à sua frente, havia três itens: um enorme livro chamado *A Beleza de Vermont*, uma agulha hipodérmica cheia com um líquido amarelado, e um revólver.

— Fico feliz por você ter vindo. — Timlin disse. — Eu não queria ir sem lhe dar adeus.

Robinson reconheceu o absurdo da primeira resposta que lhe veio à mente —mas já vai tão cedo?—e conseguiu permanece em silêncio.

— Perdi meia dúzia de dentes. — Timlin disse. — Mas esse não foi o maior acontecimento. Mais ou menos nas últimas doze horas, parece que expeli a maior parte dos meus intestinos. A coisa mais estranha é que dói tão pouco. As hemorroidas que me atormentaram quando eu estava na casa dos cinquenta foram piores. A dor virá—li o bastante para saber disso—mas não pretendo ficar por aqui para sentir o desabrochar total. Você conseguiu a bateria que estava querendo?

— Sim. — Robinson disse, sentando-se pesadamente. — Jesus, Howard, sinto muito.

— E você? Como se sente?

— Bem. — embora isso já não fosse mais completamente verdade. Várias manchas vermelhas, que não pareciam ser queimaduras de sol, estavam surgindo em seus antebraços, e havia outra em seu peito, acima do mamilo direito. Elas

coçavam. E também... seu café da manhã seguia firme onde estava, mas seu estômago parecia bem longe de estar feliz com isto.

Timlin se inclinou para frente e cutucou a agulha.

— Demerol. Eu ia injetá-la em mim mesmo para depois olhar algumas fotos de Vermont até... até. Mas mudei de ideia. A arma vai servir, eu acho. Você fica com a agulha.

— Eu ainda não estou de todo pronto. — Robinson disse.

— Não é para você. Gandalf não merece sofrer.

— Acho que ele talvez tenha apenas comido um esquilo. — Robinson disse, fracamente.

— Ambos sabemos que não é isso. Mesmo que fosse, os animais mortos estão tão recheados de radiação que não faria diferença se ele tivesse ingerido uma cápsula de cobalto. É um milagre que ele tenha sobrevivido por tanto tempo. Esteja grato pelo tempo que você teve com ele. Um pouquinho de graça. É isso o que um bom cão é, sabe. Um pouquinho de graça.

Timlin estudou-o atentamente.

— Não chore por mim. Se chorar, eu também vou, então tenha bolas.

Robinson conseguiu não chorar, embora não se sentisse muito machão.

— Há mais uma grade de Bud na geladeira. — Timlin disse. — Não sei por que me incomodei em botar lá, mas velhos hábitos dificilmente se esvaem. Por que não traz uma pra cada um de nós? Cerveja quente é melhor do que nenhuma cerveja; creio que tenha sido Woodrow Wilson quem disse isso. Vamos brindar a Gandalf. E também à sua nova bateria de motocicleta. Enquanto isso, preciso soltar um barro. Ou, quem sabe, este acabe se tornando a casa inteira.

Robinson pegou a cerveja. Quando voltou, Timlin havia sumido, e assim permaneceu por quase cinco minutos. Ele voltou lentamente, segurando-se nas coisas. Havia removidos as calças e enrolado uma toalha de banho ao redor da cintura. Ele sentou-se com um gemido de dor, mas pegou a lata de cerveja que Robinson estendeu. Eles brindaram em homenagem a Gandalf e beberam. A Bud estava quente, pode crer, mas não de toda ruim. Ela era, afinal de contas, a Rainha das Brejas.

Timlin pegou a arma.

— Meu suicídio vai ser do tipo clássico Vitoriano. — ele disse, soando satisfeito com a ideia. — Arma na têmpora. Uma mão sobre os olhos. Adeus, mundo cruel.

— Eu vou embora me juntar ao circo. — Robinson disse, sem pensar.

Timlin riu com gosto, seus lábios retraíram-se para revelar os poucos

dentes que haviam restado.

— Seria bom, mas duvido. Eu já te contei que fui atropelado por um caminhão quando era um menino? O tipo que nossos primos britânicos chamariam de Entrega-Leite?

Robinson balançou a cabeça.

— Foi em 1957. Eu tinha quinze anos, descendo uma estrada de terra em Michigan, em direção à Rodovia 22, onde esperava pegar carona para Traverse City, e comparecer a uma sessão dupla de cinema. Eu estava devaneando sobre uma garota do colégio—longas e adoráveis pernas, e grandes seios—e acabei me afastando da relativa segurança do acostamento. O Entrega-Leite veio do topo da colina—o motorista estava vindo rápido demais—e me acertou em cheio. Se ele estivesse completamente carregado, eu certamente teria sido morto, mas porque ele estava vazio, também estava mais leve, permitindo que eu sobrevivesse até a idade de setenta e cinco anos, e tivesse a experiência de cagar as próprias tripas numa privada que não dá mais descarga.

Não parecia haver resposta adequada para isto, então Robinson permaneceu calado.

— Houve um clarão de sol no para-brisa do caminhão enquanto vinha do topo da colina, e então... nada. Acredito que vou experimentar a mesma coisa quando a bala entrar no meu cérebro e acabar com tudo o que vivenciei ou pensei. — ergueu um dedo professoral. — Só que desta vez, o nada não dará lugar a algo. Apenas um clarão, como o sol no para-brisa do Entrega-Leite, seguido pelo nada. Eu acho a ideia simultaneamente incrível e terrivelmente deprimente.

— Talvez você devesse esperar um pouco. — Robinson disse. — Pode ser que...

Timlin esperou educadamente, com as sobrancelhas erguidas, a arma numa mão e a lata de cerveja na outra.

— Porra, eu não sei. — Robinson disse. E então, surpreendendo a si mesmo, berrou, *“O que fizeram? O que foi que aqueles filhos da puta fizeram?”*.

— Você sabe perfeitamente o que fizeram. — Timlin disse. — E agora, vivemos com as consequências. Sei que você ama aquele cachorro, Peter. É um amor deslocado—um amor substituto—mas nós pegamos o que podemos, e se tivermos metade do cérebro, ficamos gratos. Então não hesite. Enfie a agulha no pescoço, e enfie com força. Segure a coleira dele, caso ele lute.

Robinson pousou sua cerveja. Ele não a queria mais.

— Ele estava muito mal quando eu saí. Talvez já esteja morto.

***

Mas não estava.

Ele virou os olhos na direção de Robinson quando ele adentrou o quarto, e balançou o rabo duas vezes debaixo de seus empapados cobertores. Robinson sentou-se ao seu lado. Fez carinho na cabeça de Gandalf e pensou nas perdições do amor, que eram realmente tão simples quando diretamente encaradas. Gandalf pôs a cabeça sobre o joelho de Robinson e olhou para ele. Robinson tirou a agulha do bolso de sua camisa e removeu a tampa protetora dela.

— Você é um bom rapaz. — ele disse, e segurou a coleira de Gandalf, como Timlin instruíra. Enquanto se encorajava a seguir em frente, ele ouviu um tiro. O som veio fraco naquela distância, mas com o lago tão parado, não havia como confundi-lo com qualquer outra coisa. O som rolou pelo silêncio, diminuiu, tentou fazer um eco e falhou. Gandalf empertigou suas orelhas, e uma ideia veio a Robinson, tão confortadora quanto absurda. Talvez Timlin estivesse errado quanto ao nada. Era possível. Em um mundo onde se podia olhar para cima e ver as estrelas, percebeu que tudo o era. Talvez pudessem se encontrar e ir em frente para a coisa seguinte, juntos, apenas um velho professor de história e seu cachorro.

Gandalf ainda olhava para ele no momento em que a agulha foi enfiada. Por um momento, os olhos do cão permaneceram brilhantes e conscientes, e no interminável instante antes do brilho sumir, Robinson teria voltado atrás se pudesse.

Ele ficou sentado lá por um longo tempo, esperando que o último mergulhão desse seu sinal uma vez mais, mas não aconteceu. Depois de um tempo, ele foi até o galpão, achou uma pá e cavou um buraco no jardim de flores de sua esposa. Não era necessário cavar fundo; nenhum animal faminto viria para exumar Gandalf.

Na manhã seguinte, Robinson acordou para sentir um gosto de cobre na boca. Quando ele ergueu a cabeça, sua bochecha se desgrudou do travesseiro. Tanto o seu nariz quanto as suas gengivas haviam sangrado durante a noite.

***

Era outro dia lindo, e embora ainda fosse verão, a primeira cor havia começado a invadir as árvores. Robinson levou seu Fat Bob para fora do galpão e substituiu a bateria morta, trabalhando lenta e cuidadosamente em silêncio profundo.

Quando terminou, ele ligou. A luz verde e neutra surgiu, mas gaguejou um pouco. Ele desligou, apertou as conexões, e tentou novamente. Desta vez, a luz permaneceu firme. Ele ligou a ignição e o som do trovão estival quebrou o silêncio. Pareceu um sacrilégio, mas—estranhamente—de um jeito bom. Robinson não ficou surpreso ao se encontrar pensando em sua primeira e única viagem para participar de uma corrida de motos que sempre acontecia em Sturgis, durante cada agosto. Fora em 1998, um ano antes de conhecer Diana. Ele lembrava-se de descer lentamente a Junction Avenue em sua Honda GB 500, mais um trenó numa parada de dois mil outros, o rugido combinado de todas aquelas motos tão alto que parecia uma coisa física. Mais tarde naquela noite, houvera uma fogueira, e a interminável torrente dos Allman Brothers, AC/DC e Metallica retumbando por enormes amplificadores. Garotas tatuadas dançavam seminuas à luz do fogo; homens barbados bebiam cervejas de chapéus bizarros; crianças, decoradas com tatuagens falsas, corriam por todo lado, causando faíscas. Foi aterrorizante e incrível, nojento e maravilhoso, tudo o que havia de certo e de errado com o mundo num mesmo lugar e num mesmo foco. Acima de tudo isto, um trilhão de estrelas.

Robinson acelerou a moto, então soltou-o. Acelerou e soltou. Acelerou e soltou. O rico odor de gasolina recém-queimada preencheu a entrada da casa. O mundo era uma besta agonizante, mas o silêncio fora banido, ou pelo menos por ora, e isso era bom. Isso era ótimo. Vai se foder, silêncio, ele pensou. Foda-se e o cavalo em que cavalgou. Este é o *meu* cavalo, e ele é feito de aço, o que acha disto?

Ele espremeu a embreagem e passou a primeira marcha. Saiu deslizando pela entrada, virou à direita, e passou a segunda e depois a terceira marcha. A estrada estava suja e sulcada em alguns lugares, mas a moto aguentou tudo facilmente, fazendo Robinson flutuar para cima e para baixo no assento. Seu nariz estava escorrendo novamente; o sangue descia por suas bochechas e era jogado para trás em alongadas gotículas. Ele tomou a primeira curva e depois a segunda, acelerando mais agora, passando para a quarta marcha enquanto avançava numa breve extensão reta. O Fat Bob estava louco de vontade de correr. Ele estivera naquele maldito galpão por muito tempo, juntando poeira. À direita de Robinson, ele podia ver o Lago Pocomtuc pelo canto do olho, imóvel como um espelho, o sol jogando sua trilha amarelada através do azul. Robinson deixou sair um berro e balançou um punho contra o céu—ou talvez contra o universo—antes de retorná-lo à direção. À frente, estava a estrada em forma de grampo de cabelo com a placa que dizia VOLTE SUA ATENÇÃO PARA A

DIREÇÃO!, que marcava a Curva do Morto.

Robinson mirou na placa e torceu o acelerador até o fim. Ele ainda teve tempo de atingir a quinta marcha.

O Garotinho Malvado

(*Bad Little Kid*, 2014)

1

A PRISÃO FICAVA A TRINTA QUILÔMETROS de distância da cidade mais próxima, no meio da pradaria assombrada por ventos implacáveis. No início do século vinte, o prédio principal era um pesadelo petrificado, o qual desfigurava uma ampla paisagem deserta. Nos últimos quarenta e cinco anos, grupos de celas foram construídos um após o outro em ambos os lados—em sua grande maioria com o fluxo contínuo de dinheiro público, oferecido nos anos do governo de Nixon, e desde então nunca mais reclamados.

Um pouco afastado do verdadeiro complexo da prisão, encontrava-se a pequena construção, a qual era conhecida como Palácio das Agulhas pelos detentos. De um lado, erguia-se o chamado pátio das galinhas, um espaço de aproximadamente 40 metros de comprimento e seis metros de largura, cercado por uma pesada cerca de arame. Os presidiários do Palácio das Agulhas—atualmente eram sete—podiam ficar por duas horas por dia no pátio das galinhas. Alguns passeavam. Outros corriam. A maioria sentava-se, de costas para a cerca de arame, olhando ou o céu ou a pequena colina, que cortava a paisagem monótona por aproximadamente um quilômetro e meio. Ás vezes, existia algo para se ver, na maior parte do tempo, não. E o vento soprava constantemente. Três meses ao ano ficava quente no pátio de galinhas, que no restante do ano era frio. Até mesmo no inverno congelante. Mesmo assim, os detentos queriam ficar ao ar livre. De qualquer forma, dava para observar o céu. Pássaros. Ocasionalmente um cervo, que pastava no topo da pequena colina.

O centro do Palácio das Agulhas era uma sala com um piso de pedra, uma mesa em formato de Y e as aparelhagens médicas mais importantes. Em uma parede, ficava uma janela com uma cortina fechada. Uma vez aberta, a sala de observação, que não maior do que a sala de estar de uma típica família, ficava às vistas. Graças a uma dezena de cadeiras de plástico, os espectadores podiam observar a mesa em Y. Na parede, pendia um aviso: POR FAVOR EVITEM CONVERSAS E GESTOS DURANTE O PROCEDIMENTO.

O Palácio das Agulhas possuía exatamente doze celas. Atrás delas, ficavam a sala dos guardas, a sala de vigilância, a qual sempre estava ocupada, e a sala de visitas, onde uma tela de vidro grossa dividia a mesa entre os detentos e seus visitantes. Até os telefones foram poupados—os presos se comunicavam

com seus familiares ou advogados através de pequenos buracos redondos no vidro, que lembravam receptores de telefones antigos.

Leonard Bradley sentou-se do seu lado da placa divisória e abriu sua maleta. Pousou um caderno de notas e uma caneta à sua frente, e começou a esperar. O marcador de segundos do seu relógio de pulso conseguiu fazer três rotações, e já começara a quarta, quando a porta, que leva para o interior do Palácio das Agulhas, abriu-se com o alto som metálico das trincas. Bradley já conhecia todos os policiais. Hoje, McGregor estava de serviço. Um rapaz bem simpático. Ele conduziu George Hallas pelo braço para dentro da sala. As mãos de Hallas não estavam algemadas, porém, entre os pés, rastejava uma corrente. Em sua vestimenta laranja, havia um cinto de couro grosso ao redor de sua cintura. No momento em que ele se sentou do seu lado da parede divisória, McGregor passou outra corrente pelo anel de ferro preso ao cinto e pela parte de trás da cadeira. Ele trancou o cadeado, puxou a corrente para testar e cumprimentou Bradley, batendo dois dedos contra a testa:

— Olá, Sr. Bradley.

— Olá, Sr. McGregor.

Hallas não disse nada.

— O senhor sabe como funciona. — disse McGregor — Hoje você poderá conversar o quanto quiser com ele. Mais especificamente, o quanto aguentar.

— Eu sei.

Normalmente, as conversas entre advogado e cliente eram limitadas a uma hora. Um mês antes da data marcada para o cliente, na sala com a mesa em formato de Y, o tempo da conversa era expandido para noventa minutos, para que o advogado e seu colega, cada vez mais nervoso, pudessem discutir sobre o reduzido número de alternativas desesperadas nesta dança da morte estatal. Na última semana, o limite do tempo foi totalmente ignorado, o que não valia somente para os advogados, mas também para os familiares mais próximos. Entretanto, a esposa de Hallas o abandonou e pediu divórcio algumas semanas depois de sua sentença, e eles não tiveram filhos. Hallas estava sozinho—não tinha mais ninguém, além de Len Bradley, e ele não tinha interesse sobre uma possível sugestão de entrar com um recurso e, consequentemente, um atraso de execução da sentença.

Pelo menos até hoje.

Ele logo vai conversar com você, profetizou McGregor sobre Bradley, depois de uma conversa de dez minutos no mês anterior, durante a qual a participação de Hallas ficara limitada a *não, não* e *não*.

Quando chegar a hora, ele vai falar como um livro. Eles ficam com medo, entende? De repente, eles não querem marchar como o protagonista na câmara da morte. Em algum momento, fica claro que isso aqui não é um filme e que eles realmente vão morrer, então tentam esgotar todos os recursos jurídicos de todas as maneiras possíveis.

Hallas não aparentava estar com muito medo. Ele sempre parecia ser desse jeito: um pequeno homem com uma postura torta, pele pálida, cabelo desarrumado e olhos como pinturas. Ele se parecia com um contabilista—o que também fora em sua vida anterior—que havia perdido o interesse nas colunas de números, as quais pareciam ter sido muito importantes para ele.

— Então boa diversão, garotos. — disse McGregor e moveu-se até a cadeira que estava num canto. Ele se sentou, ligou o seu iPod e deixou-se levar pela música, sem sequer perder os dois homens por um segundo de vista. Os buracos na parede divisória eram muito pequenos para uma caneta, mas uma agulha seria possível de passar sem muitos problemas.

— O que posso fazer por você, George?

Hallas hesitou por um momento. Ele observava suas mãos pequenas e fracas, as quais uma pessoa mal poderia considerar como sendo as de um assassino. Então, ele disse:

— Você é um homem correto, Sr. Bradley.

Bradley ficou surpreso e não sabia o que esperar dessa situação.

Hallas abaixou a cabeça, como se o seu advogado o tivesse proibido de proferir qualquer palavra.

— É sim. Você não deixou por mais. Mesmo quando eu disse que você deveria desistir e deixar as coisas seguirem seu curso. Nem todos os advogados fariam isso. A maioria teria dito *Claro, como queira,* e teria seguido para o próximo coitado, empurrado por um juiz. Mas você não. Você me disse quais medidas tomaria, e quando eu disse que deveria deixar tudo isso pra lá, você continuou. Sem você, eu já teria sido enterrado há mais de um ano.

— Pois é, nem todos têm aquilo que desejam, George.

Hallas sorri rapidamente.

— E quem saberia disso melhor do que eu? Mas falando sério—não foi tão ruim assim. O pátio das galinhas deixa tudo mais suportável. Eu gosto de lá de fora. Gosto do vento no rosto, mesmo quando está frio. Gosto do cheiro da grama na pradaria, ou quando a lua cheia está no céu numa noite clara. Ou os cervos. Às vezes eles pulam pela colina e correm uns atrás dos outros. Eu gosto disso. Às vezes eu preciso rir em voz alta.

— A vida pode ser bonita. Pode até valer a pena lutar por ela.

— Isso pode até ser verdade para algumas vidas. Não pra minha. Mesmo assim, foi simpático da sua parte tentar me ajudar como você tentou. Eu valorizo bastante o seu compromisso. Por isso, vou te contar o que eu não disse na frente do júri. E porque eu não quis entrar com nenhum recurso, ou usar as táticas para atrasar o processo... embora eu não pudesse evitá-las.

— Um recurso sem o consentimento do réu não tem muito peso perante o júri neste Estado. Em nenhum tribunal no mundo, pra ser mais exato.

Hallas pareceu ignorar o último comentário:

— Mesmo assim você me visitou regularmente, e isso eu também levo em consideração. Somente algumas poucas pessoas teriam sido tão simpáticas com um condenado por infanticídio.

De novo, Bradley não sabia o que esperar. Hallas disse, nos últimos dez minutos, mais do que dissera em todas as visitas dos últimos 34 meses juntas.

— Eu não tenho dinheiro para te dar, mas posso pelo menos te contar porque matei aquela criança. Você não vai acreditar em mim, mas eu vou contar assim mesmo. Se você quiser ouvir. — Hallas olha pelos buracos da parede divisória riscada e ri. — E você quer ouvir, não é verdade? Pois ainda existem algumas inconsistências. O advogado estatal examinou-as por cima, mas elas não te deixam sossegado.

— Ah, é... verdade.

— Agora, eu o matei. Eu tinha uma pistola .45 e detonei o garoto com ela. Havia um monte de testemunhas, e você sabe, com certeza, que o procedimento de revisão teria alongado o processo em só três, quatro, ou mesmo seis anos —mesmo com o meu consentimento escrito. Considerando a monstruosidade desse atentado, todas as perguntas relacionadas ao fato corriam por trás dos panos, não é verdade?

— Sim, mas poderíamos ter alegado insanidade mental. — Bradley se inclinou para frente. — Ainda podemos. Não é tarde demais. Não totalmente.

— Um recurso tardio de insanidade mental raramente é bem sucedido, Sr. Bradley.

Ele não quer me chamar pelo meu primeiro nome, pensou Bradley. *Muito embora já tenhamos passado tanto tempo juntos. Ele vai me chamar de Sr. Bradley até o dia de sua morte.*

— Raramente não significa nunca, George.

— Não. Mas não sou louco e eu não estava louco na época. Eu nunca tive a mente tão limpa quanto no dia do assassinato. Então, você quer ouvir o que o

tribunal não pode ouvir? Se não, tudo bem, eu não tenho mais nada para oferecer.

— Claro que quero. — disse Bradley. Ele pegou a caneta, mas no final, não faria qualquer anotação. Ficou simplesmente sentado, e escutou hipnotizado quando George Hallas começou a contar, com seu suave sotaque sulista.

2

"Minha mãe, que sempre foi mais do que saudável durante sua curta vida, morreu seis horas depois do meu parto, por causa de uma embolia pulmonar. Isso foi em 1969. Deve ter sido algo genético, pois ela tinha apenas 22 anos. Meu pai era oito anos mais velho. Um homem decente e um bom pai. Engenheiro de minas. Até os meus oito anos, nós nos mudávamos por todo o sudoeste, de uma mina para outra. Nossa governanta nos acompanhava. Ela se chamava Nona McCarthy, porém eu a chamava somente de Mama Nonie. Ela era negra. Eu acho que meu pai dormia com ela, mesmo que ela sempre estivesse sozinha quando eu pulava em sua cama pelas manhãs—algo que eu geralmente fazia. Ela era boa comigo, cozinhava o meu almoço e lia as mesmas histórias de ninar quando meu pai não estava em casa, e eu não precisava de mais do que isso. Eu imaginava que ao todo não representávamos a imagem de uma família tradicional, porém eu estava satisfeito.

Em 1977, nós nos mudamos para o oeste, em direção a Talbot. Fica em Alabama, perto de Birmingham. Lá, encontra-se o Forte John Huie, um ponto estratégico militar, e ao seu redor existe uma grande reserva de carvão. Meu pai deveria organizar a reabertura das Minas Good-Luck Um, Dois e Três, e as deixar condizentes com as leis ambientais. Para isso, ele precisaria furar novos poços e criar um novo sistema de eliminação, assim os rios da região não ficariam poluídos. Nós morávamos em uma pequena e adorável cidade. A casa foi colocada à nossa disposição pela Empresa de Mineração Good-Luck. Mama Nonie gostava de lá, porque o meu pai transformou a garagem em um apartamento de dois quartos para ela. Assim, ele possivelmente poderia reduzir a fofoca alheia ao mínimo. Eu o ajudava nos finais de semana, carregava as placas ou algo do tipo. Foi uma época muito boa. Eu pude ir à mesma escola por dois anos. Tempo o suficiente para fazer amigos. Tempo o suficiente para um pouco de confiança.

Dentre esses amigos, havia também a garota vizinha. Em uma série de televisão ou em um romance de banca, nós teríamos nos beijado pela primeira

vez numa casa na árvore, estaríamos apaixonados e indo juntos para a escola e festa de formatura. Por dois motivos não seria possível que as coisas entre eu e Marlee Jacobs chegassem a esse ponto.

Papai sempre dizia, não existe nada pior do que deixar uma criança com falsas esperanças. Por isso, não passou pela minha cabeça que ficaríamos para sempre em Talbot. Provavelmente eu iria terminar a quinta, ou mesmo a sexta série na escola Mary Day Grammar, contudo, depois disso, o projeto da Good-Luck estaria finalizado e nós precisaríamos nos mudar. Talvez de volta ao Texas ou Novo México; ou até mesmo em West Virginia ou Kentucky. Eu me uni ao meu destino, assim como Mama Nonie. Meu pai era o chefe, e era um bom chefe, e nos amava. Em minha opinião, ele só queria o melhor para nós.

O segundo motivo tinha algo a ver com Marlee. Ela era... Bem, hoje em dia ela seria descrita como “devagar”. Naquela época, as pessoas da vizinhança falavam que ela tinha a pera mole. Ela não gostava de ouvir isso, Sr. Bradley, mas depois de um tempo, achei que essa era uma ótima descrição. Quase poética. Ela realmente tinha essa visão mole, até mesmo ofuscada, do mundo. Às vezes—frequentemente, até—isso podia ser uma vantagem. Novamente, é só a minha opinião.

Quando a gente se conheceu, nós dois fazíamos a terceira série, embora Marlee já tivesse 11 anos. No ano seguinte, deveríamos ter ido pra quarta série—o que no caso dela aconteceu ao acaso, pois ela, de algum jeito, enganou o sistema. Antigamente, as coisas aconteciam desse jeito em cidades como Talbot. Não me entenda errado, ela não era retardada. Ela conseguia ler e somar um pouco; subtrair, entretanto, ultrapassava o seus horizontes. Eu tentei ensiná-la de todas as formas. Foi tudo em vão.

Nós não nos beijamos em uma casa na árvore—na verdade, nós nem sequer nos beijamos—mas sempre íamos de manhã para a escola de mãos dadas e de tarde, quando voltávamos pra casa. Essa deveria ter sido uma visão bem estranha, porque eu ainda era um pirralho e ela uma garota já grande. Ela me ultrapassava em quase dez centímetros e já estava ganhando peito. Era ela quem sempre queria andar de mãos dadas, não eu, porém isso não me incomodava. Pra mim tanto fazia se ela tinha pera mole. Mais cedo ou mais tarde, eu teria mudado a minha opinião, mas eu só tinha nove anos quando ela morreu, e nesta idade as crianças aceitam todas as coisas possíveis. Na verdade, essa é uma qualidade maravilhosa. Se nós todos fôssemos moles da pera, ainda existiria guerra no mundo? Não consigo imaginar.

Se morássemos oitocentos metros em direção à saída da cidade, eu e

Marlee teríamos que usar o ônibus. Já que as nossas casas ficavam a oito ruas da escola Mary Day, podíamos ir a pé. Mama Nonie dava a minha lancheira e penteava o meu cabelo liso. *Seja forte, Georgie,* ela dizia e me mandava sair de casa. Marlee esperava por mim na porta de sua casa. Ela tinha tranças no cabelo e normalmente vestia uma saia ou um vestido, segurando a lancheira em uma das mãos. Eu posso essa lancheira claramente na minha frente ainda hoje: Steve Austin estava desenhado nela, o homem de seis milhões de dólares. A sua mae sempre ficava ao seu lado na porta. *Olá, Georgie,* ela dizia. *Olá, Sra. Jacobs*, eu respondia. *Não façam coisas estúpidas*, ela falava. *Não faremos*, dizia Marlee, e então ela segurava a minha mão, e nós marchávamos pela calcada à nossa frente. Nós tínhamos as primeiras fileiras de casas só para nós, depois apareciam as crianças de Rudolph Acres, um bairro onde muitas pessoas pobres moravam, pois os aluguéis eram baratos e o Forte Huie na rodovia 78 ficava a apenas oito quilômetros ao norte dali.

Deveríamos parecer bem engraçados—as pequenas tranças, as mãozinhas dadas, a lancheira do Steve Austin batendo contra o joelho pontudo—mas até onde lembro, ninguém nunca riu da gente ou nos humilhou. Algumas brincadeiras aconteciam de vez em quando, pois assim são as crianças, mas mesmo assim, não era sério. A maioria dos garotos que a gente encontrava pelo caminho falava *Ei, George, que tal uma partida de beisebol depois da escola*, e as garotas falavam *Ei, Marlee, essas fitinhas que a sua mãe colocou em seu cabelo são bem bonitas*. Ninguém nos sacaneava. Até o Garotinho Malvado aparecer.

Um dia, eu estava na frente da escola e já estava esperando há uma eternidade por Marlee. Não deve ter sido muito tempo após meu nono aniversario, porque eu já tinha a minha raquete pádel. Mama Nonie quem me dera. Ele já estava quase quebrando—eu batia tão forte na bola que o plástico estava rasgando. Mesmo assim, eu brincava com ele todos os dias enquanto esperava pela Marlee. Claro que eu não era *obrigado* a esperar por ela. Isso era algo claro para mim.

Finalmente, ela saiu da escola. Ela chorava. Seu rosto estava vermelho, e catarro escorria pelo nariz. Eu perguntei o que tinha acontecido, e ela respondeu que não estava achando a sua lancheira. Como em todos os dias, ela tirara o almoço da lancheira e a colocara em cima da prateleira do armário, do lado da lancheira rosa da Barbie, de Cathy Morse. No final da aula, a lancheira tinha desaparecido. Alguem tinha *roubado,* ela dissera.

Não, alguém provavelmente a colocou em outro lugar, eu disse. *Amanhã*

ela estará lá. Agora pare de chorar e fique parada. Você está horrível.

Mama Nonie acreditava que eu sempre deveria levar um lenço de papel quando saísse de casa. Claro que eu sempre limpava o meu nariz como os outros garotos, na manga da camisa. Lenços de papel eram para mulherzinhas. Por isso, ele ainda estava limpo e dobrado corretamente quando abri a mochila e limpei o catarro do rosto dela. Ela parou de chorar e sorriu. *Faz cócegas*, ela disse. Então, pegou a minha mão, e fomos para casa, como sempre. Ela falava como uma cachoeira. Eu não me importava, pois pelo menos ela não pensava mais na lancheira.

Logo, as outras crianças se separavam da gente, e nós podíamos ouvir por um bom tempo como elas iam para as suas casas, em Rudolph Acres, rindo e brincando. Marlee tagarelava; como sempre, ela me contava algo bem simples que estivesse passando pela sua cabeça naquele momento. Eu ouvia apenas por uma orelha, falava de vez em quando um *sim*, *aham* e *verdade*, porém, na realidade, eu estava com os meus pensamentos noutro lugar. Quando a Mama Nonie não tinha tarefas domésticas para mim, eu vestia a minha velha calça de linho e a minha velha luva de beisebol. Então, eu ia para o parquinho da Rua Oak e jogava por lá até as mães chamarem suas crianças para jantar.

De súbito, alguém gritou em nossa direção do outro lado da rua da escola. Não parecia uma voz humana. Era mais um grito de um jumento.

GEORGE E MARLEE DEBAIXO DA ÁRVORE SE B-E-I-J-A-N-D-O!

Paramos de andar. Em frente a um arbusto, estava um garoto corpulento. Eu nunca o vira antes, nem na escola nem em lugar algum. Ele era alto, usava bermudas cinzentas que desciam até o joelho e um pulôver verde com faixas laranjas; por baixo dele, era possível ver seus peitos pequenos e a barriga redonda. E ele tinha um desses bonés idiotas com uma hélice no topo.

Seu rosto era ao mesmo tempo esponjoso e rígido. O seu cabelo era tão laranja quanto as faixas do seu pulôver—aquela cor que ninguém suporta—e eles caíam pelos lados das orelhas de abano. O nariz era um pequeno botão abaixo dos olhos verdes mais claros que já vi na vida. A boca possuía um arco do cupido inchado, e os lábios eram tão vermelhos que até pareciam besuntados com o batom que uma mãe sempre usa. Claro que ele não usava nenhum. Desde então, eu vi diversos ruivos com lábios vermelhos parecidos, mas nunca tão vermelhos quanto os desse garotinho malvado.

Ficamos lá parados, observando o garoto. O falatório da Marlee parou. Ela usava um óculos de gatinho com armação rosa e lentes grossas, igual ao fundo duma garrafa, e os pequenos olhos por detrás estavam cheios de medo.

O garoto—ele não podia ter mais do que seis ou sete anos—arregaçou seus lábios vermelhos e fez barulhos de beijos molhados. Então, ele colocou uma mão sobre a bunda e empurrou a cintura na nossa direção.

GEORGE E MARLEE DEBAIXO DA ÁRVORE T-R-E-P-A-N-D-O!

Ele relinchava como um jumento. Nós o observávamos hipnotizados.

É melhor pensar numa parisiense quando trepar com ela, ele gritou em nossa direção, e abriu os lábios vermelhos num sorriso malicioso. *Ou você quer ter um bando de filhos idiotas, que nem ela?*

Cale a sua boca, eu disse.

Ou o quê?, ele perguntou.

Ou eu a encho de porrada, eu respondi.

Para mim, aquilo era sério. Meu pai ficaria muito irritado se descobrisse que estava ameaçando bater num garoto que era menor e mais jovem do que eu, mas ele não tinha o direito de dizer tais coisas. Ele parecia ser um garotinho, mas o que tinha mostrado de si, nunca nenhum garoto pequeno jamais dissera.

Vem chupar meu pau, seu cara de bunda, ele gritou, e sumiu atrás de um arbusto.

Eu teria corrido atrás dele se não fosse Marlee segurando a minha mão fortemente, até doer.

Eu não suporto aquele garoto, ela disse.

Eu também não, eu disse. *Não ligue. Vamos para casa*.

Assim que nós andamos alguns passos, o garoto pulou por detrás de uma moita. Ele segurava a lancheira de Marlee com o desenho do Steve Austin nas mãos e a ergueu.

Você perdeu algo, sua besta, ele disse, rindo. Enquanto ria, o seu rosto se contorcia, lembrando um porco. Ele cheirava a lancheira. *Acho que isso te pertence*, ele disse. *Está fedendo à sua boceta estúpida*.

Me devolve, ela é minha!, gritou Marlee. Ela soltou minha mão. Eu a queria segurar, mas as palmas de nossas mãos estavam suadas e escorregadias.

Vem pegar, ele disse, e a estendeu em sua direção.

Agora, eu preciso mencionar rapidamente a Sra. Peckham. Ela dava aula na primeira série da escola Mary Day. Ao contrário das outras tantas crianças em Talbot—incluindo Marlee—eu não a tive como professora, já que fiz o primeiro ano no Novo México. Todos a desejavam. *Eu* a desejava, embora só a conhecesse por causa dos recreios. Quando brincávamos de queimada, meninos contra meninas, ela sempre era jogava no time feminino. Às vezes, ela fazia todos rirem quando fingia errar, lançando a bola pra trás. Ela era uma professora

que alguém poderia se recordar quarenta anos depois, pois era amigável e divertida, e mesmo assim conseguia acalmar as crianças.

Ela tinha um grande e velho Buick Roadmaster. Nós o chamávamos de Lesma-Peckham, pois ela nunca dirigia a mais de 50 quilômetros por hora, e sempre com as costas retas e os dois olhos pregados no volante. Claro que a gente só a via nas redondezas da escola, onde o trânsito era devagar. Eu aposto que ela dirigia do mesmo jeito na 78. Provavelmente, até mesmo nas interestaduais. Era cautelosa e atenciosa. Nunca tinha machucado qualquer criança. Não por querer, pelo menos.

Marlee atravessava a rua, para pegar a sua lancheira de volta. O garotinho malvado riu, e jogou a lancheira ao seu encontro. A lancheira caiu no asfalto, partindo-se. Sua garrafa térmica rolou para fora. Vi o Roadmaster azul-celeste se aproximando e gritei por Marlee, ela tinha que tomar cuidado, mas eu não estava preocupado, afinal era apenas o Lesma-Peckham que andava tão devagar, e ainda estava uma rua de distância.

Você soltou a mão dela, disse o garoto. *Por isso a culpa é sua*. Olhou-me risonho, embora rangesse seus dentes. Nada *é eterno, seu filho da puta,* ele disse. Então, mostrou a língua, fez o barulho de um peido e sumiu novamente atrás do arbusto.

A Sra. Peckham disse, mais tarde, que o pedal do acelerador havia emperrado. Não sei se os policiais acreditaram nela. Ainda assim, ela nunca mais deu aula na primeira classe da escola Mary Day.

Marlee se inclinou para frente, pegou a garrafa térmica e a chocalhou. O barulho era claramente audível. *Ela quebrou*, ela disse e começou a chorar. Então, ela se inclinou novamente para pegar a lancheira, e neste momento o acelerador da Sra. Peckham emperrou, o motor rugiu e o Buick *avançou* totalmente. Como um lobo que se joga em cima de um coelho. Marlee se endireitou, a lancheira na mão pressionada contra o peito, a garrafa térmica na outra. Ela viu o carro vindo em sua direção, mas não se mexeu.

Talvez, se eu a tivesse empurrado para o lado, teria salvado a vida dela. Talvez não. Talvez tivesse sido atropelado também, se tivesse corrido pra rua. Eu nunca saberei porque, assim como ela, também estava paralisado de medo. Eu simplesmente fiquei lá parado. Eu não me movi um milímetro sequer no momento em que o carro a acertou. Nem mesmo a minha cabeça se moveu. Somente meus olhos a seguiram quando ela voou pelo ar e aterrissou em cima de sua pera mole. Logo depois, um grito ressoou. Era a Sra. Peckham. Ela saiu do carro e caiu no chão, de modo que acabou machucando os joelhos, levantou-se

novamente e correu em direção a Marlee, que estava jogada na rua com o crânio ensanguentado. Eu também comecei a andar. Depois de uns passos, virei a minha cabeça. Eu já tinha andado o suficiente para poder ver atrás do arbusto. Não havia ninguém lá.

3

Hallas ficou quieto e colocou uma mão no rosto. Depois de um tempo, repousou-a.

— Tudo bem, George? — perguntou Bradley.

— Eu estou com tanta sede. De alguma forma, não estou mais acostumado a falar por tanto tempo. No corredor da morte, não existe grandes oportunidades para conversas.

Bradley fez um sinal para McGregor. Ele retirou o fone de ouvido e levantou-se.

— Terminaram, George?

Hallas balançou a cabeça.

— A história continua. A não ser que você não queira ouvir o resto.

— Meu cliente gostaria de um gole d'água, Sr. McGregor. — disse Bradley — Você poderia ter a delicadeza?

McGregor andou até o interfone ao lado da porta que levava à sala de segurança, e falou rapidamente. Bradley aproveitou a oportunidade para perguntar a Hallas quantas crianças frequentavam a escola Mary Day Grammar.

Ele gesticulou com os braços.

— Pequena cidade, pequena escola. Da primeira à sexta série o total não seria mais do que cento e cinquenta.

A porta para a sala de segurança se abriu e uma mão com um copo de papel apareceu. McGregor pegou o copo e o entregou para Hallas. Ele bebeu vorazmente e agradeceu.

— Sem problemas. — disse McGregor. Ele volta pra sua cadeira, coloca os fones de ouvido e se concentra novamente naquilo que estava ouvindo.

— E esse garoto—esse garotinho malvado—era ruivo? Tipo um cabeça de cenoura de verdade?

— Pode-se dizer que sim. O cabelo brilhava como um letreiro de neon.

— Se tivessem frequentado a mesma escola, alguém o reconheceria.

— Correto.

— Mas não o reconheceram. Então, ele não frequentava a sua escola.

— Isso mesmo. Eu nunca o tinha visto antes. E nunca mais depois.

— E como ele pegou a lancheira da Marlee Jacob?

— Não faço ideia. Mas eu tenho uma pergunta bem melhor.

— E qual seria, George?

— Como ele conseguiu fugir tão rápido? Atrás do arbusto não havia nada além de um grande gramado. Foi como se ele tivesse sido repentinamente engolido pelo chão.

— George?

— Sim?

— Você tem certeza de que *realmente* foi um garoto?

— A lancheira da Marlee, Sr. Bradley. Estava caída na rua.

Disso eu não tenho dúvidas, pensou Bradley, e bateu com a ponta da caneta contra o caderno de anotações. *O que não quer dizer que Marlee a estivesse segurando desde o começo...*

Ou (e isso era uma ideia horrível, porém ideias horríveis são somente uma vez inevitáveis quando se ouve a história mentirosa que um assassino de crianças conta) talvez você estivesse com a lancheira dela, George. Talvez você tivesse roubado a lancheira e a jogado na rua, para irritá-la.

Bradley olhou por cima de seu caderno e notou o rosto de seu cliente, que parecia conseguir ler seus pensamentos como se fossem um letreiro em sua testa. Ele percebeu como ficou ruborizado.

— Você quer ouvir o resto agora? Ou já chegou a um veredito?

— De modo algum. — disse Bradley. — Continue, por favor.

Hallas bebeu sua água e continuou a falar.

4

“Por cinco anos ou mais, eu tive pesadelos com aquele garotinho malvado de cabelos de cenoura, e com a hélice no boné. Em algum momento, esses sonhos desapareceram. Em algum momento, consegui me convencer do que você provavelmente está pensando, Sr. Bradley: que tudo não passou de um acidente, que o pedal da Sra. Peckham realmente ficou preso, como acontece às vezes, e se realmente um garoto que irritou Marlee esteve por lá... Bem, crianças são assim, não são?

Meu pai encerrou o projeto para a Companhia Good Luck, e nós nos mudamos para o oeste de Kentucky, onde em princípio ele fez a mesma coisa que no Alabama, somente numa escala maior. Naquela região também existe

bastante mineração. Nós ficamos um bom tempo em uma cidadezinha chamada Ironville, onde pude fazer a conclusão do meu ensino médio. No meu segundo ano por lá, decidi ingressar num curso teatral. Agora você deve achar isso bem engraçado. Um cara pequeno e inexpressivo como eu, que ganha o seu pão preenchendo declarações de imposto de renda para pequenas empresas e viúvas, participando de coisas como *A Sociedade Secreta*? Isso é conhecido como o Efeito-Walter-Mitty. Mas assim aconteceu, e eu era bom. Pelo menos todos pensavam assim. Naquela época, eu pensava em fazer dessa coisa de ser ator o meu trabalho. Claro que eu nunca receberia um papel principal, mas alguém precisa ser o conselheiro financeiro do presidente ou o braço direito do vilão, ou o trabalhador que morre nos primeiros dez minutos do filme. Eu estava certo de que poderia dominar esses papéis, acreditava realmente que eu conseguiria. Eu contei ao meu pai que queria entrar na escola de atores. *Muito legal*, ele disse, *ótimo, pode fazer, mas certifique-se de que você tenha uma segunda perna para te sustentar*. Eu me inscrevi na escola e estudei Teatro como graduação, e Economia como optativa.

A primeira peça teatral em que eu consegui um papel foi a *As Falsidades da Noite*, e nela eu conheci Vicky Abington. Eu era Tony Lumpkin, ela era a Constance Neville. Ela era uma jovem bela de cabelos louros encaracolados, bem magra e bem nervosa. Muito bonita para mim, eu pensei, porém mesmo assim juntei toda a minha coragem e a convidei para tomar um café. Assim começou. Nós ficávamos horas sentados no Nordy—a lanchonete no prédio dos estudantes—e ela contava sobre seus problemas na alma, que praticamente estavam relacionados com a sua mãe dominante, e conversava sobre suas ambições, as quais rodeavam primordialmente o teatro. Ela sonhava com uma carreira como atriz em um reconhecido teatro de Nova York. Mesmo que coisas assim houvessem acontecido pela última há 55 anos.

Eu sabia que ela tinha recebido prescrição para um medicamento no Centro de Saúde Nordenberg—talvez contra seus ataques de medo, ou talvez contra depressão, talvez contra os dois. Porém, eu pensava, ela só fazia isso por ser motivada e criativa. Provavelmente a grande maioria de atores e atrizes engolia tais tipos de pílulas. Provavelmente Meryl Streep toma tais coisas—ou tomou, antes do filme *O Franco Atirador* torná-la conhecida. E quer saber de uma coisa? Vicky tinha, ao contrário da maioria das mulheres, um ótimo senso de humor. Ela conseguia rir de si mesma, e fazia isso regularmente. Essa habilidade, ela dizia, era a única coisa que a impedia de perder a razão.

Nós fizemos Nick e Honey em *Quem Tem Medo de Virginia Wolf?*, e

recebemos crítica melhor do que aqueles que receberam os papéis de George e Martha. Depois disso, éramos mais do que apenas amigos. Nós éramos um par. Ás vezes, trocávamos caricias em algum canto escuro da moradia dos estudantes. Normalmente, isso terminava com elas em lágrimas e reclamando de que não era boa o suficiente, e que iria fracassar como atriz, como a sua mãe tinha profetizado. Uma noite—na festa de despedida de *Rosas Para Uma Dama*, em nosso terceiro ano de faculdade—nós transamos. Essa foi a única vez. Ela disse que tinha sido maravilhoso e que tinha gostado bastante, mas eu acho que ela mentiu, porque nunca mais quis fazer de novo.

No verão de 2000, nós ficamos no campus durante as férias, pois no Parque Frick estava planejada uma apresentação de *The Music Man.* Seria um grande evento, no final Mandy Patinkin Regie iria se apresentar. Vicky e eu prometemos ir. Eu não estava nem um pouco nervoso, pois não considerava ter grandes chances, mas para a Vicky essa produção era o ponto alto de sua vida. Ela a considerou o primeiro passo em direção ao sucesso. Ela dizia isso em um tom de piada, embora fosse totalmente sério. Nós fomos chamados em grupos de seis. Cada um de nós precisava segurar uma carta nas mãos, onde estava escrito o nome da personagem que gostaríamos de interpretar. Vicky tremia como vara verde enquanto esperávamos na sala de ensaio. Eu coloquei meu braço ao seu redor para acalmá-la—mesmo que apenas um pouco. Ela estava tão pálida que a sua maquiagem parecia uma máscara.

Agora, eu não quero falar pelos cotovelos com você o dia inteiro, então vamos direto ao ponto. Eu entrei e entreguei a minha carta, onde estava escrito o nome do Prefeito Shinn—mais ou menos um papel secundário. No fim, eu recebi o papel do malvado Gauners Harold Hill. O protagonista. Vicky tentou Marian Paroo, a bibliotecária e professora de piano. Essa era a protagonista feminina. Ela ensaiou o texto corretamente, eu achei. Nada espetacular, ela podia fazer melhor, mais corretamente. Então, ela teve que cantar.

Era a grande apresentação de Marian. Eu não sei se você conhece esse nímero: “Good Night, My Someone”, uma música simples e encantadora. Vicky já tinha cantado essa música para mim pelo menos uma dezena de vezes, e perfeitamente. Doce e triste, e cheia de esperança. Nesse dia, entretanto, ela foi péssima. Ela errou tudo do começo ao fim. Não conseguiu alcançar as notas certas, e não precisou recomeçar somente uma vez, mas duas. Patinkin começou a ficar visivelmente impaciente, pois outras garotas também esperavam para se apresentar e cantar. A mulher no piano começou a rodar os olhos. Eu gostaria de tê-la socado nos seus estúpidos olhos de cavalo.

Quando Vicky terminou, seu corpo inteiro tremia. Sr. Patinkin agradeceu, Vicky também agradeceu educadamente, retirando-se da sala. Eu a segurei, antes que ela conseguisse sair do prédio, e lhe disse o quão fantástica ela tinha sido. Ela riu e agradeceu dizendo que nós dois sabíamos que não tinha sido desse jeito. *Se o Sr. Patinkin for tão bom como todos supõem*, eu disse, *ele certamente compreenderia o nervosismo e reconheceria a incrível atriz que você é*. Ela me abraçou e disse que eu era o seu melhor amigo, e que isso não era o fim do mundo. *Dá próxima vez, eu tomo um Valium antes. Eu só estava com medo que isso alterasse a minha voz. Eu ouvi falar que isso pode acontecer com certos medicamentos*. Depois, ela riu. *Pior do que hoje não poderá acontecer*, ela disse. Eu sugeri tomarmos um sorvete no Nordy. *Gostei*, ela disse, e fomos embora.

E agora vem a parte inacreditável.

Nós andávamos de mãos dadas pela calçada, e eu lembrava o quão frequente eu ia e voltava para a escola Mary Day Gramma de mãos dadas com a Marlee Jacobs. Eu não quero supor que esse pensamento o invocou, mas não consigo desconsiderar. Sei lá. Às vezes fico deitado na minha cela à noite pensando sobre isso.

Aparentemente, Vicky estava melhor, mesmo assim ela conversava sobre o quão fantástico seria o meu papel como Professor Hill, quando alguém do outro lado da rua gritou em nossa direção. Não, de fato não foi um grito. Foi um berro de jumento.

GEORGE E VICKY DEBAIXO DA ÁRVORE T-R-E-P-A-N-D-O!

Era ele. O garotinho malvado. A mesma bermuda, o mesmo pulôver, o cabelo laranja, o qual espetava por debaixo do boné com a hélice. Mais de dez anos haviam se passado, e ele não parecia um dia mais velho. Eu pensei que tinha voltado no tempo—só que agora eu segurava a mão de Vicky Abingtons, não de Marlee Jacob, e desta vez na Rua Reynolds, em Pittsburgh, e não a Rua da Escola em Talbot, Alabama.

Mas que diabos, disse Vicky. *Você conhece esse garoto, George?*

Pois é, o que eu deveria responder? Fiquei calado. Eu estava tão espantado, que não emiti som algum.

Você é uma merda de atriz e uma merda ainda pior de cantora, ele gritou. *Uma GRALHA canta melhor do que você! E você é FEIA! A VICKIIIIEE FEIAAA, essa sim é você!*

As mãos dela foram em direção à sua boca, e eu ainda lembro-me de como seus olhos se esbugalharam, como novamente se encheram de lágrimas.

Chupa o pau dele, ele gritou. *Senão não tem como uma boceta feia e sem*

talento como você conseguir um papel!

Eu queria correr atrás dele. Tudo parecia tão irreal como se fosse um sonho. Era depois do almoço, e a Rua Reynolds estava com bastante tráfego, porém eu não estava pensando nisso. Vicky sim. Ela me segurou pelos braços e me empurrou para trás. Acho que ela salvou a minha vida, pois um ou dois segundos depois, um ônibus com a sua buzina alta passou por nós.

Não, ela disse. *Não vale a pena. Quem quer que ele seja*.

Depois do ônibus, veio um caminhão. Assim que ele passou pela gente, vimos o garoto do outro lado da rua, andando. Ele tinha alcançado o cruzamento e se inclinou na esquina, abaixou a bermuda, e nos mostrou sua bunda branca.

Vicky se sentou em um banco. Eu fiquei ao seu lado. Ela me perguntou mais uma vez, quem era aquele garoto, e eu reafirmei que não tinha ideia.

Como ele sabia os nossos nomes, ela perguntou.

Eu não tenho ideia, repeti.

Bem, em um ponto ele tem realmente razão. Se eu quiser um papel em The Music Man, precisaria voltar e chupar o pau de Mandy Patinkin. Então ela riu, e desta vez foi um riso verdadeiro, que veio do fundo da barriga. Ela jogou a cabeça para trás e simplesmente riu. *Você viu a bundinha branca e redonda dele?*, ela perguntou. *Como dois muffins, antes de alguém colocá-los no forno!*

Até eu precisei rir. Nós nos abraçamos, bochecha contra bochecha e gritamos de tanto rir. Eu pensei que era uma risada boa, mas na verdade—bem, no fim alguém sempre é mais esperto, não é?—ficamos histéricos. Eu, porque tinha visto o *mesmo garoto* que no passado. Vicky, porque ela acreditou no que ele tinha dito: ela não era uma boa atriz, e mesmo se fosse, ela sempre estaria muito nervosa para mostrar sua capacidade.

Eu a acompanhei até casa. Ela morava em Fudgy Acres, numa grande e velha caserna de aluguel, onde os apartamentos eram exclusivamente alugados para estudantes jovens. Ela me abraçou e disse mais uma vez que o meu papel como Harold Hill seria fantástico. Alguma coisa na voz dela não me agradou, e eu perguntei-lhe se tudo estava bem. *Bobo, é claro que está tudo bem, ela disse subindo as escadas*. Essa foi a última vez que eu a vi com vida.

Depois do enterro, fui beber café com Carla Winston. Ela era a única moradora de Fudgy Acres que tinha uma amizade íntima com Vicky. Eu precisei colocar o seu café em uma xícara grande, pois ela não parava de tremer, e eu estava com medo dela queimar um dedo. Carla não só estava completamente devastada; ela ainda se culpava pelo ocorrido. Provavelmente como a Sra. Peckham também se sentiu culpada pela morte de Marlee.

Naquela noite, ela estava na sala de visitas do térreo e tinha visto Vicky sentada em frente à televisão. Só que a TV nem sequer estava ligada. *Vicky parecia distante e sem reação*, ela disse. Carla já a tinha encontrado uma vez nesta mesma situação. Da última vez, Vicky ou tinha tomando seu medicamento misturado, ou as suas pílulas na ordem incorreta, ou uma pílula demais. Ela então sugeriu que Vicky fosse até ao hospital e se consultar. *Não, eu estou bem*, Vicky tinha dito. *Tem sido um dia difícil, mas logo vai melhorar*.

Foi um garotinho malvado, ela contou a Carla. *Eu fui mal no teste, e depois esse garotinho riu da minha cara*.

Que horror, disse Carla.

George o conhecia, disse Vicky. *Ele meio que negou, mas eu bem que percebi que ele o reconheceu. Sabe o que eu acho?*

O quê?, disse Carla. A essa hora já tinha certeza de que Vicky tinha tomado mais comprimidos que o normal, tinha fumado erva, ou as duas coisas.

Eu acho que George pediu para ele fazer isso, ela disse. *Para me irritar. Quando percebeu o quanto eu estava nervosa, ele ficou com dó e tentou pedir para o garoto parar. Só que o garoto não parou.*

Vic, isso não faz sentido, disse Carla. *George nunca faria uma coisa dessas com você depois de um teste. Ele gosta de você.*

Mesmo assim o garoto tinha razão, disse Vicky. *Posso desistir de tudo agora*.

Quando Carla chegou neste ponto de sua história, eu interferi e disse que não tivera nada a ver com o garoto. *Você não precisa me dizer isso*, retrucou Carla. *Eu sei que você é uma pessoa boa e gostava de Vicky*. Então, ela chorou.

É minha *culpa, não sua*, ela disse. *Ela estava arrasada e eu não fiz nada. E você sabe o que aconteceu. Eu fui a culpada, já que sei que ela não queria fazer isso. Eu tenho certeza*.

Carla deixou Vicky sentada na sala de estar e foi estudar no andar de cima. Algumas horas mais tarde, desceu para ver Vicky.

Eu achei que ela gostaria de ir comer alguma coisa, ela disse. *Ou uma taça de vinho, se o efeito do medicamento tivesse passado. Só que ela não estava no seu quarto. Então, eu procurei de novo na sala de estar, e ela não estava lá. Só tinha algumas garotas na frente da televisão, e uma disse que tinha visto a Vicky ir para o porão há algum tempo. Provavelmente para lavar roupa*.

Ela estava com uns cobertores na mão, disse a garota.

Isso deixou Carla irrequieta, embora nem houvesse tentado completar a linha de pensamento. Ela desceu até o porão, mas ninguém estava na lavanderia,

e todas as máquinas estavam desligadas. Então, ela ouviu barulhos vindos da despensa logo ao lado, onde as moradoras do Fudgy Acres colocavam suas malas. Assim que entrou, ela viu a Vicky de costas em cima de uma pequena pilha de malas. Ela amarrara dois cobertores em uma corda. Numa ponta, ela fez um arco e o passou pelo pescoço. A outra ponta havia sido amarrada numa viga presa ao teto.

O estranho foi, disse Carla, *que ela estava em cima de apenas três malas e os cobertores nem sequer estavam esticados. Se ela realmente queria fazer isso, teria usando somente um cobertor e teria subido na estante mais alta. Era como se fosse apenas um ensaio de teatro*.

Você não pode ter certeza disso, eu disse. *Você não sabe, quantos comprimidos ela tomou e o quão frustrada ela estava*.

Eu sei aquilo que vi, disse Carla. *Mesmo que ela tivesse descido das malas e ficado de pé no chão, o cobertor não teria esticado. Só que naquele instante, não pensei nisso tudo. Eu estava chocada. Simplesmente a chamei pelo nome*.

O berro atrás de si assustou Vicky, e ao invés de descer das malas, ela perdeu o equilíbrio, caindo pra frente. As malas escorregaram para trás, e caíram no chão. *Ela caiu de barriga no cimento*, disse Carla, *então talvez o cobertor não estivesse tão folgado. Ela ainda poderia estar viva, se o nó entre os dois cobertores tivesse se desfeito. Só que isso não aconteceu. O peso do seu corpo apertou o anel e puxou sua cabeça fortemente para cima*.

Ouvi o estalo que o seu pescoço fez, disse Carla. *Foi alto. E foi minha culpa*.

Então, ela se debulhou em lágrimas amargas.

Eu a acompanhei do café até o ponto de ônibus na esquina.

Continuava repetindo que não tinha sido culpa dela, até ela finalmente parar de chorar. Ela até riu, desiludida.

George, ela disse, *você consegue ser bastante persuasivo*.

Eu não lhe contei que só pude ser persuasivo porque neste ponto eu tinha certeza de sua inocência. Mesmo assim, ela não teria acreditado em mim".

5

— O garotinho malvado ia atrás das pessoas que eram próximas a mim. — disse Hallas.

Bradley balançou a cabeça. Aparentemente, Hallas acreditava naquilo que estava narrando. Se tivesse contado essa história na frente do tribunal, ele

poderia ter sido sentenciado à prisão perpétua, ao invés de terminar no Palácio das Agulhas. Os jurados provavelmente não acreditariam numa só palavra, mas é sempre bom ter um argumento para retirar a opção de pena de morte da mesa. Agora, supostamente, era tarde demais. Só a intenção de usar a história do garotinho malvado para conseguir a suspensão do processo os teria, neste exato instante, levado à suspeita de estarem tentando se segurar ao último canudo do pacote. Era necessário ouvir tudo isso vindo da boca de Hallas para poder ver a fria sinceridade em seu rosto.

O criminoso sorriu através do vidro divisório embaçado.

— O garoto não era apenas mau; também era ganancioso. Ele sempre queria o pacote duplo. Um morria, o outro tinha que se afogar lentamente no suco da culpa.

— Pelo menos essa Carla pareceu acreditar na sua história. — disse Bradley. — Ele acabou casando com você.

— Bem, eu não a convenci tanto assim, e ela também nunca acreditou no garotinho malvado. Senão, ela teria aparecido nos julgamentos, e nós ainda estaríamos casados. — encarou Bradley com uma olhar sem expressão, através da placa de vidro. — Senão ela teria ficado feliz, por eu tê-lo matado.

O policial no canto—McGregor—olhou para o relógio, tirou os fones de ouvido e levantou.

— Eu não quero pressioná-lo, Sr. Bradley, mas já são onze e meia, e o seu cliente precisa estar na cela para a checagem da tarde.

— Dá pra ver que ele está aqui. — disse Bradley, num tom corajoso. Ele não queria desconsiderar o policial, e mesmo que McGregor fosse um dos mais simpáticos, ele provavelmente tinha um lado mau. Era mais ou menos uma condição quando alguém recebia a tarefa de ser guarda de criminosos.

— Regras são regras. — disse McGregor, levantando a mão, como quisesse protestar algo que Bradley nem sequer começara a dizer. — Sei que você tem o direito de conversar com ele o quanto quiser. Se quiser esperar, posso trazê-lo de volta logo depois da contagem. Ele vai perder o almoço, e você também, provavelmente.

Observaram McGregor voltar à sua cadeira e recolocar os fones.

Quando Hallas voltou-se para o vidro divisório, tinha claramente um sorriso nos lábios.

— Bom, o resto você já consegue imaginar.

Bradley realmente conseguia imaginar. Ele pousou as mãos sobre a caderneta sem anotações:

— Por que não me conta mesmo assim?

6

“Recusei o papel de Harold Hill e abandonei o curso de teatro. Eu tinha perdido o interesse em ser ator. No meu último ano na faculdade, concentrei-me nas aulas de economia, principalmente nas com impostos como tema, e em Carla Winston. Nós nos casamos no ano em que me formei. O meu pai foi a testemunha. Ele morreu três anos depois. Uma das minas da qual ele era responsável ficava numa pequena cidade ao sul de Ironville, chamada Louisa, onde ele ainda morava com Nona McCarthy—Mama Nonie—sua “dama de casa”. A mina se chamava Fair Deep. Um dia, aconteceu um desmoronamento na segunda escavação aproximadamente com 30 metros de profundidade. Não foi nada sério, todos conseguiram escapar ilesos. Meu pai entrou com dois homens da companhia para verificar os danos e estimar quanto tempo duraria até eles serem reparados, a ponto da operação poder voltar a funcionar. Ele nunca voltou. Nenhum deles.

Esse garoto liga o dia todo, disse Nonie, mais tarde. Ela sempre fora uma mulher bonita, mas no ano da morte do meu pai, as rugas e dobras do seu rosto começaram a tomar forma. Ela agora andava sempre encolhida, arrastando os pés, como se pensasse que estava para ser atingida. Não foi a morte do meu pai que fez isso; foi o garotinho malvado.

Ele liga o tempo todo. Ele me chama de puta preta, só que eu nem me importo. No passado, tive que ouvir coisas bem piores. Eu nem ligo. Só que ele diz que tudo isso só aconteceu por causa do presente que eu dei para o seu pai, e isso sim me incomoda. As botas. Será, Georgie? As botas não podem ser culpadas. Ele provavelmente estava usando galochas. Nunca tinha as deixado de usar numa inspeção, mesmo que a escavação fosse inofensiva.

Concordei com ela, embora eu não tenha deixado de notar que o desespero a corroia como ácido.

Menos de dois meses antes da explosão em Fair Deep, ela tinha lhe dado um par de botas de aniversário, Trailman Specials, que provavelmente custaram no mínimo trezentos dólares. Mesmo assim, elas valiam cada centavo. Subiam até os joelhos, e eram de couro macio e resistente. Um homem pode usar tais botas a vida inteira e ainda passá-las adiante para seu filho. Tipo, aquelas com verdadeiros *pregos na sola*. E esses pregos podem soltar faíscas em determinadas superfícies. Como o atrito de pedras.

Meu pai nunca entraria em uma mina com uma bota com pregos, onde poderia existir metano e outros gases. Então nem pense em dizer que ele não pensou em tirá-las. Além do mais, ele e os outros homens tinham aparelhos de respiração no cinto e um botijão de oxigênio nas costas. Mesmo *que* estivesse usando as Specials, ele teria usado as galochas por cima, nisso a Mama Nonie tinha completa razão. Ela não precisou dizer isso para ele. Ela o conhecia há um bom tempo, e sabia o quanto ele sempre era cuidadoso. Porém, até mesmo o pensamento mais maluco pode se fixar em um cérebro solitário devido ao luto. Principalmente quando alguém fica o tempo todo atrapalhando. Então, um dos desesperos grita, como uma parasita na cabeça, e deposita seus ovos até que se espalhem por todo o cérebro.

Eu sugeri que ela pegasse um novo número de telefone. *Só que o garoto também o descobriu e continuou telefonando e falando*, ela disse, *que o meu pai tinha esquecido a bota nos pés e um dos pregos soltou uma faísca, e cabum!*

Isso não teria acontecido se você, sua burra puta preta, não tivesse dado as botas. Ele falava coisas desse tipo para ela. Provavelmente coisas ainda piores, mas ela não me contava.

Finalmente, ela simplesmente jogou o telefone fora. *Só que você ainda precisa de um telefone*, eu disse, *já que mora sozinha*. Ela não queria saber. *Georgie, volta e meia ele me liga no meio da noite*, ela disse. *Você não tem ideia de como é quando estou deitada e acordada, e o telefone toca e eu sei que é esse garoto do outro lado. Eu nem quero pensar quem são os pais que permitem que uma criança faça essas coisas*.

Então desligue o telefone durante a noite, eu disse.

Já fiz isso, ela disse. *Mas às vezes toca do mesmo jeito*.

Eu disse, *você está imaginando coisas*, e tentei me convencer disso. Porém, não tive sucesso, Sr. Bradely. Se esse garotinho malvado conseguiu pegar a lancheira da Marlee, sabia que Vicky tinha ido mal no teste, e que meu pai tinha recebido botas de aniversário—*nunca envelhecendo*—então também conseguiria fazer um telefone tocar, mesmo que não estivesse na tomada. Na Bíblia está escrito que o Diabo é livre para andar pela Terra, e que a mão de Deus não o impedirá. Não sei se o garotinho malvado era *O* diabo, mas *UM* diabo sim, certeza absoluta.

Também não sei se um médico poderia ter salvado Mama Nonie. Eu só sei que ela não pôde ligar para a emergência quando teve o ataque do coração, pois não tinha um telefone. Ela morreu sozinha na sua cozinha. Uma vizinha a encontrou no dia seguinte.

Carla e eu fomos ao enterro, e após oramos pelo descanso da Mama Nonie pela última vez, passamos a noite na casa que ela dividiu com o meu pai. Eu acordei um pouco antes do amanhecer por causa de um pesadelo, e não consegui mais dormir. Quando ouvi o jornal sendo jogado na varanda, eu levantei para pegá-lo. Então eu vi que a bandeirinha na caixa de correios estava levantada. Eu desci de roupão e pantufas, e abri a caixa. Dentro estava um boné com uma hélice de plástico. Eu o peguei. Ele estava *quente*, como se a pessoa que o usara tivesse febre alta. Só de tocá-lo me enojava, mas mesmo assim eu o examinei. A parte interior estava engordurada com algum tipo de pasta, e uns fios laranjas estavam grudados. Além disso, achei um bilhete com uma mensagem escrita numa caligrafia de criança—torta, com as letras caindo. *PODE FICAR COM ELE, EU TENHO MAIS UM*, estava escrito.

Eu levei a porcaria do boné para dentro de casa—eu ou segurei cautelosamente entre o polegar e dedo indicador, para ter o mínimo de contato com aquilo—e o joguei dentro do forno à lenha na cozinha. Acendi um fósforo, segurei-o, e *vush*, o boné pegou fogo instantaneamente com flamas brilhantes esverdeadas. Quando Carla entrou na cozinha, meia hora depois, ela sentiu o cheiro do ar e disse: *O que está fedendo aqui? Parece água salgada!*

Eu lhe disse que a fossa séptica atrás da casa estava cheia e precisava ser esvaziada, mas claro que não era isso. O fedor era de metano—provavelmente o último cheiro que meu pai sentiu antes da faísca explodi-lo juntamente com os outros dois homens.

Na época, eu estava trabalhando numa empresa de contabilidade independente—uma das grandes no centro-oeste—e fui subindo de carreira de maneira estável. Isso acontecia inevitavelmente ao se chegar cedo ao trabalho, fazer hora extra, e manter os olhos abertos. Carla e eu queríamos filhos, nós poderíamos sustentá-las, mas não acontecia; a “tia vermelha” a visitava regularmente todo mês. Fomos a um ginecologista em Topeka e fizemos o resto dos exames. Ele não conseguiu identificar nada e disse que ainda era muito cedo para um tratamento médico. Deveríamos voltar para casa e aproveitar a nossa vida de amantes.

E foi o que fizemos. Onze meses depois, a “tia vermelha” não teve chance. Carla fora criada católica, porém não ia mais à igreja desde o colégio. Assim que ela teve certeza absoluta de estar grávida, voltou à igreja e também me levou junto para as missas na Igreja St. Andrews. Se na opinião dela tivéssemos que agradecer a Deus pelo pão no forno, eu não iria discordar.

No sétimo mês, ela sofreu um aborto. Todos os domingos íamos para a

igreja. Depois da missa, planejávamos ir até a cidade almoçar e depois voltar para casa. Carla queria descansar, e eu queria assistir ao jogo de futebol. Eu vi o garotinho malvado subitamente assim que eu saí da igreja. A mesma bermuda larga, o mesmo pulôver, as mesmas tetinhas e a barriga redonda. O boné, o qual eu tinha encontrado na caixa de correio, era azul. O que ele estava usando agora era verde, só que também tinha uma hélice de plástico. Eu tinha evoluído de uma criança para um homem com os primeiros cabelos grisalhos. O garotinho malvado ainda tinha seis anos, como antes. No máximo sete.

Ele estava parado um pouco distanciado. À sua frente, havia outra criança. Um garoto do tipo *normal*, que algum dia envelheceria. Ele parecia envergonhado e com medo, e tinha algo em suas mãos. Parecia com a bola da raquete pádel, o presente que a Mama Nonie me dera anos antes.

Vai em frente, disse o garotinho malvado. *Ou eu pego de volta os cinco dólares que eu te dei*.

Eu não quero mais, disse o menino normal. *Eu desisto*.

Carla não ouviu nada disso. Ela estava no alto da escadaria da igreja e conversava com o Padre Patrick, dizendo o quanto tinha gosta do sermão, e que agora tinha muita coisa para pensar e considerar. Os degraus eram bastante altos e de granito.

Eu acho que quis segurar o braço dela. Talvez não. Provavelmente fiquei imobilizado de medo, igual à Vicky, quando vira o garoto depois do péssimo teste pra peça *The Music Man*. Antes que eu dissesse ou fizesse qualquer coisa, o garotinho malvado deu um passo à frente. Ele colocou a mão no bolso de sua bermuda e retirou um fósforo. Assim que o acendeu, eu sabia o que tinha acontecido na mina Fair Deep, e que o acidente não tivera nada a ver com a sola de pregos da bota do meu pai. A pequena bola vermelha que o garoto normal estava segurando começou a soltar faíscas. Ele jogou a bola fora para se livrar daquilo, e o garotinho malvado riu. Era um rangido profundo e arrogante. *Huarrharrharr*, mais ou menos.

A bola bateu lateramente na escada, abaixo do corrimão de ferro, pegou fogo e explodiu com um raio luminoso amarelo e um estalo de deixar surdo. Não era nenhuma bombinha, nem mesmo um rojão, era o estouro de um canhão. Ele assustou tanto Carla, do mesmo jeito que a Vicky devia ter se assustado dentro da despensa em Fudgy Acre. Eu quis segurá-la, mas só senti os seus cotovelos. Ela segurava o Padre Patrick, fazendo com que ambos caíssem pelas escadas. Ele quebrou o braço direito e a perna esquerda. Carla torceu um tornozelo e sofreu traumatismo craniano. E ela perdeu o bebê.

O jovem, que tinha jogado aquele canhão, apareceu no dia seguinte na delegacia com sua mãe e contou tudo. Claro que ele estava totalmente arrependido e disse o que as crianças sempre dizem, e a maioria acredita, quando algo dá errado: Foi um acidente, ele não queria ter machucado ninguém. Ele nem queria jogar a bomba, mas o outro menino a tinha acendido e ele ficou com medo de queimar os dedos. *Não*, ele dissera, *nunca tinha visto o outro menino antes*. Ele também não sabia o nome dele. Então, ele deu os cinco dólares para o policial, os mesmos que tinha recebido do garotinho malvado.

Depois desse acidente, não aconteceu muitas coisas comigo e Carla no quarto, e ela também não visitava mais a igreja. Eu sim, e continuou assim, até que fui voluntário na ConQuest. Esse evento você conhece, Sr. Bradley. Não porque você é católico, mas porque tem um certo relacionamento com esse caso. A parte religiosa não me interessa, o Padre Patrick ficou responsável por isso. A minha tarefa era de treinar o time de beisebol e futebol. Eu participei de cada churrasco e acampamento. Já que tinha licença para conduzir veículos de grande porte, eu podia levar os garotos para campeonatos de natação, ao parque e para o acampamento com o ônibus da igreja. E eu sempre tinha uma arma comigo. A .45 que comprei na Wise Pawn and Loan—você já conhece, prova A no processo criminal. Essa arma foi por cinco anos minha única companheira, ou no porta luvas do meu carro ou na caixa de ferramentas do ônibus da ConQuest. Quando treinava com os garotos, eu a colocava na minha mochila esportiva.

Carla gostava cada vez menos do meu compromisso com a ConQuest, pois eu estava perdendo um grande parte do meu tempo livre com isso. Toda vez que o Padre Patrick procurava por um voluntário, eu era sempre o primeiro que levantava a Mao. Ela provavelmente estava com ciúmes. *Você nunca está nos fins de semana em casa,* ela disse. *Tem atração por garotinhos, por acaso?*

Era possível que as pessoas pensassem isso, era costume meu escolher alguns garotos e tratá-los com bastante atenção. Ser amigo deles, ajudá-los. Era bastante simples. Muitos garotos vinham de famílias pobres. Suas mães eram, por vezes, solteiras e tinham que trabalham por um salário mínimo para que eles tivessem algo para comer na mesa. Se elas tivessem um carro, precisariam dele para ir ao trabalho. Por isso, eu buscava os meus protegidos pessoalmente em suas casas, e os levava até o ponto de encontro da ConQuest nas noites de quinta-feira, e no final os trazia de volta para casa. Se isso não fosse possível, eu lhes dava um passe para o ônibus. Nunca dinheiro—já tive experiências que deram errado quando coloquei dinheiro na mão desses garotos.

Eu até comemorava pequenos sucessos. Um dos garotos—acho que ele só

tinha duas calças e três camisas—era um gênio da matemática. Eu consegui uma bolsa de estudos para ele numa escola particular. No fim, ele acabou estudando o primeiro semestre no Kansas State. Com uma bolsa integral. Outros garotos usavam drogas, e eu consegui que um parasse de usá-las. Um garoto fugiu de casa após brigar com a mãe e me telefonou, um mês depois, na cidade de Omaha—e sua mãe já acreditava que ele estava morto ou desaparecido para sempre. Eu fui até ele e o trouxe de volta.

O trabalho com os garotos da ConQuest me possibilitou fazer coisas boas. Bem mais do que ajudar a preencher declarações de imposto de renda ou com a criação de empresas laranjas em Delaware. Só que esse não era o motivo da minha dedicação, Sr. Bradley. Às vezes, levava meus garotos prediletos para pescar na Dixon Creek, ou no rio debaixo da ponte da cidade. Eu sempre pescava junto, mas não para pegar uma tilápia ou carpas. Por um tempo eu sequer usei uma isca. Até que Ronald Gibson juntou-se à situação.

Ronnie tinha quinze anos, mas parecia ser mais novo. Ele era cego de um olho, impedindo-o de poder jogar futebol ou beisebol. Só que ele era bom em xadrez e também dominava todos os outros jogos de tabuleiro, os quais os garotos jogavam quando o tempo estava ruim. Ninguém o perturbava. Ele era mais ou menos a mascote do grupo. O seu pai o tinha abandonado quando ele tinha aproximadamente 9 anos de idade e necessitava de uma figura paternal. Não demorou muito até ele me confiar todos os seus problemas. O maior de todos era o seu olho ruim, claro. Tratava-se de um defeito de nascimento chamado ceratocone—uma má formação da córnea. Um médico tinha explicado à sua mãe que era possível recuperar a visão com um transplante de córnea. Claro que a operação era muito cara, e a ideia sequer passou pela cabeça.

Eu conversei com o Padre Patrick, e juntos começamos uma campanha de arrecadar chamada *Visão Livre Para Ronnie*. Conseguimos ir à televisão—no canal de notícias locais no Canal 4. Um vídeo mostrava a mim e Ronnie andando pelo parque Barnum de braços dados. Quando Carla viu isso, torceu o nariz. *Pode ser que você não tenha atração por garotinhos*, ela disse, *mas quando os outros virem isso, é exatamente o que vão pensar*.

Eu não me importava com o que os outros pensavam, já que não muito tempo depois da nossa aparição na televisão, senti a primeira puxada na vara de pescar. A que existia na minha cabeça. Era o garotinho malvado. Finalmente engolira a isca. Ele me observava. Eu podia *senti-lo.*

Ronnie foi para a faca. A visão do seu olho defeituoso foi praticamente recuperada. Ele precisaria usar nos próximos anos óculos que escureciam

perante luz clara, mas isso não o incomodava. Ele achava que isso lhe dava um charme legal. E tinha razão.

Uma tarde qualquer, logo depois de sua operação, ele me visitou depois da escol, com sua mãe no pequeno escritório da ConQuest, no porão da St. Andrews. *Se precisar de algum favor nosso, Sr. Hallas, por favor simplesmente peça*, ela dissera.

Eu disse que não seria necessário. Tinha sido um prazer. Então, fingi que tinha acabado de ter uma ideia.

Talvez você possa fazer algo para mim, eu disse. *Algo simples*.

O quê, Sr. H?, perguntou Ronnie.

Em algum momento do mês passado, estacionei atrás da igreja, eu disse, *e já tinha subido metade dos lances da escada, quando eu me lembrei de não ter trancado o carro. Eu voltei e vi um garoto no meu carro remexendo as minhas coisas. Eu gritei em sua direção, e ele saiu correndo como um raio. Junto com ele estava meu pequeno cofre do porta-luvas, onde eu guardava o troco do pedágio. Eu corri atrás dele, mas ele foi mais rápido. Eu gostaria de trocar duas palavras com ele*, eu disse a Ronnie e à sua mãe. *Falar para ele, o que eu falo para cada garoto—que vocês acabam com o seu futuro roubando.*

Ronnie me perguntou qual era a aparência desse garoto.

Ele é pequeno e gordo, eu disse. *Claro, cabelo laranja bem gritante. Naquele dia, estava vestindo bermudas cinzentas e um pulôver verde com faixas na mesma cor que o seu cabelo.*

Ai meu Deus, disse a Sra. Gibson. *Por acaso ele tinha um pequeno boné com hélice na cabeça?*

Mas é claro, eu disse e me esforcei para continuar calmo. *Agora que você mencionou*.

Então eu já o vi uma vez na rua, ela disse. *Eu achei que ele tinha acabado de se mudar para uma dos prédios de moradia social ao lado*.

Ronnie, você já viu ele?, eu perguntei.

Não, ele disse. *Ainda não.*

Bem, se você o vir, não converse com ele, ligue para mim. Promete?

Mas claro, ele disse, e me dei por satisfeito. Pois sabia que o garotinho malvado estava de volta. Eu estaria preparado para quando ele resolvesse agir. E ele sempre queria que estivesse lá. Era *eu* quem ele queria machucar. Os outros —Marlee, Vicky, meu pai, Mama Nonie—foram todos danos colaterais.

Uma semana se passou, duas se passaram. Gradualmente, comecei ficar com a suspeita de que o garotinho malvado pudesse ter descoberto, de alguma

maneira, o que eu estivera planejando. Até que um dia—*aquele* dia, Sr. Bradley—um dos garotos veio correndo do parque. Eu estava lá, ajudando os outros a esticarem a rede de voleibol.

Um garoto empurrou Ronnie e roubou seus óculos, gritou o pequeno. *Aí ele saiu correndo pelo parque! Ronnie foi atrás dele!*

Eu não desperdicei segundo algum, peguei a minha mochila—a qual eu sempre carregava comigo quando acompanhava os meus protegidos—e passei pelos portões do parque Barnum. Eu já sabia que não havia sido o garotinho malvado quem roubara os óculos do Roonie; não era o seu estilo. O ladrão seria um garoto normal, igual ao garoto com a bolinha, e depois que o plano do garotinho malvado estivesse concluído, esse garoto também ficaria envergonhado. Só que desta vez eu faria de tudo para que o plano *não* desse certo.

Ronnie não era muito atlético e não conseguia correr muito rápido. O ladrão de óculos deve ter percebido isso, pois estava parado no final do parque, balançado o óculos acima de sua cabeça. *Vem buscar, Ray Charles*, ele gritava. *Vem buscar, Stevie Wonder!*

Eu ouvia o trânsito na Avenida Barnum e sabia o que o garoto ruim estava planejando. O que já tinha funcionado uma vez, não poderia funcionar duas vezes. Desta vez era um óculos ao invés de uma lancheira do Steve Austin, mas o princípio era o mesmo. Mais tarde, o garoto que roubara os óculos de Ronnie estaria em prantos e diria que não *sabia* o que aconteceria, ele achara que era uma brincadeira ou uma disputa, ou até mesmo uma briga, porque talvez Ronnie tivesse empurrado um garoto gordinho ruivo na rua.

Claro que eu poderia ter segurado Ronnie sem problemas, mas fiquei para trás. Ele era a minha isca, e eu certamente não queria puxá-la tão cedo. Assim que Ronnie chegou mais perto, o menino—que estava fazendo o trabalho sujo para o garotinho malvado—correu através do portal entre o parque e a Avenida Barnum, ainda balançando os óculos do Ronnie sobre a cabeça. Ronnie o seguiu bem de perto, e eu logo atrás. Na corrida, desci o zíper da minha mochila. No momento em que peguei o revólver, deixei a mochila cair.

Pare, disse para Ronnie quando passei correndo por ele. *Não saia daqui!*

Ele ouviu. Graças a Deus. Se algo tivesse acontecido com ele, talvez eu não estivesse sentando aqui, esperando a seringa da morte, Sr. Bradley; eu já teria me matado há muito tempo.

Quando passei pelo portal, vi o garotinho malvado imediatamente. Ele tinha a mesma aparência que na minha infância—só a cor do boné com hélice

tinha mudado. O garoto maior entregou-lhe os óculos de Roonie, e o garotinho malvado deu em troca uma nota de dinheiro. Quando ele me viu, sua risada feia e arrogante desapareceu de seu rosto de súbito. Esse não era o planejado! O plano era o seguinte: primeiro Ronnie, *depois* eu. Ronnie tinha que ter seguido o garotinho malvado pela rua, e ser atropelado por um caminhão ou ônibus. Depois eu deveria ter aparecido e presenciado tudo.

O cabeça de cenoura correu pela Avenida Barnum. Você sabe como é o lado de fora do parque—ou pelo menos deveria saber, já que durante o processo, um vídeo do assassinato foi mostrado três vezes. É uma rua de seis faixas—três faixas em cada direção, uma delas para mudar de rua com um pequeno obstáculo de cimento no meio. Quando o garotinho malvado alcançou esse obstáculo, olhou à sua volta e parecia estar mais do que apenas surpreso. Nos seus olhos estava o medo pálido. Pela primeira vez desde que Carla tinha caído pelas escadas da igreja, eu senti-me feliz.

Eu não pude desfrutar mais do que de uma pequena visão. O garotinho malvado andou em direção à rua, sem dar a menor atenção ao tráfego. Eu o segui. Eu tinha certeza de que seria atropelado. Certeza absoluta. Portanto, foi uma surpresa quando nenhum pedal ficou emperrado misteriosamente. Pode parecer comportamento suicida para você, mas não é. Eu não poderia perdê-lo de vista. Talvez a vez seguinte em que o visse fosse em vinte anos, e então eu seria um velho.

Eu não sei o quão perto estive de ser atropelado. Mesmo assim, eu não ouvi as brecadas bruscas e cantadas de pneus. Um dos carros desviou do garoto e acertou um caminhão. Alguém chamou o outro de cuzão maluco. *O que diabos aquele cara está fazendo*, o outro queria saber. Tudo barulho de fundo. Eu só tinha uma coisa na cabeça: o garotinho malvado—minha grande pesca.

Ele correu o mais rápido que pôde. Mesmo que fosse um monstro, ele estava dentro do corpo de uma criança gorda com pernas curtas. Ele não tinha nenhuma chance e só podia esperar que um carro o atingisse, mas ele não teve tanta sorte.

Alcançou o outro lado da rua, tropeçou e caiu pela calcada. *O homem tem uma arma*, ouvi uma mulher corpulenta de cabelos loiros gritar. Ela esteve no tribunal, mas não consigo me lembrar do nome dela.

O garoto queria se levantar. *Essa é pela Marlee, seu filho duma puta*, eu gritei e atirei em suas costas. Essa foi a número um.

Ele se rastejou de quatro. Sangue pingava na calcada. *Essa é pela Vicky*, eu disse, e soltei outra bala em suas costas. Número dois. *E essa é pelo meu pai e*

pela Mama Nonie, eu gritei e atirei em seus joelhos. Bem ali, onde a bermuda cinza terminava. Números três e quatro.

Os outros pedestres já estavam gritando loucamente. *Segurem-no, gritou um homem. Pra cima dele!* Mas ninguém teve coragem.

O garotinho malvado se virou e me encarou. Quando olhei o seu rosto, quase mudei de ideia. Ele não parecia mais um garoto de sete ou oito anos. Ele estava confuso, com dores, e não parecia ter mais que cinco anos. Ele tinha perdido o boné. Estava ao seu lado. Uma das hélices de plástico estava torta. *Meu Deus*, pensei. *Eu atirei em uma criança inocente*. Ele estava fatalmente ferido aos meus pés.

Sim, ele quase me convenceu. Ele era um ótimo ator, Sr. Bradley. Merecia o Oscar. Só que a máscara caiu. Ele podia contorcer seu rosto com dor, mas seus olhos não mudavam. Essa *coisa* estava nos seus olhos, como sempre. 'Você não pode me deter', os olhos diziam. 'Você *não vai* me deter, não antes que eu tenha terminado com você, e eu ainda estou longe disso'.

Alguém precisa tirar a arma dele, gritou a mulher. *Ele vai matar a criança!*

Um cara enorme veio em minha direção—eu acho que ele foi uma testemunha—e apontei a arma pra cara dele. Ele levantou os brancos e recuou.

Eu me virei para o garotinho malvado e atirei em seu peito. *Essa é pelo bebê*, eu disse. Número cinco. O sangue jorrava de sua boca até os joelhos. A .45 era um modelo antigo com apenas seis balas, eu ainda tinha uma de sobra. Eu me deixei cair de joelhos no meio da poça de sangue ao seu lado. Seu sangue era vermelho. Bem que poderia ter sido preto. Como aquela coisa que vaza de um inseto venenoso, quando alguém o mata. Eu apontei o cano do revolver para o meio de seus olhos.

E essa é por mim, eu disse. *Volte para o inferno, de onde você saiu rastejando, seu escroto*. Eu apertei o gatilho, e essa foi o numero seis. Logo depois disso seus olhos verdes se tornaram pretos igual piche. Essa era a *coisa*, entendeu?

Eu ainda não terminei com você, a coisa nos seus olhos dizia. *E não terminarei enquanto você continuar respirando. E talvez eu te espere do outro lado*.

Um dos pés deu um espasmo e não se mexeu mais. A cabeça caiu para o lado. Eu joguei o revólver para o lado do corpo e ergui as mãos. Antes que eu pudesse levantar, fui segurado por diversos homens. Um me chutou nos joelhos, o outro esmurrou o meu rosto. Outros pedestres apareceram, entre eles a mulher

loira e corpulenta. Ela me acertou com dois socos. *Isso* ela não mencionou durante o processo, não foi?

Eu não posso reclamar dela, Sr. Bradley. Não posso reclamar de ninguém. Eles viram naquele dia um garoto caído no asfalto, alvejado com tantos tiros que até mesmo a sua mãe não o reconheceria.

“Se ele tivesse uma mãe”.

7

McGregor acompanhou o cliente de Bradley para a contagem diária no interior do Palácio das Agulhas, prometendo trazê-lo de volta em breve.

— Eu posso trazer uma sopa ou um sanduiche, se você quiser. — ofereceu McGregor ao advogado. — Certamente você está com fome.

Bradley não estava com fome. Não depois dessa historia.

Ele esperou no seu lado da parede divisória, as mãos dobradas sobre a caderneta, e pensou sobre a destruição da vida. Em todo caso, a ruína de Hallas era fácil de aceitar porque o homem era certamente maluco. Bradley tinha certeza: se Hallas tivesse tido a coragem de contar essa história durante o julgamento—neste mesmo tom calmo e sincero do qual não se teria dúvidas de sua inocência—ele teria sido mandado para um dos dois manicômios de segurança máxima do Estado, não esperando pra receber uma injeção com tiopental sódico, brome de pancurônio e cloreto de potássio. O “Boa Noite, Irene”, como os residentes do Palácio das Agulhas chamavam o coquetel da morte.

Hallas, que provavelmente perdera a razão depois da morte de seu próprio filho, merecera metade da vida. Mesmo que tenha sido uma vida infeliz, controlada por ideias paranoicas ou delírios de perseguição avançada. Mas para citar a máxima—uma meia vida é melhor do que nenhuma vida. O caso do garotinho parecia bem mais trágico. De acordo com o médico legista, a criança, que estivera no lugar errado e na hora errada, tinha no máximo dez anos, mais provavelmente oito anos. Não tinha sido nenhuma vida, no melhor dos casos, um prólogo.

McGregor trouxe Hallas de volta, acorrentou-o à cadeira e perguntou quanto tempo ainda duraria:

— Ele não quis comer nada, mas posso aguentar um pouco.

— Não por muito tempo. — disse Bradley. Na verdade, só tinha uma única pergunta, e ele a fez, assim que Hallas se sentou.

— Por que você?

Hallas ergueu as sobrancelhas:

— Perdão?

— Por que esse demônio—como você o considera—escolheu você?

Hallas sorriu. Mas o sorriso foi apenas um levantar de lábios.

— Bem, essa é uma pergunta bastante ingênua, não? Você poderia muito bem ter questionado o porquê de um bebê nascer com uma má formação na córnea, como Ronnie Gibson, enquanto as outras cinquentas crianças que nasceram no mesmo hospital são saudáveis. Ou por que uma pessoa boa, que teve uma vida decente, morre com um tumor cerebral aos trinta anos, enquanto um monstro que controlou as câmaras de gás em Auschwitz vive mais de cem anos. Sobre a pergunta, por que coisas ruins acontecem com pessoas boas, você não vai encontrar uma resposta por aqui.

Você atirou seis vezes para cima de uma criança inocente, pensou Bradley. *Os últimos três ou quatro tiros foram à queima roupa. Como é que você pode se considerar uma pessoa boa?*

— Posso fazer uma pergunta antes de você ir embora?

Bradley esperou

— Alguém já identificou o garoto?

Hallas perguntou em um tom lento de um prisioneiro que quer conversar, para tentar estender o tempo que não precisa passar em sua cela. Em seus olhos apareceu, pela primeira vez durante toda essa conversação, um interesse verdadeiro.

— Acho que não. — respondeu Bradley. Ele realmente não tinha certeza. Ele tinha uma informante no escritório de advocacia, uma jovem mulher, que era contra a pena de morte e que tinha prometido mandar o nome e todos os detalhes sobre o garoto, antes que a imprensa chegasse primeiro e publicasse. É claro que eles mal podiam esperar. A história de uma criança assassinada era de grande interesse nacional, e mesmo que o tempo a diminuísse, a execução de Hallas reacenderia o interesse.

— Eu te aconselho a pensar no assunto. — disse Hallas. — Mas você fará isso de qualquer jeito, não é? Você vai pensar sobre isso. Provavelmente não por muito tempo, porque senão não dormirá a noite, mas você vai pensar, mesmo assim.

Bradley não respondeu.

O sorriso de Hallas parecia genuíno.

— Sei que você não acredita em uma palavra do que eu disse, e quem

poderia culpá-lo? Mas esforce por um minuto as suas células cinzentas, e pense sobre esse garoto. Branco, masculino, menor de idade—o tipo de pessoa que sempre é procurada primeiro e com o maior esforço, pois para a nossa sociedade, os garotos brancos são os que mais têm valor. Hoje em dia, é comum que as crianças tenha as impressões digitais tiradas no primeiro dia de escola. Para que elas possam ser identificadas caso fujam ou sejam assassinadas ou sequestradas —como normalmente acontece, principalmente em complicados processos de guarda da criança. Eu acho que neste Estado isso é lei, ou eu estou errado?

— Não, está certo. — disse Bradley, com uma leve relutância. — Mas você está exagerando, George. Essa criança escapou da serviço social, só isso. Ela vai ser reconhecida. O sistema não é infalível.

O sorriso de Hallas se ampliou.

— Tente se convencer disso, Sr. Bradley. Tente se convencer disso.

Virou-se e fez um sinal pra McGregor. Ele tirou os fones e ficou de pé.

— Pronto?

— Sim. — disse Hallas. Enquanto McGregor o libertava das correntes, ele se virou para encarar Bradley. O sorriso—a única coisa que Bradley já vira em seu rosto—nunca desapareceu.

— Você vai assistir? Quando chegar a hora?

— Estarei aqui. — disse Bradley.

8

Ele cumpriu sua palavra. Portanto, encontrava-se sentado seis dias mais tarde na sala de observação, quando às 11:52 as cortinas foram abertas. Atrás delas estava a sala da execução, com seus azulejos brancos e a mesa em formato de Y. Além de Bradley, somente duas outras testemunhas estavam presentes. Uma delas era o Padre Patrick, da igreja St. Andrews, que também tinha se sentando na última fileira de cadeiras. O advogado público estava sentado bem na frente, tinha os braços cruzados sobre o peito e encarava hipnotizado o quarto do outro lado da tela de vidro.

O time da execução (uma impressão realmente absurda, Bradley tinha achado), já estava em posição. Ele era composto por seis pessoas: Tommey, o diretor da prisão, McGregor e outros dois policiais, assim como dois funcionários da ala médica em jalecos. O protagonista estava deitado na mesa. Os braços esticados estavam presos com fitas. No momento em que as cortinas se abriram, o olhar de Bradley caiu sobre o diretor da prisão, que usava roupas

esportivas inapropriadas. A camiseta em azul gritante com gola aberta seria mais apropriada para uma partida de golfe.

George Hallas tinha um cinto preso na cintura e uma alça sobre os ombros, dando a impressão de que estava em uma cápsula espacial e seria jogado no infinito, ao invés de receber uma injeção fatal. Ele não tinha considerado a presença de convidados, mas assim que viu Bradley e Patrick, levantou a mão em um cumprimento—ou o quanto os cintos nos seus pulsos deixaram.

Patrick também ergueu a mão, e se virou para Bradley. Estava pálido.

— Você já esteve alguma vez em uma situação dessas?

Bradley balançou a cabeça. Sua boca estava seca como deserto, e ele tinha medo de que não conseguiria responder com uma voz normal.

— Eu também não. Espero que seja rápido. Ele... — Padre Patrick engoliu. — Ele era muito educado com as crianças. Elas gostavam dele. Eu não consigo acreditar... mesmo agora, eu não consigo acreditar que ele...

Bradley também não conseguia. Contudo, ele fingia que sim.

O advogado público virou-se na direção deles e gesticulou com raiva sagrada:

— Cavalheiros, posso pedir silencio?

Hallas olhou para o último cômodo em que estaria vivo. Ele parecia confuso, como se não soubesse direito onde estava, ou que acontecia com ele. McGregor coloca a mão em seu peito para acalmá-lo. Eram 11:58.

Um dos jalecos—um anestesista, assim Bradley supôs—enrolou uma corda de borracha no antebraço de Hallas, colocou uma agulha de injeção na sua pele e a grudou com um esparadrapo. O canal estava conectado com um tubo de infusão, o qual terminava na parede, junto com o aparelho de controle das informações vitais, onde três alavancas e uma lâmpada vermelha brilhava. O segundo jaleco foi ao aparelho e dobrou as mãos. Agora nada acontecia na sala de execução. Além de George Hallas, que piscava fortemente.

— Eles já começaram? — sussurrou Padre Patrick. — O que acha?

— Eu não sei. — sussurrou Bradley, em resposta. — Talvez, mas...

Um estalo na caixa de som os assustou (o representante do poder jurídico continuou sem reação, como uma estátua).

— Vocês podem me ouvir ai dentro? — perguntou o diretor.

O advogado público levantou o polegar, depois cruzou os braços novamente.

O diretor da prisão se vira para Hallas.

— George Peter Hallas, você foi condenado à pena de morte por um júri.

Uma pena aprovada pelo tribunal deste Estado e pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América.

Como se eles estivessem cagando para isso tudo, pensou Bradley.

— Você tem algo mais a dizer, antes que a pena seja executada?

Hallas parecia querer balançar a cabeça, como se tivesse pensando em outra coisa. Ele olhou através do vidro, em direção à sala de observação.

— Olá, Sr. Bradley. Estou feliz por você ter vido. Preste bastante atenção, certo? No seu lugar, eu tomaria bastante cuidado. Você é o único que sabe de toda a história. Talvez eu não devesse tê-la contado para você, mas de algum modo eu precisava aliviar o meu coração. A ultima dose estava muito pesada para carregar sozinho. Não se esqueça—*ele tem a forma de um garotinho.*

— Isso é tudo? — perguntou o diretor da prisão, jovialmente.

Hallas o encarou:

— Outra coisa, onde você conseguiu essa camisa, *pelo amor de Deus*?

Toomey, o diretor da prisão, piscou tão perplexo como se alguém o tivesse esbofeteado. Então, ele se virou para o médico:

— Está tudo pronto?

O jaleco perto do aparelho concordou. O diretor narrou uma ladainha jurídica, olhou para o relógio e enrugou a testa. Era 12:01. Eles estavam um minuto atrasados. Ele apontou para o jaleco como se fosse um diretor de teatro que passava as ordens para um ator. O jaleco ativou a alavanca. Três lâmpadas vermelhas ficaram verdes.

O interfone ainda estava ativo. Bradley ouviu quando Hallas, com muito medo, perguntou se já tinha começado.

Ninguém o respondeu. Não fazia mais diferença alguma. Ele fechou os olhos. Um minuto se passou. Então dois. E quatro. Bradley olhou à sua volta. O Padre Patrick tinha desaparecido.

9

Quando Bradley foi para o lado de fora, vinte minutos depois, engoliu o vento frio da pradaria. Ele fechou o zíper do seu agasalho e respirou profundamente mais algumas vezes, ansioso, era melhor sugar a maior quantidade possível deste ar fresco para dentro dos pulmões. Não tinha sido a execução *por si* que tinha o deixado abalado; excluindo a bizarra camiseta azul do diretor, tudo ocorreu tão normalmente como uma injeção contra tétano ou um tratamento para herpes. Só que isso era assustador.

Como um corte ao se barbear, pensou Bradley. *Você sente a dor mais tarde*.

Pelo canto dos olhos, ele percebeu um movimento no pátio das galinhas, onde os condenados esticavam as pernas. Hoje ninguém deveria estar ali. No dia de uma execução, o pátio ficava trancado. McGregor explicara isso. E realmente —quando ele virou a cabeça, viu que o pátio estava vazio.

Ele tem a aparência de um garotinho, pensou Bradley.

Ele riu. Ele se esforçou para rir. Era de se esperar que depois de uma ação dessas, ele veria fantasmas. Como prova, ficou todo arrepiado.

O Volvo antigo do Padre Patrick não estava em nenhum lugar para ser visto. No pequeno estacionamento para visitas, ao lado do Palácio das Agulhas, só se encontrava o seu carro. Bradley andou em sua direção, então, ele se virou repentinamente para o pátio, balançando a barra do seu agasalho pelos joelhos. Ninguém à vista. Claro que não. George Hallas era maluco, e mesmo *se* esse garotinho malvado realmente existisse, ele estava morto. As seis balas do .45 confirmaram isso.

Bradley continuou a andar. Quando alcançou o capô do seu carro, ele ficou a princípio parado. Um arranhão feio corria da frente do carro até as luzes traseiras. Alguém tinha arranhado o seu carro com uma chave. No terreno de uma prisão de segurança máxima. Era preciso passar por três muros e a mesma quantidade de controles de vigilância para se chegar onde ele estava. E mesmo assim, alguém riscara o seu carro.

Bradley pensou primeiro no promotor público, que sentou com os braços cruzados, como numa foto dum fariseu do Velho Testamento. Só que tal suposição ia contra qualquer lógica. No fim, o promotor público teve seu pedido realizado: ele viu George Hallas morrer.

Bradley abriu a porta do carro. Ele não tinha trancado o carro—e para quê, afinal ele estava em uma *prisão*—e ficou paralisado por alguns segundos. Então, como se controlado por uma força estranha, levou a mão lentamente até a boca. No banco do motorista estava um boné com hélice. Uma das hélices estava torta.

Finalmente, ele se inclinou e levantou o boné com o dedo. Do mesmo jeito que Hallas fizera. Virou o boné. Dentro dele, havia uma mensagem escrita em letras tortas, espremidas e inclinadas. A caligrafia de uma criança.

PODE FICAR COM ELE. EU TENHO MAIS UM.

Ouviu uma risada alta e estridente de uma criança. Ele olhou novamente pelo pátio, que permanecia vazio.

Ele voltou a atenação para a mensagem. Na parte de trás, havia outra

mensagem, esta ainda mais curta.

VEJO VOCÊ EM BREVE.

Stephen King
do Século Vinte e Um

Tradução Amadora Exclusiva



O Melhor Site sobre Stephen King do Brasil
http://www.KingOfMaine.com.br

Se gostou, compre o original.

Apoie os lançamentos oficiais de Editora Suma de Letras, Stephen King.

Notas

[←1]
Música mais famosa e trágica de Bobby Goldsboro, cantor americano de pop e country.

[←2]

Cantor americano de blues, falecido num acidente de avião em 1967, aos 26 anos.

[←3]

Valens, conhecido por seu sucesso “La Bamba”, também morreu num acidente de avião, junto com seus amigos, Buddy Holly e J.P. Richardson, músicos do rock, em 1959.

[←4]

Do original, “Eddie Chochran Memorial Highway”. Eddie Cochran, também cantor de rock, faleceu num acidente automobilístico, em 1960, aos 21 anos. Seu álbum póstumo se chamou “My Way”.

[←5]

Do original, “Dead Man’s Curve”, nome da canção da dupla de rock Jan & Dean, sobre uma corrida entre adolescentes que termina em tragédia.

[←6]

Roqueiro ainda vivo que contribuiu com a banda de Stephen King, *The Rock Bottom Remainders*.

[←7]

Autor de romances de suspense e thrillers que também fazia parte dos *Rock Bottom Remainders*.

[←8]

Do original, “Running Bear & Little White Dove”, música escrita pelo mencionado J.P. Richardson.

[←9]
Outro autor membro do *Rock Bottom Remainders*.